João Capiberibe

FLORESTAS DO MEU EXÍLIO

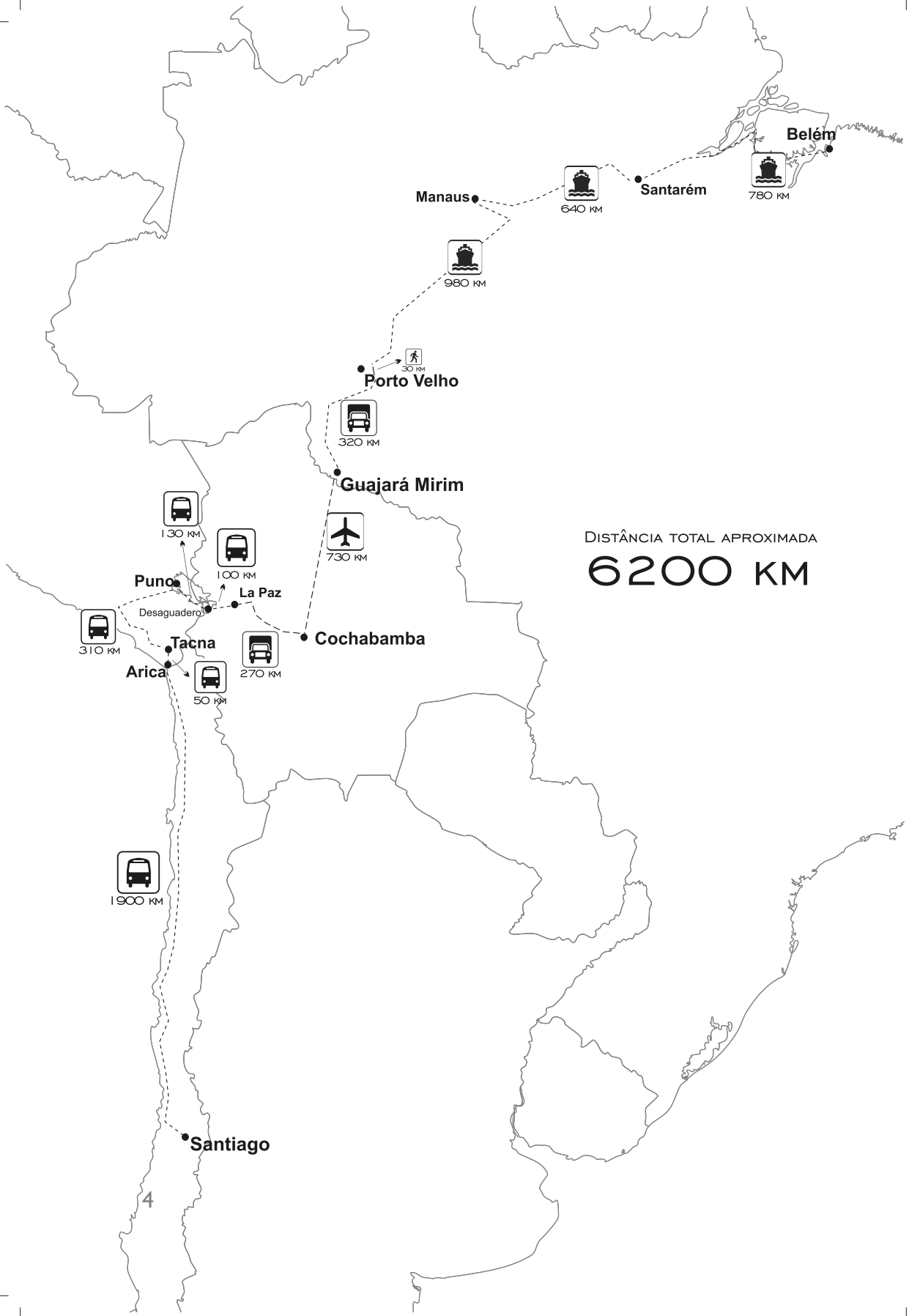
TERCEIRO NOME

Florestas do meu exílio Final 3.indd 1 14/05/2013 17:33:12

Florestas do meu exílio Final 3.indd 2 14/05/2013 17:33:15

Dedico esta história a Janete, que, por amor e companheirismo, venceu o medo, rasgando caminho em busca da liberdade. A Artionka, que, em sua inocência, participou da longa jornada desde o começo. A Luciana e Camilo, que chegaram em Santiago e nos fizeram companhia até acharmos o caminho de volta. A Antonio, Thomas, Cloé e João, meus netos, que desembarcaram anos depois num Brasil transpirando liberdade.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 3 14/05/2013 17:33:16



Florestas do meu exílio Final 3.indd 4 14/05/2013 17:33:16

Depois de tudo que passamos não há o que temer.

Janete Capiberibe

Florestas do meu exílio Final 3.indd 5 14/05/2013 17:33:16

Editora Terceiro Nome

Direção
Mary Lou Paris

Edição
Estevão Azevedo
Bruna Beber

Assistência editorial
Mariana Kühl Leme

Administração e vendas
Dominique Ruprecht Scaravaglioni
Guilherme Dias Garcia
Valmir Reder

Preparação
Fábio Bonillo

Revisão
Artionka Capiberibe
M. Apparecida Marcondes Bussolotti
Luciana Araujo

Projeto gráfico
Antonio Kehl

Capa
Estação Design

Este livro atende às normas do acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C243f Capiberibe, João.
Florestas do meu exílio / João Capiberibe. – São Paulo : Terceiro Nome, 2013.
368 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-7816-105-7

1. Capiberibe, João - Biografia. 2. Ativistas políticos - Brasil - Biografia. 3. Ativistas políticos - Exílio. I. Título.

CDU 32-051
CDD 920.9335

Índice para catálogo sistemático:
1. Ativistas políticos : Biografia 32-051

Copyright © João Capiberibe 2013
Todos os direitos desta edição reservados
à Editora Terceiro Nome
Rua Belmiro Braga, 70
05432-020 São Paulo SP
www.terceironome.com.br
fone: (11) 3816 0333
São Paulo 2013

Sumário

Quando eu vim do Jurará 9
A partida 15
Uma longa noite 39
De volta à estrada 239
No Chile de Allende 269
Reencontros 337
Aos que me acompanharam até aqui 353
Os Capiberibe 363

Florestas do meu exílio Final 3.indd 7 14/05/2013 17:33:16

Florestas do meu exílio Final 3.indd 8 14/05/2013 17:33:16

1
Quando eu vim do Jurará

Florestas do meu exílio Final 3.indd 9 14/05/2013 17:33:16

Florestas do meu exílio Final 3.indd 10 14/05/2013 17:33:16

Seus filhos
Erravam cegos pelo continente
Levavam pedras feito penitentes
Erguendo estranhas catedrais

Chico Buarque

Chamava-se José Ataíde o "piloto" da canoa a vela que me levou do coração da Ilha de Marajó a Macapá. Só de olhar a altura do sol ele era capaz de dizer as horas com precisão. Durante a noite, lia nas estrelas os acontecimentos que poderiam influir no singrar da sua pequena embarcação. Mestre Ataíde não descuidava da cana do leme, um cilindro de madeira embutido na parte superior, na popa da canoa. Nos dias de tempestade, o esforço era mais intenso e dolorido, e ele sustentava a cana com toda a força para manter o rumo. O roçar na madeira calejara suas mãos a ponto de já não conseguir cerrar os punhos.

Foi com esse homem, que sabia das estrelas e andava no ritmo das marés, que deixei o Jurará, braço do rio Xarapucu, "abrigado de qualquer vento". Faltava pouco para eu completar 7 anos, mas já dominava a vida ribeirinha. Sabia nadar, remar, pescar, subir e colher o fruto do açaizeiro, palmeira tão esguia. Habilidades até então

Florestas do meu exílio Final 3.indd 11 14/05/2013 17:33:16

decisivas, mas de utilidade duvidosa no futuro, que insistia em não chegar por falta de vento. Flutuávamos quase sem sair do lugar...

– Canoa a vela em dia de calmaria é um problema danado! Ainda bem que temos duas marés por dia. Hã, hã, hã!

Ele pigarreia, sem arredar do leme, cospe dentro do rio.

– Veja, seu menino, a natureza sabe o que faz. O rio leva mais tempo pra secar do que pra encher. Nosso destino está a meio caminho do mar, do outro lado do canal do Norte, na margem esquerda do Amazonas. Quer dizer, mesmo nessa calmaria, gingando na popa, a canoa desliza na correnteza da vazante. Assim vamos chegar lá, vai demorar um pouco, mas, como dizem, devagar se vai ao fim do mundo. Pode levar cinco, seis, até sete dias; só sei que, na hora certa, vai surgir a cidade à nossa frente, e aí então, seu menino, você vai conhecer essa beleza. Eu gostaria muito de mudar de vida – prossegue ele. – Fico imaginando que um dia ainda vou pilotar um vapor, de quepe, túnica branca com aquelas divisas no ombro, hum... adeus tempo ruim, vou desdenhar da cara do vento, com ou sem ele vou aportar na hora certa, basta ligar o motor que a hélice empurra o barco até mesmo contra a maré! Agora, canoa a vela... hum! Virgem santa! Sem vento pra empurrar a vela! É essa lentidão.

Quantos dias de viagem? Só sei que pra mim foi interminável, durou até que seu Ataíde olhou para o céu:

– Soltem a âncora, estamos na boca do Furo dos Porcos, vamos fundear aqui.

Eram cinco da tarde, e a maré estava muito baixa.

– Maré não espera a canoa, é a canoa que tem de esperar pela maré, lá pelas dez da noite vamos ter água bastante para atravessar o canal, entrar no igarapé da Fortaleza e assim vencer nossa viagem.

Sentia uma mistura de ansiedade e medo. Eu finalmente ia conhecer aquele misterioso lugar que engolia tudo que meu pai le-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 12 14/05/2013 17:33:16

vava: dormentes, sementes, borracha – e devolvia alimentos, roupas e coisas fascinantes, como a lanterna de pilha, que fez enorme sucesso em nossa aldeia e atraiu gente das brenhas distantes dos altos rios: muitos remaram dias só para ver de perto o facho a romper as trevas das noites sem lua.

Quando chegamos, meu corpo estava prostrado de cansaço. A canoa parecia ter encolhido tanto que eu mal cabia dentro, mas o fascínio de ver pela primeira vez a cidade era tão grande que nada disso importava. O relógio de mestre Ataíde, agora uma enorme bola de fogo em matizes vários, foi aos poucos deslizando no horizonte até sumir por detrás da mata.

Do outro lado do canal, um enorme clarão emergia da escuridão. Imaginei um enxame de vaga-lumes reluzindo ali, porém, logo percebi que o lume ia aumentando, ficando mais intenso, deixando-me confuso, mergulhado em dúvidas, atordoado pela curiosidade e pela emoção. Ainda ouço mestre Ataíde repetir:

– Não se assuste, é o clarão da cidade. É o milagre da eletricidade, seu menino! Parece a morada de Deus em dia de lua cheia, não é mesmo? Veja! Está tudo tão claro, parece que ali sempre é dia.

Perplexo, não conseguia afastar os olhos daquele horizonte luminoso. À medida que a canoa avançava, cortando lentamente as águas do rio, aumentava a sensação de que eu iria arder numa gigantesca fogueira. Só me acalmei quando finalmente pude enxergar as lâmpadas incandescentes que rompiam a sombra. Senti alívio – pelo menos até o susto que tomei logo em seguida, quando pus os pés em terra firme e quase fui arrastado por um dragão de metal que urrava e botava fogo pelos olhos. Passou célere, bem perto de mim. Naquele instante, pensei no que vivera até ali, olhei para trás e desejei voltar, mas me contive, teria mesmo de me acostumar com tudo aquilo. Afinal, acabara de mudar de mundo.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 13 14/05/2013 17:33:16

Florestas do meu exílio Final 3.indd 14 14/05/2013 17:33:16

2
A partida

Florestas do meu exílio Final 3.indd 15 14/05/2013 17:33:16

Florestas do meu exílio Final 3.indd 16 14/05/2013 17:33:16

Don José

Essa mesma sensação de mudar de mundo tomou-me quando me vi diante do lago Titicaca, com suas águas geladas azul-anil, no altiplano andino. O lago pertence à Bolívia e ao Peru, e o rio Desaguadero, como o nome sugere, é seu tributário. Sobre o rio, uma ponte de uns 45 metros une os dois países; nas extremidades da ponte, bolivianos e peruanos, além de se olharem atravessado em função de acontecimentos antigos, controlam entrada e saída. Aos sábados o trânsito é livre, e o vaivém, intenso. Do lado boliviano a precariedade era total. No alto de um despenhadeiro havia um casarão de pedra rodeado por meia dúzia de casebres de adobe com cobertura de palha. Isso constituía a única mancha na paisagem natural do vale imprensado entre as montanhas e o Titicaca. Na cabeça da ponte, no lado direito de quem sai da Bolívia rumo ao Peru,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 17 14/05/2013 17:33:16

em um prédio sem água e sem eletricidade, o serviço de imigração dividia com a polícia nacional a responsabilidade pelo controle da fronteira.

Do lado peruano, um vilarejo formado por meia centena de casas contava com energia elétrica, água tratada e uma pequena área comercial com bares, lanchonetes e um restaurante onde paravam os ônibus que faziam a linha La Paz-Desaguadero-Puno-Lima. Segundo don José, era por ali o caminho mais seguro. E o dia mais adequado seria sábado, dia de feira livre do lado boliviano, com muita gente circulando. A guarda de fronteira relaxava, permitindo o tráfego dos moradores da região sem qualquer controle.

Don José era discreto e comedido. De estatura mediana, sugerindo mais peso que altura, beirava os 50 anos; tinha a barriga saliente, e a calvície um pouco acentuada ampliava sua testa, destacando a cabeça fincada no pescoço curto. Os olhos amendoados confirmavam a ascendência ameríndia, e a pele branca, a herança europeia. Era um homem de gestos suaves, palavras ternas e sorriso doce, fartamente distribuído aos que dele se aproximassem.

Esse homem havia acolhido e tratado com grande carinho, desde o primeiro dia e ao longo de quase três meses, o casal brasileiro com criança de colo que do nada surgira em sua porta: eu, com 24 anos, minha mulher com 22 e minha filha ainda por completar seu primeiro ano de vida. No entanto, mesmo nos querendo como filhos, nos últimos tempos já não conseguia esconder a inquietude e o nervosismo que sentia. Um dia, logo após o café, don José nos chamou para uma conversa que já aguardávamos há algum tempo.

– Alguma experiência acumulei ao longo do tempo e de minhas andanças pelo mundo – disse ele. – Sozinho, tenho mais anos vividos que vocês dois juntos. Convenhamos! Isso tem alguma importância. Pelo menos posso fingir acreditar, com alguma convicção, nas his-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 18 14/05/2013 17:33:16

tórias fantasiosas que vocês me contam sem a menor convicção. Às vezes, penso que a experiência também serve para se deixar enganar pela pureza dos jovens. Desde o momento em que Jorge veio comprar pão no meu quiosque, antes que concluísse a primeira palavra em castelhano, percebi que era brasileiro, e mais, que o semblante abatido e tenso denunciava que estava seriamente encrencado. Tive essa certeza quando você disse que estava hospedado, com esposa e filha de poucos meses, no barraco de Benito, o barbeiro. Conheço a situação de extrema pobreza daquela família. Não fazia o menor sentido um casal de estrangeiros, ainda mais com uma criança, dividir a miséria de um lar indígena na periferia de Cochabamba. Só mesmo por uma razão muito especial. Naquele momento, movido por um sentimento cristão e humanitário, acrescido das boas lembranças dos tempos felizes em que eu e Paula vivemos no Brasil, decidi convidá-los para jantar. Saibam que fiz tudo de forma consciente, desde o primeiro instante, mas sempre que se falava das razões que os haviam trazido para cá suas explicações não me convenciam, às vezes beiravam a ingenuidade. Nada disso me incomodava; ao contrário, ao longo desses meses, desfrutei e fui muito feliz de tê-los em minha companhia. Por isso relutei tanto antes de chamá-los para essa conversa – prosseguiu ele.

– Não queria que esse momento chegasse, porém, estou com um pressentimento de que algo de muito ruim pode acontecer com vocês; então, mesmo que isso me cause tristeza, devo dizer-lhes: chegou a hora de partir, vocês precisam se colocar a salvo. Confesso que estou muito preocupado. Nos últimos dias, tenho tido dificuldade para conciliar o sono, não apenas pelo perigo que os ronda, mas sobretudo pelo meu próprio egoísmo, somado ao pavor da solidão, que me impedia de tomar essa atitude. Lembram-se do meu amigo peruano que às vezes vem me visitar? Pois então, conversei com ele, disse tudo o que me passava pela cabeça

Florestas do meu exílio Final 3.indd 19 14/05/2013 17:33:16

a respeito de vocês, que escondem as razões pelas quais vieram parar neste fim de mundo, famintos, com a roupa do corpo, sem dinheiro e sem documentos. Contei que estão clandestinos, correndo o risco de ser presos com a criança a qualquer momento. Pedi ajuda para retirá-los daqui o quanto antes. Por último, falei que desejam ir para Santiago do Chile e não sabem como fazer. E então? Que dizem? Fiz alguma coisa errada?

Janete respondeu com muita sinceridade que ele não havia feito nada de errado, que era tudo verdade. No entanto, eu não acreditava tanto assim no amigo peruano de don José. O fato de ele sempre se apresentar como se recém-saído do barbeiro, perfumado, bem penteado, rosto liso, não inspirava confiança. Sua elegância – ternos bem talhados, gravatas de seda, sapato de verniz brilhante e chapéu de feltro – era tão incompatível com a pobreza do lugar quanto o eram nossas explicações. Além disso, suas visitas aconteciam sempre à noite, quando já não circulava vivalma pelas ruelas escuras e poeirentas do bairro Mineiro, o que aumentava ainda mais minhas suspeitas; definitivamente, um revolucionário não podia ostentar daquele jeito, só podia ser um endinheirado agente da CIA. Diante daquelas revelações, não consegui disfarçar. Don José percebia minha angústia, como se adivinhasse o que eu estava pensando.

– Não se preocupe. Eu o conheço de longa data. Ele tem história, é uma pessoa muito digna e generosa; além do mais, pelo pouco que entendo, parece muito afinado com as lutas sociais. Está aqui em missão, designado pelo governo peruano. Ele nunca me disse e tampouco manifestei interesse em saber o que faz, como também nunca perguntei a vocês sobre seus verdadeiros nomes, não é? Posso afirmar que você não se chama Jorge. Como sei? Pura intuição, diria simplesmente que você não tem cara de Jorge. – E virando-se para Janete: – E você certamente não é Maria. E a minha princesa?

Florestas do meu exílio Final 3.indd 20 14/05/2013 17:33:16

Também não se chama Carmencita. Acertei? Claro que sim! Mas isso nunca teve importância para mim, nem vai ter, muito menos agora. Vamos nos despedir com os nomes pelos quais nos conhecemos, combinado? Vejam! Meu amigo arrumou tudo direitinho, nos mínimos detalhes. A partida será amanhã à noite; vocês irão de carona em um caminhão de mudança, viajarão escondidos no meio da carga, em boas condições de segurança. Chegarão a La Paz por volta das cinco da manhã. Não percam tempo, peguem o primeiro ônibus para Desaguadero, na fronteira com o Peru; o motorista vai orientá-los como chegar à parada. A viagem é curta, de duas a duas horas e meia. É um roteiro turístico, e no caminho não existe controle policial. Vocês poderão seguir tranquilos até o ponto final, na beira do lago Titicaca. No caminho, o ônibus faz uma parada em Tihauanacu, ruína histórica de uma cidade milenar, que dizem ser o berço do homem americano, muito visitada por turistas estrangeiros. Fiquem atentos, não é para desembarcar aí, o ônibus deverá prosseguir por mais 45 minutos. A parada final é em frente a um casarão de pedra, quartel do pelotão fronteiriço da polícia nacional boliviana, de onde dá para enxergar o espelho de água azul do lago que brilha à luz do sol. Aí sim é Desaguadero; tratem de descer e misturar-se às centenas de pessoas que, a essa altura, devem estar fazendo compras na feira. Encaminhem-se imediatamente para a ponte na fronteira, procurem chegar ao outro lado; ali, então, apresentem-se às autoridades peruanas e peçam asilo de trânsito para o Chile. Quero que saibam que não inventei nada disso; todas essas informações me foram repassadas por meu amigo peruano e merecem crédito. Ele me garantiu que essa é a rota mais segura para sair da Bolívia e chegar ao Chile. Disse mais: que o general Alvarado é um militar progressista que tem recebido exilados políticos latino-americanos, inclusive do Brasil. Mesmo levando em conta os raros

Florestas do meu exílio Final 3.indd 21 14/05/2013 17:33:16

contatos que teve com vocês, meu amigo percebeu rapidinho que suas dificuldades eram políticas, por isso decidiu ajudar.

Fiquei mais calmo, não havia por que duvidar das palavras de don José. Tudo parecia muito bem planejado, diferente de nossa primeira tentativa de deixar a Bolívia, quando nos aventuramos em uma viagem improvisada para La Paz, quase congelando na carroceria de um caminhão para pedir asilo político na embaixada do México. Demos de cara com o Exército boliviano, que, desde a última quartelada, a qual derrubou o general Torres, mantinha um cerco ostensivo no entorno do prédio da embaixada, exigindo salvo-conduto dos transeuntes para impedir a entrada dos perseguidos pelo novo regime em busca de refúgio na embaixada mexicana. Por verdadeiro milagre não caímos nas mãos do Exército, e conseguimos, a duras penas, retornar a Cochabamba. Mais uma vez, fomos bater na porta de don José, que, sem saber dos apuros que tínhamos vivido, nos recebeu como da primeira vez, com alegria e aconchego.

Aquela conversa tensa e carregada de emoção só fez confirmar o que eu e Janete já sabíamos há tempos. Don José era um desses seres humanos capazes de se doar por inteiro às pessoas, sem limites. Ele se excedia em preocupações, queria que ficássemos, mas temia por nossa segurança. Seu olhar melancólico denunciava o conflito interno que vivia na condução daquele momento, adiado sabe Deus quantas vezes.

Ensaiei dizer algumas palavras de agradecimento, não sabia por onde começar:

– Só sei dizer que sou infinitamente grato por tudo o que fez por nós. O senhor nos acolheu em sua casa, nos alimentou e nos vestiu. Protegeu-nos, dividiu alegrias e tristezas. Tratou-nos como filhos. Com Carmencita, o senhor tem sido um avô atencioso, carinhoso, e também um provedor eficiente de guloseimas. Claro que, às vezes, temíamos pelos excessos, mas como impedir que balas e

Florestas do meu exílio Final 3.indd 22 14/05/2013 17:33:16

biscoitos fossem transferidos da prateleira de seu quiosque para as mãos dela? Tampouco esqueceremos sua alegria contagiante na preparação da festa do primeiro aninho de vida de nossa filha. Não nos sairá da memória sua imagem, don José, indo de casa em casa na vizinhança, a convidar as crianças, entre elas os dois filhos de Benito. Foi tamanha a felicidade nesse dia que o senhor até deixou os rigores religiosos de lado e compartilhou conosco um copo de cerveja.

– Não, vocês não têm que me agradecer. Sou eu quem deve agradecer muito a Deus, pois foi pelas mãos d'Ele que vocês chegaram a minha casa. Vocês apareceram em um momento difícil da minha vida. Alguns dias depois que chegaram, Paula partiu para os Estados Unidos. Lembram o que eu dizia? Que ela iria à frente abrir caminho e eu a seguiria em algumas semanas. Na verdade, aquela viagem de Paula era sem retorno. Quando vocês chegaram, nosso casamento sem filhos, que já durava vinte anos, estava em crise profunda, em fase terminal. A presença de Carmencita, que parecia ser a filha que não tivemos, nos trouxe novo alento. Paula... Paula inicialmente se entusiasmou, chegou a falar em adiar sua partida por algumas semanas. Estava feliz com a presença de uma criança em casa. Lembram da atenção que ela dispensava a Carmencita? Às vezes isso me preocupava, eu achava que ela podia estar exagerando e talvez provocasse ciúme em Maria. Cheguei mesmo a pensar que tudo se resolveria entre nós; conversamos, propus adotarmos duas crianças, um casal, a quem nos dedicaríamos com toda a ternura.

No entanto, as expectativas de don José não se confirmaram. Doña Paula era uma pessoa cheia de energia e determinação, e três semanas depois de nossa chegada ela partiu sem volta.

Don José e doña Paula haviam nascido, crescido e se casado na cidade peruana de Arequipa, onde também iniciaram a vida religiosa. Alguns meses depois do casamento, foram designados para viajar

Florestas do meu exílio Final 3.indd 23 14/05/2013 17:33:16

em missão evangelizadora a João Pessoa, no Nordeste brasileiro, e ali viveram felizes por dois anos. Preservavam com carinho fotos e objetos que lembravam aqueles dias. Por conta dessa estadia no Brasil, doña Paula dizia que falava português – na verdade, misturava uma ou outra palavra ao castelhano. Afirmava com orgulho ser quase brasileira e cultivava relações de amizade com os "conterrâneos" que viviam em Cochabamba. Visitava assiduamente o consulado brasileiro e conhecia todos os funcionários, em especial a consulesa, de quem era muito amiga.

Um dia, no café da manhã, quando todos estavam em volta da mesa, após as orações, antes mesmo da primeira garfada, doña Paula anunciou a partida.

– Amanhã vamos lá no consulado brasileiro com a minha amiga consulesa para ver essa questão dos documentos de vocês. Pretendo viajar aos Estados Unidos na semana que vem e quero deixar tudo resolvido. Tenho certeza de que na mesma hora vocês vão receber um passaporte novinho em folha, e assim poderão seguir viagem com tranquilidade. Podem escrever o que estou dizendo.

Tentei argumentar que não tínhamos roupas, nem como pagar as fotos e as taxas dos passaportes, que estávamos aguardando chegar dinheiro da família para ir ao consulado.

– Não se preocupem com isso, vamos amanhã mesmo, dinheiro não é problema, pagamos as despesas. Quanto às roupas, podemos emprestar, não é, José?

Don José, em silêncio, balançou a cabeça. Ao longo de três semanas de convivência com o casal, não me lembro de uma única vez em que ele a tenha contrariado.

– Tudo resolvido? Então, confiem em mim, sei que vai dar tudo certo; por favor, não se esqueçam de levar a declaração de Beni.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 24 14/05/2013 17:33:16

A declaração de Beni

Na manhã acertada para a ida ao consulado brasileiro em Cochabamba, todos levantamos muito cedo para deixar a casa organizada. Doña Paula e Janete na cozinha prepararam o café e o almoço para quando retornássemos. Enquanto isso, fui cuidar dos doze cães de várias raças, incluindo alguns vira-latas, que eram como filhos do casal. No quintal, nas manhãs geladas de inverno, eu cozinhava em fogo de lenha uma panela enorme de fubá de milho com ossada e miúdo bovino para alimentá-los.

Desde o primeiro dia em que passamos a morar na casa de don José, nossas tarefas foram imediatamente definidas por doña Paula. A Janete, coube ajudar nos afazeres domésticos, e a mim, auxiliar don José no quiosque, fazer compras e cuidar dos cães.

Janete ficou muito bem nos vestidos de doña Paula. Artionka, nossa filha, ganhou um enxoval completo de roupas cuidadosamente confeccionadas e guardadas no fundo do baú para o bebê que nunca chegou. Quanto a mim, o espelho não tinha como negar que o dono dos trajes era outro; o que sobrava na cintura faltava no comprimento. Vestido daquela maneira, não havia quem não acreditasse na história do naufrágio que eu iria contar, dramatizando e com detalhes, no momento oportuno.

Naquele dia, fomos os primeiros a bater na porta do consulado, sendo recebidos com muita amabilidade. Doña Paula esbanjou prestígio, em especial com a consulesa, que lhe dispensou toda a atenção. Depois dos abraços e cumprimentos, Janete e eu fomos apresentados como estudantes universitários sobreviventes de uma tragédia fluvial em uma excursão pelo rio Beni, no departamento de mesmo nome.

A consulesa, consternada, tomou Artionka no colo, envolvendo-a em seus longos braços, como se quisesse protegê-la dos perigos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 25 14/05/2013 17:33:16

passados e futuros. Aos poucos foi se formando uma roda em torno da criança, o consulado inteiro veio conhecê-la. Durante mais de uma hora não se falou em outra coisa. Cessadas as manifestações de solidariedade, a consulesa nos convidou a seu gabinete e pediu que contássemos o que aconteceu, que falássemos com detalhes sobre o acidente.

– Veja, senhora consulesa – Janete toma a iniciativa –, temos aqui uma declaração do Serviço de Estrangeiros do Estado de Beni, que aborda de forma resumida os acontecimentos. Ao mesmo tempo, nos dá um prazo de permanência no país para regularizarmos nossa situação. Como lá não existe representação consular, decidimos vir até aqui para tirar novos passaportes. – Ela passa o documento às mãos da consulesa.

– Hum! Pobres meninos! Que sorte! Que sorte! – levanta o olhar, com a voz embargada pela emoção. – Como conseguiram se salvar?

Um pouco constrangido, passei à fantasia do relato:

– Navegávamos pelo rio Beni ao cair da tarde, e a escuridão tomava conta do leito do rio. De repente, sentimos um forte impacto: a embarcação acabara de bater de frente com uma tora de madeira flutuante, abrindo um rombo enorme no casco. Houve correria, o pânico se estabeleceu, as pessoas aflitas disputavam os poucos e velhos coletes salva-vidas existentes. Em minutos o barco foi completamente invadido pela água e afundou. Com o braço esquerdo segurei Carmencita, com o direito tratei de nadar com toda a energia. Maria, a duras penas, seguia bem perto de mim. Em determinado momento, senti que minhas forças definhavam, que não resistiríamos à forte correnteza; nesse instante aconteceu o milagre, surgiu a mão de Deus! Uma cuba de gelo apareceu flutuando ao nosso lado; nos agarramos nela e continuamos nadando até que, exaustos, conseguimos nos aproximar da margem, onde finalmente nos agarramos em um galho que pendia para dentro do rio. Daí em

Florestas do meu exílio Final 3.indd 26 14/05/2013 17:33:16

diante, fomos nos arrastando até alcançar a terra firme. No entanto, ainda estávamos longe de um porto seguro; passamos, na beira do rio, uma noite de horror, mergulhados na escuridão e atacados por toda sorte de mosquitos.

Assim narrei um naufrágio que certamente já ocorrera muitas vezes com outros protagonistas naquele rio. A consulesa ouvia atentamente, intervindo apenas para expressar seus temores diante do perigo que aqueles pobres coitados tinham vivido.

– Que sorte, meus filhos! Que sorte escapar com vida. Foi Deus...! Bem, agora, depois de tanta agonia, vocês precisam de tranquilidade. Vamos resolver imediatamente a questão dos passaportes, os dados são estes mesmos que constam na declaração?

Respondi que não havia nada a acrescentar. A consulesa tocou a campainha. Prontamente, o secretário do consulado atendeu ao chamado. Homem de meia-idade esbanjando saúde, entrou no gabinete e cumprimentou formalmente a consulesa. Já com doña Paula foi mais descontraído, trocaram abraços como velhos amigos. Dirigindo-se aos três desconhecidos, fez festa inicialmente com Artionka, para, em seguida, estender-nos a mão, dando as boas-vindas a Janete e a mim.

– Aqui estou, em que posso servi-la?

– Esses nossos compatriotas, trazidos por nossa boa amiga Paula, que os conhece desde crianças, da época em que morou no Brasil, precisam de nossa ajuda.

Doña Paula tinha carregado nas tintas a respeito de seus amigos brasileiros, mentindo por sua conta e risco, sem a nossa cumplicidade.

A consulesa explicou a situação, contou sobre o naufrágio e mostrou o documento emitido pelo Serviço de Estrangeiros do Estado de Beni.

– Com base nas informações que aí estão, providencie imediatamente passaportes para os três. E as fotos?

Florestas do meu exílio Final 3.indd 27 14/05/2013 17:33:16

Rapidamente eu as entreguei, e ele temeu que tivéssemos problemas com a qualidade das fotos, tiradas no lambe-lambe da praça Colón. Saiu da sala, retornando logo em seguida. Vinha com um papel na mão e um ar grave. Pediu licença e chamou gentilmente a consulesa a um canto do amplo salão do gabinete. Não se escutava o que diziam, porém dava para perceber, pela gesticulação, que travavam um diálogo tenso que tinha como pivô da controvérsia a folha de papel nas mãos do secretário.

Aquela movimentação repentina deixou-nos todos com os nervos à flor da pele. Supunha com irritação que já sabiam quem éramos. Pensei também que o consulado devia contar com vários agentes do Serviço Nacional de Informação (SNI), afinal, Cochabamba era uma das cidades mais importantes da Bolívia.

Três semanas antes, o país havia sofrido uma quartelada sangrenta, ostensivamente apoiada pela ditadura brasileira. Nesse episódio, o SNI tivera papel relevante. Contribuíra decisivamente para derrubar o general Juan José Torres do poder e em seu lugar colocar um coronel ambicioso e truculento: Hugo Banzer. Os militares golpistas bolivianos contaram com a ajuda dos especialistas brasileiros em conspiração, repressão e propaganda política. Por isso, não era de estranhar os adesivos e caixas de fósforos que se encontravam em cima da mesa da consulesa, nas quais se lia "*Bolívia, ámala o déjala*", semelhante à propaganda intolerante e pretensiosa que passou a circular no Brasil depois que os militares brasileiros, no dia 13 de dezembro de 1968, deram o golpe dentro do golpe, impondo o denominado Ato Institucional n. 5 (AI-5), fechando o Congresso Nacional e instituindo a pena de morte no Brasil.

Pela recepção na chegada ao consulado, não seria demais imaginar que sairíamos dali com passaportes tinindo de novos, o que nos permitiria decidir que rumo tomar na vida. "Bom demais para ser

Florestas do meu exílio Final 3.indd 28 14/05/2013 17:33:16

verdade", pensei, um tanto temeroso e arrependido de ter acompanhado doña Paula. Ali estávamos nós, tensos, aguardando o desenlace e, claro, ardendo de curiosidade para saber o significado daquela folha de papel que o secretário segurava, nervosamente, de uma mão a outra, enquanto se desdobrava em explicações. Finalmente cessaram a conversa. A consulesa retornou com o tal papel na mão.

– Temos um probleminha! Mas nada que não se possa resolver. Veja, amiga Paula, o que me trouxe o secretário – e aproximou o papel para que doña Paula lesse o que estava escrito. E a folha corre de mão em mão...

Segundo o secretário, havia uma instrução normativa do governo que ele tinha que obedecer, apesar de considerá-la autoritária. A verdade é que estavam proibidos de emitir passaportes sem antes consultar o Brasil. Ambos consideravam que isso não tinha cabimento e tentaram abrir uma exceção. Mas se lembravam do que havia ocorrido ao cônsul brasileiro em Santiago, repatriado do dia para a noite e obrigado a responder a processo administrativo, correndo o risco de perder o emprego, sendo submetido a interrogatórios constrangedores nas dependências das forças de segurança. Assim, foram fortemente aconselhados a não descumprir as determinações do governo. O sonho do passaporte se distanciava cada vez mais. Eu conhecia a história e nutria grande admiração pelo almirante Cândido Aragão, protagonista do caso no Chile e democrata intransigente, defensor da Constituição e da lei. No golpe militar de 1964, Aragão comandava o Corpo de Fuzileiros Navais no Rio de Janeiro. Por ter se mantido leal até o último minuto ao presidente João Goulart, foi duramente perseguido pelas forças golpistas, deixando o país para escapar à prisão.

O almirante Aragão encontrava-se exilado no Chile já fazia tempo. No começo do ano, havia procurado o consulado em San-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 29 14/05/2013 17:33:16

tiago para renovar seu passaporte. O cônsul brasileiro, mesmo sabendo de quem se tratava, não tomou a precaução de consultar as autoridades no Brasil e, muito solícito, atendeu ao pedido do almirante. Foi o suficiente para que as consequências desabassem em sua cabeça. Acabou sendo acusado até de cumplicidade com o comunismo internacional, aliança considerada hedionda naqueles tempos.

Visivelmente constrangida, a consulesa dirigiu-se a doña Paula comunicando-lhe que acataria a tal instrução normativa apresentada pelo secretário. Pediu que voltássemos em uma semana para pegar os passaportes. Doña Paula concordou, mas acrescentou que não estaria em Cochabamba na data assinalada. Deixamos o consulado de mãos abanando, sabendo que não poderíamos voltar ali em hipótese alguma, mesmo com toda a simpatia da consulesa. O secretário estava cheio de razão; nossa felicidade teria sido ruinosa para todos, em particular para a consulesa Maria Ignez, que então respondia pelo titular do consulado, em licença.

As aventuras de um surdo-mudo

Depois do episódio do consulado, passei a sair o mínimo possível, com medo de dar de cara com os agentes do SNI ou de cair nas mãos da polícia boliviana, o que significaria deportação imediata para o Brasil. Tratei de arranjar desculpas para evitar as idas a *la cancha*, onde comprava frutas e verduras para abastecer o quiosque de don José, e onde, um dia, escapei por pouco.

Vestido como os índios quéchuas – calça de algodão grosso tingida, poncho colorido e gorro enfiado até as sobrancelhas –, vinha com meu cesto de frutas na cabeça. Dois policiais à paisana barraram minha passagem:

– *Los papeles, señor?*

Florestas do meu exílio Final 3.indd 30 14/05/2013 17:33:16

Fiquei imóvel como uma estátua, no mais profundo silêncio. Os policiais voltam à carga, ordenam-me que apresente meus documentos. Eu continuo parado, sem esboçar movimento. Um deles se aproxima de meu ouvido esquerdo.

– *Los papeles, hombre!*

Nada, nenhum gesto. Meu ouvido zumbia reproduzindo o eco das palavras. Acelerado, meu coração batia tão forte que poderia ter sido ouvido pelos policiais e tê-los levado a deduzir que de surdo-mudo eu não tinha nada. Procurei interpretar com convicção o papel que improvisara para não abrir a boca e revelar minha condição de estrangeiro. Minha sorte é que as pernas não tremiam. Os policiais entreolham-se surpresos. O do grito, inconformado, volta a encostar a boca no meu ouvido, agora no direito, a pleno pulmões:

– *Los papeles, carajo!*

Logo se formou um aglomerado de gente discutindo a situação, alguns falando em castelhano, e outros, numa língua incompreensível, porém claramente a meu favor. Alguns esbravejavam em castelhano que aquilo era um absurdo.

– Onde já se viu, molestar um pobre homem só porque não ouve e não fala! Por que não vão procurar o que fazer?

Os mais afoitos gritavam. Os comentários subiam de tom, e o círculo à volta se fechava cada vez mais.

– Vamos! Vamos! Deixa pra lá, esse sujeito parece doente, além de surdo-mudo tem cara de débil mental.

Retomei o caminho de casa, deixando para trás uma pequena multidão satisfeita com o desenlace.

Os fortes ventos de outubro surgiam deslizando pelas ruas de terra, arrastando o que encontravam no caminho, levantando uma espessa nuvem de poeira amarelada que invadia as casas, causava incô-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 31 14/05/2013 17:33:16

modos e provocava doenças respiratórias, principalmente nas crianças. Os banhos frequentes de poeira produziam um visual uniforme nas casas do bairro. Era como se todas tivessem recebido a mesma pintura cor de argila. A casa de don José, mesmo estando entre as melhores, por fora parecia tão precária quanto os casebres de terra batida que dominavam a paisagem do esquecido e pobre bairro Mineiro de Cochabamba – a 2.560 metros de altitude, com pouco menos de 250 mil habitantes, mais da metade deles analfabetos.

A casa de don José era de alvenaria, tipo chalé, com duas águas, rodeada por uma varanda repleta de vasos de plantas com as folhas sempre empoeiradas, porém carinhosamente cuidadas por doña Paula. Em uma das águas ficavam os três quartos da casa; um corredor os separava da sala de estar, da copa e da cozinha. O quarto ao fundo era ocupado pelo casal, e os dois outros, reservados aos filhos que nunca vieram. Em um deles havia um berço completo que, ao receber Artionka, cumpria pela primeira vez sua função.

Depois daquela conversa longa e tensa em que don José, muito decidido, revelou preferir a solidão a ver acontecer o pior, eu e Janete nos trancamos no quarto e refletimos sobre o que acabáramos de ouvir:

– Estou com medo – disse eu –, desconfio que seja tarde demais para escaparmos. Acho que, para não nos assustar, don José falou menos do que sabe. Acho também que cometemos algum descuido. O pior de tudo é que pode sobrar para don José, e vou ficar muito, mas muito mal mesmo se ele for preso. Imagine a situação dele tentando explicar nossa presença em sua casa esses meses todos. E se nos apanham estamos mortos. Já deu para sentir a presença dos militares brasileiros dando as cartas no governo Banzer. Por isso, tenho minhas dúvidas se vão nos querer de volta para apodrecermos nos porões da ditadura ou se vão preferir nos eliminar por aqui mesmo.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 32 14/05/2013 17:33:16

– Eu acho que não – respondeu Janete. – Se houvesse qualquer situação mais complicada, de perigo mesmo, ele já teria dado um jeito de nos mandar embora. Don José também sabe que corre risco. E seu amigo peruano, com jeitão de James Bond, o teria alertado. Calma! Vamos por etapas. Primeiro, precisamos nos refazer da surpresa causada pela repentina decisão de don José, que, aliás, é bem conveniente para nós. Confesso que estou feliz, tudo que mais desejo é sair daqui com nossa filhinha em busca de um lugar seguro onde possamos viver em paz. Também vou te revelar, temos mais um motivo para nos apressar: minha regra falhou no mês passado, e tudo leva a crer que possa estar grávida, mas não vamos nos preocupar com isso agora, só quero dividir contigo. Por último, faço minhas as suas palavras: realmente não sabemos medir os riscos que corremos. Pelo menos daqui para a frente precisamos tomar mais cuidado. Para dizer a verdade, estou cheia de confiança nos planos de don José, estou convencida de que vai dar tudo certo. Acho que agora tu deverias conversar com Benito, é importante saber a opinião dele.

Despedida do barbeiro Benito

Contando os passos, sem muita pressa, sorrindo para o futuro, caminhei pela rua empoeirada em direção ao barraco do barbeiro Benito. Nós o conhecemos na Universidad de San Simón, no dia em que chegamos a Cochabamba. Com a mulher e um casal de filhos, vivia a seis quadras de don José, em um casebre de adobe sem reboco, com chão de terra batida, coberto de palha, sem energia elétrica nem água tratada.

De longe, avistei-o sentado na soleira da porta. Ao me ver, levantou-se e veio ao meu encontro. "*Hola, hombre, como le va?*" Ele disse que a mulher voltaria no final da tarde da casa de uns parentes,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 33 14/05/2013 17:33:16

trazendo batatas, talvez um franguinho e umas garrafinhas de *chicha*. Disse ainda que convidaria Pepe com seu *charango* e Juan com a *zampoña*, e teríamos *chicha* e música, "do jeito que você gosta".

A convivência com Benito e seus amigos nos aproximou da música indígena boliviana. Não fazíamos ideia da existência daqueles instrumentos, muito menos da *chicha*, bebida de milho fermentado, de cor amarelada, muito consumida em todo o país. O *charango* é um instrumento de corda, como um alaúde, feito com a carapaça do tatu, medindo exatamente 66 centímetros. Já a *zampoña* é de sopro, feita de pedaços de bambu sobrepostos. Ambos os instrumentos são irmãos daqueles usados na encantadora música andina, que nos era completamente desconhecida. Daí em diante, canções com esses instrumentos passaram a fazer parte da trilha sonora de nossas vidas.

Eu não queria partir sem uma festa de despedida; afinal, havíamos convivido ao longo de quase três meses, e pelos menos duas vezes por semana eu e Janete, com Artionka no colo, nos juntávamos aos vizinhos de Benito para aprender castelhano, ouvir música, falar de política e sonhar com a revolução libertária que um dia aconteceria para salvar os povos oprimidos da sanha implacável do capitalismo, reafirmando a utopia de um outro mundo possível, onde todos seriam reconhecidos e respeitados como iguais. Entrei na casa de Benito e me sentei no único móvel da sala, um tamborete de madeira consumido pelo tempo. Benito se agachou à minha frente e, sentado nos calcanhares, permaneceu atento ao que eu tinha a dizer.

– Obrigado, Benito, mas desta vez não vai dar. Vim mesmo para me despedir sem festa. Estou aqui para agradecer por tudo que tu e Guadalupe fizeram por nós, nunca vamos esquecer vocês. Estamos nos preparando para partir amanhã à noite, por favor tranquilize nossos amigos da resistência. Temos tudo planejado. Diga que,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 34 14/05/2013 17:33:16

infelizmente, não vamos poder encontrá-los para nos despedir, mas que reconhecemos e somos agradecidos pela ajuda que nos deram. Tudo que desejamos é um dia poder voltar para festejar a democracia e o socialismo. Aí sim tomaremos toda a *chicha* do mundo, cantaremos e dançaremos livres e felizes. Alerte nossos companheiros para que não venham mais à casa de don José, ele anda tenso e nervoso. Acho que ele tem informações sobre a repressão; aquele amigo dele, o peruano elegante, parece ser muito bem informado, é ele quem está organizando nossa retirada.

Benito ouve em silêncio com os olhos pregados no chão, depois levanta a cabeça:

– Diga-me uma coisa. Don José sabe da verdadeira história de vocês? Disseram a ele como encalharam por aqui, neste lugar pobre e triste?

– Não! Nunca tocamos nesse assunto, tampouco falamos de política com ele. Mas, pela conversa de hoje, quando nos comunicou que estava tudo pronto para nossa partida, ficou claro que ele em nenhum momento se deixou enganar. Don José disse que sempre desconfiou que escondíamos nossas identidades, que nossos nomes eram falsos. Don José é dessas figuras humanas em extinção. É sobre isso que gostaríamos de um conselho seu. Estamos angustiados, ansiosos para contar a ele nossa verdadeira história antes de partir. Você é a única pessoa que conhece nossas identidades, que nos acompanha desde o primeiro momento em que colocamos os pés em Cochabamba. Você salvou nossas vidas e acabou se tornando nosso cúmplice e amigo de todas as horas, por isso acho que sua palavra é importante neste momento.

– Bem, na verdade, o que eu e Guadalupe fizemos foi partilhar nossa pobreza com vocês; quase nada temos a oferecer, a não ser nossa amizade e solidariedade – disse ele. – Não sei grande coisa

Florestas do meu exílio Final 3.indd 35 14/05/2013 17:33:16

sobre vocês além do que me contaram. Às vezes, tento lembrar seus nomes verdadeiros e não consigo. Naquela noite do jantar, no refeitório da universidade, havia uma tensão sufocante, além, é claro, da barulheira, por isso não pude ouvir direito o relato que fizeram. No dia seguinte, quando os encontrei na praça da Intendência, já se tratavam por nomes diferentes daqueles que eu pensava ter ouvido antes. Mas isso não despertou minha curiosidade, achava que tinha entendido mal. Depois, vocês me disseram que os nomes que constavam no documento do Serviço de Estrangeiros do Departamento de Beni eram falsos, mas ficou por isso mesmo e nunca mais tocamos no assunto. Desde então, para mim, como para don José e os demais, vocês são os estudantes brasileiros: Jorge, Maria e o bebê Carmencita, em viagem de estudos pelo país. Agora, se vocês consideram que revelar suas identidades vai lhes fazer bem, que é uma maneira de retribuir a confiança e o carinho de don José, não vejo nenhum problema de segurança. Convenhamos! Isso aqui é o fim do mundo, as ruas não têm nome e as casas não são numeradas, como então localizar o endereço de alguém? Para você ter uma ideia,



João, Janete e Artionka. Cochabamba, outubro de 1971. Acervo da família.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 36 14/05/2013 17:33:17

não me lembro da última vez que a polícia esteve por aqui. Além do mais, os serviços secretos e de informação bolivianos não são lá tão eficientes. E depois, amanhã mesmo vocês estarão longe daqui, vão desaparecer do mesmo jeito que apareceram, sem deixar rastro algum, e penso que don José seria capaz de tudo para evitar que algo de ruim lhes aconteça. Aliás, é o que ele está fazendo, há tempos. – Benito se levanta, de braços abertos.

– Creio que nunca mais nos veremos. Vou ficar aqui torcendo para que consigam atravessar a fronteira com tranquilidade e cheguem ao Chile sem problemas.

Com um longo e silencioso abraço, nos despedimos prometendo que um dia voltaríamos a nos encontrar. Voltei pensativo, lembrando o dia em que Benito nos encontrara na praça da Intendência, famintos e desesperançados.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 37 14/05/2013 17:33:17

Florestas do meu exílio Final 3.indd 38 14/05/2013 17:33:17

3
Uma longa noite

Florestas do meu exílio Final 3.indd 39 14/05/2013 17:33:17

Florestas do meu exílio Final 3.indd 40 14/05/2013 17:33:17

Meu nome é Janete

Por volta das oito da noite, na véspera da partida, estávamos sentados à mesa de jantar, enquanto Artionka dormia sossegada em seu berço. Após a oração de agradecimento, don José colocou-se de pé, surpreendendo-nos.

– Não quero tristeza! Vamos nos despedir com festa em homenagem aos dias de alegria e felicidade que vivemos juntos – disse, e, voltando da cozinha com uma cerveja na mão, serviu os copos. – Tenham fé, sejam confiantes, tudo correrá bem! Vamos brindar pelo futuro que os aguarda.

Janete, com um belo sorriso no rosto, pergunta se a Igreja suspendera as restrições à bebida alcoólica.

– Claro que não! Mas ela não considera que um ou dois copinhos sejam o fim do mundo. Além do que essa não é uma oca-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 41 14/05/2013 17:33:17

são qualquer. Saiba, Maria, vou levar alguns dias para me acostumar com esta casa vazia. Mas compreendo que o futuro pertence a vocês, seria estupidez e egoísmo retê-los aqui simplesmente para preencher a solidão dos meus dias. Este momento é de grande satisfação, me sinto como um pai se despedindo dos filhos que saem de casa em busca de um futuro promissor. É como se vocês partissem deste triste lugar sem perspectiva para ingressar amanhã mesmo na universidade. Por isso estou feliz e quero brindar a esta noite memorável.

Janete e eu havíamos combinado que revelaríamos nossas identidades a don José e lhe contaríamos a verdade. Depois do jantar, sentamo-nos na sala. Janete tomou a iniciativa sem rodeios.

– Eu não me chamo Maria, meu nome verdadeiro é Janete.

Don José a interrompe bruscamente.

– Não! Já disse que vamos nos despedir pelos nomes com que nos conhecemos.

Refazendo-se do susto, Janete retoma:

– Por favor, nos deixe desatar esse nó na garganta que nos sufoca. Não queremos partir sem abrir nossos corações.

Don José silenciou, e Janete então prosseguiu.

– Como ia dizendo, eu me chamo Janete, e o senhor tem toda a razão, Jorge não é Jorge, ele se chama João, aliás João Alberto. Nós nos conhecemos há muito tempo. No curso ginasial fomos colegas de sala, vivemos a adolescência em Macapá, situada no meio do mundo, na esquina do rio Amazonas com a linha do equador. Éramos amigos de confidências no começo da adolescência, e só bem mais tarde descobrimos que estávamos apaixonados um pelo outro e, os dois, pela revolução. Logo decidimos nos casar para juntos mudar o mundo. Nossa primeira missão, certamente nada fácil, era pôr fim à ditadura que nos perseguia no Brasil. Para tanto tivemos que

Florestas do meu exílio Final 3.indd 42 14/05/2013 17:33:17

recorrer à violência revolucionária, chegamos a pegar em armas, mas graças a Deus não fizemos um único disparo.

– Tudo o que queremos – completei a fala de Janete – é viver em um país livre, democrático e socialista. Sonhamos com o dia em que as grades dos calabouços se abrirão para deixar livres os que estão ali por causa de opções políticas e ideológicas. Queremos um país que respeite os direitos humanos, que não tolere a tortura e que garanta a livre organização de estudantes e trabalhadores. E que nunca mais se repita com ninguém o que nos aconteceu.

– Decidimos tudo à nossa maneira – continuou Janete –, tínhamos pressa em nos engajar na luta. João, que há três anos estudava em Belo Horizonte, resolveu se transferir para Belém para ficar mais perto da família. Naquele final de 1968, quando ele estava de férias em Macapá, nos encontramos por coincidência na porta da igreja de São José, na saída da Missa do Galo. Dali fomos caminhando pelas ruas. Bem perto de minha casa havia um campinho de futebol; nesse dia, para encurtar caminho, decidimos atravessá-lo. Uma lua enorme iluminava tudo. Sentamos no meio do campo, ficamos horas ali, cultivando sonhos e utopias. Antes que os primeiros sinais de luz da manhã nos devolvessem à realidade, tínhamos tomado todas as decisões que marcariam nossas vidas, não digo para sempre, mas pelo menos até hoje.

– Foi o que pensei – disse don José. – Então vocês querem mesmo fazer a revolução?

– Sim! Queremos uma vida melhor e mais justa para todos – confirmou Janete, que continuou: – Aprendi desde cedo, convivendo com muita injustiça, que esse mundo precisa mudar. Meu pai era empregado de uma companhia mineradora americana, em que os funcionários eram divididos em três classes sociais: os operários, que formavam a primária; os técnicos de nível médio, a secundária;

Florestas do meu exílio Final 3.indd 43 14/05/2013 17:33:17

e os de formação superior, que compunham o *staff*. As casas oferecidas pela companhia eram distribuídas com base nessa divisão. Os da primária, operários com família grande, como era o caso do meu pai, com sete filhos, moravam em uma casa apertada de dois quartos. Já as cedidas ao *staff* eram grandes e confortáveis, com quartos sobrando para suas famílias pequenas. No clube social e esportivo dos chefes, operários não podiam entrar. No supermercado, sim, o acesso era livre, porém o dinheiro era curto e pouco podíamos comprar, de forma que, mesmo vivendo em meio à abundância, em muitas manhãs eu ia para a escola sem nada no estômago. Foi assim, don José, que aprendi o quanto são brutais e desumanas essas diferenças – concluiu Janete.

Continuamos a contar nossa história para don José. Uma semana depois do encontro na porta da igreja, nos declaramos casados para nossas famílias e fomos morar juntos em Belém, a 350 quilômetros de Macapá, onde retomamos os estudos: Janete se preparando para prestar vestibular, eu no curso de economia e na militância no movimento estudantil. Nessa época, a ditadura, cada dia mais violenta, perseguia ferozmente as organizações sociais, reprimia com truculência qualquer manifestação pública, fosse de estudantes ou de trabalhadores. A gota d'água aconteceu em março de 1968, quando a polícia assassinou um estudante em uma manifestação pacífica no Rio de Janeiro. Diante de tamanha brutalidade e da asfixia política, a indignação e a revolta tomaram conta de todos. Mesmo sem convicção, muitos do movimento estudantil radicalizaram e foram engrossar as fileiras das organizações clandestinas que propunham a luta armada para derrubar a ditadura. Foi assim que ingressamos na Ação de Libertação Nacional (ALN), que virou uma febre e transformou em guerrilheiro até quem não sabia engatilhar uma arma.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 44 14/05/2013 17:33:17

Nesse embalo, corremos atrás de mais gente para dar corpo à revolução. De Minas Gerais, chamamos Elson Martins da Silveira, Tito Guimarães Filho; de Macapá, Aldoni da Fonseca Araujo e Leonardo Gazel Teixeira. Todos estudantes e, como nós, com a cabeça no mundo da lua. Deixaram tudo para trás e se engajaram com total entusiasmo, mas em pouco tempo foram tragados pelo turbilhão dos acontecimentos. Dos quatro, dou definição de dois para don José, porque de Tito e Leonardo não tive mais notícias: Elson foi detido várias vezes, mas nunca conseguiram uma acusação formal para mantê-lo preso por muito tempo; Aldoni, conhecido como Babá, teve uma curta participação na ALN e logo se afastou. Estava com a vida organizada, trabalhando em um banco, distante de Belém, ainda assim não o perdoaram, e ele foi preso sem nenhuma acusação concreta.

Don José ia se interessando cada vez mais pela conversa:

– Hum! Por aqui, no ano passado, aconteceu um movimento muito parecido com o que vocês estão me contando. Um grupo de setenta estudantes universitários, ainda imberbes, alguns ligados à Igreja Católica, meninos daqui, do Chile, do Peru, creio que até do Brasil, inspirados no exemplo de Che Guevara, embrenharam-se de armas na mão nas montanhas da região de Teoponte, uns trezentos quilômetros ao norte de La Paz. Como vocês, eles tampouco entendiam de armas ou de guerra, foram simplesmente ao encontro da morte. A aventura durou dois meses; não escapou ninguém, quem não morreu de fome ou de doença caiu nas mãos do Exército boliviano e foi imediatamente fuzilado. Uma tragédia. Vocês, jovens, não pensam no sofrimento dos pais. Imaginem a dor dessas famílias com a perda dos filhos em uma aventura absurda e, cá entre nós, completamente desnecessária. Desculpem se falo assim a dois revolucionários; é que meu sonho era ter vários filhos, dedicar a eles toda a minha atenção e o meu carinho, educá-los e vê-los felizes. Quando penso em seus pais,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 45 14/05/2013 17:33:17

sem notícias, sem saber por onde andam, sinto um aperto no coração. Eles sabiam em que vocês andavam metidos?

– Imagine, don José, claro que não – disse Janete. – Eles não faziam a menor ideia. O pai de João era seu xará, e já morreu. A mãe, dona Raimundinha, vive em Macapá, e sofreu demais quando João foi preso.

– Preso? Então João esteve na prisão?

– E eu também, grávida de Carmencita.

Antes que Janete pudesse prosseguir, don José sussurra: "Carmencita, que não é Carmencita, que já esteve na prisão; Carmencita, que não é...". De repente, levanta a voz:

– E como é o nome dela? Esperem! Não digam nada, deixem-me adivinhar. Alguma coisa me diz que se chama... Laura. Acertei?

– Não, Don José – disse Janete –, o senhor não acertou e acho difícil o senhor adivinhar. Na verdade, Carmencita se chama Artionka.

– Como? Arti... o quê?

– Artionka, Janete repetiu, pausadamente.

– Que nome, hein! De onde vocês tiraram? Mas agora me falem sobre a prisão. Por que foram presos? Onde e quanto tempo ficaram presos? Como foram tratados? Quando saíram da prisão? Como chegaram aqui?

– É uma longa história – continuou Janete –, que queremos contar nos mínimos detalhes. Mas antes, me deixe falar mais de nossos pais. Minha mãe se chama Alzira, e meu pai, Lourival; são pessoas muito humildes, vivem em Macapá, e não sabiam de nossas atividades políticas nem tomaram conhecimento de nossa prisão. Os dois têm problemas de saúde. A fim de poupá-los, meus irmãos e irmãs inventaram todo tipo de histórias para explicar nosso desaparecimento.

Don José se levantou, caminhou até a cozinha, voltou com outra cerveja na mão e três copos. A noite apenas começava.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 46 14/05/2013 17:33:17

Sonhos e utopias

Che Guevara não inspirou apenas os jovens da guerrilha de Teoponte; também nós tínhamos sido fortemente influenciados por seu exemplo. Tudo começou quando, em outubro de 1969, caiu em minhas mãos uma preciosidade: uma cópia clandestina mimeografada do *Diário de Che na Bolívia*, raro privilégio, pois poucos conseguiam pôr os olhos em um exemplar. Naquele dia, entrei em casa transpirando mistério. Janete de longe percebeu e, antes de me beijar, foi logo perguntando: "Então? Que agonia é essa? Caiu a ditadura?".

Fomos para o quarto e lhe mostrei o calhamaço de papel. Varamos a noite devorando página por página, acompanhando as andanças de Che, do dia 7 de novembro de 1966, quando fez a primeira anotação dando conta da instalação do acampamento guerrilheiro no rio Ñacahuasú, até a última página, onze meses depois, datada de 7 de outubro de 1967, dois dias antes do fim, quando, na Quebrada del Churro, próximo ao povoado de La Higuera, o guerrilheiro heroico tombou ferido e em seguida foi preso pelo Exército boliviano. Concluímos a leitura, exaustos, tomados de emoção e indignados com a atuação do Partido Comunista Boliviano, que se recusou a lutar a seu lado. Daí em diante, Che Guevara virou nosso ídolo e modelo de revolucionário.

Contamos a don José que no Brasil, em 1964, um golpe destituíra João Goulart, presidente eleito pelo voto popular, impondo uma ditadura civil-militar truculenta que fechou o Congresso Nacional, suspendeu as eleições, censurou a imprensa, pôs fim às liberdades individuais; que lá as pessoas eram vigiadas, seguidas pelos homens do governo. Que eles prendiam por qualquer motivo, às vezes sem motivo nenhum. Que a prática da tortura em presos políticos era regra

Florestas do meu exílio Final 3.indd 47 14/05/2013 17:33:17

nos porões do regime. Que vários companheiros foram torturados até a morte, e depois deram sumiço nos corpos. E que não dava mais para aguentar sem reagir. A vida reprimida que levávamos e as emoções da leitura do *Diário de Che* terminaram nos conduzindo a trilhar o caminho da revolução. Sem entender nada de armas nem saber atirar, decidimos nos engajar na ALN, liderada por Carlos Marighella, que, como Che, dedicou sua vida a combater as injustiças e a opressão e que, também como ele, caiu covardemente assassinado pelos verdugos da ditadura no dia 4 de novembro de 1969, em São Paulo.

Don José insistiu em saber como eu havia me iniciado na militância política. Comecei timidamente, de longe, torcendo pelos estudantes, que levavam sempre a pior, mas não se emendavam: volta e meia estavam novamente os estudantes a desafiar os "homens da lei", que, enfurecidos, montados em seus cavalos, atropelavam os jovens que protestavam pacificamente. Indignado diante da covardia, lembro que comemorei muito quando, pela primeira vez, vi os estudantes contra-atacarem espalhando bolinhas de gude no asfalto, provocando tombos espetaculares na cavalaria, deixando o moral da tropa repressora lá embaixo. Mas eu não era o único a festejar. Uma ruidosa torcida se aglomerava nas calçadas, janelas, sacadas dos edifícios para aplaudir e jogar papel picado nos que ousavam desafiar a ditadura. Isso acontecia pelos idos de 1966, na avenida Afonso Pena, no coração de Belo Horizonte. Era um espetáculo de arrepiar.

À noite os bares transbordavam de gente, os protagonistas daquela história se reuniam para avaliar os acontecimentos do dia. Tudo parecia iminente, mais duas ou três manifestações daquelas e, pimba!, os militares voltariam aos quartéis, e adeus, ditadura. Relatos inflamados e debates sobre os rumos do movimento varavam a madrugada. O fundo musical variado, composto de vozes desafinadas acompanhadas pela percussão das caixas de fósforos, colheres,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 48 14/05/2013 17:33:17

e tampos de mesas como atabaques, elevava os decibéis até abafar a discussão. Em meio ao desencontro, acontecia um momento de convergência, quando, em uníssono, o bar inteiro cantava:

Quando você foi embora
Fez-se noite em meu viver
Forte eu sou, mas não tem jeito
Hoje eu tenho que chorar
Minha casa não é minha
E nem é meu este lugar
Estou só e não resisto
Muito tenho pra falar

Nos dias seguintes, a melodia e a letra da canção de Milton Nascimento grudavam nos labirintos da memória até que novos acontecimentos políticos sacudissem o ritmo de nossas vidas e uma nova canção surgisse para estimular nossa rebeldia.

A agitação dentro das universidades e as manifestações de rua, ao longo do ano de 1968, fizeram subir a escalada repressiva. No ano seguinte, arrefeceu o entusiasmo, a torcida foi minguando, desaparecendo das calçadas. A chuva de papel picado deixou de cair das janelas e sacadas dos edifícios. Os "homens", como são conhecidos os militares no Brasil, deixaram os cavalos pastando, vinham para a avenida protegidos e armados até os dentes, com bombas penduradas na cintura, escudo na mão esquerda e, na direita, um enorme cassetete. Seguiam no rastro de um veículo metálico esquisito chamado Brucutu, que esguichava violentos jatos d'água, varrendo quem estivesse pela frente: manifestantes ou simples transeuntes. Os que caíam iam sendo recolhidos a cacetadas e pontapés nos camburões que vinham na retaguarda.

Os ventos estavam mudando de direção, mas os estudantes não davam sinal de desânimo, e voltavam a ocupar as ruas. Surgiam

Florestas do meu exílio Final 3.indd 49 14/05/2013 17:33:17

sabe Deus de onde, às centenas, aglomeravam-se em um ponto e hora que só eles sabiam, e de repente invadiam a Afonso Pena, na contramão, munidos de faixas e cartazes, com as frases: "Abaixo a ditadura", "O povo unido jamais será vencido". A temperatura política esquentara, a noite já não era tão descontraída. O fundo musical era outro, refletia ansiedade, rebeldia e um incontido desejo de liberdade. A juventude ganhara as ruas nos quatro cantos do mundo, a chama da revolução se espalhara de Paris a Tóquio, de Praga a Washington. A disposição era enorme para reduzir tudo a cinzas e depois reconstruir uma sociedade que tivesse a cara e o tamanho da generosidade dos protagonistas dessa nova história. Estava decretado o fim da desconfiança, da cobiça e da ambição. Como dizia o poeta: "O homem confiará no homem como o menino confia em outro menino". Enquanto isso, no Brasil, a ditadura fazia sua primeira vítima entre os estudantes: com um tiro no peito, Edson Luis de Lima Souto, de 17 anos, foi assassinado em uma manifestação pacífica contra o fechamento de um restaurante estudantil chamado Calabouço, no Rio de Janeiro, em março daquele ano.

"Mataram um estudante, podia ser seu filho." Esta frase ecoou de norte a sul do país, causando inusitada indignação cívica, levando os estudantes a organizarem grandes manifestações nas principais capitais brasileiras, culminando com uma passeata no Rio de Janeiro, que reuniu mais de 100 mil pessoas, de todas as camadas sociais: homens e mulheres de todas as idades, padres, cantores, compositores, músicos, atores, jornalistas, advogados, pessoas de todas as idades inconformadas com a violência da ditadura e com a ausência de democracia no Brasil. O regime militar reagiu com intolerância, reprimindo com violência, prendendo e assassinando mais estudantes.

– A essa altura, don José, eu já não era apenas o simpatizante que olhava os acontecimentos a distância. Fui me engajando aos poucos,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 50 14/05/2013 17:33:17

abraçando aquela causa que julgava justa. Via que, de um lado, estavam os que lutavam por justiça e liberdade, e, de outro, os que sustentavam um sistema antidemocrático e repressivo. Sentia também que o cerco se fechava, tudo era proibido, tudo era perigoso. Era preciso fazer alguma coisa. Mas o quê? Uma parte de meus colegas simplesmente cruzou os braços, outros viraram *hippies*, foram viver em comunidades alternativas; eu me juntei àqueles que decidiram engajar-se na luta armada. Assim, voltei para a minha região de origem, troquei Belo Horizonte por Belém do Pará, onde ingressei na ALN, dedicando-me integralmente à militância – até ser preso.

7 de setembro de 1970

"Uma data tristemente inesquecível", segundo Janete. Nesse dia caímos nas mãos da repressão. Infeliz coincidência: presos exatamente no dia em que o Brasil se libertou do domínio colonial português.

– Esse dia é festejado com desfiles cívicos e militares, mas para nós será sempre de triste memória: enquanto o povo comemorava a Independência em praça pública, nós perdíamos a liberdade, don José. Fomos presos uma hora depois de deixar a estação rodoviária de Belém, rumo a Imperatriz, no Maranhão.

Além de mim e Janete, sua irmã Lica, de 17 anos, nos acompanhava na viagem. No oitavo mês de gestação, procurada pela polícia, Janete precisava de um lugar seguro e de assistência para ter o bebê. A organização decidiu que deveria deixar o Brasil. Por isso tomamos aquele ônibus. Eu ficaria em Imperatriz, dali seguiria para a área de guerrilha, localizada na margem direita do rio Tocantins, na altura de Ponta Grossa, vinte quilômetros mata adentro, na divisa dos estados de Goiás (onde hoje é Tocantins) e Maranhão. Janete

Florestas do meu exílio Final 3.indd 51 14/05/2013 17:33:17

e Lica seguiriam para São Luís, onde eram aguardadas com a documentação para deixar o Brasil rumo a algum país sul-americano. Por volta das sete horas, a viagem foi bruscamente interrompida; antes que o ônibus parasse, canos de várias armas encostaram em nossas cabeças: "Fiquem parados! Mãos para cima!". Assustados, acordamos sob a mira de homens e mulheres do Exército, da Marinha e da Polícia Federal, disfarçados de passageiros. Fomos revistados da cabeça aos pés e depois algemados.

O ônibus foi cercado por uma dezena de viaturas das forças de segurança, um aparato de guerra desproporcional. Um homem de óculos escuros, com cara de efígie, subiu no ônibus, ordenou que desembarcássemos e entrássemos nos camburões da polícia. Com aquele barrigão, sem poder se apoiar com as mãos, Janete se recusou. Seria suicídio cumprir sua ordem. Em vez de caminhar em direção à porta, voltou a se sentar na poltrona mais próxima. Aquela atitude de Janete expôs o ridículo da situação. Quase meia centena de policiais e soldados portando armas de grosso calibre para prender três gatos-pingados: duas frágeis mulheres, uma delas no oitavo mês de gestação, e um rapaz franzino, desarmado, aparentemente inofensivo. Talvez por isso o homem de óculos escuros, que parecia ser o comandante, recuou e mandou que nos algemassem com as mãos para a frente. Depois, Janete e Lica foram enfiadas em um camburão que voltaria a Belém. Durante a viagem, o camburão parou em um lugar que até hoje elas não sabem precisar, possivelmente um prédio da base aérea. Ali as fizeram descer e as separaram.

Inicialmente, Janete ficou em uma sala onde uma televisão transmitia o desfile de 7 de Setembro. Algum tempo depois, foi trancada em um cubículo escuro, úmido, recendendo fortemente a amoníaco, o que lhe provocou náuseas e vômito. Ela gritava implorando

Florestas do meu exílio Final 3.indd 52 14/05/2013 17:33:17

ajuda, mas ninguém apareceu. Sonolenta, deitou-se no piso de cimento, e ficou nesse torpor até que a porta se abriu.

– Entraram três homens à paisana, dois deles de metralhadora em punho. Recebi ordem de me sentar e estender as mãos para a frente; um deles me algemou e colocou um capuz na minha cabeça, e em seguida ordenou que eu ficasse em pé – relatou Janete a don José. – Depois de um dia inteiro sem comer e debilitada pelo enjoo e pela gravidez adiantada, por mais que eu me esforçasse, não conseguia. Auxiliada pelos carcereiros, fiquei em pé e fui caminhando a passos trôpegos, sentindo que portas se abriam e fechavam à minha passagem. Finalmente chegamos a algum lugar; mandaram que me sentasse, em seguida retiraram o capuz. Quando abri os olhos, tomei um susto: estava em uma sala mal iluminada, cara a cara com cinco homens postados atrás de uma tosca mesa de madeira, com cinzeiros repletos de pontas de cigarros e xícaras de café vazias espalhadas na mais completa desordem. Logo entendi: era o interrogatório que estava começando. Ordenaram que eu dissesse meu nome completo e meu codinome na organização. Fiquei calada, fiz de conta que não era comigo. O silêncio daquele ambiente lúgubre e assustador foi quebrado por um berro: "Fala, vagabunda! Não enche o saco! Vamos! Solta essa língua! Como é teu nome verdadeiro? E teu nome de guerra?". Fiquei na mesma, impassível, no mais completo silêncio. Um dos inquisidores, impaciente, aos gritos, avançou em minha direção exigindo que respondesse às perguntas. Não dei a mínima, continuei calada. Fora de si, o homem me acertou uma bofetada no rosto; daí em diante não lembro mais nada.

No dia seguinte, Janete abriu os olhos na enfermaria de um hospital. Da cama, sem se mover, vistoriava o ambiente, tentava se lembrar dos últimos acontecimentos, quando viu Lica sorrindo. Perguntou onde estavam e o que tinha acontecido com elas. Lica contou que passara por um interrogatório com uns homens

Florestas do meu exílio Final 3.indd 53 14/05/2013 17:33:17

estúpidos que encostavam de vez em quando um revólver em sua cabeça e ameaçavam disparar. Ela lhes disse que era apenas irmã de Janete e que a estava acompanhando até que o filho nascesse. Mas os homens insistiam em que ela contasse com quem iriam se encontrar em Imperatriz, e qual era o local de um tal acampamento guerrilheiro. Diante da mudez de Lica, enfiaram um capuz em sua cabeça, colocaram-na dentro de um carro entre dois homens e arrancaram sem dizer para onde a levavam. Depois de meia hora em um trânsito lento, o carro estacionou. Antes que ela descesse, retiraram seu capuz e ela se viu na garagem do Hospital da Aeronáutica, onde, para seu desespero, encontrou Janete desacordada e se esvaindo em sangue. Tentou sair para o corredor, mas a porta estava trancada por fora. Então, bateu com toda a força, e o soldado abriu a porta. Aos gritos, implorou que chamasse o médico. O soldado relutou, mas ficou intimidado com os gritos. Quando o médico veio, acalmou Lica, dizendo que a hemorragia estava sob controle e que não havia mais risco. Mas Lica ainda sentia uma enorme agonia por não entender o que estava acontecendo. Janete prometeu que um dia contaria tudo.

Depois das brutalidades sofridas no interrogatório, com a saúde abalada, Janete, acompanhada da irmã, permaneceu um mês e meio incomunicável na enfermaria do Hospital da Aeronáutica de Belém. No final de outubro, faltando poucos dias para o nascimento de Artionka, Janete e Lica foram postas em liberdade.

Nas entranhas do monstro

– Que horror! – comentou don José. – Nunca imaginei; vivi dois anos no Brasil sem saber que esse tipo de coisa podia acontecer. Não me lembro de ter lido nos jornais ou visto na televi-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 54 14/05/2013 17:33:17

são qualquer referência a presos políticos ou a tortura, parecia tudo tão calmo, era difícil perceber. Diferentemente daqui, onde os golpes militares, quase sempre brutais e sangrentos, se sucedem com muita frequência. Em agosto passado, o coronel Banzer derrubou o general Torres, que há dois anos, por sua vez, havia derrubado o antecessor, general Ovando, que também pelas armas havia destronado Barrientos. Aliás, quando da quartelada de Banzer, vocês já andavam por aqui, não é mesmo? Se não me falha a memória, foi no mesmo dia do golpe que João veio ao meu quiosque comprar pão. Hum! Agora sim começo a entender melhor a história de vocês. Mas diga-me, João: Janete estava no hospital, e você? Pra onde o levaram?

– Trocaram a posição das algemas e me enfiaram num camburão junto com nossas maletas – respondi. – Dentro de uma delas havia alguns exemplares de *O Papagaio*, jornalzinho mimeografado, com críticas ácidas à ditadura, editado na clandestinidade pelo diretório acadêmico da Faculdade de Economia, que eu abandonara ao me engajar na luta armada. Era uma prova concreta para me incriminar por fazer propaganda subversiva. No entanto, havia algo ainda mais comprometedor que não deveria cair nas mãos dos "homens": duas cartas e o recibo de compra de um sítio a meio caminho da área de guerrilha. Nesse lugar se instalaria um casal com fachada legal para receber e encaminhar os militantes treinados em Cuba. Mesmo sabendo do risco de prisão, a direção decidiu que eu levaria aquela encomenda para entregar aos companheiros que se encontravam na região. Agora os papéis comprometedores estavam ali, bem perto de mim, e eu precisava destruí-los! Com as mãos algemadas na frente, não foi difícil abrir a mala e retirar os papéis. No entanto, como saber, tateando no escuro, qual daquelas folhas era o recibo? Minha disposição era engolir tudo que pudesse me comprometer, folha por folha, a começar pelo recibo de compra, as

Florestas do meu exílio Final 3.indd 55 14/05/2013 17:33:17

cartas, e, se possível, até mesmo os exemplares de *O Papagaio*. Infelizmente, eu nunca havia experimentado comer papel, e, mesmo no desespero, para meu infortúnio, não consegui engolir mais que uma página com enorme dificuldade, regurgitando e voltando a engolir, uma lenta agonia que durou todo o trajeto. Pelo menos conseguira me livrar do recibo, pensei.

Finalmente o carro estacionou. Esperei uma eternidade antes que me retirassem do camburão. A escuridão, o ar rarefeito e o calor encharcado de umidade me davam a sensação de que estava cozinhando em banho-maria. De repente, uma lufada de ar fresco invadiu o ambiente, respirei fundo, fui abrindo os olhos, encarando a claridade. Dei com dois homens armados com metralhadoras apontadas na minha direção. Um terceiro, com um molho de chaves na mão, impaciente, vociferava que eu me apressasse. Na dúvida de qual direção tomar, fui empurrado pelo cano da metralhadora de um deles. Atravessamos o pátio de um casarão de três pavimentos, cercado por um muro alto e sem nenhuma identificação; não dava para saber onde eu estava e que tipo de repartição era aquela. Demos alguns passos pelo andar térreo, entramos em um corredor, onde um carcereiro disse:

– É aqui, pode entrar, "a casa é sua", mas a roupa fica do lado de fora.

Hesitei, surpreso com a decisão.

– É isso mesmo, pode tirar tudo, inclusive a cueca.

Entrei em uma cela minúscula, com uma cama de concreto e um vaso sanitário com um balde de água ao lado. Rangendo, a pesada porta de ferro se fechou. Eles se retiraram, e acompanhei o eco de suas passadas pelo corredor até que silenciasse.

O tempo foi se fracionando ao longo do dia sem que ninguém se aproximasse. Além de remoer expectativas angustiantes,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 56 14/05/2013 17:33:17

não me saía da cabeça a cena de Janete algemada se recusando a descer do ônibus. E agora? Onde estaria ela? Teria sido torturada? E a criança? Nem consegui dar por falta de comida; sentia muita sede, mas uma infinidade de larvas se divertia disputando espaço na lâmina d'água do balde. Meu estômago embrulhou. À noite, apenas a pálida luz de uma lâmpada do corredor entrava sutilmente na cela. Meio entorpecido, tiritando de frio, com a umidade penetrando nos ossos, ouvi o eco de gente pisando forte no corredor. Que horas seriam? Meia-noite? Duas da manhã? Estavam vindo me buscar: era a hora do pesadelo. Agora eram outros, aparentemente desarmados. Sem alarde, devolveram minhas roupas e me passaram um pente.

– Vambora! Veste a roupa! O comando tá te esperando.

Subimos até o terceiro andar, entramos em uma sala ampla e austera, piso acarpetado, quadros na parede, vasos de plantas e uma estante com livros. Não lembrava em nada uma câmara de tortura como a que descreveu o frade dominicano frei Tito em carta aos seus superiores, após o calvário que viveu nas mãos do famigerado delegado Sérgio Paranhos Fleury, da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), em São Paulo.

Sentei em uma cadeira solitária diante de uma mesa grande, estilo colonial. Atrás dela, contei nove homens confortavelmente instalados, entre policiais federais, oficiais do Exército e da Aeronáutica. Era a turma do tal comando. Um deles se apresentou:

– Sou o tenente-coronel Mauro, responsável pelo inquérito policial-militar, e os outros são meus auxiliares; estamos aqui para te ouvir, queremos que tu digas a verdade. Fique sabendo que desbaratamos por inteiro a ALN, não escapou ninguém. Prendemos todos os militantes, por isso não vai adiantar mentir. Já tomamos vários depoimentos e temos um quadro detalhado de todas as

Florestas do meu exílio Final 3.indd 57 14/05/2013 17:33:17

ações do grupo, resta apenas confirmar algumas informações, por isso queremos sua colaboração.

Dito isso, ofereceu um cafezinho; agradeci dizendo que preferia um copo de água, pois estava o dia todo sem beber e sem comer. Pareceu surpreso e, quando confirmei que estava sem nenhuma refeição, ele se indignou, mandando trazer algo para mim.

Enquanto eu comia, eles conversavam animadamente sobre as festas de comemoração da Independência. Estavam felizes e entusiasmados com a grandiosidade do desfile militar em Brasília, a que tinham assistido pela televisão. O coronel parecia falar com sinceridade e cheguei a pensar que me pediria desculpas. Sua atitude me surpreendeu e desarmou. Engoli tranquilamente um sanduíche de presunto com queijo, acompanhado de refrigerante. Depois, aceitei o cafezinho e um cigarro.

O interrogatório começou com o coronel repetindo que estávamos aniquilados, que sabiam de tudo, inclusive de minha suposta participação – que não aconteceu – no 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), iniciado clandestinamente num sítio em Ibiúna, interior de São Paulo, onde centenas de estudantes foram presos no dia 12 de outubro de 1968. Eu ainda estava a caminho, em São José dos Campos, quando recebi o aviso para não continuar: a polícia havia descoberto e cercado o local do congresso. Dali mesmo voltei, escapando à prisão. Cinco dias depois, retornando de ônibus, vi uma pichação no muro do bosque Rodrigues Alves, na entrada de Belém, exigindo minha liberdade. Meus companheiros do diretório acadêmico da Faculdade de Economia não sabiam que eu havia escapado. Foi estranho; ao longo de três horas, fui inquirido sobre minha militância política, principalmente a respeito da relação entre o movimento estudantil e as organizações clandestinas que combatiam a ditadura. Dedicaram pouco tempo

Florestas do meu exílio Final 3.indd 58 14/05/2013 17:33:17

a me interrogar sobre a luta armada, e menos ainda sobre minha relação com a ALN e Carlos Marighella.

Tratei de me fazer de desentendido, dando respostas que beiravam a alienação política. Agarrei-me à estratégia da dissimulação, dando a entender que minha atuação se dava mais em função da onda rebelde que embalava minha geração e que se restringia às manifestações estudantis, às festas no diretório acadêmico e às discussões de botecos sem maiores consequências. Lá pelas tantas, mostraram os exemplares de *O Papagaio* que estavam em minha mala. Leram alguns trechos, os mais críticos à ditadura, depois ordenaram que comentasse. Enrolei uma meia hora, falando um monte de bobagens sem nenhuma relação com o conteúdo dos textos. O mais surpreendente é que não demonstravam a menor impaciência nem contrariedade ante minhas respostas. Apesar de tenso, o interrogatório ocorreu sem agressão, nem mesmo verbal. O coronel foi o primeiro a se levantar.

– Por hoje chega, estou satisfeito. Podem levar o preso para a cela.

Desci as escadas, algemado com as mãos para trás, ladeado por dois homens armados. Entramos no corredor do térreo, mas, em vez de seguirmos até o final em direção à cela, andamos mais uns vinte passos e dobramos à esquerda. Entramos em uma antessala precariamente mobiliada. Ordenaram que me sentasse.

"Telefone" e "submarino"

Depois de uma hora de espera, fui conduzido por um pequeno corredor até uma sala espaçosa, porém tosca, sem janelas e mal iluminada, impregnada de fumaça de cigarro, onde me aguardavam cinco homens sentados em umas poltronas surradas, e um outro instalado numa escrivaninha de madeira embaixo de uma pequena

Florestas do meu exílio Final 3.indd 59 14/05/2013 17:33:17

lâmpada que lhe permitia a leitura de uns papéis espalhados sobre a mesa. Foi o único que reconheci: participara timidamente do primeiro interrogatório. Fizeram-me sentar com as mãos algemadas atrás do encosto da cadeira. Um policial gordo e careca, sentado à minha frente, subiu o tom de voz já na primeira frase:

– Tu, hein! Tu és mais burro do que eu imaginava! Presepeiro! Como é que tu deixas escapar a sorte grande? Agora a conversa é outra. Aqui, se mentir, eu corto a língua, entendeu? Aqui só vale a verdade: ou ela sai de livre e espontânea vontade, ou a gente vai buscar lá onde ela estiver. Entendeu? Então pensa bem no que vais dizer, não te precipites, nós sabemos de tudo, tudo mesmo a teu respeito. Outra coisa, teus comparsas estão todos presos, abriram o bico, cantaram feito rouxinol, deram todo o serviço. De tu só queremos os detalhes. Nomes, endereços, pontos de encontro, é o que queremos. Tu já perdeste a primeira oportunidade, e mais, deixou o pessoal do comando com cara de babaca, mentiu descaradamente, enrolou todo mundo. Agora estamos te dando uma segunda chance, é pegar ou largar, mas tem que ser no ato, sem rodeio. Para começo de conversa, quero saber do paradeiro dessas duas figurinhas aí da foto.

Determinou ao homem na mesa com os papéis espalhados que me mostrasse algumas fotos.

– Olha bem! Com calma, não tem erro, as fotos são de agora. Bora, responde! Diz aí os nomes e onde tão enfiados.

– Não conheço, não tenho a menor ideia de quem são.

Antes de completar a frase, senti uma explosão e a sensação de que tinham esmagado meu cérebro. Tudo ao redor passou a girar sem controle. Meu corpo tremia todo, completamente zonzo, eu não conseguia entender o que tinha acontecido. O impacto que me sacudiu era o que eles chamavam de "telefone": um golpe violento aplicado de surpresa com a palma das mãos batendo ao mesmo tempo nos ou-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 60 14/05/2013 17:33:17

vidos da vítima. Antes de me recuperar do primeiro, veio o segundo, mais violento ainda. Perdi momentaneamente a audição. Pausa.

Virando para o da mesa dos papéis espalhados, o policial gordo ordena:

– Sargento Zito, devolve as cartas ao portador. Assim ele vai se lembrar rapidinho dos nomes dos destinatários. Também mostra pra ele o recibo de compra da fazenda, com o endereço de onde eles estão vivendo. Tá vendo? Já sabemos de tudo, só tu é que não acreditas. É lá que os teus comparsas tão entocados. Tem mais: quero te dizer que nós vamos lá e tu vais com a gente, e na frente. Pode ser que teus amiguinhos das fotos, Pedro e Camorim, resolvam nos receber a bala. Tu vais ser um escudo perfeito. Agora, para encerrar essa nossa primeira rodada de conversa e para não sairmos de mãos abanando como o pessoal do comando, vê se responde direitinho a pergunta do delegado Rosalvo.

Eu havia mastigado e engolido com esforço o papel errado. Sobre as cartas e o recibo, não tinha como sustentar um álibi minimamente razoável, e só me restava fingir de doido, negar sua existência, dizer que só tinha tomado conhecimento daqueles papéis naquele momento, enfim. Sentia pavor lembrando dos choques elétricos que frei Tito sofreu nas mãos de seus torturadores.

– Então, o que estás esperando para abrir a boca? Esqueceste, é?! Bem que tentamos ativar tua memória, parece que não funcionou, agora vamos refrescar.

Foi então que o delegado se aproximou de mim, me arrancou da cadeira pelos cabelos, encostando a boca no meu ouvido, e sussurrou algumas palavras ininteligíveis. Subindo o tom, logo estava aos berros:

– Filho da puta! Comunista filho da puta! Nós vamos te esfolar vivo! Tu tás fodido! Ninguém sabe da tua prisão, tu tás nas

Florestas do meu exílio Final 3.indd 61 14/05/2013 17:33:17

nossas mãos, podemos fazer qualquer coisa contigo, entendeste? Vai, responde, entendeste?

Nenhum gesto, nenhuma palavra. Meu silêncio paralisante ensandecia o delegado, que, sem parar de gritar palavrões, me arrastou pelos cabelos até um tonel num canto escuro da sala.

– Nós aqui chamamos essa técnica de "submarino". Mas tem um detalhe, às vezes ele pode não boiar.

Enfiou minha cabeça dentro da água por alguns segundos, depois a puxou.

– Então? Deu pra refrescar tua memória? E agora? Vais falar?

Não esperou resposta. Ajudado por um auxiliar, voltou a me afogar, desta vez por uma eternidade. Vim à tona sufocado, no desespero, depois de ter engolido uma grande quantidade daquela água imunda. Não resisti à terceira imersão. Perdi os sentidos.

– Espera um pouco – interrompeu don José. – Ninguém tomou conhecimento da prisão de vocês? Advogados, parentes?

Ele se desculpava por tantas perguntas, queria saber se houvera mandado de prisão, quanto tempo levara até alguém saber que estávamos presos. Em alguns momentos, não conseguia segurar as lágrimas ao ouvir, pela primeira vez, o que acontecia nos porões da ditadura brasileira.

– Não havia mandado judicial, don José – respondi. – Para a maioria dos brasileiros não é fácil perceber a existência (muito menos saber com certeza) das atrocidades de uma ditadura que foge ao clássico comportamento de suas irmãs latino-americanas, em que um caudilho, depois de arrebatar o poder pela violência, se perpetua nele. No Brasil, generais do Exército se revezam a cada quatro anos, o que acaba dando a sensação de alternância. Salvo em momentos pontuais, mesmo controlando tudo com rédea curta, os militares permitem o funcionamento do Legislativo e do Judiciário para legi-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 62 14/05/2013 17:33:17

timar as leis concentradoras que eles impõem ao país e também para manter a aparência de democracia diante da opinião pública nacional e internacional. Nenhuma informação que não seja permitida por eles chega à sociedade, a imprensa é controlada, não se divulga nada sem antes passar pelo crivo dos censores. Para concentrar mais poder, há dois anos os militares baixaram um conjunto de leis denominado Ato Institucional n. 5, brutal e repressivo, que levou ao fechamento do Congresso Nacional e eliminou as poucas garantias e direitos individuais que ainda restavam dos tempos da democracia. Foi por isso que o senhor saiu do Brasil com a sensação de que a vida política no país era mansa e pacífica.

Detalhando os ingredientes que se sucediam nos interrogatórios noturnos – gritos, ameaças, tortura física e psicológica –, continuei meu relato a don José.

O casarão do forte

Depois de uma semana intensa de interrogatórios, uma trégua. Esqueceram-me na cela por vários dias, até que uma escolta de homens armados veio para me levar à Superintendência da Polícia Federal, onde era aguardado pelo sumido tenente-coronel Mauro, encarregado do inquérito. Ele e o capitão Luís Paulo, escrivão, iriam me ouvir formalmente para, então, encaminhar o pedido de prisão preventiva ao juiz auditor do Tribunal da 8ª Região Militar, em Belém. Informaram-me que depois de prestar e assinar o depoimento eu seria transferido para a 5ª Companhia de Guardas do Exército, sediada no Forte do Castelo, à margem da baía de Guajará, onde aguardaria a conclusão do inquérito policial-militar. Para minha surpresa, depois de meia dúzia de perguntas, me apresentaram três laudas de papel datilografadas. Ao ler o que estava escrito, me re-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 63 14/05/2013 17:33:17

cusei a assinar. O depoimento fabricado atribuía a mim ações das quais não havia participado: assalto à mão armada a uma distribuidora de cigarros, uso de arma privativa das forças armadas, entre outras sandices.

– Não, coronel, isso eu não assino. Mesmo depois de tudo que passei, tenho certeza, o que está escrito aí não saiu da minha boca. Aconteça o que acontecer, mas isso aí eu não assino.

O coronel me fuzilou com o olhar, porém reagiu friamente.

– Pode ser que o escrivão tenha entendido mal, isso é possível. Deixe-me ver. – Estendeu a mão na minha direção, pegou o documento, deu uma olhada rápida nas folhas. – É preciso ler isso com mais calma. Bom... além da sua transferência para a 5ª Companhia de Guardas, trago mais uma novidade: notícias da sua esposa. Infelizmente, não são boas, ela está internada no Hospital da Aeronáutica. Era minha intenção, caso tivéssemos concluído os depoimentos, permitir sua visita a ela. Bem, por hoje é só, nos vemos na semana que vem. Quem sabe então essa visita possa se realizar.

Impotente como se estivesse sendo afogado pelos torturadores, tratei de me controlar para não demonstrar que aquela notícia tinha me abalado. Fiquei ali sentado, esperando ser levado, conforme anunciado, para uma nova prisão.

Pelo menos três veículos, pelo que pude conferir, e homens fortemente armados formavam minha escolta no curto trajeto entre a sede da Polícia Federal e o Forte do Castelo. O capitão Rubens, comandante da 5ª Companhia, acompanhado de uma patrulha composta por duas dezenas de soldados armados de fuzis, veio me receber na porta do quartel. O séquito passou pelo corpo da guarda, comigo na frente, algemado. Ao pisar o pátio interno, fui apanhado por um sol escaldante, amenizado por lufadas de ar fresco; levantei os olhos, dei de cara com a paisagem do rio Guamá, com suas águas barren-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 64 14/05/2013 17:33:17

tas, correndo a perder de vista entre duas linhas verdes de floresta no horizonte. Avançamos uns cinquenta metros na direção do rio, paramos em frente a um prédio de um único cômodo, a curta distância do muro de arrimo, com dois janelões gradeados com pesadas barras de ferro: um dava vista para o rio, o outro permitia uma visão ampla da movimentação dos soldados no pátio interno. Era o "xadrez" improvisado pelo Exército para recolher seus indisciplinados. Pensei que ficaria por ali, confortavelmente instalado, mas que nada: à esquerda, ao fundo, havia uma solitária, com sua porta metálica escancarada me aguardando.

– Alto! – ordenou o oficial.

Retiraram-me as algemas, mas antes de entrar no cubículo tive que ouvir o discurso do capitão.

– A partir de hoje, somos responsáveis por ti, vamos tomar todas as medidas de segurança para cumprir nossa missão; aqui não existe a menor chance de escapar, todas as possibilidades foram mapeadas e bloqueadas; e, não vamos pensar duas vezes para agir com dureza diante da menor suspeita de tentativa de fuga, por isso é melhor nem tentar. Por determinação do encarregado do inquérito, tu vais ser mantido na solitária e incomunicável; só vais poder falar com o oficial do dia, e quando ele falar contigo. Vais receber três refeições ao longo do dia e terá direito a uma hora de sol, três vezes por semana. Entendeste?

Fiquei em silêncio, com as mãos para trás, olhando para o chão.

Ao entrar, fiz uma vistoria geral no lugar onde ficaria sabe Deus quanto tempo. Encontrei algumas semelhanças com a cela que havia ocupado ao longo dos últimos quinze dias. O espaço era pequeno, mal cabiam o catre e a latrina, com pouca luz e muita umidade, mas nele havia algumas diferenças que acariciaram minha autoestima: primeiro, passei a viver de acordo com minha cultura, ou seja, vestido.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 65 14/05/2013 17:33:17

Segundo, sobre o catre de cimento havia um colchonete, cuja lâmina de espuma não ultrapassava dois centímetros, mas no qual me estendi como se fosse um colchão de plumas. Terceiro, a parede externa da solitária era a continuação do muro de arrimo fustigado dia e noite pelas marés do rio Guamá. Como esse fenômeno ocorre duas vezes ao dia, passei a ter uma preocupação e uma ocupação terapêutica: pelo barulho da água batendo na muralha, aprendi a determinar as horas. Por último, o fato de ficar preso dentro de uma instalação militar com nome e endereço, onde diariamente circulavam centenas de pessoas, me devolveu a esperança de um dia sair dali com vida e, quem sabe, até conseguir contatar Janete. O próximo passo era quebrar nossa incomunicabilidade, afinal já fazia praticamente quinze dias que tínhamos sido sequestrados. Ali os dias eram intermináveis; na parede, uma inscrição deixada por um prisioneiro me advertia:

> Nas primeiras semanas, o desejo incontido de ver aquela porta se abrir para a liberdade preenchia meus dias e velava meus sonhos quando a noite chegava, assim fui resistindo... resistindo... mas o tempo foi passando... passando... e a luz da esperança foi se distanciando, minguando... minguando... até desaparecer no fim do túnel. Chegaram a escuridão, o medo e a pavorosa solidão; para exorcizá-los, eu gritooooo! Com todas as minhas forças. Faça o mesmo.

Precisava me preparar para uma longa estadia na mais completa reclusão; por isso, na primeira oportunidade, quando o oficial do dia veio me trazer o jantar, pedi que me trouxesse alguma coisa para ler. Ele disse que iria consultar o comandante.

As refeições eram servidas rigorosamente nos horários estabelecidos. Às seis da manhã, o oficial do dia abria a portinhola da cela, se apresentava e fazia a chamada do preso; o mesmo acontecia às doze e às dezoito horas. Três vezes ao dia ele repetia sua patente e seu nome de guerra, em seguida o meu, por extenso, precedido da

Florestas do meu exílio Final 3.indd 66 14/05/2013 17:33:17

palavra "recluso". Em seguida, ordenava ao soldado que repassasse a bandeja com os alimentos por baixo da porta.

Passados dois dias sem resposta sobre minha reivindicação de leitura, após o ritual do café da manhã decidi voltar ao assunto com o oficial do dia, tenente Brito. Mas, deixando de lado as recomendações do capitão, pedi que antes ele escutasse o trecho de um salmo inscrito na parede da solitária, que eu havia decorado.

> Ó Senhor, ouve a minha oração, e chegue a ti o meu clamor. Não escondas de mim o teu rosto no dia da minha angústia; inclina para mim os teus ouvidos; no dia em que eu chamar, ouve-me depressa. Pois meus dias se desvanecem como fumaça, e os meus ossos ardem como um tição. O meu coração está ferido e seco como a erva, pelo que até me esqueço de comer o meu pão.

Quando concluí a declamação, seguiu-se um longo silêncio.

– Tenente Brito, o senhor está aí?

– Sim, estou!

– Então, eu gostaria de saber se o senhor tem notícias do meu pedido de material de leitura.

– Sim! Posso lhe informar que o nosso comandante encaminhou seu pleito à autoridade competente, está aguardando resposta.

– Escute, tenente, leve meu apelo ao capitão Rubens, que ele me consiga uma Bíblia, por favor. – Sem resposta, ouvi passos se afastando. À noite, junto com a bandeja do jantar, recebi o exemplar solicitado. No dia seguinte, recebi um livro que enfeitava a estante do comandante, uma interessante publicação do Exército de nome *Fortificações no Brasil*, um levantamento detalhado das instalações militares construídas pelos portugueses desde o século XVI. Na primeira página, havia uma dedicatória ao capitão Rubens, fazendo alusão a seus méritos, elogiando-o por seu desempenho e bravura, seguida de lembranças dos feitos heroicos de nossos colonizadores,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 67 14/05/2013 17:33:17

e, no final, uma assinatura rebuscada, que não consegui entender, possivelmente do general comandante da 8ª Região Militar. Para minha surpresa, lá estava também a descrição e a história do lugar onde eu estava preso.

A 5ª Companhia de Guardas estava instalada em um prédio construído no século XVIII por um rico senhor de engenho chamado Domingos da Costa Bacelar, que batizou seu luxuoso casarão de Feliz Lusitânia. Mas a felicidade durou pouco. Com o dono mergulhado em dívidas, o prédio terminou vendido à Coroa portuguesa, que o destinou a atividades militares. Um século antes, em 12 de janeiro de 1616, outro português, Francisco Caldeira de Castelo Branco, fincou na ilha os primeiros alicerces, de adobe e palha, do forte que daria origem à cidade de Belém do Pará. Sabiamente localizado na ponta de Maúri, na baía do Guajará, debruçado à margem direita do rio Guamá, com um olho no porto e outro no canal que costeia a ilha das Onças, o Forte do Castelo do Senhor Santo Cristo do Presépio de Belém tornou-se o guardião da cidade. Durante o tempo em que estive preso no quartel do Forte, as leituras históricas e religiosas me foram muito úteis, servindo como tema de longas conversas com os oficiais e soldados meus carcereiros. Isso, claro, depois de ter assentado a poeira daquela chegada ruidosa, como se o quartel estivesse sendo tomado de assalto.

Os três primeiros dias no novo ambiente transcorreram sem problemas, mas na madrugada do quarto dia aconteceu o que se poderia chamar de sequestro dentro do sequestro: vieram me buscar. Quando entrei no camburão, enfiaram um capuz na minha cabeça. Depois de rodarmos, creio, por mais de uma hora, a viatura estacionou. Fui retirado e levado por dois homens que me seguravam pelos braços até

Florestas do meu exílio Final 3.indd 68 14/05/2013 17:33:17

um lugar com forte cheiro de cigarro, onde várias pessoas falavam ao mesmo tempo. Ordenaram-me que sentasse. Finalmente retiraram o capuz. Estava de volta ao inferno. Olhei ao redor, o tonel estava no mesmo lugar e, à minha frente, o delegado Rosalvo e sua equipe.

– Ora! Ora! Vejam só quem tá de volta ao nosso convívio! Acho que a conversa de hoje vai ser curta, temos apenas um assunto a tratar, na verdade, uma simples questão burocrática. Então vambora: sargento Zito, pega aí os papéis, pode começar.

Interrompi a leitura do sargento nas primeiras linhas dizendo que eu não assinaria aquele depoimento, que já me recusara a assinar uma vez diante do tenente-coronel Mauro. Antes de concluir, ouvi os gritos ameaçadores do delegado ordenando que eu me calasse. Em seguida mandou o sargento retomar a leitura. Quando acabou de ler, ficou um silêncio pesado no ar, em meio ao qual um dos homens do delegado se aproximou, retirou as algemas e me entregou uma caneta.

– E aí? Vais assinar? Tamo esperando... Tu queres saber o que eu acho? Tá leve, no máximo isso pode te render uns dez anos de cana, égua, não! Isso não é nada diante dos crimes que tu e teus comparsas cometeram. Imagina o contrário, se vocês tivessem vencido a guerra e tomado o poder, o que ia acontecer com a gente? Caboco... A gente tava fodido, ia pro paredão e fim de papo. A gente, não, a gente tem que seguir a lei, tem que fazer a burocracia, por isso a gente precisa da tua assinatura nos depoimentos pra mandar pro juiz auditor criar a porra do processo de julgamento. Tenho certeza de que tu não vais te negar a assinar, não é mesmo?

Eles haviam feito algumas alterações no depoimento, já não aparecia o trecho onde eu confessava ter participado de assalto à mão armada, que, se tivesse sido mantido, me renderia de doze a trinta anos de prisão. Ainda que a metade do que estava escrito ali

Florestas do meu exílio Final 3.indd 69 14/05/2013 17:33:17

não tivesse saído da minha boca, com medo de voltar ao submarino, decidi assinar. De nada adiantou.

Antes do amanhecer, depois de mais uma sessão de tortura, fui devolvido à prisão do Forte. A partir de então, cada anoitecer seria motivo de tensão e medo, a qualquer momento eu poderia ser tragado para as entranhas do monstro. As noites de insônia passaram a me fazer companhia, esticando ainda mais o tempo preguiçoso daquele lugar.

Depois de quase dois meses sem notícias de Janete e do bebê, mergulhado na depressão, perdi o apetite, meu estômago parecia não ter espaço para os alimentos. No início de novembro parei de me alimentar e passei a recusar o banho de sol. A bandeja saía da cela do mesmo jeito que entrava, causando preocupação, ou melhor, irritação, no comandante.

No quinto dia da greve de fome, um jovem oficial médico veio me ver. Em silêncio, tirou minha pressão, auscultou meu peito, apalpou meu estômago, depois fez várias perguntas, às quais respondi com monossílabos. Sem arriscar um diagnóstico, passou direto às recomendações: a mais importante, alimentar-se para ajudar na recuperação. Em seguida, enveredou por outros assuntos. Não parava de falar até que eu lhe perguntei se a vida valia a pena. Pego de surpresa, ele hesitou por alguns segundos, mas reagiu respondendo com segurança:

– Claro! Com certeza. Não se deve desanimar, é preciso ter esperança, ter fé e acreditar que em algum momento Ele, o criador de todas as coisas, vai nos tomar pelas mãos e nos conduzir pelos caminhos da salvação.

Voltei a instigá-lo, querendo saber se no meio da noite ele tivera um pesadelo, daqueles de que a gente não consegue acordar por mais que se esforce.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 70 14/05/2013 17:33:17

– Hum! Pera aí, às vezes sonho com situações desagradáveis, mas nada que me faça perder o sono.

Perguntei se era casado, se tinha filhos, e ele disse que sim, um casal, um menino de 4 anos e uma menina de 2.

– O senhor poderia me dizer com absoluta certeza onde estão sua esposa e seus filhos neste momento?

– Em minha casa, com certeza, agora há pouco falei com ela por telefone, as crianças estavam bem. Não estou entendendo aonde você quer chegar com essas perguntas.

– Eu lhe explico. Faltam poucos dias para completar dois meses que mergulhei em um pesadelo cruel. Eu também sou casado, só que desde o dia 7 de setembro não vi mais minha esposa, nem tive qualquer notícia que mereça fé sobre seu estado de saúde e da criança que ela carregava no ventre. Ao longo desses tortuosos dias, os arautos do infortúnio me repetem a mesma coisa: que perdeu a criança, que está muito mal, que não resistirá. Será verdade? A última vez que a vi foi dentro de um ônibus, entrando no oitavo mês de gestação, algemada, brava e decidida, recusando-se a cumprir uma ordem absurda. Essa imagem colou na minha retina, passou a fazer parte de todos os meus momentos, causa uma dor intensa, permanente, que fere pela humilhação, pela impotência, vai além da dor física, faz sangrar a alma. Por isso, doutor, a dúvida sobre se a vida vale a pena. Eu não sei de nada, não sei onde nem como está a pessoa que amo, só posso dizer que somos indivisíveis, que estaremos sempre juntos. Olhe... obrigado pelos seus cuidados e principalmente por ter me ouvido, eu precisava muito falar. E me desculpe, sei que o senhor é um bom médico, mas acho que o senhor não pode dar o tratamento certo para o meu mal. Só existe um remédio capaz de me devolver o apetite. Por isso exijo vê-la; por favor, diga isso ao seu comandante.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 71 14/05/2013 17:33:17

Depois da visita do médico, fora as provocações do cabo Caranguejo, nada de novo acontecia. A cada entrega de refeição, quando a bandeja retornava do jeito que entrava, o cabo pedia ao oficial do dia que abrisse a cela e lhe permitisse entrar para resolver aquele problema à sua maneira.

– Deixa comigo! Em meia hora acabo com a presepada desse comunista, enfio rapidinho toda essa comida goela abaixo. Eu juro que não vai sobrar nem um bago de farinha.

Na tarde do sexto dia da greve de fome, por volta das quatro e meia da tarde, fui surpreendido pela presença dos carcereiros. O oficial se apresentou, como de costume, bradando sua autoridade e procedendo à chamada do prisioneiro, ao que respondi:

– Aqui estou, tenente, já é a comida?

– Não! Trate de se vestir, não demore!

O homem parecia apressado. A quebra de rotina me aterrorizava, pensei que se tratasse de mais um mergulho no inferno, mas dessa vez, quando a pesada porta de ferro se abriu, o delegado Rosalvo e seus homens não estavam lá. Perguntei ao tenente o que estava acontecendo. Respondeu que não fazia ideia, que apenas cumpria ordens do comandante. No entanto, o famigerado cabo Caranguejo, que fazia parte da escolta, parecia ter mais informações e não se fez de rogado.

– É o seguinte, tenho a impressão de que desta vez se trata de uma ida sem volta, o comandante tá te esperando para uma última e definitiva conversa. Ele tá puto, foi essa a palavra que ele usou, por causa da greve de fome. A tua situação tá difícil. Ou tu voltas a te alimentar imediatamente ou então tu vais te arrepender de ter nascido.

A aparência física do cabo Caranguejo surpreendia, definitivamente um tipo estranho para os padrões de exigência do Exército: miúdo, estrábico e arrastava uma perna, quase um espantalho den-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 72 14/05/2013 17:33:17

tro da farda verde-oliva. Como esse sujeito com tantas deficiências conseguiu o que eu não consegui aos 18 anos quando me apresentei para servir no Exército? Meus exames de saúde deram normais, mas faltou peso e sobrou altura. Com 1,77 metro de altura, era preciso pesar no mínimo 67 quilos. Fui reprovado pela balança.

Ouvi com preocupação as palavras do cabo Caranguejo. Antes de deixar a cela, como era de rotina mesmo para o banho de sol, estendi as mãos para receber as algemas, e o tenente disse que não havia necessidade. Como em outras ocasiões na travessia pelo pátio do Forte, o oficial do dia ia à frente, eu logo em seguida, e três passos mais atrás os praças com fuzis apontados na minha direção. Nesse dia, o cabo Caranguejo se colocou entre mim e os praças, às minhas costas, e com o cano de sua arma me pressionava para acelerar o passo. Ainda assim, a escolta evoluía lentamente. Para onde e para quê? Mais uma viagem rumo ao desconhecido. Quem sabe não teria razão o cabo, e aquela poderia ser uma ida sem volta; afinal, há dois meses eu tinha deixado de existir para qualquer mundo que não fosse o das masmorras. Nada impediria o tenente-coronel Mauro e o delegado Rosalvo, senhores do meu destino, de simplesmente afirmar que eu jamais colocara os pés ali, se lhes fosse conveniente. Quem iria dizer o contrário?

Na soleira da porta do gabinete do comandante, o tenente se perfilou, bateu continência e anunciou:

– Pronto, meu comandante! Aqui está o recluso! O capitão Rubens, visivelmente contrariado, ignorando a presença da escolta, vociferou:

– Como é possível que um sujeito despojado de direitos, preso, incomunicável, ouse tomar uma atitude dessa?!

Minha greve de fome era mais que ousadia, era uma provocação, uma ameaça à rotina de seu quartel. Voltando-se para mim, esbravejou:

Florestas do meu exílio Final 3.indd 73 14/05/2013 17:33:18

– Tu não passas de um imbecil! Estás me ouvindo? É isso mesmo, um débil mental.

Depois de gritar e me ofender, passou a me acusar de ter atrapalhado as visitas da Janete que as autoridades responsáveis pelo inquérito estavam perto de autorizar. Aos poucos, o capitão foi baixando o tom, dizendo que nem tudo estava perdido, que ainda seria possível atenuar os estragos provocados pela greve de fome, que me daria uma última chance, mas não admitiria recusa de minha parte. Dito isso, pediu que trouxessem um suco e uma maçã, pegou a fruta das mãos do ordenança e me estendeu, mandando que comesse. Garantiu que, se eu voltasse a me alimentar, esqueceria o desaforo e conseguiria a permissão para eu receber visitas. Ensaiou toda sorte de argumento na tentativa de me convencer a pôr fim à greve de fome, até que, aporrinhado com meu silêncio, perdeu a paciência e mandou que me levassem dali.

"Um anjo veio visitá-lo"

Deixei o gabinete do comando abalado, imaginando que seria entregue, mais uma vez, às mãos do delegado Rosalvo. Fui levado a uma sala contígua ao corpo da guarda, mandaram que eu me sentasse. Ali fiquei por mais de uma hora, angustiado e tenso, esperando o pior. Era sempre assim, imprevisível o que poderia me acontecer no instante seguinte. De repente, o inusitado: entra na sala o próprio capitão Rubens, sereno e tranquilo como se nada tivesse acontecido naquele dia, e ordena:

– Vamos, homem! Ponha-se de pé, siga-me! Um anjo veio visitá-lo!

Ele me levou à sala de visitas do quartel. Naquele momento, atravessei a fronteira do inferno para entrar no paraíso. Atônito, vi

Florestas do meu exílio Final 3.indd 74 14/05/2013 17:33:18

duas jovens mulheres, uma toda vestida de branco, parecia ser enfermeira; a outra carregava uma criança no colo. O silêncio profundo fez o tempo parar por alguns segundos, mas logo foi quebrado por uma voz suplicante, pedindo que eu me aproximasse.

– Vem! Vem! Chega perto! Toma! É linda! É tua filha.

Depois, novamente o silêncio, agora regado pelas lágrimas que rolavam em todas as faces presentes. Nem o durão capitão Rubens conseguiu escapar, tentou disfarçar a emoção diante dos soldados, que, por sua vez, não resistiram, limpavam o canto do olho com a manga da camisa. Essa tensa carga de emoção explodiu em gargalhada geral quando um singelo cocô da recém-nascida perfumou o ar. Eu me aproximei, perguntei por Janete. Minha irmã Conceição, que segurava minha filha, entre sorrisos e lágrimas respondeu:

– Ela está bem, feliz com o nascimento da nossa princesa. Janete mandou te dizer que sonha com o momento do reencontro, que a decisão do nome da criança será o item número um da agenda desse dia.

Em seguida, me apresentou a moça de branco, sua amiga Luciene, médica que prestou assistência na hora do parto (uma cesariana) e que teve a brilhante ideia de chegar de surpresa na porta do quartel. Janete convalescia sem poder se locomover, Luciene e minha irmã trouxeram a bebê no colo dois dias depois de nascida para que eu a visse. Apresentaram-se no corpo da guarda e foram tratadas com total indiferença. Os guardas recusaram-se a ouvi-las, simplesmente deram ordem para que se retirassem dali imediatamente. Elas insistiram, não arredaram pé até serem levadas ao gabinete do comandante. No início, a conversa foi dura, mas diante de seus apelos, e principalmente da presença comovente da criança, aos poucos ele foi cedendo.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 75 14/05/2013 17:33:18

Don José, com os olhos marejados, comentou que era inacreditável. Só mesmo um milagre explicaria a mudança de humor do capitão. Eu só viria a saber que o milagre tinha explicação tempos depois.

– Na verdade, don José, logo que iniciei a greve de fome, o capitão Rubens pediu orientação aos responsáveis pelo inquérito. Eles responderam que isso era um problema dele, que eu já havia sido interrogado e assinado o depoimento e que, portanto, a parte deles já estava feita e a responsabilidade pelo preso era inteiramente dele. Por que então o capitão resistia em autorizar as visitas? Simples. Ele achava, e com razão, que cedendo naquele momento estaria capitulando diante da greve de fome, e por isso tentou de todas as maneiras quebrar minha resistência. Depois, eu já estava há muito tempo incomunicável, contrariando as próprias leis da ditadura, que autorizavam a prisão por trinta dias, prorrogável por mais trinta. Por último, aquela pressão inesperada de Conceição e Luciene, com Artionka recém-nascida no colo, foi determinante e fez o capitão ceder. Daí para a frente, a vida voltou a valer a pena. Três dias depois, reencontrei minha mulher.

Janete me interrompeu se dirigindo a don José:

– Agora, o senhor vai saber de onde tiramos o nome da nossa princesa, mas antes vou completar minha parte da história. A presença de minha irmã Lica na enfermaria ajudou muito na minha recuperação. Os homens truculentos não voltaram a dar as caras e, durante o resto do tempo em que fiquei presa no hospital, fui interrogada apenas uma vez, sem maus-tratos. O tenente-coronel Mauro foi ter comigo, tentando saber do paradeiro de alguns companheiros. Estava se aproximando o fim da minha gestação. Quando tudo indicava que minha filha nasceria na prisão, um oficial da Aeronáutica que eu nunca tinha visto ali entrou na enfermaria e me comunicou que minha prisão havia sido revogada, que eu e Lica, a

Florestas do meu exílio Final 3.indd 76 14/05/2013 17:33:18

partir daquele momento, estávamos livres para tomar o rumo que desejássemos. Surpresa com a notícia, duvidei:

"O senhor tem certeza de que posso descer essas escadas, avançar porta afora e ganhar a rua, sem ser molestada ou até, quem sabe, levar um tiro?"

"É como acabei de dizer, sua prisão e a de sua irmã foram revogadas, a senhora está livre, já mandei providenciar que lhe devolvam seus pertences."

"Que bom!", disse eu. "Pensei que ia ter meu bebê aqui! Mas... E o meu marido? Onde ele está? Também teve a prisão revogada? Está bem de saúde? Posso vê-lo?"

"Pelo que sei, ele está bem. Está recolhido na 5ª Companhia de Guardas, no Forte do Castelo. Quanto a visitas, não pode receber ainda, continua preso e incomunicável."

"Hum... Escute aqui, por que fomos presas? Quem decretou nossas prisões? Cadê o documento sobre esses atos?"

"Olha aqui. Se eu fosse a senhora, tratava de sumir sem fazer perguntas. Mas, para não ser desagradável, porque a senhora tá nesse estado 'interessante', vou lhe dizer: estamos em guerra, logo, esses detalhes burocráticos são dispensáveis, do mesmo jeito que as senhoras foram presas agora estão sendo soltas."

Depois que trouxeram nossas coisas, o oficial deu meia-volta e saiu batendo a porta. A essa altura, já não havia sentinela, estávamos com o caminho livre. Depois que trouxeram nossos pertences, trocamos de roupa, descemos para a portaria do hospital e caímos na real: para onde ir?

– Como o senhor já deduziu, don José, havíamos sido realmente sequestradas, e o pior é que isso aconteceu em plena mudança, a meio caminho entre o lugar que estávamos deixando para trás, Belém, e um outro indefinido, que poderia ser Imperatriz, São Luís ou Santiago

Florestas do meu exílio Final 3.indd 77 14/05/2013 17:33:18

do Chile. Eu mal podia com minha barriga, então pedi a um casal de enfermeiros militares que nos ajudasse a transportar a bagagem até a parada de ônibus a poucos metros dali. Ficamos alguns minutos sem saber que rumo tomar. Estávamos no olho da rua e com pouco dinheiro. Não podíamos recorrer aos amigos, sob pena de expô-los à repressão; estava segura de que os "homens" não me perderiam de vista. De repente, Lica lembrou-se da Gorda, tia de João, em cuja casa agregados e vizinhos, num entra e sai interminável, conviviam num clima alegre e festivo. Ela comandava com leveza e descontração aquela barafunda, desdobrando-se para manter tudo minimamente organizado: fazia a comida e servia o batalhão de adolescentes famintos que acolhia. Pisava leve, caminhava de mansinho entre aqueles jovens, sem que ninguém percebesse. Baixa e gordinha, parecia um duende alado, flutuando no seu paraíso particular. É isso mesmo, me animei, é pra lá que vamos! Sabe, don José, tia Gorda se chama Irene, seu jeito de ser lembra o de outra Irene, a de Manuel Bandeira, poeta maior:

> Irene preta
> Irene boa
> Irene sempre de bom humor.
> Imagino Irene entrando no céu:
> – Licença, meu branco!
> E São Pedro bonachão:
> – Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

– Fomos recebidas, como sempre na casa da tia Gorda, de braços abertos, com um sorriso amplo, de orelha a orelha, aconchegante. "Entrem, minhas filhas, de onde estão chegando assim de surpresa? E essa barriga? Quando vai esvaziar? E meu sobrinho? Por onde anda?" Como havia muitos jovens zanzando pela casa, ela nos levou para seu quarto, nos fez sentar em sua cama, depois saiu se esquivando, maneirosa, e, num piscar de olhos, estava de volta,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 78 14/05/2013 17:33:18

trazendo café e biscoitos. Só então, don José, ela se sentou para ouvir nosso relato.

No primeiro dia de liberdade, após conversar com tia Gorda, Janete foi atrás de mim no Forte do Castelo. Confirmaram que eu estava lá, mas ela não pôde me ver. Não desanimou e no dia seguinte voltou a bater na porta do quartel. Foram cinco tentativas frustradas. A sexta só não aconteceu porque tinha chegado a hora tão esperada. Janete entrou na maternidade no final da tarde e por volta das dez da manhã do dia seguinte, num clima de tensão e incerteza, nasceu nossa filha. Tempos depois, Janete me relatou o drama que viveu na maternidade. Assediada pelos agentes da repressão, que a visitaram em busca de informação sobre o paradeiro de alguns companheiros da ALN que haviam escapado ao cerco e ameaçaram prendê-la novamente e raptar o bebê, Janete resistiu com serenidade. Amparada pela presença terna e comovente de nossa filha, mesmo diante de tamanha ameaça, considerou aquele momento uma dádiva.

A vida fora da prisão não era nada fácil e o cerco dos militares sobre Janete e Lica era ostensivo e assustador. Logo elas tiveram de mudar da casa de minha tia para que os homens da repressão as deixassem em paz. Foram morar em uma casa sobre palafitas, em uma área alagada da periferia de Belém, onde as ruas eram constituídas por emaranhados de passarelas de madeira caindo aos pedaços. Se, de um lado, essas condições insalubres infernizavam a vida das duas, de outro, ajudavam a manter os espiões do SNI a distância. Naquele labirinto de pontes era fácil despistá-los, o que permitiu a Janete reatar contato sem colocar em risco a segurança de nossos amigos e companheiros.

Janete continuou sua narração a don José:

– As portas pareciam querer se abrir e, no mesmo dia em que deixei a maternidade, tive a enorme felicidade de reencontrar João. A emo-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 79 14/05/2013 17:33:18

ção foi tão intensa quanto o susto ao vê-lo naquele estado, esquálido, abatido, envelhecido e com vários quilos a menos. Seu aspecto era o de uma pessoa doente. No entanto, seu estado de espírito não poderia ser melhor, não parava de rir, olhando para mim e Artionka. Nesse primeiro encontro, ficamos em volta de nossa filha, rindo e brincando, mais do que falando. Aproveitamos para escolher seu nome. Na verdade, don José, nós já tínhamos consumido algumas horas conversando sobre o tema, estávamos praticamente decididos. Havíamos lido o romance infantil *Um jovem ator*, do escritor russo I. Vassilienko, cujo protagonista Artiomka era de enorme generosidade, coragem e determinação*. E, para mim, o nome era também uma provocação aos militares, porque lembrava a República Socialista Soviética. Tudo isso, além de sua sonoridade, nos encantou. Porém, no livro, tratava-se de um menino. No Brasil, no entanto, ninguém suspeitaria que um nome terminado com a letra *a* servisse para designar o gênero oposto, e não pretendíamos mesmo morar na Rússia. Daí, com uma pequena mudança – substituímos o *m* pelo *n* – nossa filha recebeu o nome Artionka.

No dia em que conheci minha filha, renasci; o reencontro foi um enorme alívio. No retorno à cela, atravessei o pátio do Forte assoviando, cantarolando e tragando fundo o vento forte que encrespava as águas do Guamá. Não sentia meus pés tocarem o chão, era como se estivesse com a cabeça enfiada nas nuvens. O comportamento da escolta era outro. O oficial do dia, que a essa altura caminhava a meu lado e não parava de falar do que havia testemunhado, deixou de lado o adjetivo "recluso" e me chamou pelo nome.

– João! É incrível tudo o que aconteceu! Até o capitão! Ninguém me disse, eu vi ele tentando disfarçar a emoção. Já tava na

* Anos depois, descobrimos que, em russo, Artionka é o diminutivo do nome próprio Artyom (ou Artem), que significa "adorador de Ártemis" a deusa grega da caça.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 80 14/05/2013 17:33:18

hora, todo mundo aqui torcia por isso, tua esposa não saía da nossa porta na esperança de te encontrar.

Chegamos à porta da cela, o tenente continuava falando na maior intimidade, os soldados já não miravam as armas na minha direção, e o provocador cabo Caranguejo havia sumido.

Daí em diante, as visitas ficaram definidas: sempre aos domingos. Uma vez por semana, durante uma hora, recebia Janete e familiares mais próximos, que me abasteciam com livros que, depois de crivados pela censura, eram entregues na cela; os amigos mandavam jornais e as revistas semanais; de minha mãe e irmãos, que moravam em Macapá, as notícias chegavam por cartas.

Pela primeira vez tive contato com meu advogado. Após detalhada avaliação jurídica do processo, ele me comunicou que o juiz auditor da 8ª Região Militar havia decretado minha prisão preventiva. Finalmente haviam legalizado meu sequestro. Mesmo considerando a hipótese de condenação a uma pena longa, o advogado avaliou como positiva a decisão por afastar o risco de desaparecimento, como era frequente acontecer principalmente com presos políticos que caíam nas mãos do DOI-CODI do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mesmo tendo morado no Brasil, don José não fazia a menor ideia de que situações como essas pudessem lá existir. Indagou-me sobre as siglas, queria saber o que significavam, e ficou curioso, quis saber mais sobre o desaparecimento de presos políticos. Expliquei que esse era o sistema nervoso da repressão e da sustentação do regime, que o Destacamento de Operações de Informações (DOI) e o Centro de Operações de Defesa Interna (CODI), irmãos siameses, na verdade eram uma organização única, encarregada da "inteligência e repressão" durante a ditadura. Ocupavam-se de combater sem trégua os que se opunham ao regime. Essas organizações surgiram na tentativa de suceder e controlar uma outra, a Operação Bandeirante

Florestas do meu exílio Final 3.indd 81 14/05/2013 17:33:18

(Oban), formação paramilitar de ação direta e violenta, à margem da lei, montada em 1969 pelo Exército brasileiro a mando do ministro da Justiça Gama e Silva, reunindo elementos das Forças Armadas, da polícia estadual – Civil e Militar – e da Polícia Federal. Foi por muito tempo o primeiro centro de informação, investigação e tortura a funcionar no país, financiado por doadores privados. Em nome da tal "guerra interna", mesmo com o surgimento do DOI-CODI, seguiu agindo em São Paulo, reprimindo ferozmente qualquer manifestação de opinião contrária ao regime. Essas organizações são temidas e conhecidas como centros de tortura e desaparecimento de presos políticos. Seus quadros de elite foram treinados na Escola das Américas, no Panamá, uma instituição mantida pelos EUA que ministra cursos sobre assuntos militares a oficiais de outros países, como operações de comando, treinamento em golpes de Estado e técnicas de interrogatório com uso de tortura física e psicológica.

No dia seguinte ao meu primeiro encontro com Janete, após o banho de sol, retornei à cela escoltado pelo tenente Pereira, que não parava de falar. Antes de bater a porta e fechar os cadeados, encostou-se na entrada e continuou puxando conversa. Esticou o papo por cinco, dez, talvez vinte minutos. Repetia que estava feliz por ter testemunhado os acontecimentos.

Eu e o tenente estudávamos na mesma universidade, a Federal do Pará, na qual eu cursava economia, e ele, o terceiro ano de geologia. Ele estava servindo no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva/CPOR para cumprir o serviço militar obrigatório, ao contrário do carreirista tenente Brito. Logo estaria de volta à vida civil. Por isso, mesmo despolitizado, tocava-o testemunhar o sofrimento de um jovem estudante como ele. Era tamanha a impressão que a nossa situação lhe causava que, mesmo sabendo do perigo, não conseguia se conter e contava as histórias do nosso caso para sua noiva e seus

Florestas do meu exílio Final 3.indd 82 14/05/2013 17:33:18

amigos mais próximos, que passaram a acompanhar a evolução dos acontecimentos como se assistissem a uma novela.

Tinha razão o jovem oficial, aquele dia fora mesmo surpreendente. Com certeza muitos anos haverão de passar sem que esses acontecimentos se apaguem da minha memória, mas naquele dia, depois de ouvir em silêncio o discurso do tenente Pereira, voltei a mergulhar na solidão, espremido entre quatro paredes. Estirei-me no catre, entorpecido pela emoção, e fui revivendo o dia anterior. O marulho do Guamá batendo nas paredes da cela era o único ruído perceptível; o mais era silêncio. Depois de não sei quanto tempo, fui sacudido por um som metálico, como se alguém estivesse tentando derrubar a sólida porta de ferro. Era o cabo Caranguejo, em substituição ao oficial do dia, que estava na porta para entregar o almoço. Chegou inovando, deixando de lado o ritual de apresentação e de chamada, passando a se anunciar pelo barulho de sua baioneta batendo contra a porta, seguido de insultos e palavrões. Recebi a bandeja por debaixo da porta, aguardando que se acalmasse.

– Cabo Rodrigues (era seu verdadeiro nome), diga-me uma coisa, por acaso eu já causei algum dano ao senhor ou a alguém de sua família?

– Eu não quero papo com comunista! – gritou o cabo. – Por mim não sobrava ninguém da tua raça para contar a história, eu ia fazer o que fizeram com os comunistas lá na Indonésia, aquilo sim é que foi um serviço bem-feito. Aqui, comunista faz greve de fome e fica por isso mesmo. Ah! Se dependesse de mim, tu ias te arrepender da graça! Tu não "tarias" aí fazendo perguntinha sem vergonha, rindo da minha cara! Queria tá na equipe do Rosalvo. Aí sim! Ia mostrar que eu sou invocado, ia fazer comunista falar pelos cotovelos.

Eu imaginava que tamanha agressividade se limitasse aos quadros de comando, aos oficiais superiores, mais politizados. No entan-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 83 14/05/2013 17:33:18

to, ali estava um praça absolutamente identificado com a doutrina e com os seus métodos. Teria que suportá-lo por alguns minutos, pelo menos dois ou três dias por semana, na hora em que trouxesse a comida, quando certamente aproveitaria para fazer todo tipo de provocação – como, por exemplo, lembrar o massacre da Indonésia como modelo e se candidatar a torturador. Mesmo que não tivesse acesso às chaves da cela, do jeito que babava ódio, seria capaz de qualquer armação para me atingir. Recebendo a bandeja, permaneci calado. Deixei o cabo Caranguejo de lado e tratei de comer um pouco, ingerindo bem devagar cada colherada.

– Sobre o fascismo – disse don José –, tenho uma ideia mais ou menos clara; sobre a Indonésia, as informações são confusas; mas quanto ao comportamento do cabo, pela maneira como você descreve, parece um desajeitado tentando compensar as frustrações embriagando-se de ódio. É verdade que as informações que circulam em nosso país sobre a tragédia da Indonésia, além de escassas, parecem distorcidas; chegam ao absurdo de responsabilizar os mortos pelo massacre. O que aconteceu lá me parece algo terrível, só um alucinado pode concordar com tamanha barbaridade.

Contei a don José que havia lido num relatório de uma organização de defesa dos direitos humanos, chamada Anistia Internacional, que o massacre dos membros do Partido Comunista da Indonésia, em 1965-66, havia constituído um dos acontecimentos mais trágicos deste século, e também o mais desconhecido. O general Suharto, que usurpara o poder naquele país, ordenara às Forças Armadas que executassem o massacre: calcula-se que em menos de seis meses foram mortas de 500 mil a 1,5 milhão de pessoas. A Guerra Fria e o anticomunismo pregado pelo governo americano estimularam os partidos de direita, em aliança com os militares, a destroçar o terceiro maior partido comunista do mundo, pela pura e simples

Florestas do meu exílio Final 3.indd 84 14/05/2013 17:33:18

eliminação física de seus militantes e simpatizantes. Até hoje não se sabe a dimensão exata dessa matança.

A claraboia da esperança

O mês de novembro se arrastava, o isolamento tornava os dias mais longos e monótonos. A leitura não bastava; passei a alimentar a ideia de escapar dali. No alto da parede que dava para o Guamá havia uma claraboia gradeada por grossas barras de ferro – nada que uma serra de aço, cautela e paciência não pudessem resolver. Uma vez aberto espaço suficiente para passar meu corpo, eu cairia direto dentro do rio, e dali apenas precisaria nadar e escolher o ponto mais conveniente da margem para ganhar o mundo. O primeiro obstáculo era conseguir a serra, ou melhor, introduzi-la na cela. Esse seria um tema para debater com Janete na próxima visita.

Assim, em nosso encontro seguinte, ansioso, fui logo explicando que tudo dependeria de uma serra. Janete ficou em silêncio, pensativa, e quando falou foi para perguntar como fazer para passar com a serra, uma vez que tudo era minuciosamente revistado. Eu imaginava que, em algum momento, poderia cooptar alguém do quartel. Durante os banhos de sol, aproveitava para bater papo com os soldados, que ficavam cada dia mais simpáticos e descontraídos.

– Isso é muito arriscado – disse Janete. – Já pensou se você escolhe a pessoa errada, justamente aquela que pode te denunciar para o comandante? Olha só a tremenda enrascada em que vamos nos meter, com certeza vão te mandar de volta para as mãos do delegado Rosalvo. Quanto a mim, grandes chances de eu voltar a ser presa. Acho melhor pensar em outra alternativa, tentar ganhar um militar para um empreendimento arriscado como esse não me parece viável. Será que não existe uma outra maneira de introduzir essa bendita serra dentro da cela?

Florestas do meu exílio Final 3.indd 85 14/05/2013 17:33:18

– À noite, pelo rio... Para isso precisamos de um companheiro que, além de corajoso, seja bom nadador e, sobretudo, mergulhador. De minha parte, preciso apenas de uma tira de pano de cinco metros que aguente o peso da serra. Isso já está resolvido, tenho uma camiseta que vou transformar em tiras e trançá-las. Após atar uma na ponta da outra, terei uma corda. É o que preciso para baixar pela claraboia até o leito do rio, do lado de fora, onde alguém então amarrará a serra na ponta da corda improvisada. Precisamos agir numa noite escura, de preferência de lua nova, para facilitar a aproximação do companheiro que virá pelo rio.

Janete achou essa alternativa mais segura, não lhe pareceu tão difícil encontrar alguém com disposição e coragem para executar as ações externas. Mas, quando parecia que tínhamos encontrado o fio da meada, lembramos que já não éramos apenas dois. Nossa filha completaria um mês de vida dentro de uma semana. Chegamos a cogitar a possibilidade de deixá-la com os avós, porém receávamos que ela pudesse ser usada para nos chantagear. Assim decidimos que, independentemente das circunstâncias, ela iria conosco. Como então empreender uma fuga de alto risco, que implicaria enormes sacrifícios, com uma criança tão frágil? Ficar em Belém por algum tempo era o mais recomendável para preservar nossa filha, mas não tínhamos apoio logístico suficiente para nos abrigar com segurança. Precisávamos dispor, para usar a linguagem da clandestinidade, de um "aparelho" estruturado: uma casa, com gente vivendo normalmente, que pudesse nos abrigar por bastante tempo, sem colocarmos o nariz na porta até que a caçada feroz da repressão amainasse e então pudéssemos organizar nossa retirada.

Uma alternativa seria pelo rio. Por essa via seria necessário ter uma embarcação pronta para nos retirar da cidade na mesma noite da fuga, não dando tempo à repressão de se mobilizar para fechar o cerco, de tal forma que, ao amanhecer do dia seguinte, já estivésse-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 86 14/05/2013 17:33:18

mos singrando as águas barrentas do rio Amazonas, longe de Belém e dos "homens". Seguiríamos rio abaixo até o Atlântico. Costeando, chegaríamos à Guiana Francesa, onde pediríamos asilo político. Era o que imaginávamos. Como nasci no coração da Ilha do Marajó e vivi por tantos anos em Macapá, sabia que pequenas embarcações faziam essa rota oceânica com frequência, e não se tinha notícia de naufrágios. Eram barcos que contrabandeavam café para Caiena e retornavam abarrotados de uísque e perfumes franceses. Em meio a conjecturas, um soldado avisou que estava encerrada a visita; Janete saiu com a incumbência de agilizar os contatos para viabilizar nosso plano, e na próxima visita traria as informações para a primeira e decisiva fase: fazer a serra chegar em minhas mãos.

Don José custou a crer que o plano tivesse dado certo.

– Ah! Não me diga que essa loucura funcionou? Como então de Caiena vocês chegaram a Cochabamba?

– Não! – disse eu. – Não foi bem assim. Vamos com calma...

– Tudo bem – disse don José. – Mas essa história de vocês parece estranha. Vocês se juntaram a uma organização armada, mas nunca dispararam um só tiro?

– Certo... mas, antes de responder, permita-me fazer uma pergunta. Ao longo desses quase três meses de convivência, percebemos que o senhor é um homem religioso, que a todo momento eleva suas preces a Deus, recorre aos ensinamentos bíblicos, procura ser justo e comedido nas relações pessoais. Mas, desde que chegamos a sua casa, mesmo tendo sido pastor, não vimos o senhor frequentar nem uma vez sequer a igreja ou participar de qualquer cerimônia religiosa.

Dom José deu uma gargalhada, quebrando um pouco o clima sério da conversa, e emendou

– 'Devolveu não é João?' Já tinha reparado nas brincadeiras de Maria, desculpe!, de Janete... Vou levar um tempo para me acostumar

Florestas do meu exílio Final 3.indd 87 14/05/2013 17:33:18

com a brusca mudança de nome. É verdade que deixei de frequentar os cultos, de me interessar por qualquer atividade da Igreja, mas continuo tão crente como na época em que desempenhava o papel de pregador da palavra de Deus. Quero que saibam: os males não caem dos céus, pertencem ao mundo dos homens; às vezes, mesmo perdoando, nos distanciamos para não ser testemunhas da repetição do pecado. Sentia que meu caminho estava traçado em definitivo, sem retorno, casado com a Igreja e com Paula, não admitia qualquer hipótese de separação, nem de uma nem de outra. Mas, vejam o que me aconteceu, fiquei sem as duas – lamentou don José. – Foram tantas decepções com os homens que terminei me divorciando da Igreja. Não me peçam detalhes. Custando a acreditar, fui me dando conta de que algumas pessoas que considerava iluminadas, quase santas, depositárias de minha admiração e respeito, foram se desnudando diante dos meus olhos incrédulos, revelando ser verdadeiros lobos em pele de cordeiro. Recomendavam honestidade, fidelidade, dignidade aos fiéis, enquanto na vida privada mergulhavam nos mais tenebrosos pecados, viviam no fausto e na promiscuidade, à custa da contribuição dos irmãos, que em muitos casos chegavam a passar necessidade para sustentar a Igreja com seus dízimos. Fui instado a aderir a essa vida desregrada, guardada a sete chaves longe dos olhos dos fiéis, mas não aceitei; então, para preservar minha crença e meus princípios, achei por bem me distanciar daquele ambiente constrangedor. Espero um dia poder construir um templo, aqui mesmo em nosso bairro, para honrar e glorificar o Senhor como se deve.

– Agora, don José, vejamos que ação militante eu poderia relatar com detalhes. Hum! Já sei...Na madrugada de uma noite sem lua, eu caminhava resoluto em direção ao muro alto de um prédio de quatro andares, no qual descarregaria minha indignação contra o regime intolerante e cruel de meu país. Na solidão noturna, fui logo disparando

Florestas do meu exílio Final 3.indd 88 14/05/2013 17:33:18

a única arma que sabia manejar – um pincel embebido em tinta vermelha. No seu rastro, foram surgindo os primeiros caracteres de uma frase que eu sonhava ver logo transformada em realidade: ABAIXO A DITADURA!. O velho prédio parecia reprovar o que eu estava fazendo em seu muro, mas permanecia em silêncio, permitindo que ali eu expressasse, na falta de outros meios de comunicação, o meu justo protesto. Estava quase completando a frase ABAIXO A DITA... quando o silêncio foi rompido por um silvo agudo, seguido de mais um e depois outro. Um guarda-noturno acabava de me descobrir, e de apito na boca mobilizava seus colegas da área para iniciar a perseguição.

De balde e pincel na mão, desandei a correr em direção ao carro que me esperava no ponto combinado, a duas quadras dali. Mário, ao volante da Kombi, berrava: "Vambora, pessoal! Tem guarda pra tudo que é lado, 'bora' todo mundo pro carro rápido, eles tão armados...". Senti um frio no estômago, apressei o passo. Cansado e todo melado de tinta voei para dentro da Kombi, trombando com os que lá já se amontoavam."Arranca! Vamos logo, arranca com essa porcaria", gritava Otávio."Calma! Calma, pessoal, tá faltando o Roberto." Mário segurava nervosamente o volante da Kombi, que seu pai emprestara sem suspeitar de seu destino."Calma o quê!", reagia Otávio, "os caboco se aproximando, e nós aqui, esperando o Roberto, sem saber o que aconteceu com ele... vambora! Eu vi quando ele se mandou em outra direção."

A essa altura os apitos silvavam para todo lado, e só aumentava o número de guardas na redondeza. Parecia uma praga, surgindo de ruas e becos mal iluminados. Mário, pressentindo a chegada iminente de uma radiopatrulha, enfiou o pé no acelerador e arrancou; os pneus cantaram no asfalto, o perigo foi ficando para trás, todo mundo relaxou. Ziguezagueou por algumas ruas e, de repente, os faróis miraram uma sombra distante, indistinguível,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 89 14/05/2013 17:33:18

que avançava em nossa direção. Pelo gingado e pelo balançar dos braços, não havia dúvida: era Roberto. Caminhava tranquilo como se desfrutasse, inocente, a brisa suave da madrugada que soprava do cais do porto. Mário freou bruscamente a Kombi e mandou que subisse. "Então? O que te aconteceu? Onde tá o teu material?" "Nada grave. Apenas um susto. Quando ouvi os primeiros apitos e a movimentação dos guardas-noturnos, pulei o muro de uma casa e lá deixei o material. Logo que vi a rua deserta saí caminhando normalmente até encontrar vocês. Foi tudo o que aconteceu." "Tudo bem... vamos dar um giro, mais tarde a gente volta para apanhar o material", resmungou Otávio.

Mário acelerou a Kombi com destino à feira livre Ver-o-Peso, àquela hora no mais profundo silêncio. Só se ouviam as ondas que quebravam nas bordas das embarcações e o ronco dos canoeiros, possivelmente sonhando com bons negócios ao amanhecer, quando o cais fervilha de gente comprando e vendendo num vaivém interminável.

Ficamos por ali uma meia hora lamentando a ação de divulgação e propaganda – leia-se: pichação – frustrada pela reação de pessoas – os guardas-noturnos – que deveriam na verdade estar na mesma trincheira, lutando contra as desigualdades sociais, e não ficar por aí assustando a gente com apitos inconvenientes. Decidimos recomeçar a ação.

Mal a Kombi estacionou, Roberto desceu apressado para recolher o balde de tinta e o pincel. Quando saltou o muro, escutamos o primeiro estampido e os apitos rasgando a noite. Eram eles outra vez. Roberto largou o balde pelo meio do caminho e tratou de entrar na Kombi, Mário cantou os pneus e saiu disparado pela rua estreita, dobrando em seguida à esquerda para se livrar das balas, que vinham de trás. No meio do quarteirão, pintou a zebra: uma imensa vala aberta, de meio-fio a meio-fio, bloqueando o

Florestas do meu exílio Final 3.indd 90 14/05/2013 17:33:18

caminho. Mário tentou subir no passeio, mas ele era muito estreito; se avançasse, terminaríamos caindo na vala. Só restava fazer o caminho de volta e tentar um acordo com os nossos perseguidores. Com dificuldades, fez a curva e lentamente foi avançando em direção aos guardas apitadores, que, a essa altura, tinham formado uma barreira na entrada da rua e nos aguardavam de armas na mão, triunfantes.

"Vamos sair dessa, todo mundo no chão", gritou Mário.

Ele parou a Kombi e apagou as luzes a uns vinte metros da barreira humana, como se fosse se entregar sem resistência. Os vigilantes baixaram a guarda, caminharam em direção ao veículo, e Mário então afundou o pé no acelerador, fazendo espirrar guarda-noturno para tudo quanto é lado, rompendo o cerco e recebendo uma saraivada de balas. Nossa sorte é que eram bons de apito, mas ruins de pontaria. Ninguém foi ferido, mas sobrou um tremendo problema familiar. Mário não tinha como explicar ao pai uma dezena de buracos de balas na lataria da Kombi. Terminou confessando a aventura. Conclusão: perdemos um militante.

Uma vez terminado o relato dessa ação frustrada a don José, voltei aos meus dias de prisão. A ideia da fuga grudara definitivamente em minha cabeça. Depois da conversa com Janete, não conseguia pensar em outra coisa, dormindo ou acordado. Bem-humorado, voltei a puxar conversa com o cabo Caranguejo, perguntando se era casado, se tinha filhos. Respondia secamente: "Sim!", e completava: "Isso não é da tua conta". Ordenava ao soldado que passasse a bandeja do almoço e se retirava sem mais palavras.

Aquela estranha criatura não parecia desagradar somente a mim. Era pouco estimada também por seus companheiros de farda. Depreciavam-no com o apelido de cabo Caranguejo, teciam comentários ácidos sobre suas deficiências físicas e sua vida familiar.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 91 14/05/2013 17:33:18

Certa vez, no banho de sol, um soldado me falou que não era para levar em conta sua fanfarronice, pois ele era tido como meio maluco: "Queres mesmo saber por que o cabo pirou? Feio e desajeitado, abusou da sorte, casou com uma linda e fogosa morena que, segundo as más-línguas daqui do quartel, enche a cabeça do cabo de enfeites indesejáveis. Pra completar, dia desses estava consertando um vazamento no banheiro dos oficiais, que, sem saber que ele estava por perto, comentavam e gargalhavam sobre o comportamento de sua mulher. Daí em diante, atormentado pela humilhação e pelo ciúme, o pobre cabo entrou em parafuso, mudou completamente seu comportamento, virou valente e destemido; às vezes, bota banca como se fosse oficial, e já criou vários problemas para o comandante".

Ratos d'água no navio coreano

Na madrugada de sábado, antevéspera do dia de visita de Janete, fui acordado por uma enorme agitação dentro do quartel. Ouvi gritos, depois disparos esparsos, e em seguida uma intensa fuzilaria. Trancado na cela, mesmo que tudo estivesse ocorrendo a poucos metros de onde me encontrava, escutava apenas os disparos, o tropel dos soldados correndo e a voz de comando do cabo Caranguejo, que coincidentemente estava de cabo da guarda nesse dia. Cheguei a pensar que o quartel estava sendo atacado, ao mesmo tempo que me perguntava: por quem? E por quê? Afastei imediatamente a possibilidade de que aquela confusão tivesse alguma relação com minha presença na solitária do Forte do Castelo. Mesmo antes de nossas prisões, não nos passaria pela cabeça atacar uma unidade militar, menos ainda agora, que estávamos quase todos presos. A certa altura pensei: "Deixa pra lá, agora é esperar o dia amanhecer. Quando trouxerem o café da manhã, saberei o que

Florestas do meu exílio Final 3.indd 92 14/05/2013 17:33:18

aconteceu". No entanto, algumas horas depois, ouvi barulho na entrada do xadrez. Tenso, tentava acompanhar o movimento pela portinhola da solitária. Não dava para ver direito, mas ouvi quando destrancaram os cadeados, abriram as grades e entraram. Ao se aproximarem, pude ver que era uma patrulha escoltando um preso. Abriram a porta da solitária, ordenaram-me que saísse e no meu lugar enfiaram o recém-chegado.

Para quem estava confinado em uma solitária há mais de oitenta dias, aquela inversão era um alívio.

O oficial, depois de me informar que eu ficaria no espaçoso xadrez até segunda ordem, sem nada mais acrescentar, bateu em retirada. Como num passe de mágica, meu horizonte se dilatou, voltei a acompanhar o alvorecer e o ocaso de cada jornada. Ganhei espaço para caminhar: na solitária, estava limitado a cinco passos, indo e vindo sempre no mesmo lugar. Passei a ter direito a ventilação, que soprava forte na maré alta e diminuía de intensidade à medida que o rio ia baixando; a brisa suave vinda do rio, no entanto, era permanente. Pena que essa mudança havia chegado em momento inoportuno.

Mesmo que Janete tivesse conseguido reunir os meios para avançarmos com nosso plano, não havia o que fazer a não ser adiá-lo por alguns dias. Na muralha externa do xadrez, não havia grades voltadas para o rio e, mesmo que houvesse, seria impossível qualquer movimento. Ali dentro, com tanta luminosidade, eu parecia um peixe dentro de um aquário de águas cristalinas, sem contar que os soldados transitavam de dia e de noite em frente e pela lateral da cela, fosse para a troca de guarda ou simplesmente para se refrescar e desfrutar da paisagem debruçados no muro de arrimo do rio Guamá.

Já não me lembrava da última vez que vira aquele espetáculo. Voltei a testemunhar o sol brotar por trás da massa verde da margem

Florestas do meu exílio Final 3.indd 93 14/05/2013 17:33:18

esquerda do Guamá, banhando o mundo de luz, despertando os homens para um novo dia. Mesmo lamentando ter adiado minha fuga, me deixei inebriar por aquele luzeiro de vida que invadiu meu xadrez cinco estrelas naquela manhã de quase dezembro.

A escolta entregou as bandejas com o café da manhã, a mim e ao meu vizinho de reclusão. Tentei puxar conversa com o cabo do dia sobre os acontecimentos da madrugada, mas ele apenas me comunicou uma proibição idiota e incontrolável: que eu não podia conversar com o novo detento. Muito difícil imaginar que duas pessoas separadas apenas por uma porta ficassem sem se falar. Logo que viraram as costas, me aproximei da solitária.

– Ei, mano! O que te aconteceu? Vai, caboco! Deixa de paúra. Eu tive quase três meses onde tu estás. Não posso reclamar da tua chegada, pra mim foi muito bom, o ruim foi ter acontecido desse jeito, tu ficando no meu lugar. Bora, responde aí, fala alguma coisa, como é teu nome?

– Não! É melhor eu ficar calado, eles me proibiram de falar contigo.

– Escuta, mano, tamo só nós aqui, não tem mais ninguém por perto. Vamos! Diz pelo menos teu nome – insisti. Ele permaneceu em silêncio. – Tudo bem! Se é assim que tu queres, de qualquer maneira, meu nome é João, caso resolvas falar, estou aqui mesmo, acho que ainda por muito tempo.

Três dias depois, fomos ao banho de sol, os dois presos. Aí então pude ver de perto a estranha e silenciosa criatura que me fazia companhia. Não passava de um metro e sessenta, tez marrom-escuro como as águas do Guamá, cabeça redonda fincada diretamente ao tronco, um compacto feixe de músculos, olhos miúdos amendoados saltando das órbitas, semelhante a duas antenas; parecia um extraterrestre. Na volta, depois de ter sido trancado na cela, ouvi sua voz.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 94 14/05/2013 17:33:18

– Ei! Ei! Eu quero te dizer uma coisa.

– Tô te ouvindo, podes falar – respondi, surpreso.

– É que eu pensei que tu eras um deles, que estavas aqui para me espiar pros homens. Por isso fiquei com um pé atrás, achei melhor ficar na minha.

– Ah, é! Então foi por esperteza e não por medo que ficaste calado? Essa é boa, agora que sabes que não sou caguete diz teu nome e finalmente me conta que diabo aconteceu naquela madrugada.

– Bem, é o seguinte, eu e mais dois amigos, em uma canoa a remo, estávamos pescando aqui próximo, quando de repente, vimos um escaler, cheio de gente, vindo em nossa direção. Assustados, tratamos de fugir remando com todas as nossas forças para a beira do rio, aí então passaram a nos perseguir aos berros parecendo um bando de loucos. Quando estavam para nos alcançar, ouvimos um grito vindo da terra, mandando parar. Em seguida ouvimos tiros. Os que nos perseguiam parece que não ouviram as ordens, continuaram com a algazarra, foi então que despejaram balas a granel em nossa direção, estalavam dentro da água feito pipoca. Abandonamos a canoa e mergulhamos. Quando eu voltei à tona já não vi meus amigos, porém o tiroteio continuava, os malucos do escaler seguiam berrando no maior desespero, voltei a afundar rapidamente e nadar em direção à beira e, quando estava subindo a ribanceira, fui agarrado, amarrado e trazido para cá.

– Escuta, mano, e os malucos que te perseguiam? Tu sabes quem eram e o que aconteceu com eles?

– Acho que eram uns marinheiros de um navio estrangeiro, que está fundeado bem perto daqui, foi o que escutei dos militares que me trouxeram para cá. Não tenho ideia do que aconteceu com eles, acho que levaram chumbo, era muita bala pipocando perto da gente, penso que também meus amigos levaram o farelo nessa história.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 95 14/05/2013 17:33:18

– E... Afinal, como te chamas? Vais me dizer ou preferes que eu te batize? Vamos fazer o seguinte: até que me reveles teu nome, vou te chamar de Marciano, combinado?

– Não! Não! Eu tenho nome, me chamo Juvenal.

Não perguntei mais nada; história mal contada, difícil de engolir. Não fazia sentido que, três dias após o incidente, o suposto "pobre pescador" ainda continuasse preso. Se o relato de Juvenal fosse verdadeiro, com certeza já estaria tudo esclarecido, os responsáveis pelo equívoco ou exagero daquela madrugada teriam pedido desculpas e ele teria sido posto em liberdade.

Decidi ouvir a outra parte. Sentei-me no batente da janela gradeada que dava para o pátio do muro de arrimo: abordaria o primeiro passante. Nem precisei tomar iniciativa. Numa atitude rara até então, um soldado da escolta do banho de sol daquela manhã se aproximou com uma laranja na mão e me ofereceu. Agradeci e aproveitei para puxar conversa. Perguntei-lhe se estava de serviço na madrugada do tiroteio. O soldado não apenas me confirmou como foi logo dando os detalhes.

– Ah! Sim, eu estava de sentinela na guarita sul, faltavam menos de dez minutos para largar meu turno. Eram 2h52, a maré estava repontando. O sossego da madrugada foi quebrado por vozes vindas do rio, gritei várias vezes que parassem e se identificassem, não obtive resposta, então, junto com a sentinela da guarita leste, fizemos vários disparos para o alto, mas a zoada só fez aumentar, estava muito escuro, não conseguíamos enxergar nada, parecia que havia muita gente se aproximando do muro de arrimo. Nesse momento, chegaram espavoridos o cabo Caranguejo e mais dez praças. Ele, sem nem mesmo perguntar o que estava acontecendo, mandou abrir fogo na direção da barulheira. Quando paramos de atirar, ouvimos gritos de desespero dos que vinham pelo rio. Deu pra perceber que eram estrangeiros,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 96 14/05/2013 17:33:18

não falavam nossa língua. Aí então que o cabo ficou doido, gritava que eram os comunistas cubanos que estavam atacando o quartel para te libertar, deu ordem para preparar nova carga. Só não disparamos porque chegou o oficial do dia, assumiu o comando e ordenou o cessar-fogo. Por sorte era o tenente Pereira. Ele falou com as pessoas que estavam no rio, em inglês, aí então ficou tudo esclarecido. Era um navio coreano cuja tripulação estava farreando em terra, enquanto os ratos d'água faziam a festa a bordo. Estavam retornando quando flagraram os três bandidos se afastando às pressas do navio, aí então iniciaram a perseguição. Tiveram azar ao se aproximar do quartel e ter como responsável do dia o maluco do cabo Caranguejo, que por pouco não acabou com a raça deles.

– Quer dizer que tem coreano morto? E os dois bandidos, o que foi feito deles?

– Pelo que sei, a situação é a seguinte: foram quatro os feridos na refrega, dois receberam balas de raspão sem maiores consequências: já os dois outros estão no hospital, entre a vida e a morte. Quanto aos amigos de Juvenal, não conseguimos pôr as mãos neles, escaparam. Sei que os três costumam aparecer nas páginas de polícia dos principais jornais, são famosos no mundo do crime, todos com várias passagens pela penitenciária, sendo que Juvenal, também conhecido como Baiacu, estava foragido do presídio São José. Logo, logo, vai voltar para lá.

No dia seguinte, um domingo, Janete chegou visivelmente ansiosa. Em meio à festa que fazíamos com Artionka, encontrava tempo para cochichar comigo que tinha conseguido arranjar as coisas e que estava tudo acertado para a madrugada de segunda para terça. Contei-lhe, então, o que tinha acontecido e concluí que estava adiado o plano de fuga. Depois de me ouvir, Janete não se deixou abater, tomou minhas mãos e sussurrou-me ao ouvido: "Não desani-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 97 14/05/2013 17:33:18

me! Não descansarei enquanto não te arrancar daqui! Sempre haverá uma nova chance! Eu te amo".

Naquele domingo, logo após a visita, encostado na porta da solitária, puxei conversa com Juvenal sobre meu próximo destino, o presídio São José.

– Escuta, mano, agora sei tudo a teu respeito, inclusive teu apelido na roda da malandragem, então vamos falar sério, mesmo porque, acho que não deves ficar muito tempo por aqui. Preciso que me digas, já que te hospedaram tantas vezes no São José, como é a vida por lá.

Juvenal, depois de afirmar que todos os que lá estavam eram inocentes, foi tomado de um ataque de riso. Ria e repetia:

– Inocentes! Isso mesmo, cara! Laranjas! Todos! Eles vão te repetir: "Eu não fiz nada, fui preso por engano". Por isso não adianta perguntar por que o cara tá ali. Outra coisa, todo cuidado é pouco com o pessoal do Raimundo Tabacão; quando cruzar com um deles não esqueças de baixar a cabeça, é tudo gente muito ruim e violenta, escolhida a dedo pelo diretor. No primeiro dia, acho que é bom que saibas, vão festejar a tua chegada, primeiro vão raspar tua cabeça lá mesmo, na torre da capela, depois com um só toque do sino vão te anunciar, aí os internos rapidamente se reúnem no pátio para acompanhar tua entrada. Vais descer e atravessar os dois pátios até os fundos, onde ficam os banheiros, ali vão te enfiar em um chuveiro por alguns segundos, depois, tu vais voltar pelo mesmo caminho, de cuecas, todo molhado, com um pinico na mão e com todo mundo te olhando. Aí, vão te trancar no Cinzeiro, um buraco cavado em uma das muralhas do prédio colonial, rebocado com cal e sal, onde deves ficar de castigo, por 24 horas, a pão e água. Ah! No meu caso, como sou fugitivo, com certeza vão me esquecer naquele buraco nojento no mínimo por quinze dias, além das surras que vou levar dos filhos da puta.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 98 14/05/2013 17:33:18

Uma semana depois, levaram Juvenal. Pensei que me devolveriam à cela, mas não houve mudança. Ao contrário, não só permaneci como também estreitei minha relação de amizade com praças e oficiais, passei a ter companhia quase permanente. Às vezes, as sentinelas do período noturno abandonavam suas guaritas para bater papo comigo. Falavam de tudo: de seus superiores, de futebol, de mulheres – e até de política.

Certo dia, o capitão Rubens me chamou no comando para uma conversa amistosa, segundo ele, em que eu só responderia o que quisesse, sem qualquer constrangimento. O papo foi interessante: o comandante, na realidade, buscava entender por que alguém arriscava casa, família, carreira, tanta coisa por uma "causa sem sentido" e ainda por cima perdida, do seu ponto de vista. Sua conclusão trazia à tona o fantasma da Guerra Fria; a passagem pela academia militar o levava a pensar que eu fora submetido a uma lavagem cerebral pelo comunismo internacional. Mesmo desconfortável, discordei do capitão com franqueza, dizendo-lhe que nunca pertencera ao Partido Comunista, mas que simplesmente queria ver o Brasil mais justo e mais democrático. Obviamente, nenhum de nós mudou de posição, porém descobrimos que podíamos conversar ainda que pensando diferente.

No final da manhã, eu estava concentrado na leitura de um livro que me fora enviado de presente por minha irmã mais velha, Raquel, em cuja dedicatória ela se oferecia para ficar presa em meu lugar. Fui trazido à realidade pelo soldado Sacramenta, que batia na grade, chamando-me:

– Vem aqui! Vem! Olha só o buchicho na sala do comandante!

Mesmo com a porta do gabinete do comandante escancarada, olhando de viés por entre as grades, eu não conseguia enxergar o que estava acontecendo.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 99 14/05/2013 17:33:18

– É o seguinte – prosseguiu Sacramenta –, o capitão mandou um soldado comprar uma dúzia de bananas. Na volta, ele foi abordado pelo nosso "preclaro" cabo Caranguejo, que estava de serviço no corpo da guarda, ordenando-lhe que entregasse uma banana. O soldado reagiu dizendo que as bananas eram do capitão, que não podia atender ao seu pedido. Imagina só o tamanho do escândalo que o cabo aprontou! Descontrolado, berrou com o soldado: "Seu estúpido! Eu não estou pedindo! Isto é uma ordem! Uma oooordem! Entendeu?". Aí então o soldado não pensou duas vezes, entregou a banana. O capitão, quando as recebeu, questionou o soldado. "Escuta! Que história é essa? Uma dúzia são doze, aqui só tem onze, explique-se!". "Foi o cabo Rodrigues... eu bem que falei que as bananas eram do senhor, mas ele me disse que era uma ordem. Como não posso descumprir ordem superior, entreguei a banana." O capitão entendeu e na hora mandou chamar o cabo. Com portas e janelas escancaradas, deu-lhe um esculacho, num volume capaz de ser ouvido do outro lado do Guamá. "Vamos lá, senhor cabo! Complete o serviço, sei que o senhor gosta muito de bananas, não é?! Então pode se servir à vontade, até a última. Isto é uma ordem! Entendeu?". O quartel parou, os praças se divertiam vendo o cabo já na sexta banana, todo humilde, de joelhos, chorando, pedindo perdão ao capitão.

Dois dias depois desse incidente, cabo Caranguejo apareceu bem menos arrogante na porta do xadrez trazendo a bandeja do almoço. Claro que eu não perderia a chance de descontar um pouco da raiva que ele me fazia passar. Perguntei-lhe se era verdade o que os soldados andavam falando à boca pequena.

– Não sei do que se trata, tampouco quero saber – contestou-me. – Tem mais, já lhe disse mais de uma vez que não quero conversa com comunista.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 100 14/05/2013 17:33:18

– Tudo bem, cabo, já entendi, você não gosta de comunista. Sua grande paixão são as bananas, não é verdade?

O cabo enfurecido não economizou palavrões antes de se afastar jurando vingança, o que não tardou a acontecer. Foi direto ao comandante reclamar da conduta do preso, dizendo que havia sido atingido em sua honra com palavras desrespeitosas e que por pouco não levara uma cusparada no rosto. Após ouvir esse relato, o comandante não hesitou um só momento, para o regozijo do cabo Caranguejo, e decidiu me castigar, determinando meu retorno imediato ao calabouço, acrescido da suspensão do banho de sol por uma semana. A pena imposta pelo comandante foi interrompida numa manhã ensolarada, a poucos dias do Natal.

O silêncio foi quebrado pelo barulho da porta metálica da solitária se abrindo, deixando penetrar uma réstia de luz de um sol luminoso, incomum naquele ambiente. Fui sacudido pelos insultos e provocações do cabo Caranguejo:

– Levanta, comunista de merda! Tem um batalhão te esperando aí fora, pega tuas coisas e anda! – berrava o cabo, fazendo suas despedidas sem perder o estilo. Não parou de falar grosserias até me entregar à escolta que aguardava no corpo da guarda. Na curta caminhada, repetia à exaustão que no segundo dia eu sentiria saudades do quartel, que para onde eu ia o jogo era bruto, que teria de ficar esperto, dormindo com um olho aberto, caso contrário minha estadia seria curta por lá.

As tentações a caminho do São José

Sem algemas, tomei assento no banco traseiro da radiopatrulha, ao lado de um oficial do Exército identificado por um crachá na farda – major Paulo Roberto –, que se apresentou para, em seguida,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 101 14/05/2013 17:33:18

me mostrar um papel anunciando minha transferência para o presídio São José, à disposição da Justiça Militar. O comboio de três veículos pôs-se em movimento. Avançava sem pressa pelas ruas estreitas do centro comercial, que fervilhava de pessoas atraídas pelas vitrines decoradas com motivos natalinos e que ocupavam calçadas e ruas, dificultando a passagem dos veículos. Pois foi por ali, no meio daquele burburinho, que a escolta decidiu passar, atraindo a atenção dos transeuntes. Finalmente, deixamos para trás as ruas da velha Belém e entramos na ampla avenida Presidente Vargas. Próximo ao Teatro da Paz, o major quebrou o silêncio:

– Veja só! Olhe quanta gente na praça! Que linda manhã! Motorista, reduz a velocidade aí e contorna a praça. Olha! Tá vendo aquele jovem casal passeando com o carrinho de bebê? Parecem felizes e confiantes, não é mesmo? Nada os ameaça. Bem que poderia ser você com sua esposa e filha, passeando descontraídos, usufruindo a liberdade que nosso país oferece. Você com certeza gostaria de estar com sua esposa no lugar daquele casal, não é verdade?

Optei pelo silêncio. Na verdade, mesmo tanto tempo distante, o bulício da rua não me chamava a atenção, meus sentidos estavam presos às previsões sombrias do cabo Caranguejo, grudadas na memória. Lembrava da ironia de Juvenal sobre os inocentes e de suas recomendações sobre os homens de Raimundo Tabacão. O certo é que em breve estaria entrando em um círculo mais profundo do inferno, onde Lúcifer, o diabo orelhudo, fedendo a enxofre, cuspindo fogo, soltando raios e tempestades pelas narinas, estaria na porta, esfregando as mãos para me dar boas-vindas.

O comboio acelerou até alcançar a praça Batista Campos. Recanto de muita beleza, árvores frondosas, lagos, flores, coretos, crianças, jovens, velhos, desfrutando de uma manhã ensolarada de paz e tranquilidade. O major mandou encostar a viatura.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 102 14/05/2013 17:33:18

– Veja! Toda essa gente na praça, sinta o cheiro de liberdade, observe como estão felizes! É isso que quero lhe oferecer... Você já percebeu que não é este o percurso para o presídio. Imagino que a essa altura você deve estar se perguntando: o que passa na cabeça desse major? O que está acontecendo? Para lhe dizer a verdade, quando me designaram para essa missão, tive a premonição de que poderia mudar o seu destino. Sinto que está próximo de acontecer; basta uma palavra sua e mudamos o rumo da história, e também, claro!, tomamos um outro caminho. Vamos, colabore! Ajude-me a reconquistar sua liberdade! Estou convencido de que você foi usado pelos comunistas e agora está arrependido. Não precisa mentir; apenas a verdade, diga o que aconteceu. Eu sei, você quer viver em paz com sua pátria e sua família! Vá, meu jovem! Fale! É a sua última chance. Mudamos imediatamente o percurso, vamos direto ao comando da 8ª Região Militar, o general comandante vai recebê-lo de braços abertos, ele não quer ver os jovens apodrecendo nas cadeias imundas, lugar reservado à escória da sociedade, jamais para quem tem futuro, não! Definitivamente não! Ele não quer isso, quer é ajudá-lo. É simples; depois do general, vamos gravar suas declarações para o rádio e a televisão, quero que você fale com sinceridade, com convicção. Você ficará hospedado por mais alguns dias conosco, em seguida ganhará a liberdade para poder passear com sua esposa, empurrando o carrinho de sua filha, como o casal que vimos na praça. E tem mais, fique certo de que vamos ajudá-lo a conseguir um bom emprego e reintegrá-lo a sua faculdade.

Eu já havia optado pelo silêncio. Perdido em meus pensamentos, nem dava ouvidos às palavras do major que, persistente, refinava seus argumentos...

– Sou um homem de profundas convicções, de fé inabalável; sinto que estamos nos aproximando de um final feliz. Veja! Olhe aqui os ponteiros do meu relógio, são 9h20 da manhã, você terá

Florestas do meu exílio Final 3.indd 103 14/05/2013 17:33:18

mais dez minutos para decidir. Ficarei em silêncio, apenas lembrando a cada minuto que o tempo está passando. – Ele começou a contagem minuto a minuto, até que disse: – Zero. Prazo esgotado. São 9h30. E agora? Diga, que rumo devo seguir?

Após um longo intervalo, respondi:

– Para o endereço que consta no papel que o senhor me apresentou na partida.

A escolta parou em frente ao portão principal do casarão colonial da praça Amazonas, endereço do presídio São José, onde eu aguardaria julgamento pela Justiça Militar na companhia de pelo menos mais quinhentos detentos. A praça vivia deserta, raramente se viam crianças brincando, jovens trocando ideias ou casais namorando. A solidão dos que viviam do lado de dentro parecia contagiar o entorno. Quando os portões se abriram, o veículo em que eu me encontrava avançou, cruzando a inusitada fronteira do novo mundo, habitado, de acordo com as palavras do major, pela escória humana, lixo social produzido pela aventura civilizatória cristã ocidental abaixo da linha do equador. O carro parou em frente à escada de acesso ao segundo andar, onde se encontravam os gabinetes da diretoria. Seis homens, daqueles descritos por Juvenal, posavam com ar cerimonioso no pé da escada. Fardados, quer dizer, vestidos de calça e camisa da mesma cor e do mesmo tecido, grosseiramente talhadas, portando na cintura enormes cassetetes de maçaranduba, madeira amazônica dura como ferro. Estavam ali para prestar as "honras da casa" ao recém-chegado.

Subi as escadas escoltado pelas feras do senhor diretor. Não foi difícil identificar o comandante. Raimundo Tabacão adiantou-se, ordenando-me que colocasse as mãos para trás e caminhasse de cabeça baixa, sem olhar para os lados. Enquanto os homens da ditadura se reuniam a portas fechadas com o diretor do presídio, eu aguardava em pé na antessala de seu gabinete por mais de duas horas. Final-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 104 14/05/2013 17:33:18

mente a porta se abriu, e o major Paulo Roberto caminhou por entre os homens da guarda interna em minha direção.

– Lamento muito por sua inútil teimosia, você sabe que não adianta nada remar contra a maré. Deixe a ideologia de lado, pense na sua família. Eu bem que tentei, fiz minha parte lhe oferecendo uma saída, portanto estou de consciência tranquila. Mas continuo à sua disposição. Caso decida mudar de ideia, basta comunicar ao diretor.

O diretor do presídio, coronel Atanásio, se aproximou e se dirigiu a mim com deboche:

– Quer dizer então que tu fazes parte do esquadrão da faca de mesa? Da turminha desastrada que imaginava derrubar o governo armada de estilingue?

Postado à sua frente, segui à risca as ordens de Tabacão e, de mãos para trás e cabeça baixa, ouvi em silêncio. – Quero lhe dizer – ele prosseguiu – que não é meu costume receber recém-chegados aqui no meu gabinete. No seu caso, estou abrindo uma exceção, por recomendação do major Paulo Roberto e, também, por se tratar de preso enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Por isso, fiz questão de pessoalmente lhe esclarecer como essa casa funciona. Você acaba de entrar no reino da ordem e da disciplina, aqui não tem lugar para subversão, não! Não se meta a besta! Estou lhe avisando. Fique atento, não espere que se repita duas vezes a mesma ordem, trate de cumprir com presteza as determinações de nossa polícia interna, até porque eles têm o pavio curto e, às vezes, agem pela emoção. Por último, é bom saber ainda que existe por aqui um certo temor em relação aos comunistas, os internos daqui conhecem muito bem esse tipo de gente, são capazes de qualquer coisa, de trair a pátria, de matar o irmão ou até mesmo a própria mãe em nome da sua ideologia. Por isso, cuidado! Não deixe a casa cair na tua cabeça.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 105 14/05/2013 17:33:18

Depois da cantilena, o diretor me liberou para o ritual de recepção, que, entre outras coisas, incluía vinte e quatro horas a pão e água, em uma fétida e escura solitária.

Don José interrompeu a conversa para informar que já eram duas da manhã, que talvez fosse melhor nos pouparmos, pois a viagem para La Paz na carroceria de um caminhão de mudança não seria nada fácil. Mesmo estando com muita disposição de continuar, seria prudente que nos recolhêssemos para descansar. Janete pediu que ele não se preocupasse; por ela, vararíamos a noite conversando. Prontamente apoiei a sugestão, pois sabia que não teríamos outra chance de contar aquela história a don José, e não queríamos partir sabendo haver subtraído a verdade a alguém que tanto nos havia ajudado. Don José se levantou, saiu em direção ao banheiro, depois passou pela cozinha, retornando com mais uma cerveja na mão...

– Tudo bem, então vamos continuar. Sabe... fiquei curioso em saber se, por acaso, vocês já tinham sido presos em outra ocasião.

– Eu sim – respondi –, mas nada que possa ser comparado com os quase onze meses que passei nesses porões.

– E como aconteceu essa sua primeira prisão? – insistiu Don José.

– Eu tinha 16 anos e morava em Macapá. Faz sete anos.

Estava de férias do colégio, quando fui com um colega passar uns dias numa comunidade ribeirinha nas margens do rio Cupixi, no oeste do estado, a meio caminho de Serra do Navio, cidade construída em plena floresta amazônica nos anos 1950 por uma empresa mineradora norte-americana que extrai e exporta manganês em larga escala. A empresa construiu uma estrada de ferro para transporte do minério, e três vezes por semana colocava um trem de passageiros no percurso Serra do Navio-Macapá para atender funcionários, como o pai de Janete, que na época era cozinheiro da empresa, e as pequenas comunidades ribeirinhas e agrícolas instaladas em suas

Florestas do meu exílio Final 3.indd 106 14/05/2013 17:33:18

margens. Nessas férias, fiz minha primeira viagem de trem, de Macapá até a estação do rio Cupixi, 122 quilômetros depois. Desci do trem, e depois de uma curta caminhada até a margem do rio encontrei seu Antônio, pai do meu amigo, que me esperava numa pequena "montaria", como a gente chama a canoinha a remo lá no Amapá. Nesse dia entendi o real significado da expressão "remar contra a maré". Fizemos um esforço gigantesco para avançar contra a forte correnteza. Levamos duas horas subindo o rio, para realizar um percurso que, na descida, se fazia em quinze minutos. Finalmente, de língua de fora, conseguimos chegar ao nosso destino.

Cacei, pesquei, tomei muito banho de rio, mas também aproveitei para visitar alguns agricultores da redondeza. Com eles, aprendi a fazer farinha de mandioca usando ferramentas tradicionais, como o tipiti, prensa trançada de folha de buriti, herdada dos povos indígenas, que antes da presença europeia habitavam densamente a região. Nas conversas com os colonos, fiquei sabendo dos problemas que os afligiam e que me levariam à prisão pela primeira vez.

Normalmente, eles transportavam seus pequenos excedentes de farinha, de dois a cinco sacos de sessenta quilos, no trem da empresa, para vender em Macapá, onde conseguiam um melhor preço. Mas aquele era um momento especial. A farinha de mandioca, elemento básico na dieta popular, havia desaparecido do mercado; Macapá vivia uma enorme escassez do produto e os preços haviam disparado. Conversando sobre a questão, alguns colonos me contaram que não adiantava tentar levar a farinha para comercializar em Macapá, pois não conseguiam passar da estação de Santana, localidade vizinha distante vinte quilômetros e ponto final da linha férrea. Lá, eles eram obrigados pelos agentes da Delegacia de Economia Popular a entregar sua produção pelo preço tabelado, muito abaixo do valor de mercado, a um comerciante indicado pelos agentes. A des-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 107 14/05/2013 17:33:18

culpa era que os agricultores não podiam vender seu produto direto ao consumidor porque não possuíam registro comercial legalizado.

No trem, voltando das férias, encontrei um grupo de colonos que levava farinha para vender em Macapá. Repetiram-me a mesma história, acrescentando que alguns de seus companheiros, ao não aceitar a imposição dos policiais, recebiam voz de prisão.

– Nessa época, eu vivia no Igarapé das Mulheres, bairro muito pobre localizado em uma várzea banhada pelas marés caudalosas do rio Amazonas. Não havia arruamento, andava-se por caminhos lamacentos ou então com água na altura dos joelhos. Energia elétrica, só por algumas horas por dia; água tratada, nem pensar! Creio, don José, que o meu bairro da periferia de Macapá, tirando as inundações, é muito parecido com o bairro Mineiro daqui de Cochabamba. E tem outra coincidência: aqui, o senhor é dono do único comércio do bairro, lá meu pai também tocava uma mercearia bem pequenininha, muito humilde, mas com registro comercial, como a lei determinava.

Quando cheguei em casa, contei tudo a meu pai, falei da extorsão e das humilhações impostas aos colonos. Como ele reagiu indignado, criei coragem e sugeri que me enviasse para comprar farinha para sua mercearia. Ele concordou de pronto, mas não tinha dinheiro suficiente para comprar uma quantidade que valesse a pena, e pediu-me um pouco de paciência. Não precisou tanto: quatro dias depois, entregou-me seu registro de comerciante e o dinheiro que conseguira. Dava para comprar cinco sacos.

Na madrugada seguinte, tomei o trem de volta para Cupixi. Comprei a farinha e combinei com os colonos que despacharia todos os volumes em nome da firma de meu pai, assim eles ficariam livres das garras dos policiais corruptos da Delegacia de Economia Popular. Assim foi feito. O trem parou na estação de Santana por volta da

Florestas do meu exílio Final 3.indd 108 14/05/2013 17:33:18

meia-noite. Assim que os colonos começaram a desembarcar a farinha, os agentes correram em cima para forçar a venda: foi então que me apresentei, dizendo que a farinha pertencia à firma de meu pai e que iria ser comercializada em Macapá. Inconformados, não arredaram pé do local, cercando-me, vociferando ameaças enquanto mais de cem sacos do precioso produto embarcavam em um caminhão, sob o olhar incrédulo de seus produtores.

Chegando a Macapá, fizemos a distribuição de porta em porta. A farinha descia na casa de parentes ou de amigos dos colonos, eram mais de vinte proprietários, todos felizes por terem escapado da chantagem policial e por conquistarem a possibilidade de vender sua farinha por um preço melhor. Naquela noite, depois de descarregar os cinco sacos de farinha que de fato pertenciam a meu pai, entrei em casa me sentindo o máximo – o Davi que acabara de derrotar Golias –, e não via a hora de o dia amanhecer para contar a meus irmãos e amigos a minha façanha.

Antes de os primeiros raios de sol despontarem, uma viatura da Delegacia de Economia Popular parou em nossa porta para inspecionar o estoque de farinha adquirido dos colonos do Cupixi pela firma de meu pai, que prontamente abriu sua birosca e mostrou aos agentes a farinha que havia recebido poucas horas atrás.

– Só isso? – perguntou um deles.

– Sim, é tudo – respondeu meu pai.

– Pois olhe, aqui temos uma nota de despacho onde consta que sua firma comprou e transportou por via férrea 120 sacos de farinha. Nós queremos saber onde se encontra esse estoque, caso contrário, teremos que notificá-lo por crime de sonegação.

Meu pai, que jamais se envolvera em qualquer situação delituosa, assustou-se e foi me chamar para que eu explicasse aos policiais como fora feita a distribuição do restante da farinha. Cansado e sono-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 109 14/05/2013 17:33:18

lento, levantei e relatei o que tinha acontecido. Tentei de toda maneira convencê-los de que agira corretamente para proteger os colonos do achaque de seus colegas corruptos e permitir que a farinha voltasse a ter um preço razoável. Não aceitaram minhas explicações, levaram-me preso sob a acusação de sonegação e comercialização clandestina de farinha. Fui levado à presença do delegado, doutor Osmar Tavares, que de dedo em riste e aos berros me chamava de mentiroso, insolente, e exigia provas da corrupção de seus subordinados. Eu estava tão convicto das minhas razões que o berreiro do delegado não me intimidou e lhe respondi no mesmo tom: "Tenho provas sim!". Enfurecido, o delegado vociferou:

– Metam esse moleque no xadrez!

– Foi essa, don José, minha primeira experiência de prisão. Fiquei pouco tempo encarcerado, menos de duas horas. Para minha sorte, nessa época eu era estagiário no gabinete do promotor público da cidade, doutor João Telles, a quem minha mãe, aos prantos, foi pedir ajuda. O promotor se informou sobre o caso e, em seguida, dirigiu-se à delegacia, determinando que eu fosse imediatamente posto em liberdade. Dias mais tarde, o doutor Telles me representou contra o delegado por abuso de autoridade e conivência com corrupção. Mesmo tendo passado um grande aperto nas mãos da polícia, saí com o moral elevado, orgulhoso de minha atitude. Em casa, fui recebido com festa.

Don José tomou um gole de cerveja, festejando o final feliz da história e em seguida comentou:

– Estou pensando na incerteza dos próximos dias sem notícias de vocês, mas estou confiante, porque com Deus no coração não há o que temer. Mas continue, continue, fale mais sobre a chegada ao presídio.

Depois das "boas-vindas" no gabinete do diretor, fui levado à torre do campanário, situada no sótão da capela, a mesma do tempo

Florestas do meu exílio Final 3.indd 110 14/05/2013 17:33:18

em que ali funcionava um convento. Mandaram que eu tirasse a roupa. De cueca, com as mãos para trás, fizeram-me sentar em um tamborete. Um dos homens da guarda, munido de uma máquina enferrujada, raspou minha cabeça, e a dor era tanta que pensei estar sendo escalpelado. Ao final do suplício, com a cabeça em brasa, demorei a entender a ordem de levantar e com uma estocada de cassetete na altura dos rins ele me fez entender a "mensagem". De cabeça baixa, fiquei de pé, atento à próxima ordem.

– O homem está pronto! – disse um carcereiro ao outro. – Pode anunciar!

Esforçava-me ao máximo para entender o que diziam para evitar novas surpresas, no entanto a dor e a humilhação me causavam confusão mental. Aturdido, ouvi soar o *blém* da campana, uma só badalada anunciando que um novo preso acabava de entrar no presídio. O som daquele toque solitário calou fundo em minha alma, indo se alojar definitivamente em algum ponto obscuro da memória; até hoje, quando ouço o primeiro toque de uma campana, sinto como se retornasse ao passado.

Com Raimundo Tabacão à frente e mais quatro guardas às minhas costas, desci a escadaria da torre. Ao pisar na parte interna, todos sacaram seus cassetetes; imaginei que seria trucidado a pauladas. Mas era só uma demonstração de que ali reinavam de forma absoluta, e a escolta continuou sua caminhada, atravessando a penitenciária de uma ponta a outra até a bateria de banheiros, colados à parede dos fundos do prédio. Enfiaram-me, por alguns segundos, debaixo de uma ducha de água fria. Em seguida, retomei o caminho de volta com destino à solitária. Grotesco desfile, seminu, todo ensopado, de cabeça raspada, com um penico na mão, sob o olhar atento de centenas de internos.

Na porta da solitária, um entrevero: Raimundo Tabacão mandou que me trancassem no terror dos internos do São José, o

Florestas do meu exílio Final 3.indd 111 14/05/2013 17:33:18

chamado "Cinzeiro", buraco escavado na parede do prédio colonial. Das paredes encharcadas de umidade gotejava permanentemente um líquido viscoso, nauseabundo, que empesteava o ar já asfixiante provocado pelo reboque de sal e cal. O subcomandante da Polícia Interna, Mário Tortinho, contestou a decisão de Tabacão, lembrando-lhe a determinação do diretor de trancar o preso em uma das solitárias existentes ao lado do Cinzeiro. Depois de um acirrado bate-boca, muito a contragosto, Tabacão decidiu cumprir a ordem do diretor. Assim que fecharam a porta do cubículo, mergulhei na mais completa escuridão.

Vinte e quatro horas depois, fui retirado da solitária, devolveram minhas roupas e me encaminharam ao quartel-general (na verdade, uma cela igual às outras, com a diferença de que nela habitavam os membros da polícia interna, cuja porta nunca se fechava).

Nesse momento, percebi quão surreal era o do estranho mundo em que acabara de entrar. A responsabilidade pela segurança e disciplina interna do presídio estava inteiramente nas mãos de um seleto grupo de reclusos, escolhidos a dedo entre os homicidas, quase todos analfabetos. Investidos do poder de polícia pelo diretor, exerciam, com arrogância e truculência, sua autoridade no quadrilátero interno dos muros da penitenciária. Com mais de quarenta anos de pena por vários homicídios, entre eles o da própria mãe, Raimundo Tabacão era o chefe, a autoridade máxima da polícia interna, temido e odiado por todos. Na parte externa, a segurança era garantida por homens armados da Polícia Militar.

Depois das informações sobre horários e obrigações da vida cotidiana, fui acompanhado por um dos guardas até a cela número 2, no segundo andar, à direita do portão principal. À primeira vista, e sem saber a lotação, mesmo quase sufocando com o odor de creolina, tive uma boa impressão do espaço. Pequenos armários individuais

Florestas do meu exílio Final 3.indd 112 14/05/2013 17:33:19

com chave rodeavam as paredes da cela, e o guarda me indicou um para que eu guardasse minhas coisas.

Na descida para a convivência coletiva, ao pé da escada, fui recepcionado pelo Esquadrão da Faca de Mesa, alcunha com que o diretor designava o trio: Tadeu, secundarista de 17 anos; Camorim, estudante de marinha mercante, de 21; e Pedro Alcântara, estudante do quarto ano do curso de medicina, o guru da turma, com 27. A trinca, mais Fátima, de 15 anos, noiva de Tadeu, envolveu-se em uma primeira e única ação que os levou à prisão. Caçados pela polícia, Camorim e Pedro foram se esconder no sítio cujo recibo de compra e mais as cartas a eles destinadas foram encontradas na minha maleta, o que os levou à prisão. Nos abraçamos demoradamente e rimos muito sem saber bem do que, talvez do fato de estarmos vivos ou simplesmente pelo reencontro.

– Égua, mano! Quase me matam!

Ficamos um tempão conversando, trocando informações, lamentando as baixas que sofremos – mas também comemorando por aqueles que escaparam.

Don José voltou a interromper:

– Desculpe minha curiosidade, mas a idade deles chama a atenção. Que compreensão política tem uma menina ou um menino de 15 anos? Será que estavam preparados para fazer o que fizeram? E como uma organização armada admite engajamento de gente tão jovem?

– Para alguns jovens, a motivação veio do "Minimanual do guerrilheiro urbano", texto escrito em 1969 por Carlos Marighella, o líder da ALN, de quem lhe falei anteriormente. Cópias mimeografadas desse manual se espalharam de norte a sul do país, indo parar, principalmente, nas mãos de estudantes universitários. Sem vínculo com qualquer organização política, eles interpretavam e seguiam os ensinamentos de Marighella, agindo por conta própria nos de-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 113 14/05/2013 17:33:19

nominados "grupos de fogo", que surgiram em vários pontos do país para se contrapor à ditadura. Participavam das manifestações de rua, pichações de muro, panfletagem em porta de fábrica, ou até mesmo de ações mais pesadas e ousadas, incluindo assaltos, como o planejado pelo Esquadrão da Faca de Mesa. Em Belém, qualquer ação que pudesse chamar a atenção da repressão era tudo o que Marighella não queria. A cidade era estratégica: por ali passariam os combatentes treinados em Cuba com destino à área de guerrilha, localizada em algum ponto da região do Bico do Papagaio, na divisa entre os estados do Pará, Maranhão e Goiás. Por essa razão, havia ordem expressa, tanto da direção nacional, como da regional, de que nenhuma ação poderia ser realizada na região. Contrariando essas determinações, dois grupos autônomos em Belém, sem qualquer controle, por sua conta e risco, realizaram ações que se revelaram desastrosas. A primeira, comandada por um imberbe estudante secundarista de apelido Bibico, recrutou e armou um "grupo de fogo" composto por ele, no comando, e mais três parceiros, dois deles sem qualquer militância política, na verdade delinquentes com passagem pela polícia. O quarteto assaltou uma fábrica de sorvete. Em poucas horas, seus três comparsas foram levados à prisão e até hoje cumprem pena no São José. A segunda ação envolvia a valorosa trupe do Faca de Mesa, mas essa ficou só na intenção, o assalto nem chegou a acontecer.

– Se o assalto não aconteceu, por que razão os meninos foram presos? – reagiu don José.

Os quatro moravam no mesmo bairro, eram amigos de longa data e costumavam se encontrar para bater papo, ouvir música, ir ao cinema. Pedro, o mais velho, já no quarto ano de medicina, era o único com um pouco mais de experiência. Militante do movimento estudantil, havia participado da última greve e ocupação

Florestas do meu exílio Final 3.indd 114 14/05/2013 17:33:19

da Faculdade de Medicina, estava sempre em manifestações de rua e teve alguns enfrentamentos com o batalhão de choque da PM. Claro, levando sempre a pior. Em uma dessas ocasiões, caiu preso. No Batalhão Especial, foi recepcionado por um violento corredor polonês, apanhou de todos os lados, tanto que não conseguiu chegar ao final; desmaiou.

A partir desse dia, passou a odiar os militares. Esse sentimento lhe motivava à ação. Participava das panfletagens, não perdia uma pichação de muro – mas isso ainda não o saciava, queria ir além, ficava eufórico ao ouvir histórias da participação de estudantes em ações armadas no Rio e em São Paulo. Foi assim que, sem consultar ninguém, decidiu organizar seu próprio grupo político. Inicialmente, a conversa girou em torno de temas da vida estudantil: carência de professores, instalações precárias, falta de equipamentos. Depois foram politizando a discussão, indo da tentativa do governo de privatizar as universidades, passando pela censura, fechamento da União Nacional dos Estudantes (UNE), dos grêmios estudantis, até as prisões, tortura e assassinatos de jovens estudantes em manifestações de rua e nos calabouços do regime. Não demorou para que chegassem à conclusão de que já não havia espaço para a luta pacífica, de que era preciso responder "à violência da ditadura com a violência revolucionária". E resolveram começar sua nova missão pela "desapropriação" de uma distribuidora de cigarros. O produto da ação seria entregue à ALN, pois, além da demonstração de admiração e respeito pelo líder Carlos Marighella, queriam também sinalizar a existência de um "grupo de fogo" disposto a integrar a guerrilha urbana da organização.

Para realizar a ação, o grupo precisava de armas e munição. Logo, concluíram que a maneira mais fácil de adquiri-las seria "expropriá-las" dos guardas-noturnos, presentes em cada quadra da cidade.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 115 14/05/2013 17:33:19

– Uma barbada! – assegurou Pedro. – Pra garantir essa primeira fase, só precisamos de um carro.

Tadeu logo ofereceu o de seu pai.

– Não! – retrucou Pedro – Isso é burrice! Queimação pura, imagina se dá uma cagada e prendem teu pai? Não, meu camarada, não somos filhinhos de papai, somos revolucionários! Vamos resolver isso de acordo com o "Manual". Primeiro, vamos "puxar", digo, vamos "desapropriar" um carro, para em seguida partirmos pra cima deles. Tenho certeza de que, em uma noite, teremos um estoque de armas para armar um batalhão, e ainda vamos fazer esses guardinhas de merda engolirem seus apitos. Depois, vamos partir para nossa primeira grande operação, sem deixar vestígios, como recomenda o "Manual". Parece muito simples, basta que um de nós saiba fazer ligação direta no carro.

Entreolharam-se, esperando uma manifestação positiva, e nada; apenas o silêncio. Diante do impasse, Pedro se apressou em apresentar outra proposta, prontamente aceita por unanimidade.

Naquela mesma noite, por volta das 23h30, Fátima, toda produzida, vestindo uma ousada minissaia, foi colocada de isca na avenida Nazaré, esquina com a travessa Rui Barbosa, no coração da classe média belenense, pedindo carona aos passantes. Não demorou e um carro encostou no meio-fio, desligou o motor e baixou o vidro. Ela se aproximou puxando conversa. Enquanto isso, os três espreitavam a poucos passos dali, aguardando que ela conseguisse retirar o motorista de dentro do carro para então imobilizá-lo e se apossar do seu veículo.

A conversa entre os dois corria solta, mas Fátima não conseguia convencê-lo a descer para continuar o papo na rua. Em dado momento, para desespero de seus companheiros, ela decidiu entrar no carro. Antes mesmo de baterem a porta, Tadeu se precipitou, vendo

Florestas do meu exílio Final 3.indd 116 14/05/2013 17:33:19

sua noiva na iminência de sumir com um desconhecido, e deixou o esconderijo, gritando em sua direção. O motorista, assustado, rodou a chave no contato, mas antes de dar partida Camorim já estava em cima dele, aplicando-lhe uma "gravata" com o braço direito. Mas o homem era forte feito um touro e conseguiu colocar o carro em movimento. Com Camorim pendurado no pescoço, avançava para prensá-lo no primeiro poste à sua frente. Diante do perigo, com a mão esquerda Camorim sacou a arma que carregava na cintura, uma faca de mesa, e com ela tentou desesperadamente colocá-lo fora de combate, sem nada conseguir. Na iminência de ser esmagado contra o poste, afrouxou a "gravata", e o homem arrancou cantando pneus pela avenida Nazaré, sumindo com Fátima dentro do carro.

Como se não bastasse o desvario, a inexperiência e a improvisação, o grupo teve um tremendo azar. A "vítima" era um homem da repressão, capitão da Marinha de guerra, e levou Fátima direto para o Centro de Informações da Marinha (Cenimar), onde trabalhava. Interrogada violentamente, contou o que sabia e o que não sabia. Na mesma noite, sua família e a de seus companheiros de aventura tiveram suas casas invadidas, e todos foram arrancados da cama por um enorme contingente de fuzileiros navais. O Cenimar, com seus congêneres do Exército e da Aeronáutica, compunha a trilogia da repressão que aterrorizava o país. Tadeu foi preso na mesma noite, na casa dos pais de Fátima. Camorim e Pedro ficaram algum tempo escondidos na casa de amigos, depois se transferiram para a área próxima do que seria o futuro acampamento guerrilheiro, onde, meses depois, foram presos.

A comemoração no presídio São José se prolongou até que a campana ecoou.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 117 14/05/2013 17:33:19

– São onze horas da manhã – disse Camorim.

– É hora do rancho! – emendou Pedro.

Da porta da cela número 2, os três saíram em direção ao refeitório. No caminho, eu espremia a memória na tentativa de lembrar o perfil da arquitetura externa do presídio, num esforço inútil. Mesmo havendo passado ali em frente tantas vezes, não havia sobrado nada, nem uma lembrancinha sequer. Além disso, jamais me havia ocorrido que do lado de dentro existisse tanta gente presa. Estava surpreso com aquela sociedade esquisita, submetida a regras, algumas claras e para todos, outras improvisadas, personalizadas e aplicadas de acordo com o humor de quem as inventava. Eu sabia que, a partir daquele dia, enclausurado pelos paredões, ficaria íntimo de cada recanto daquele lugar, cujas lembranças haverão de me acompanhar pelo resto da vida.

Sem muita pressa, chegamos ao bloco do meio, de um só pavimento, que dividia o quadrilátero em duas bandas. Nesse prédio, de um lado ficava a cozinha; de outro, o refeitório; e entre os dois, uma passagem para a circulação entre os dois pátios. O prédio fora construído em 1749 pelos missionários franciscanos da Província de Nossa Senhora da Piedade de Portugal, que mais tarde, em 1758, seriam expulsos pelo poderoso e anticlerical ministro da corte portuguesa, o marquês de Pombal, juntamente com as noviças e freiras que lá abrigavam. O governo colonial então se apropriou do prédio, transformando-o em quartel. Em seguida, o prédio abrigou uma olaria, depois um hospital e, em 1843, virou cadeia pública.

Na fila do rancho, um negro enorme, cheio de ginga e de músculos, se aproximou. Beirando um metro e noventa, de fala mansa e riso solto, se dirigiu a mim:

– Escuta aí, m'ermão! Ontem à noite na solitária te entregaram uns cigarros que eu mandei?

Florestas do meu exílio Final 3.indd 118 14/05/2013 17:33:19

– Sim, os cigarros eu recebi, mas não me disseram quem tinha feito tamanha gentileza. – O Negão soltou uma sonora gargalhada, chamando a atenção dos que aguardavam a vez para receber a ração.

– Gostei! Gostei do palavreado! Escuta aqui, cambada! – bradou. – Eu sou um bronco, não entendo nada das ideias deles, comunismo pra mim não tem sentido, além do que não acho nada engraçado arriscar a vida e a liberdade à toa, como eles fazem. Ainda assim sou fã dessa galera, tudo gente bacana, educada, de boa formação – e virando-se para Pedro e Camorim, comentou baixinho: – Um dia desses, vamos virar a mesa e quebrar esse caralho! Tá foda! Olha só aquilo ali – apontou para um interno que relutava em levar a primeira colherada à boca, um caldo gorduroso, um pedaço de osso e farinha –, isso é comida? Uma porcaria, nem porco engole essa imundície.

Pedro não perdeu tempo, sapecou gasolina na fogueira:

– Bora lá! Tu podes começar já! Eu te acompanho.

Nervoso, pedi calma:

– Que porra é essa? Que negócio é esse, logo na minha chegada? Calma aí, vamos devagar com o andor... Se acontecer qualquer alteração, em quem vocês acham que os homens vão pôr a culpa?

Camorim entrou na conversa colocando panos quentes:

– Vamos parar com essa afobação! Olha a rebordosa, é tudo o que os puxa-sacos do diretor querem pra arrebentar a gente de porrada e enfiar a gente no cinzeiro e só soltar quando a guariba cantar. Acho que o melhor caminho é o da denúncia. Vamos preparar um relatório da situação e fazer chegar aos jornais. Então? O que acham da ideia?

Para o meu alívio, a proposta de Camorim foi bem recebida.

– Tudo bem – concordou o Negão –, mas quero que vocês contem a verdade verdadeira. Tem que dizer lá fora que tem gente aqui, presa, cem vezes mais decente e honesta do que os cabocos que to-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 119 14/05/2013 17:33:19

mam conta desse manicômio. Tem que pôr nesse tal relatório que essa cambada de filhos da puta rouba toda a carne quando ela chega de madrugada, deixando só o osso pra "bandidagem" roer.

O papo cessou, cada um pegou seu prato de gororoba e se dispersou em busca de um lugar para sentar. Eu consegui uma brecha em uma mesa, no meio de gente desconhecida, pedi licença, sentei-me e me apresentei declarando meu nome.

– Tá faltando o artigo, ninguém te falou?

– Como assim? Que artigo?

– Égua, não! Tu não sabes? O artigo do CP, caboco! Do Código Penal.

– Ah... sim... entendi. Mas meu enquadramento é outro, tô aqui por conta de vários artigos da Lei de Segurança Nacional, lei dos milicos, feita por encomenda pra botar medo e calar a boca de todo mundo.

– Pior que a pena braba do 121? – perguntou outro.

– Sim, com certeza, porque tem perpétua e pena de morte.

Todos silenciaram.

Na saída do refeitório, voltamos a nos enturmar. Pedro indicou um banco em frente à cela número 9, a dos contrabandistas, estelionatários e afins, onde fomos nos sentar.

– E o Negão? Quem é esse negão enfurecido? – perguntei.

– É um dos lumpens recrutado por Bibico para a "desapropriação" da Gelar – esclareceu Camorim, lembrando o assalto à fábrica de sorvetes.

– Os outros dois também estão aqui, foram presos com o dinheiro do assalto no bolso – completou Pedro. – O nome do negão é Jesus, ou melhor, Jesus da Lapa, e não te impressiona com a onda dele, aquela história de virar a mesa é pura cascata – desdenhou.

– Eu não penso assim – retomou Camorim –, acho que, de fato, ele é um cara legal, mas se a gente ficar dando corda, acaba

Florestas do meu exílio Final 3.indd 120 14/05/2013 17:33:19

aprontando. É bom não esquecer que ele foi liderado pelo porra louca do Bibico no assalto à fábrica, deu no que deu.

– Olha só! O sujo falando do mal lavado – comentou Pedro.

– Vamos deixar o Negão de lado... Depois do susto do refeitório, tô mais interessado em saber como é a vida aqui dentro, afinal, com algumas semanas de casa, vocês já são veteranos, com certeza conhecem as manhas da sobrevivência nesse "manicômio", como classificou nosso maneiroso representante do lumpesinato.

– Tudo bem, meu companheiro! Bora lá – concordou Pedro. – Pra começar, é bom saber que a campana nos tira da rede às seis da manhã e nos devolve às seis da tarde. A primeira hora do dia é para a higiene pessoal, às sete começa o café da manhã, nada diferente do almoço que acabaste de provar. Como falei, doze horas dentro da cela e doze fora dela; bateu a hora do café, evacuam as celas e batem o cadeado nas grades. Parece irônico, mas ficamos presos pro lado de fora, ninguém pode mais entrar na cela até o retorno, às seis da tarde. Com todo mundo fora das grades, os pátios ficam coalhados de gente, numa enorme agitação, em seguida começa a distribuição dos que têm o privilégio de ter uma ocupação. Nesse universo de quase quinhentos homens, talvez duzentos tenham alguma atividade, o restante coça o saco e espera o tempo passar zanzando de um lado a outro, mas isso, só os que podem transitar entre os dois pátios. Nós, por exemplo, estamos confinados no primeiro, já o Negão, esse não pode flanar por aqui. Tem mais: pra atravessar do primeiro pro segundo pátio, mesmo para ir ao banheiro, precisa pedir permissão pros homens do Tabacão, que montam guarda no corredor entre a cozinha e o refeitório. Olha só que sacanagem, até mesmo da necessidade humana mais elementar os miseráveis se aproveitam. Como as celas ficam trancadas durante o dia, só sobram os sanitários que ficam no final do segundo pátio. Para usá-los, o jeito é se humilhar

Florestas do meu exílio Final 3.indd 121 14/05/2013 17:33:19

pedindo permissão aos filhos da puta, e aí começa a crueldade: divertem-se impedindo a passagem do infeliz até que se borre nas calças. Mas não te preocupes, nós não temos esse problema, fizemos uma aliança estratégica com a "elite", que ocupa a cela número 9, tem banheiro, geladeira, televisão e está submetida a regras especiais de funcionamento. Fora a cela dos policiais, a 9 é a única que fica aberta o dia todo, por isso a gente não se aperreia, nosso passe é livre. É uma sacanagem? Claro! Um privilégio bancado a preço de grana? Sim! É, mas não me convide pra fazer revolução aqui dentro. Eu é que não vou, em nome da justiça e da igualdade, renunciar ao privilegio de mijar ou cagar, sem pedir licença, vai que esses bandidos fardados resolvam me humilhar, tal qual fazem diariamente com outros presos, aí o pau vai quebrar, por isso é melhor jogar o jogo dos caras, lá fora a gente retoma a revolução.

– É assim que se fala! – Camorim entrara na conversa. – Para evitar encrenca é preciso saber se relacionar com todo mundo, não aceitar provocação.

– Voltando à nossa rotina – prosseguiu Pedro –, para nós o dia se resume a poucos movimentos: além do café da manhã, temos o almoço às onze e o jantar às dezessete.

– Nos intervalos, eu, Camorim e Pedro aproveitamos o tempo pra ler; os demais sentam sobre os calcanhares e ficam com ar de lesos olhando o infinito. Tem razão o Negão, dá impressão de manicômio.

– Entre as atividades internas, a mais importante é a sapataria, onde os presos produzem coturnos para quem os prende. Acho que lá trabalham em torno de trinta pessoas; depois vem a alfaiataria, que ocupa uns dez; na cozinha, uns quinze; e mais alguns na administração. O grosso das ocupações se dá na rua. Presos sentenciados de bom comportamento, uns sessenta ou setenta, saem diariamente para trabalhar em obras e serviços públicos. Dessa forma, além de

Florestas do meu exílio Final 3.indd 122 14/05/2013 17:33:19

conseguir algum dinheiro para ajudar a família, recebem benefício de redução de pena conforme os dias trabalhados, numa fórmula que não sei explicar. Agora vamos às sobras, aos que ficam aqui dentro, tendo como única atividade ver o tempo passar, um dia após outro, fracionado em segundos, minutos e horas – prosseguiu Pedro. – Bem, pra esses só resta a minuciosa faxina nos quatro cantos do presídio. Mas tem mais gente que espaço pra limpar, por isso, mais uma vez, a polícia interna aproveita para agir com discriminação e brutalidade. A cada manhã, o que poderia ser algo simples e rotineiro transforma-se em momentos de tensão quase explosiva. Eles mandam colocar o material de limpeza, baldes, vassouras, trapos, detergente etc. no centro dos pátios, com os presos em volta, aí três ou quatro homens de Tabacão vão anunciando a tarefa, e, de dedo em riste, apontando seus executores. Começa pelas dependências da direção, depois o corpo da guarda, pátios, celas, banheiros. Até aí não tem novidade. O problema é que, uma ou duas vezes por semana, eles acrescentam uma tarefa extra: a limpeza da caixa de esgoto da barbearia. Esse é o momento mais tenso e odiado por todos; cabe ao chefe Raimundo Tabacão apontar as vítimas. Os escolhidos são levados pra barbearia, onde fica a caixa de visita de conexão com a rede de esgoto da cidade. Removida a tampa, obrigam o preso, sob ameaça de cassetetes, a descer no buraco e mergulhar na merda até a cintura para encher e levantar um balde para um outro pegar, transportar e despejar em um dos vasos sanitários. A merda despejada volta exatamente para o mesmo lugar de onde foi retirada, e na verdade esse é o famoso Buraco da Merda, inventado pelas cabeças deformadas dos facínoras travestidos de agentes do Estado que cuidam da segurança interna.

– Porra! Isso é um absurdo! E a direção do presídio sabe disso?

– Claro! – disse Pedro. – Não só sabe que essa tortura medieval é aplicada rotineiramente como também que isso pode levar a uma

Florestas do meu exílio Final 3.indd 123 14/05/2013 17:33:19

rebelião. Isso aqui é um barril de pólvora, os caras da guarda interna são todos homicidas, ignorantes e truculentos, aqui dentro eles mandam e desmandam, ninguém os controla, estamos à mercê desses famigerados. Não é segredo que um punhado de internos não aceita descer de modo algum no Buraco da Merda; eu sou um deles. Porra! Eu sou quase médico, não posso tolerar um absurdo desses. A direção sabe a minha posição: qualquer coisa, menos o Buraco da Merda.

A campana das cinco para o jantar surpreendeu os três no mesmo lugar. Com as informações e o apoio de Pedro e Camorim, eu estava terminando meu primeiro dia tranquilo e confiante, e já havia esquecido as previsões sombrias do cabo Caranguejo.

Às seis da tarde, havia uma grande aglomeração na porta de minha futura morada. Um polícia interno fazia a chamada nominal. Quando chegou à letra *j*, já havia uma pequena multidão dentro da cela, e continuou entrando gente. O espaço que pela manhã me pareceu amplo havia encolhido. Para acomodar tanta gente, só mesmo dormindo por turnos ou quem sabe em pé, imaginei. Fiquei parado observando os primeiros movimentos; cada um se dirigia a seu armário, retirava sua rede e a armava em lugar previamente determinado. Ora, eu não tinha lugar definido: atônito, perdido no meio daquela confusão, tomei o maior susto quando Camorim tocou no meu ombro.

– Vamos! Somos companheiros de cela, pega tua rede e escolhe, queres atá-la em cima ou embaixo?

– Porra, mano! Por que tu não me disseste antes? – comentei sorrindo.

– Falta de tempo, meu companheiro! Não importa se antes ou depois, estás melhor do que eu na minha primeira noite. Os putos aqui não abriram brecha, empurravam-me de um lado para o outro e riam, divertiram-se com a minha cara até soar o toque de silêncio, aí tive que me acomodar de qualquer maneira, no chão mesmo. Vem!

Florestas do meu exílio Final 3.indd 124 14/05/2013 17:33:19

Apressa-te, às sete ninguém pode mais dar um pio, se alguém ousar desobedecer, os homens da guarda interna entram aqui, arrastam o infeliz e o conduzem a pauladas até o Cinzeiro. Na verdade, as noites aqui são tensas e perigosas, depois das seis não fica ninguém da direção do presídio, então os assassinos fardados fazem o que bem entendem. Não te assustes se daqui a pouco ouvirmos gritos desesperados vindos de longe. São internos que, ao longo do dia, por uma razão ou outra – quase sempre fútil, como cruzar o olhar com um polícia ou lhes negar um cigarro – foram mandados à solitária ou ao Cinzeiro. À noite são retirados do castigo e levados para os fundos, no segundo pátio, trancados na barbearia para abafar os gritos e barbaramente espancados.

A cela número 2 era um retângulo de mais ou menos cinco metros de largura por quinze de comprimento, dividido longitudinalmente por uma pesada travessa de madeira, que, de um lado e outro, sustentava a cada meio metro três escápulas, uma sobre a outra. Dessa forma, empilhados, mais ou menos noventa detentos eram obrigados a permanecer espremidos e quase imobilizados durante intermináveis doze horas. Aquele amontoado de gente confinada num espaço tão reduzido, numa cidade de clima quente e úmido, com temperatura média anual de 26 graus... Dá pra imaginar o tamanho do pesadelo de cada noite passada ali. A umidade, o calor abafado, o odor de corpos suados misturado a detergente e amoníaco; sufocava. Senti saudades da 5ª Companhia.

– Égua, Camorim! Se isso aqui não é o inferno, deve andar muito perto. Como dormir nesse forno?

– Calma, irmão! Ruim mesmo, só a primeira noite, depois a gente acostuma.

– Porra nenhuma, mano! Eu não vou me acostumar nessa pocilga, vou dar meu jeito, eu não vou ficar aqui por muito tempo, vou deixar esse inferno bem antes do que muita gente pensa.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 125 14/05/2013 17:33:19

– Égua, caboco! Nem bem chegastes e já estás pensando em fugir?

– Na verdade, só vim parar aqui por causa de um malandro chamado Juvenal, que resolveu assaltar um navio coreano e terminou melando meus planos de escapar da 5ª. Tava tudo acertado. A essa hora, em vez de estar aqui me esvaindo em suor e raiva, estaria nas fileiras da guerrilha boliviana continuando a luta do Che.

Em poucos dias, passei a dominar a geografia do presídio. O bloco de entrada, voltado para a praça Amazonas, de dois pavimentos, abrigava o almoxarifado e a guarda externa no térreo, nos altos a diretoria. Nos blocos laterais, as celas ocupavam seus dois andares, uma delas feminina, isolada da cela dos homens, contígua à diretoria, e que abrigava entre quinze e vinte reclusas. No centro, estava o prédio da cozinha e o refeitório, separando os dois pátios. No segundo, havia uma quadra a céu aberto, onde, eventualmente, jogava-se futebol, vôlei ou basquete, e, em volta da quadra, um prédio de um pavimento abrigava a sapataria, a sala de aula e a alfaiataria. Coladas ao muro dos fundos, a barbearia e a bateria de banheiros. Independentemente da minha vontade, estava consciente de que teria de me mover por tempo indeterminado dentro daquele espaço cheio de armadilhas e perigos. Portanto, era importante conhecer cada recanto e inteirar-me do funcionamento tanto de suas engrenagens visíveis quanto das subterrâneas.

Antes de completar uma semana de minha chegada, num final de tarde o diretor me chamou ao seu gabinete.

– Veja só! Acabo de descobrir de onde vêm essas tuas ideias esquisitas. – Num tom sarcástico, prosseguiu: – Quer dizer, então, que tu passaste três anos em um seminário? Queria ser padre, é?

Florestas do meu exílio Final 3.indd 126 14/05/2013 17:33:19

– Sim, senhor diretor. Estive em um seminário católico, já faz muito tempo, eu tinha 8 anos. Sem muita convicção diria que sim, queria ser padre, mas, na verdade, a maior motivação era poder estudar em melhores condições. Naquela época, minha família estava com muita dificuldade de dinheiro, morávamos na periferia de Macapá, em uma casa sem água tratada e energia elétrica. Estudar à luz de lamparina não é nada fácil.

– Pois acho – retomou o diretor – que fizeste a opção errada, pra mim está tudo explicado, tenho certeza de que tuas ideias marxistas nasceram do contato com esses padres. Foram eles que envenenaram teu espírito com o comunismo. É por causa deles que tu estás aqui, sofrendo. Padre comunista! *Vade retro*, satanás! – fez o sinal da cruz, e concluiu: – É uma desgraça para os jovens.

– Desculpe, senhor diretor, permita-me dizer que li pouco sobre Marx, e do que li, confesso que pouco entendi. Quanto aos padres do seminário, eram italianos, e pelo que me lembro, não nutriam qualquer simpatia pelos comunistas, ao contrário, contavam histórias dramáticas das perseguições sofridas pelos padres e freiras na União Soviética.

– Está bem! Não te chamei aqui para debater política – retomou o diretor. – Na verdade, estamos em cima de Natal, e nosso presépio, além de atrasado, parece um barraco de favelado. É verdade que Jesus nasceu em uma manjedoura há quase 2 mil anos, mas não há a menor necessidade de reproduzir a cena com tanta fidelidade, portanto, quero que tu lembres dos teus tempos de seminarista, vá lá e dê uma arrumada geral, faça algo bonito de se ver. Em quarenta e oito horas vou descer pra conferir. Agora, chega de conversa, pode ir andando – concluiu asperamente.

Nesse dia, fui o último a entrar na cela. Camorim me aguardava na maior cuíra para saber o porquê daquela chamada do diretor e, depois de me ouvir, comentou preocupado:

Florestas do meu exílio Final 3.indd 127 14/05/2013 17:33:19

– Cacete! Isso é fria, precisas te livrar dessa incumbência. Corre à boca pequena que tem uma arma escondida no presépio, logo isso vai cair nos ouvidos da Guarda Interna e, caso se confirme, vai sobrar pra ti, não tenho a menor dúvida.

Num calor de quase quarenta graus, sem pregar o olho, varei a noite pensando numa saída. "O que fazer? Ao amanhecer, terei que me apresentar para trabalhar no presépio, e basta meia jornada junto com os outros para eu me comprometer e responder pela arma, caso venha a ser encontrada. Tampouco posso me recusar a cumprir a determinação do diretor", pensei. Para escapar da encrenca, precisava de um álibi convincente, o que não me ocorreu até o amanhecer.

Na descida da cela, Camorim me encarou.

– Taí! Com essa cara tu podes ir direto te apresentar na enfermaria, ninguém vai duvidar que estás mal. Se aqui houvesse um espelho tu irias entender o que estou dizendo.

– Ah! Que bom, assim não tenho que inventar nada, tô realmente me sentindo mal.

No entanto, ao colocar os pés no pátio tive uma agradável surpresa: avistei um amontoado de madeira e papel de embalagem de cimento no lugar onde, até a noite anterior, estava armado o presépio. Para meu alívio, a notícia chegou mais rápido que Camorim imaginara, e durante a noite a polícia interna não deixou pedra sobre pedra do tal presépio. Nada encontrando, resolveram aproveitar o embalo e continuar procurando, passaram um pente fino em todas as dependências da penitenciária. Foi mais um desses dias de cão, com vários detentos interrogados, espancados e mandados para o Cinzeiro por puro sadismo. No final das buscas, nada de arma, tudo não passou de um blefe de dolorosas consequências. Quanto a mim, fora a noite de sono, nada me aconteceu, livrei-me da encrenca e o diretor nunca mais voltou a falar do assunto. Naquele ano, o presídio ficou sem presépio.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 128 14/05/2013 17:33:19

No sábado, véspera da primeira visita de Janete e Artionka ao São José, fui chamado para receber o uniforme confeccionado pelos internos da alfaiataria. Deparei-me com um par de calças e camisa de brim azul, enormes, com pano sobrando para todo lado. Parecia um palhaço de circo e reclamei, ameaçando não vestir aquela roupa ridícula.

– Problema teu! – retrucou-me o chefe da alfaiataria, também detento, em tom de ameaça. – Vou logo te avisando! Amanhã é dia de visita, quem não estiver uniformizado vai direto pra solitária. Vê bem o que vais fazer!

Domingo é um dia muito especial para todo mundo, principalmente para os encarcerados. É o dia em que, por alguns minutos, voltam a ter contato com o mundo exterior por meio de seus parentes. Eu contava os minutos na expectativa da visita de Janete. Com a meia hora de atraso que levou para romper a barreira degradante da revista, conseguiu entrar com Artionka no colo, acompanhada por Lica. Ao me ver, não resistiu, largou a rir, contagiou sua irmã, e logo todos riam da "grife" que eu ostentava. Janete me prometeu mandar um uniforme chique antes da próxima visita.

A visita durava uma hora. A primeira metade do tempo, dedicávamos à nossa filha, que caminhava para o terceiro mês cheia de saúde e graça. Em seguida, às guloseimas que eram colocadas sobre a mesa e que comíamos como se estivéssemos em um piquenique. Por último, aos relatos dando conta das agruras do cotidiano. Sem renda, Janete dependia inteiramente da ajuda de familiares e amigos para sobreviver. Continuava morando na casa sobre palafitas e, com a chegada das chuvas, o temor de alagamento era constante, além da enorme preocupação com a malária e outras doenças provocadas pela total insalubridade do local. Temerosa, principalmente pelos riscos à saúde de Artionka, havia decidido procurar outro lugar para morar.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 129 14/05/2013 17:33:19

No finalzinho da visita eu lhe perguntei se havia sido contatada por alguém da organização.

– Não, os que sobraram estão mergulhados na mais absoluta clandestinidade. Está tudo muito difícil, estou sendo vigiada o tempo todo. Para encontrar alguém saio cedo para o centro, desço na praça da República, onde fico passeando com nosso bebê, depois entro e saio de vários ônibus até ter certeza de que não estou sendo seguida, para então fazer contato com alguns apoios. Foi assim que encontrei Hélio Dourado e o doutor Almir, os dois mandaram dizer que estão firmes, que tu podes contar com eles.

– Puxa! Que notícia boa! Ainda bem que não estamos sós.

De modo geral, o tempo na cadeia escorre lentamente, mas durante o horário de visita parece que alguém, de propósito, empurra os ponteiros do relógio para apressar o retorno à monotonia que congela o tempo. Os dias que se seguiram até a virada do ano, passando pelo Natal, foram melancólicos e angustiantes; a depressão contaminou os internos, provocando duas tentativas de suicídio e vários conflitos com resultados drásticos.

Dois dias antes do natal, a *Folha do Norte*, jornal de grande circulação em Belém, estampou na primeira página: "Vida de cão no presídio São José". Uma extensa matéria descrevia a péssima qualidade dos alimentos, afirmando que os ingredientes usados para fazer a comida dos presos estavam infestados de gorgulhos e larvas, que a comida servida fedia a urina. Também denunciava que os quartos de carne que chegavam completos pela madrugada amanheciam no osso, tendo sido rateados entre os funcionários do presídio. A matéria concluía responsabilizando o diretor e sua equipe pelos desmandos.

Mesmo sem saber o que estava acontecendo, todo mundo notou uma brusca mudança de humor entre os componentes da polí-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 130 14/05/2013 17:33:19

cia interna. Mostravam-se mais ferozes que de costume, porém de forma comedida; passavam o dia rosnando sem morder ninguém. Naquele dia, os contrabandistas ficaram sem ler os jornais, proibidos de entrar, e os internos só ficaram sabendo da matéria no final da tarde, com a volta dos que trabalhavam fora. Mesmo correndo riscos, eles entraram com vários recortes do jornal, que circularam de mão em mão a noite inteira. O resultado não se fez esperar. No café da manhã do dia seguinte, em vez do pão bolorento com café transparente – incrível! – serviram pão fresco com manteiga, café e leite. No refeitório, a galhofa correu solta, um falando ao outro para tomar cuidado, afinal seus estômagos já estavam tão acostumados aos alimentos podres que a brusca mudança poderia provocar diarreia. O clima de felicidade era geral, todo mundo ria – menos, é claro, os homens da polícia interna, que não escondiam a irritação e já se movimentavam à caça dos responsáveis pelo vazamento das informações. Logo, Pedro passou a figurar como suspeito número um. Para os internos, depois do almoço surpreendente daquele dia, ele tinha virado herói.

Tadeu, que morava na cela número 9, a dos contrabandistas, nos ofereceu o local para uma reunião de avaliação, longe dos olhos dos sabujos do diretor e com direito a um gole de cachaça. Ficamos por lá até que a campana soou chamando para o jantar. A principal preocupação, dali em diante, era não dar qualquer vacilo que justificasse a sanha repressora dos assassinos fardados sobre os principais suspeitos: o número um, Pedro, e seus coadjuvantes, Camorim e eu. Satisfeitos com o resultado, decidimos mais uma vez tentar atrair a atenção da imprensa, dessa vez para denunciar a existência do Buraco da Merda. Uma comissão de familiares iria até o Juiz de Execução Penal tentar convencê-lo a fazer uma inspeção às dependências da penitenciária e, ao mesmo tempo, entraria

Florestas do meu exílio Final 3.indd 131 14/05/2013 17:33:19

em contato com o jornalista que fez a primeira matéria para que acompanhasse essa visita.

Conflito no Buraco da Merda

A comissão de familiares fez o que pôde, contatou o juiz e o jornalista, apresentou um relatório detalhado da situação, mas o tempo foi passando sem que nada acontecesse, e mesmo os ganhos da primeira denúncia estavam minguando: a comida, que tinha melhorado enormemente, com o passar dos dias foi decaindo. O constrangimento pelo qual passou o diretor, tendo que se explicar diante de seus superiores, somado às perdas financeiras da turma da diretoria, que se viu obrigada a comprar comida decente para servir aos internos, não seria facilmente esquecido. Os homens de Tabacão foram estimulados a ir à forra e, ao mesmo tempo, alertados para não agir na emoção. Precisavam de um bom motivo para justificar a vingança. Ressabiado, Pedro, o mais visado, além de andar na linha, vivia cercado por Camorim, por mim e pela turma da cela número 9, comandada por Tadeu. Dessa forma, ia-se empurrando com a barriga o confronto, até que um dia...

Camorim havia extraído um dente pela manhã, estava escorado, solitário, na grade da cela número 3, próximo ao portão de entrada, quando chegou um caminhão carregado de alimentos. Vários internos foram convocados para carregar os sacos para o depósito. Ele continuou de braços cruzados, encolhido no seu canto, observando o movimento. Um polícia interno, novato, vendo-o naquela posição se aproximou aos berros:

– Tu aí, vagabundo! Anda! Te mexe antes que eu te quebre de porrada! Faz alguma coisa, pega um saco desses e leva para o depósito.

Camorim, tranquilamente, tentou explicar que não podia carregar peso por recomendação médica. Fez ouvido de mercador aos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 132 14/05/2013 17:33:19

insultos e permaneceu parado no seu canto. Nisso, chegou Tabacão acompanhado de alguns asseclas, perguntando o que estava acontecendo. O guarda informou que Camorim havia se negado a cumprir sua ordem na frente de todo mundo e que o havia afrontado para desmoralizá-lo. Tabacão não pensou duas vezes.

– Para desobediência à autoridade, o castigo é o Cinzeiro. No caso, desobediência com ofensa; vai primeiro experimentar o Buraco da Merda – sentenciou. – Quero ver se esse comunista é macho, mesmo.

E mandou que o levassem à barbearia para os preparativos. Teria a cabeça raspada, depois imersão no Buraco da Merda e, por último, quarenta e oito horas de Cinzeiro a pão e água. Era a tão adiada vingança em andamento.

A notícia se espalhou feito rastilho de pólvora e, à medida que o séquito comandado por Tabacão se deslocava com Camorim à frente (de mãos para trás e cabeça baixa), os internos iam deixando seus afazeres, aglomerando-se nos dois pátios, observando em silêncio a passagem da insólita comitiva. Ao ultrapassar o corredor, já no segundo pátio, Pedro e eu, que seguíamos nos calcanhares dos homens de Tabacão, olhamos para trás e nos deparamos com uma centena de internos enfurecidos, que nos acompanhavam dispostos a fazer qualquer coisa. Vendo o tempo fechar, Tabacão mandou um colega buscar reforço, mas ele não pôde romper o paredão humano que se ergueu no corredor, bloqueando a passagem para o primeiro pátio. Na porta da barbearia, Camorim ergueu a cabeça e se deu conta de que estava no epicentro do terremoto, que precisaria agir com absoluto sangue frio para sair vivo daquela situação. Estava cercado por dez ou doze homens da polícia interna, que brandiam seus cassetetes querendo ver sangue, e que, por sua vez, estavam dentro do cerco de mais de cem internos, emocionados, ávidos por vingança e com vontade de fazer justiça. Camorim, de forma

Florestas do meu exílio Final 3.indd 133 14/05/2013 17:33:19

respeitosa, disse ao chefe Tabacão que não havia descumprido nenhuma ordem, mas que simplesmente, por recomendação médica, não podia carregar peso, daí sua recusa. Disse que sentia muito, mas como tinha recomendação para não fazer esforço, não poderia cumprir a ordem de entrar no Buraco da Merda. De repente, do meio da massa silenciosa, uma voz isolada se levantou.

– Vamos quebrar esses putos e depois mergulhar eles na merda!

– Vamos arrancar os colhões desses miseráveis! – gritou outro.

Os ânimos se exaltaram, a massa foi apertando o cerco sobre os guardas. No meio do sufoco, Pedro levantou os braços pedindo calma e, no primeiro momento, foi atendido. Tabacão, babando ódio, mas ao mesmo tempo com medo, não sabia o que fazer. Diante do impasse, a algazarra tomou conta do ambiente. Quando o pior estava para acontecer, soou a campana. Fez-se silêncio: era o diretor, pelo alto-falante, ordenando que toda a polícia interna se recolhesse imediatamente ao comando, ou seja, à cela deles. A retirada foi humilhante: tiveram que passar entre os internos que lhes impunham o cerco, aguentaram toda sorte de desaforos, além de alguns pontapés nos traseiros, mas não reagiram. Os ânimos se acalmaram, o presídio permaneceu o dia todo nas mãos dos internos sem qualquer incidente. Depois do jantar todos se apresentaram à porta de suas celas e os da guarda interna voltaram a ocupar suas funções, fazendo a chamada e metendo todo mundo na tranca.

O dia seguinte transcorreu sem novidades até depois do almoço, quando Pedro, Camorim e eu fomos conduzidos à presença do diretor. O homem estava cuspindo bala, com um rebenque na mão. Andava de um lado para o outro dentro do seu gabinete. Nós três entramos e ficamos parados na posição regulamentar por intermináveis quinze minutos, sem que nos fosse dirigida a palavra. Todos imaginaram a mesma coisa: seríamos açoitados ali mesmo,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 134 14/05/2013 17:33:19

pelas mãos do próprio diretor. Mas, quando ele abriu a boca, foi para ordenar a retirada de seus homens do recinto. Quando um deles ameaçou ponderar, o diretor, irado, expulsou-o aos gritos. E, virando-se para nós:

– É com vocês que pretendo conversar, mais especialmente com o doutor Pedro. Escutem, que diabo está acontecendo? Por que essa quase rebelião dentro do meu estabelecimento prisional? Onde é que vocês pensam que estão? Numa colônia de férias, é? Pois vocês estão muito enganados, sei que vou ter que guardar vocês aqui por muitos anos, comigo vão aprender a respeitar a lei e a ordem. Agora, falem! Vamos, doutor Pedro, desembuche, o que o levou incitar os internos à rebelião?

– Senhor diretor, com todo o respeito, vossa senhoria já ouviu falar do Buraco da Merda? – Pedro foi direto na ferida e nem se preocupou em ouvir a resposta. – Claro que o senhor sabe. Agora, se o senhor quiser saber as consequências desse tipo de tortura, pergunte a seu filho, meu colega da Faculdade de Medicina.

– Que atrevimento! Que insolência! Devia mesmo entregar vocês aos meus homens para receberem o castigo que merecem! Mas não, não vou fazer isso dessa vez. Tampouco direi por que, só quero lhes avisar que não aprontem outra. A punição que vou lhes aplicar é quase um afago, diante do estrago que vocês causaram à minha instituição.

Dali mesmo, seguimos para a solitária, onde fomos confinados por 48 horas. Dessa vez, foi quebrada a rotina vexatória imposta aos detentos castigados. Não houve cabeça raspada. Nem desfile seminu com penico na mão.

———————

Florestas do meu exílio Final 3.indd 135 14/05/2013 17:33:19



Janete, o autor e Camorim com Artionka no colo, refeitório do presídio São José, 1971. Foto: Martins de Belém.

No último domingo de janeiro, Janete chegou muito animada: acabara de localizar uma casa para alugar a três quadras do presídio, mas que só seria desocupada no final de fevereiro. Outra novidade: havia feito amizade com a família de Roldão Amâncio, comerciante endinheirado que cumpria pena na cela número 9 por contrabando. Na verdade, ele passava o dia no presídio e, de três a quatro vezes por semana, dormia em sua casa graças a generosas propinas distribuídas entre os membros da guarda interna e da Polícia Militar, que

Florestas do meu exílio Final 3.indd 136 14/05/2013 17:33:19

franqueavam sua saída à noite. Roldão, beirando os 60 anos, mesmo fortemente escudado pelo dinheiro e sob o peso de tranquilizantes, suportava com muita dificuldade a vida na prisão, sem conseguir se livrar da depressão. Sentia nojo de tudo que o cercava, e acabou adquirindo o tique nervoso de lavar as mãos a cada dez minutos. Passava o dia inteiro com sabonete e toalha na mão, provocando risos e zombaria dos demais.

Janete conheceu Marlene, filha de Roldão, na fila de visitas. Juntas sofriam caladas as revistas humilhantes a que eram obrigadas a se submeter para ingressar no presídio. Depois da visita do domingo anterior, as duas foram caminhando e conversando até a praça Batista Campos. Na hora de se separar, Marlene insistiu para que andassem duas quadras mais para visitar sua mãe, dona Emília, a matriarca da família, que vivia enclausurada, envergonhada pela prisão do marido. Deprimida, a pobre mulher estava de cama há meses. Janete imaginou o tamanho do sofrimento de sua mãe, caso soubesse das dificuldades que ela estava vivendo, e, com pena, cedeu. Conversaram por muito tempo, e quando Janete deu pelas horas já passavam das onze. Levantou-se apressada para voltar para casa, mas dona Emília e Marlene, alegando que já era muito tarde, convenceram-na a ficar para dormir. No dia seguinte, dona Emília não queria deixar que Janete se fosse e pediu para que viesse, com o bebê e sua irmã Lica, passar alguns dias em sua casa, que era ampla, com vários cômodos sobrando. Janete agradeceu e prometeu dar resposta na outra semana.

Na visita seguinte, Janete me falou sobre o convite da família de Roldão. Disse-me que aceitaria passar um tempo com eles até que a casa que ela queria alugar fosse desocupada. A presença de Janete, com sua história peculiar de engajamento e luta política, acompanhada de Artionka e Lica, ajudou a aliviar as dores e tensões da família de Roldão, que não conseguia enfrentar a rejeição da sociedade

Florestas do meu exílio Final 3.indd 137 14/05/2013 17:33:19



O autor com Artionka no colo, acompanhado de Janete e Lica. Presídio São José, 1971.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 138 14/05/2013 17:33:19

pela prisão de seu prestigiado chefe. Essa relação de amizade tornou-se tão forte que terminou repercutindo dentro do presídio. Roldão passou a sentir que nos devia favores, principalmente a Janete, por ter devolvido à sua mulher e filhos a vontade de viver, de superar obstáculos, de seguir adiante. Roldão decidiu articular minha transferência e a de Camorim para a cela número 9, o que aconteceu poucos dias depois.

Com uma semana de convivência com meus novos companheiros na nova cela, passei a ter uma dimensão melhor do poder exercido pela polícia interna. Não só ela regia a vida dos presos como detinha o monopólio sobre os negócios, fazendo concessões para venda de alimentos, remédios, cigarros e até mesmo bebidas alcoólicas, tudo com conhecimento da direção. No entanto, tinha uma virtude capaz de fazê-la superar e perdoar seus outros deslizes: não admitiam as drogas, e combatiam ferozmente o tráfico dentro do presídio. Por essa razão, o diretor os tinha na mais alta conta e os considerava homens dignos e honrados. Mesmo com tanto poder e facilidades para fazer o que bem entendessem dentro do presídio, os da polícia interna não conseguiam se livrar da concorrência comercial. Cercados e vigiados o tempo todo, ainda assim a grande maioria dos internos dispunha de tempo ilimitado e muita criatividade para disputar o mercado interno. Apesar dos riscos, conseguiam romper o cerco e introduzir seus próprios produtos.

Chico Pedreira, 42 anos, já quase na metade da pena por latrocínio, era habilidoso na arte da carpintaria naval em miniatura. No final de 1969, por ser preso de boa conduta, ganhou o direito de passar o Natal e a virada do ano em sua casa. Recém-convertido, foi ao culto na Igreja Evangélica do bairro; lá ouviu o pastor contar a história do maior navio de passageiros do mundo, que naufragou porque seu proprietário era ateu e blasfemava aos céus dizendo que sua obra

Florestas do meu exílio Final 3.indd 139 14/05/2013 17:33:19

era perfeita, dotada de inimagináveis recursos tecnológicos, tão segura que nem mesmo Deus poderia destruí-la. O pastor classificou o navio como sendo uma das sete maravilhas do mundo. Depois de descrevê-lo como se nele houvesse embarcado em algum momento, revelou que, na viagem inaugural, a magnífica obra construída pela mão do homem não resistiu à mão de Deus e sucumbiu ao chocar-se contra um iceberg. Foi a pique em poucas horas, matando 1.500 pessoas e transformando-se no maior naufrágio de todos os tempos. Concluiu suas palavras lembrando aos fiéis que Deus está acima de todas as coisas e que quem blasfemar ou duvidar de seu infinito poder será castigado.

Chico Pedreira deixou o templo impressionado com a história contada pelo pastor e aproveitou os dias de liberdade para recolher informação, tendo inclusive obtido fotos do navio. Ao retornar da licença, deu início ao que seria sua obra-prima: uma réplica perfeita do *Titanic*, medindo em torno de 95 centímetros de comprimento por mais ou menos quarenta centímetros de largura. Depois de vários meses de muito trabalho, finalmente a obra ficou pronta. Uma perfeição! Causou admiração geral. O diretor autorizou Chico Pedreira a participar com sua peça em uma grande exposição de artesanato que estava acontecendo na cidade. Seu trabalho atraiu a atenção dos visitantes e várias ofertas foram recusadas, sob alegação de que os valores oferecidos não cobriam os investimentos realizados na construção da embarcação, afinal haviam sido seis meses e não seis dias de trabalho! Era o que ele dizia para justificar sua recusa, com ar desconsolado por não ter encontrado comprador que pagasse o que valia. A exposição terminou, mas Chico obteve nova autorização. Todas as manhãs, lá ia ele pelas ruas de Belém impressionando os passantes com o *Titanic* na cabeça.

Dois meses depois, e nada. O vaivém continuava e, mesmo com tantos interessados, o negócio nunca se efetivava. Um belo dia,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 140 14/05/2013 17:33:19

Chico ia subindo as escadas quando deu de cara com o vice-diretor, que o cumprimentou.

– Hoje é teu dia de sorte! Tu acabas de achar comprador para o *Titanic*, vou ficar com esta obra de arte. Passa para cá e diz lá teu preço.

Chico Pedreira não esperava por essa, bateu a tremedeira nas pernas, ficou sem ação. O vice-diretor, então, se adiantou e pegou o navio de sua cabeça. O peso era tanto que por pouco não lhe escapa das mãos, balançou um pouco e sentiu que o porão estava lastreado. Ao abrir a escotilha, sentiu o perfume adocicado da legítima aguardente de cana. Não menos que quatro litros de cachaça eram introduzidos diariamente no presídio no porão da embarcação. Nesse dia de abril, quase coincidindo com o do naufrágio do verdadeiro *Titanic*, afundou a réplica de Chico Pedreira, não sem antes ele ter amealhado uma pequena fortuna, transportando e distribuindo sua carga valiosíssima entre os internos do presídio São José. A presepada até que foi longe.

Em poucos dias pude perceber a importância da cela número 9: a movimentação era grande, ela era muito frequentada, principalmente, por membros da polícia interna, que por lá apareciam para entrega de encomendas, incluindo bebida alcoólica, para fazer acertos de saídas noturnas, angariar uns trocados ou, simplesmente, para que Tadeu escrevesse as cartas que ditavam para enviar a seus familiares. Os analfabetos, em torno de 80%, membros ou não da polícia interna, recorriam, mediante pagamento, aos ditos letrados para esse tipo de serviço. Não raro, o escrevedor de cartas incrementava os conteúdos de acordo com a sua imaginação.

Por causa de uma carta escrita por mãos alheias, o próprio Raimundo Tabacão se viu metido em uma tremenda confusão familiar. Como chefe da segurança, ele gozava da absoluta confiança do diretor, podia ausentar-se a qualquer hora, mas, ao longo dos quatorze anos que ali vivera cumprindo pena por quatro homicídios

Florestas do meu exílio Final 3.indd 141 14/05/2013 17:33:19

(um deles, dentro do presídio), raras vezes usufruiu desse privilégio. Sua vida era integralmente dedicada às relações internas, de tal forma que, em vez de visitar sua mulher, que morava em um interior distante, limitava-se a lhe enviar cartas apaixonadas e dinheiro para que ela viesse vê-lo de duas a três vezes por ano. Não saía para nada, tinha medo de vingança lá fora. Já dentro das quatro paredes era rei. Analfabeto, mas rei, que uma vez por outra precisava de um súdito para escrever suas declarações de amor à dona do seu coração. Tabacão, inspirado, ditava maravilhas para sua amada, enquanto seu escrevente ia simplesmente transformando suas palavras em frases ofensivas e colocando no papel. Em vez do tratamento carinhoso de praxe, "Amor da minha vida", começou de cara com um petardo: "Sua puta nojenta". Daí em diante, para resumir o drama, a carta inteira foi composta de ofensas e palavrões destratando sua mulher, que, por sua vez, ao lê-la, respondeu no mesmo tom.

Logo que recebeu a resposta, o rei foi correndo entregar ao escrevente para que a lesse, e, imediatamente, escrevesse sua resposta. Ele pegou a carta, deu uma olhadela nas primeiras linhas e sentiu o tamanho do estrago que tinha causado. Logo, não seria ele, pensou, a pessoa mais indicada para aplacar a fúria daquele poço de ignorância, que era tratado de corno e outros adjetivos do mesmo quilate. Colocou-se de pé, fazendo uma leitura poética daquele amontoado de palavrões, destacando o quanto ela sofria pela sua ausência, que não via a hora de encontrá-lo para recomeçar uma vida tranquila e feliz. Tabacão quase foi aos prantos e, com a resposta pronta dentro do envelope, prometeu recompensá-lo pelo que estava fazendo.

Essa história continuou por algum tempo e só foi esclarecida quando o escrevente foi colocado em liberdade. Tabacão foi procurar Tadeu para que ele se ocupasse de suas cartas. Ao ler a primeira, Tadeu tomou um susto e não teve como esconder a verdade, mas antes

Florestas do meu exílio Final 3.indd 142 14/05/2013 17:33:20

preveniu Tabacão de que havia alguma coisa errada: o que estava ali na carta era muito ofensivo e perguntou se Tabacão queria mesmo que ele a lesse.

– Claro! O que pode haver de errado numa carta entre marido e mulher?

Não tardou a descobrir. Ao ser chamado de corno pela própria mulher, duvidou do que estava ouvindo.

– Não é verdade! Tu estás mentindo, minha mulher é uma santa. Tu vais pagar caro por essa bandalheira! Vou te quebrar de porrada!

– Calma, calma, seu Raimundo! Não fiz mais que ler o que tá escrito aqui, chame alguém de sua confiança para tirarmos as dúvidas.

Roldão, que observava a cena e que molhava a mão de Tabacão com generosas propinas, aproximou-se e pediu para ver a carta.

– É, mano, infelizmente, é o que tá escrito aqui, Tadeu não tem culpa nenhuma. Trate de saber com sua mulher o que aconteceu.

Acabrunhado, de cabeça baixa, Tabacão bateu em retirada.

A conversa rolava solta em frente à cela número 9, quando, por volta das dez e meia, chegou a notícia de que o diretor tinha mandado suspender o almoço. Suspeitava-se de que algum maluco tivesse colocado veneno na comida. A cozinha ficou congestionada com a presença da polícia interna que, sem saber o que fazer, atrapalhava os técnicos, vestidos de branco, que colhiam amostras dos panelões fumegando no fogo. Nesse dia, a campana não soou chamando para o rancho, mas, mesmo assim, os internos foram chegando e formando a fila de praxe. A aglomeração era grande. Como o tempo foi passando e nada da comida, o nervosismo foi tomando conta do ambiente; um resmungo aqui, outro ali, daqui a pouco um grito isolado: "Queremos comida!". Logo, o coro se fez ouvir: "Queremos comida! Queremos comida!". Os técnicos se retiraram, os homens da segurança abandonaram a cozinha, chamaram reforços e ficaram observando

Florestas do meu exílio Final 3.indd 143 14/05/2013 17:33:20

a distância. Os internos davam claras demonstrações de impaciência. A tensão crescia junto com a fome até que, lá pelas três, a campana soou chamando a atenção de todos. Pelo serviço de alto-falantes, foi comunicado que tudo não passara de alarme falso. A comida estava boa e seria imediatamente servida. Nada mais foi dito, mas o buchicho tomou conta do refeitório. Quem teria aprontado essa?

Carcará foi meu colega no tempo da cela número 2. Ele estava entrando no sexto ano de cadeia sem que se soubesse exatamente as acusações que lhe pesavam. Falava-se em vários homicídios praticados contra os índios, no alto Xingu. Ao longo desse tempo, não soube o que era dormir em uma rede, receber uma visita de amigo ou parente, muito menos ver um advogado. Vivia abraçado consigo mesmo, falava o mínimo necessário e não molestava ninguém. A única coisa que apreciava eram as tatuagens. Depois de tantos anos de cadeia, seu corpo estava completamente tomado por elas: nas costas ostentava dois anjos alados de mãos dadas com dois diabinhos; nos braços e pernas, mulheres peladas, juras de amor e corações traspassados por flechas; na face esquerda, a estrela de Davi; finalmente, uma ave de asas longas e bico arqueado cobria inteiramente seu peito. Por causa dessa tatuagem gigante, ganhou como apelido a homenagem ao falconídeo.

Nos últimos três anos, trabalhava na sapataria sob o olhar atento do soldado Raimundo Aires, que chefiava o setor há quase vinte anos e era o único funcionário público em contato permanente com os internos. Carcará parecia contente com seu trabalho, era querido pelos seus colegas de oficina, a quem, diariamente, às nove da manhã, servia um copo de mingau de farinha d'água ou de banana, que ele mesmo preparava num fogão elétrico, em um cantinho da sapataria. Quando o mingau ficava pronto, ele improvisava uma campana, batendo com um martelo em um pé de ferro. Ao primeiro toque, todos largavam seus afazeres para acudir ao seu chamado.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 144 14/05/2013 17:33:20

Naquela manhã, como em todas as outras, Carcará preparou o mingau e chamou seus colegas. Quando todos se levantaram, o soldado Raimundo Aires, do alto do mezanino de onde comandava os trabalhos, ordenou que permanecessem em seus lugares. De cima, viu Carcará despejando no mingau já pronto alguma coisa que lhe pareceu estranha e desceu para conferir. O mingau estava borbulhando com uma camada de espuma branca na superfície. Nem foi preciso interrogá-lo: a lata de soda cáustica estava ao lado do fogão. A partir daí, pelo fato de ele ter livre acesso à cozinha, surgiu a suspeita de que ele teria tentado fazer o mesmo com a comida do almoço.

Depois de passar três semanas com a família de Roldão, Janete finalmente conseguiu mudar e organizar sua vida na nova casa, localizada tão próxima do presídio que permitia, pelos toques da campana, acompanhar minha rotina na prisão. Durante a semana, em algumas ocasiões, conseguia permissão para que eu subisse à diretoria para encontrá-la junto com o bebê. Foi depois de uma dessas visitas que o diretor me chamou em seu gabinete. Dessa vez, a conversa foi amena. Ele começou falando de seus filhos.

– Tenho um filho casado, minha nora está grávida, dentro de poucos meses serei avô. Às vezes, quando vejo tua esposa e a pequenina, tenho a sensação de que estão passando necessidades, estou certo? – Antes que eu pudesse responder, ele se adiantou. – Tenho certeza de que sim, por isso venho pensando numa maneira de ajudar. Na verdade, tenho uma proposta. Quero reabrir a escola dos internos, mas até agora não consegui professores, então me passou pela cabeça que tu, Pedro e Camorim podiam dar aula. Não tenho como remunerá-los, nem mesmo sei se os dias trabalhados na sala de aula, no caso de presos políticos, podem ser deduzidos da pena, caso vocês

Florestas do meu exílio Final 3.indd 145 14/05/2013 17:33:20

forem condenados; isso vemos depois. Para já, posso compensá-los, através da assistência social, com uma boa cesta mensal de alimentos.

No meu retorno à cela, chamei meus companheiros e falei da proposta do diretor. Mesmo achando que duraríamos pouco na função de professores, além de concordar, acharam que seria uma boa oportunidade de realizar um trabalho de conscientização política com os internos. Quanto à cesta de alimentos, no meu caso, vinha em boa hora. Os dois eram solteiros e dependentes de seus pais, não tinham problemas de sobrevivência.

Apesar das previsões pessimistas, ao longo de cinco meses tudo correu muito bem. Satisfeito e vaidoso com o sucesso do projeto, o diretor autorizou a entrada de um jornalista para divulgá-lo. Mas ele não contava que o repórter visse no assunto mais do que uma boa ação social – "Presos políticos dão aulas no presídio São José" foi a manchete publicada por ele. No dia seguinte, sem maiores explicações, não mais retornamos à sala de aulas. Os homens da ditadura, mais atentos que o diretor do presídio, percebendo os riscos de deixar a cargo dos "subversivos" a tarefa de educar os presos, colocaram um ponto final no projeto.

Hamilton Rocha

Durou uma semana o tititi na imprensa em torno desse nome, e não era apenas nas páginas policiais: manchetes anunciavam com estardalhaço seus feitos e sua transferência de Manaus para Belém, na primeira página. Muita tinta e papel gasto no relato de suas façanhas. Os dois grandes jornais diários do estado disputavam palmo a palmo a cobertura. À sua maneira, essa disputa por informação chegou ao presídio. Para os internos, não havia preferência entre um ou outro jornal, todos queriam ter acesso a um exemplar, não impor-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 146 14/05/2013 17:33:20

tava se de quinta, décima ou vigésima mão. Todos queriam conhecer em detalhes a história do homem que tinha surpreendido a todos com sua ousadia e coragem.

Um belo dia, a notícia desceu escada abaixo na velocidade de um raio, chegando aos ouvidos dos internos. Imediatamente suspenderam as atividades em curso para se dirigir aos pátios por onde deveria passar o cortejo. A curiosidade era enorme, queriam ver para crer. O homem acabara de chegar, estava sendo recepcionado pelo senhor diretor. Era ele mesmo, não havia dúvidas. O *blém!* da campana soou no alto da torre confirmando o que todos já sabiam: a chegada de mais um preso. Porém, dessa vez não era um qualquer: era ele, o cara, que, portando uma arma inusitada, assaltara um banco em Manaus. Já famoso, falava-se dele com tanta intimidade que parecia um velho conhecido.

Os jornais diziam que sozinho, de arma de brinquedo em punho, entrou num banco, rendeu seguranças, bancários, clientes, e trancou-os nos banheiros. Em seguida, raspou a grana do caixa, foi até o cofre com o gerente, de lá saiu com um saco estofado nas costas. Ganhou a rua, tomou o primeiro ônibus que passava na porta do banco e sumiu, deixando a polícia zonza, sem qualquer pista de seu paradeiro. O papo rolava solto e descontraído em frente à cela 9, a turma toda estava reunida: eu, Pedro, Camorim, Tadeu, até Jesus da Lapa deu o ar da graça no primeiro pátio nesse dia. O clima era de tamanha excitação que a polícia interna deu uma aliviada geral nos controles, permitindo o vaivém, sem interferir. Todos aguardavam a passagem do recém-chegado como quem espera final de Copa do Mundo. Análises, comentários, debates acalorados aconteciam em torno da personagem. Pedro não se conformava.

– Essa história sem pé nem cabeça não dá pra engolir. Olha só... Um cara com um revólver de brinquedo da Estrela em punho aterroriza todo mundo dentro do banco, enfia a grana num saco – imagino

Florestas do meu exílio Final 3.indd 147 14/05/2013 17:33:20

que tenha fumado um cigarrinho pra relaxar –, pega o primeiro ônibus, volta pra casa, guarda o dinheiro debaixo do colchão, depois deita e tira uma soneca. É, meus camaradas! Essa não tá fácil de engolir.

– Pois foi quase isso o que aconteceu. Taí nos jornais, repetem todo dia que era de brincadeira o revólver, e que, depois do assalto, ele pegou o ônibus e sumiu. Só foi preso porque deu azar, essa é a verdade. Pra mim tá tudo explicado, não entendo qual é a tua dúvida.

– Ora, Camorim, não vais me dizer que tu acreditas em cegonha ou em Papai Noel! Onde tu viste jornal falar a verdade? Corta essa, meu chapa! Colocaram essa arma de brinquedo na mão do cara só pra vender jornal.

– Pois eu acho – retomou Camorim – que foi isso mesmo que aconteceu. Depois das cagadas que aprontamos, a história do cara até que me parece bastante razoável, pelo visto esse cara tem mais juízo do que nós. Com um revólver de brinquedo dá perfeitamente pra blefar, mas com uma faca de mesa...

A conversa cessou quando o preso, ansiosamente esperado por todos, pisou no pátio. Os da polícia interna, como de costume, sacaram seus cassetetes, fizeram as recomendações ao recém-chegado e iniciaram a caminhada. À frente do pelotão, Hamilton Rocha, com a cabeça raspada, de cueca, com as mãos para trás, olhava para o chão. Ainda não completara 20 anos, moreno claro, estatura mediana, parecia em boa forma física, mas meio assustado com aquela recepção.

Para decepção geral, mesmo depois de vários meses, Hamilton jamais revelou qualquer detalhe do assalto ou de sua vida pessoal. O máximo que se sabia a seu respeito, dito por ele, é que era natural de Goiânia. Quando questionado se a arma era ou não verdadeira, ria e ia saindo de fininho, ou então respondia falando de um assunto completamente diferente.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 148 14/05/2013 17:33:20

Notícias da época

As matérias de jornal e suas respectivas transcrições, sem correções ou atualizações ortográficas. É relevante notar que embora tenhamos sido presos em 7 de setembro de 1970, o fato só vem a público cinco meses depois. Em 17 de fevereiro de 1971, todos os jornais, variando apenas a manchete, publicam a mesma notícia sobre o desmantelamento da "gang do terror". Na matéria sobre o assalto com arma de brinquedo, o repórter comete um erro ao chamar Hamilton Rocha de Humberto Rocha.



Folha do Norte

PAULO MARANHÃO 1896 — 1968

Diretor — CLÓVIS MARANHÃO Belém, Pará — Quarta-feira 17 de Fevereiro de 1971 Redator-Chefe: PAULO MARANHÃO FILHO ANO LXXV — N. 74 Gerentes — JOÃO MARANHÃO

GREVE EM COIMBRA

COIMBRA, 16 (AP-FOLHAS) — Cêrca de novo mil estudantes da Universidade de Coimbra iniciaram hoje uma greve de dois dias, em protesto contra a ilegal em Portugal. Agrave o patrulham os prédios da Universidade, sòmente as pessoas que se identificam como estudantes podem entrar no local, segundo declarou um estudante.

Os oito estudantes foram detidos não autorizada para protestar contra um julgamento político que se realiza em Lisboa, iniciado na quinta-feira última. Dez pessoas, na maioria estudantes, são acusadas de fazer parte do MAPLA, movimento nacionalista anti-português que opera no território africano de Angola.

Os estudantes em Coimbra disseram reconhecer a greve e registraram-se alguns incidentes entre êles e os estudantes grevistas.

Desmantelada "gang" do terror em Belém

Tudo começou com as atitudes suspeitas dos moradores da casa nº 981 da Travessa Rui Barbosa. Um ano depois, a Polícia de Belém e as Fôrças Armadas — em ação conjunta — conseguiram prender cinco terroristas e desmantelar a célula que pretendia se alastrar por todo o norte do País.

Os terroristas — tiveram contato com Marighela e Toledo e estavam especialmente designados para implantar o terrorismo na região amazônica. Contavam com apôio financeiro da Organização e alguns subversivos que vieram ao Pará, receberam curso de guerrilha em Cuba. Agora, estão no presídio São José e em prisões oficiais.

Os dois terroristas das fotos ao lado são componentes da "gang" do terror. (Noticiário completo na página 9, com fotos dos terroristas).

WANDERLEY CAMORIM

CAPIBERIBE, VULGO "CAPI"

Desmantelada "gang" do terror em Belém

Tudo começou com as atitudes suspeitas dos moradores da casa nº 981 da Travessa Rui Barbosa. Um ano depois, a polícia de Belém e as Forças Armadas – em ação conjunta – conseguiram prender cinco terroristas e desmantelar a célula que pretendia se alastrar por todo o norte do País.

Os terroristas – tiveram contato com Marighela e Toledo e estavam especialmente designados para implantar o terrorismo na região amazônica. Contavam com apôio financeiro da Organização e alguns subversivos que vieram ao Pará, receberam curso de guerrilha em Cuba. Agora, estão no presídio São José e em prisões oficiais.

Os dois terroristas das fotos ao lado são componentes da "gang do terror" (Noticiário completo na página 9, com fotos dos terroristas).

Legenda das fotos: Wanderley Camorim / Capiberibe, vulgo "Capi"

Fonte: *Folha do Norte*, Belém do Pará, 17 de fevereiro de 1971



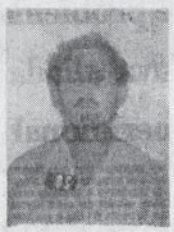
José de Jesus Lima Monteiro



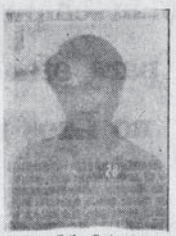
Carlos Augusto da Silva Sampaio



Airozino Furtado



Pedro Alcantara Carneiro



Satiro Costa



Flávio Augusto Neves Leão Sales conhecido por "Manoel"



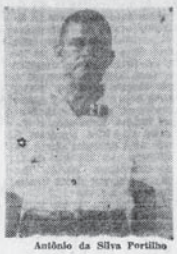
João Moacir Santiago Mendonça



José da Silva Tavares



Levy Hall de Moura



Antônio da Silva Portilho

Militares descobrem aparelho e acabam com o terror da Amazônia

Policiais e Forças Armadas de Belém conseguiram destruir um aparelho subversivo na travessa Rui Barbosa, 1981. Prenderam cinco terroristas da Aliança de Libertação Nacional (Carlos Augusto da Silva Sampaio, Paulo da Silva Gomes, João Alberto Rodrigues Capiberibe, Pedro Alcântra Carneiro e Vander Lay Camarim Gomes).

As Forças Armadas e a Polícia de Belém trabalharam em ação conjunta e atribuem a isso o sucesso da "operação" trabalham desde maio do ano passado, em completo sigilo, e foram pouco a pouco prendendo os terroristas que tinham ligações com Marighella, Toledo e outros. Ontem, o Coronel Raul Moreira, da Polícia Federal liberou as informações para a imprensa.

AÇÃO CONJUNTA

Em maio de 1970 os Órgãos de Segurança de Belém, tiveram suas atenções despertadas para a casa da Travessa Rui Barbosa, 1981, cujos moradores tinham atitudes suspeitas, investigações mais profundas indicaram os nomes de João Alberto Rodrigues Capiberibe, sua esposa e Paulo da Silva Gomes. Não eram estudantes, não trabalhavam e viviam, geralmente em casa, durante a maior parte do dia. Com o correr dos meses as atividades do grupo foram sendo conhecidas, também a identidade de um dos moradores, juntamente aquele que se mostrava mais interessado em contatos com o público e que, por isso, apenas durante a noite, às vezes, saia da casa. Era bacharel Carlos Augusto da Silva Sampaio, paraense, de quem, já há algum tempo, se suspeitava estivesse desenvolvendo atividades subversivas. Era o chefe, na Para da ALN.

Carlos Augusto, cujo codinome é "Paulo", durante o tempo em que esteve sob observação dos Órgãos de segurança, nos meios citadino, por várias vezes manteve-se contatos com pessoas vindas do Sul os quais sempre voltaram, em seguida.

Hoje sabemos terem sido eles individuos de alta periculosidade, "Tobias" e o "Raul", acreditando estarem ambos ligados ao terrorismo que se pratica no território brasileiro".

Durante o ano de 1969, Carlos Augusto Da Silva Sampaio, "Paulo" e João Alberto Rodrigues Capiberibe, "Capi", estiveram com Marighella, no Rio, e dos encontros Sucessivos Receberam do ex-líder sub versivo, além da doutrinação comunista-terrorista, o planejamento das ações subversivas a serem postas em execução na área sudeste do Estado e em Sua visita Argel além de cêrca de 20 mil cruzeiros para as despesas necessárias aos preparativos preliminares da subversão nesta parte do Brasil. Encontram-se também no Sul do País com o Joaquim Câmara "Toledo" ou "Velho" recentemente falecido em São Paulo. Os seus contatos com a cupula de liderança da Aliança Libertadora Nacional (ALN) indica que os terroristas presos estiveram em posição de destaque no esquema da subversão nacional.

Ele início de setembro de 1970, cêrca de cinco meses após a detenção do "aparelho", apareceram indícios de que estava prestes a ser desfeito. No dia 6 de setembro e no março do dia seguinte 7 de setembro indiciaram-se as prisões, colseguindo ainda os Órgãos de segurança em Belém, completo êxito na execução destas medidas. "Capi", João Alberto Capiberibe foi preso, quando já em viagem para Imperatriz, faltando Alcançar o Sítio Vicentino, na Área de guerrilha em preparativos em Praia Grande, na região Tocantina; e em seguida se prendeu "Paulo". Carlos Augusto da Silva Sampaio, na casa do motorista de táxi e antigo subversivo Arlosino Furtado, para onde, havia se mudado há 15 dias Anteriormente ao termino do "aparelho". No dia seguinte para imperatriz e dali para o campo de apoio e futuras guerrilhas, em Vila Tocantina.

"Arlosino Furtado foi preso com Carlos Augusto da Silva Sampaio e o depoimento destes vitimou nos cônovzeu a um outro perseguem de grande importância: José Silva Tavares, de codnome "Vitor", o qual chefe e de secretário se encontrava em Belem, tendo contato algum daquele ele "ponto" com o "Paulo" (Carlos Augusto da Silva Sampaio)".

José Silva Tavares "Vitor" era de grande valia no esquema de sub versão nacional, tendo curso de guerrilhas urbana e rural em Cuba, onde esteve em junho de 1968 e regressando ao brasil em meados do ano passado pelo através das fronteiras com a Bolivia, no Estado de Mato Grosso. "Vitor" com tacionou então com "Toledo" (Joa quim Câmara Ferreira) recebeu a incumbência de vir para Belem, onde receberia em seguida ordem de "Paulo", para seguir para a região tocantina onde iria pôr em prática os ensinamentos que lhe foram dados em Cuba. "Vitor", após a prisão, tentara o suicídio, mas socorrido em tempo, fora pôsto fora de perigo. Durante sua convalescença em Estabelecimento hospitalar, conseguiu fugir acreditando-se que se encontra, no momento, em atividades na região Sul ou Nordeste do Brasil.

Tôdas essas prisões iniciais permitiram concluir, logo em seguida, as diligências dos órgãos de Segurança à região de Imperatriz onde se deveria prestar atenção especialmente implicados no processo de subversão regional. As equipes de segurança Interna foram em seguida deslocadas da cidade de Imperatriz, para as margens do Rio Tocantins, onde na região do sítio Vitorino, em Ponta Grossa, fronteiro à Praia Chata, foram presos no dia 11 de setembro Pedro Alcântara Carneiro, "Alirede" e Wanderley Camarim Gomes, "Ademar". Ambos foragidos da Justiça Militar que os havia condenado, em julho de 1970 a 12 anos de prisão, cuano implicados na tentativa de sequestro de uma viatura militar. No sítio foram encontradas também, armamentos e munição de uso exclusivo das Forças Armadas. A população local, ordeira e crédula, ainda ignora desse

MAGAREFE TROCOU A FACA PELO TACO DE BILHARITO

O magarefe Raimundo Jerônimo da Silva, casado, 30 anos (nas) 14 de Março, 1705), ao agredir Maurício Lopes de Sousa trocou a faca "peixeira", seu instrumento de trabalho, por um taco de bilharito com o qual feriu a cabeça da vítima.

O "homem das carnes" foi denunciado na Justiça Criminal pelo 1º. Promotor Público Carlos Alisch Peixoto, que na denúncia encaminhada ao juiz em 18. Vara Penal diz que o denunciado se encontrava bria, casa bilhario no bar localizado na Rua São Miguel, 1690. Onde se desentendeu com seu parceiro, Maurício Lopes de Sousa, culminando por agredi-lo com vários golpes de peixeira na cabeça. Foi preso e autuado em flagrante.

MACONHEIRO

Por tráfico de maconha foi denunciado na Justiça Criminal Raimundo Pereira de Souza. A denuncia é do 2º. promotor Moacir Bernardino Dias. O denunciado foi preso em sua residência onde a Polícia encontrou grande quantidade de maconha. Foi, assim, em flagrante.

DUPLA

Com promessas de casamento Francisco Ribeiro Nascimento, vulgo "Marinela", seduziu a menor A.M.D.L., de 14 anos. Foi Instaurado Inquérito e Francisco Lima Sodré, amigo de "Marinela", compareceu à Polícia afirmou que também já havia mantido relações com a vítima. Prendida com isso salvou o amigo. O promotor Jaime Lamarão ontem denunciou "Marinela" por crime de sedução e Francisco, na corrupção de menor. Os dois entraram bem.

DOIS MORTOS E 48 FERIDOS NO DESASTRE DO CAMINHÃO

principio daquele A-O, Subordinado a um intenso trabalho assistencial desenvolvido pelos dois subversivos retardou com o que buscavam à simpatia daquela gente e apoio ao movimento de guerrilha que pretendiam trazer do Sul do País para a grande área tocantina.

Convém ser notado que outros elementos se envolveram também nas atividades subversivas, aqui relatadas e foram para isso equipamente Apontados à Justiça para julgamento. Entre êles merecem ser lembrados: o de Levi Hall de Moura ex-deputado, Suplente pela Revolução de Março de 64, o qual participou de reuniões ilegais e, proporcionou ligações seguras entre elementos vindos do Sul ao País e o chefe do ALN Regional (Carlos Augusto da Silva Sampaio), para o que até a sua própria residência foi usada. Satiro Pena Costa (Antônio Soldado) que participou de reconhecimentos ao longo dos Rios Guamá e Capim, a fim de escolher locais que servissem de apoio ao movimento guerrilheiro que esperavam desfagar no País. Satiro hospedou em sua residência Vigia, durante vários dias. Flávio Sales, subversivo mentor do Asylo à Gelar e, ine propiciou fuga para Brasília; Antonio Portilho que estudou sua residência aqui em Belém, para que os subversivos atingidos por Carlos Augusto se reunissem e transassem contra a Lei e a ordem constitucional vigente; e João Moacir Santiago de Mendonça (Zé — "Zé Pedro" — ou "Zeca") a quem atribue afeto os trabalhos em campo na Área da Imperatriz (ma), bulrando, num contato permanente aliciar a população rural para a luta armada e para a violência, coadjuvado nesse seu trabalho criminoso, por José de Jesus Lima Monteiro (Vevé) ex-guarda noturna, médico conveniado, Leonardo Teixeira Gomes (Leo). José Holanda Marques Peixoto e Teodulo Augusto Campelo de Vasconcelos (Teo), (...) bulrando, num contato permanente aliciar a população rural para a luta armada e para a violência, coadjuvado nesse seu trabalho criminoso, por José de Jesus Lima Monteiro (Vevé) ex-guarda noturna, médico conveniado, Leonardo Teixeira Gomes (Leo). José Holanda Marques Peixoto e Teodulo Augusto Campelo de Vasconcelos (Teo), (...) todos estes três últimos, sido indiciados, solenemente, no Moumento de Educação de Belas, em Conceição do Araguaia.

Nesta oportunidade vale declarar à população que diligências prosseguem, buscando os responsáveis pela Segurança Interna nesta parte da Amazônia, acorda à Justiça todos os que pretenderem trazer o Regime Nefasto de destruição e da morte e esta grande região que, no momento, num processo de labores de labor, de seus filhos busca sua Integração ao Atual desenvolvimento brasileiro". — Nota Oficial.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 150 14/05/2013 17:33:20

Militares descobrem aparelho e acabam com terror na Amazônia

Policiais e Forças Armadas de Belém conseguiram destruir um aparelho subversivo na travessa Rui Barbosa, 1981. Prenderam cinco terroristas da Aliança de Libertação Nacional Carlos Augusto da Silva Sampaio, Paulo da Silva Gomes, João Alberto Rodrigues Capiberibe, Pedro Alcântara Carneiro e Vanderley Camorim Gomes.

As Forças Armadas e a Polícia de Belém trabalharam em ação conjunta e atribuem a isso o sucesso da "operação" trabalham desde maio do ano passado, em completo sigilo, e foram pouco a pouco prendendo os terroristas que tinham ligações com Marighella, Toledo e outros. Ontem, o coronel Raul Moreira da Policia Federal liberou as informações para a imprensa

AÇÃO CONJUNTA

Em maio de 1970 os órgãos de segurança de Belém, tiveram suas atenções despertadas para as casas da Travessa Ruy Barbosa, 1981, cujos moradores tinham atitudes suspeitas. Investigações mais profundas indicaram os moradores João Alberto Rodrigues Capiberibe, sua esposa e Paulo da Silva Gomes. Não eram estudantes, não trabalham e viviam, geralmente em casa, durante a maior parte do dia. Com o correr dos meses as atividades do grupo foram sendo conhecidas, também a identidade de um dos moradores, justamente aquele que se mostrava mais arredio aos cantatos, o que, por isso, apenas durante a noite, as vezes, saia de casa. Era bacharel Carlos Augusto da Silva Sampaio, paraense, de quem, já há algum tempo, se suspeitava estivesse desenvolvendo atividades subversivas. Era o chefe, na Pará, da ALM.

Carlos Augusto, cujo codinome é "Paulo", durante o tempo em que esteve sob observação dos órgãos de segurança, nos meses citados, por várias vezes mantiveram contatos com pessoas vindas do sul os quais sempre voltaram, em seguida.

Hoje sabemos terem sido eles indivíduos de alta periculosidade, "Tobias" e o "Raul" acreditando estarem ambos ligados ao terrorismo que se pratica no território brasileiro".

Durante o ano de 1969, Carlos Augusto Da Silva Sampaio, "Paulo" e João Alberto Rodrigues Capiberibe, "Capi", estiveram com Marighella, no Rio, e nos encontros sucessivos receberam do ex-líder subversivo, além da doutrinação comuno-terrorista, o planejamento das ações subversivas a serem postas em execução na área sudeste do Estado e em suas vizinhanças além de cerca de 20 mil cruzeiros para as despesas necessárias aos preparativos preliminares da subversão nesta parte do Brasil. Encontram-se também no sul do país com Joaquim Câmara, "Tolêdo" ou "Velho" recentemente falecido em São Paulo. Os seus contatos com a cúpula da liderança da Aliança Libertadora Nacional (ALN) indica que os terroristas presos estiveram em posição de destaque no esquema da subversão nacional.

Em inicio em setembro de 1970, cerca de cinco meses após a detenção do "aparelho", apareceram indícios de que estava prestas a ser desfeito. No dia 6 de setembro e na manhã do dia seguinte 7 de setembro iniciaram-se as prisões, conseguindo ainda os órgãos de segurança em Belém, completo êxito na execução dessas medidas, "Capi", João Alberto Capiberibe foi prêso, quando já em viagem para a

imperatriz, tentando alcançar o sitio vitoriano, na área de guerrilha em preparativos em Praia Chata, na região tocantina; em seguida prendeu "Paulo" Carlos Augusto da Silva Sampaio, na casa do motorista de taxi e antigo subversivos Ariosino Furtado, para onde, havia se mudado há 15 dias antecipando-se ao término do "aparelho". No dia seguinte para imperatriz e dali para o campo de apoio a futuras guerrilhas, em vitoriano.

"Ariosino Furtado foi prêso com Carlos Augusto da Silva Sampaio e o depoimento deste último nos conduziu a um outro personagem de grande importância: José Silva Tavares, de codinome "Vitor" o qual desde 4 de setembro se encontrava em Belém, havendo coberto logo naquele dia "ponto" com o "Paulo" (Carlos Augusto da Silva Sampaio)".

José Silva Tavares "Vitor" era de grande valia no esquema da subversão nacional, tinha curso de guerrilha urbana e rural em Cuba. "Vitor" após a prisão, tentara suicídio, mas socorrido em tempo, fora posto fora de perigo. Durante sua convalescença em estabelecimento hospitalar, conseguiu fugir acreditando-se que se encontra, no momento em atividades na região sul ou nordeste do Brasil.

Tôdas essas prisões iniciais permitiram conduzir, logo em seguida, as diligências dos órgãos de segurança à região de Imperatriz, onde se deveria prender elementos altamente implicados no processo de subversão regional. As operações de segurança interna foram em seguida deslocadas da cidade de Imperatriz, para as margens do Rio Tocantis, onde na região do sitio vitoriano, em Ponta Grossa, fronteiro à Praia Chata, foram presos no dia 11 de setembro Pedro Alcântara Carneiro, "Alfrêdo" e Wanderley Camorim Gomes, "Ademir", ambos foragidos da Justiça Militar que os havia condenado, em julho de 1970 a 12 anos de prisão, como implicados na tentativa de seqüestro de uma viatura militar. No sitio foram encontrados também armamento e munição de uso exclusivo das Fôrças Armadas. A população local, ordeira e crédula, vinia sendo, desde o principio daquele ano, submetida a um intenso trabalho assistencial desenvolvido pelos dois subversivos referidos, com o que buscavam a simpatia daquele gente e apoio ao movimento de guerrilha que pretendiam trazer do Sul do País para a grande área tocantina.

Convém ser notado que outros elementos se envolveram também nas atividades subversivas aqui relatadas e foram para isso igualmente apontados à Justiça para julgamento. Entre eles merecem ser lembrados: o dr Levi Hali de Moura desembargador aposentado pela Revolução de Março de 64, o qual participou de reuniões ilegais e, proporcionou ligações seguras entre elementos vindos do Sul do País e o chefe da ANL regional (Carlos Augusto da Silva Sampaio), para que até a sua própria residência foi usada; Satiro Pena Costa (Antonio Soldado) que participou de reconhecimentos ao longo dos rios Guamá e Capim, a fim de escolher locais que servissem de apoio ao movimento guerrilheiro que esperavam deflagrar no País, Satiro homiziou em sua residência, Vigia, durante vários dias, Flávio Sales, subversivo, mentor do assalto à Gelar e lhe propiciou fuga para Brasília; Antonio Portillo que cedeu sua residência aqui em Belém, para que subversivos dirigidos por Carlos Augusto se reunissem e tramassem contra a lei e a ordem constitucional vigente; o João Moacir Santiago de Mendonça (Zé – "Zé Pedro" - ou "Zeca") a quem estava afeto os trabalhos de campo na área de Imperatriz (ma) buscando, num contato permanente

aliciar a população rural para a luta armada e para a violência, coadjurado nesse seu trabalho criminoso, por José de Jesus Lima Monteiro (Vevé) ex guarda marinha, médico convocado, Leonardo Teixeira Gazel (Leo), Jair Holanda Marques Pereira e Teodulo Augusto Campelo de Vasconcelos (Teo). Havendo estes três últimos, sido infiltrados, solertemente, no Movimento de Educação de Base, em Conceição do Araguaia.

Nesta oportunidade vale esclarecer à população que diligências prosseguem, buscando os responsáveis pela segurança interna nesta parte da Amazonia aponta à Justiça todos os que pretenderem trazer o esquema nefasto da destruição e da morte a esta grande região que, no momento, num processo hercules de labor, de seus filhos busca a integração ao atual desenvolvimento brasileiro". – Nota Oficial.

Legendas das fotos: José de Jesus Lima Monteiro / Carlos Augusto da Silva Sampaio / Airozino Furtado / Pedro Alcantara Carneiro / Satiro Costa / Flávio Augusto Neves Leão Sales conhecido por "Manoel" / João Moacir Santiago Mendonça / José da Silva Tavares / Levy Hall de Moura / Antônio da Silva Portilho

Fonte: *Folha do Norte*, Belém do Pará, 17 de fevereiro de 1971.



"CARCARÁ" FUGIU DO PRESÍDIO

Autor da morte de um branco e de presumivelmente treze silvícolas evadiu-se sensacionalmente da Penitenciaria do Estado ontem, o recluso João Fernandes de Jesus que atende pelo vulgo de "Carcará" ou "Mata índio", elemento considerado como de alta periculosidade.

Tão logo foi dada pela falta da "Carcará" a direção do presídio São José, entrou em contato com a Secretaria de Segurança, solicitando urgentes providências, visto que a permanência do fugitivo entre a população representa sério perigo, levando em conta a personalidade do recluso.

DURANTE A FAXINA

João Fernandes de Jesus, recolhido há cinco anos ao presídio São José, como acusado de homicídios (ainda não provados legalmente – fazia parte da turma da faxina

Tôdas as manhãs, entre 6 e 7 horas, "Carcará", tinha a incumbência de zelas pelas

"Carcará" fugiu do presídio

Autor da morte de um branco e de presumivelmente treze silvícolas evadiu-se sensacionalmente da Penitenciaria do Estado ontem, o recluso João Fernandes de Jesus que atende pelo vulgo de "Carcará" ou "Mata índio", elemento considerado como de alta periculosidade.

Tão logo foi dada pela falta da "Carcará" a direção do presídio São José, entrou em contato com a Secretaria de Segurança, solicitando urgentes providências, visto que a permanência do fugitivo entre a população representa sério perigo, levando em conta a personalidade do recluso.

DURANTE A FAXINA

João Fernandes de Jesus, recolhido há cinco anos ao presídio São José, como acusado de homicídios (ainda não provados legalmente – fazia parte da turma da faxina

Tôdas (sic) as manhãs, entre 6 e 7 horas, "Carcará" tinha a incumbência de zelas pelas

instalações do Corpo de Guarda e era tido como interno de comportamento razoável. Aproveitando um descuido, entre 6:30 e 7 horas de ontem, o recluso empreendeu espetacular fuga. Passou pela porta principal da Penitenciária, ganhando a praça Amazônas (sic), desaparecendo misteriosamente.

Quando a fuga foi descoberta o interno já levava bastante vantagem, tendo o coronel Anastácio Claudomiro Neves, entrado em comunicação imediatamente com o Secretário de Segurança, solicitado todo o empenho da recaptura do fugitivo.

CINCO ANOS

João Fernandes está recolhido ao Presídio desde o ano de 1966, como acusado de homicídios. Foi em jurisdição do município de Almerim que "Carcará" assassinou um seu primo e uma família inteira de índios. Um simples ofício pedia o recolhimento do criminoso à Cadeia sem contudo existirem provas convincentes para processar o acusado.

A reportagem de A PROVÍNCIA DO PARÁ, por sinal, foi quem levantou o problema com os desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado analisando os têrmos (sic) de um pedido de "Habeas Corpus" impetrado pelo advogado Carlos Senna. Por várias vezes o julgamento foi adiado visto que os membros da Egrégia Côrte não tinham informações precisas para decidir.

O H.C. em favor de "Carcará" deveria ser apreciado já para a próxima semana dependendo de novos detalhes: peças que levassem os desembargadores do TJE à definição do problema.

PERIGO

João Fernandes de Jesus é considerado como elemento de alta periculosidade. Representa insegurança para a população tanto que desde a hora em que o Secretário de Segurança recebeu a comunicação da evasão convocou o maior número de policiais disponíveis para tentar a localização e a recaptura do fugitivo.

SINDICÂNCIA

Paralelamente às medidas de prisão o coronel Anastácio Neves determinou a abertura de rigorosa sindicância para apurar a fuga de João Fernandes de Jesus.

Funcionários do Presídio São José estão também em atividades fornecendo informações precisas à Polícia já que todos estão interessados na recaptura do fugitivo.

Fonte: *A Província do Pará*, Belém do Pará, 30 de julho de 1971.



FOLHA DO NORTE — 23|8|70 — 1.º cad. 11a. Pág.

ssalto de verdade com evólver de brinquedo

MOTOR
JNCIOU
'UDA"

iz Iraci Paiva da
apuda", de 19 anos,
orque de Caxias s/n.
foi denunciada pelo
r público Carlos Ali
, como autora de je.
nais leves, sendo vi.
Maria Queiróz.
conforme a denun.
dia 8 de Junho. A
mulu com a meretriz
hecer deu-lhe ape.
60. "Papuda" exigiu
eiro, porém a viti.
unha daquela impor

tiada mulher de pes
cedentes, contando
entradas na Polí.
se de uma faca "pei
acou seu freguês oca
ferindo-lhe algumas
lando médico apenas
atesta feridas no
direito e na região

pelo crime partici
a e autuada em
o 6º DP. Os autos
ara a Justiça Cri.
recebeu denúncia do
Público.

HUMBERTO ROCHA, assaltou o Banco Português em Manaus, usando um revólver de brinquedo. Levou Cr$ 48 mil e foi preso na parada do ônibus, quando aguardava transporte para fugir.

O revólver era de brinquedo mas teve efeito positivo no assalto de verdade à agência do Banco Português em Manaus, quando empunhado pelo indivíduo Humberto Rocha, que saiu com Cr$.. 48.000,00, mas foi prêso porque, após o assalto, foi a pé esperar um ônibus na parada. Humberto Rocha agora está indiciado em IPM na Auditoria Militar, enquadrado na lei de Segurança Nacional. Foi transferido de Manaus para Belém e se encontra no Presídio São José.

O IPM está tendo seu curso normal na Auditoria Militar, perante o Conselho Permanente de Justiça do Exército sob a presidência do tte. cel. Lucimar Ribeiro.

ASSALTO

Humberto, Cunha, o homem que teve êxito em assaltar com revólver de brinquedo uma agência bancária no centro da cidade em Manaus, justifica sua atitude pelo seguinte.

E um homem pobre, sua família estava na miséria e ele também. Um filho morreu de fome, dois estavam sem comer há vários dias e sua espôsa doente passando privações porque não possuia dinheiro para se tratar.

Foi dentro dêste estado de miséria total que bolou o assalto. Sua miséria era tão grande que não tinha o dinheiro para comprar um revólver de verdade. Um seu filho porém, que dias antes havia feito aniversário e recebido de presente de um amigo um revólver, estava brincando com a "arma" na sua frente, e isso lhe despertou as idéias.

O revólver, apesar de brinquedo tem tôdas as características de uma arma de verdade.

Foi empunhado o revólver que entrou na agência do Banco Português em Manaus, pronunciando as celebres palavras: "isso é um assalto, ninguém se mexa e todo mundo para o banheiro".

O primeiro a obedecer a ordem do assaltante foi o Guarda Bancário. Trancou os funcionários do Banco e alguns clientes no banheiro, apenhou uma pasta com Cr$ .... 48.000,00 e saiu. O assalto havia sido coroado de êxito.

PRISÃO

Depois do assalto, saiu do Banco. Todos esperavam que fugisse em um carro que estava [illegible] porta do Banco com o motor ligado. Isso porém não aconteceu. Humberto, calmo e tranquilamente se dirigiu para a parada de Ônibus.

As pessoas que haviam ficado presas no banheiro conseguiram sair arrombando a porta. Correram para a rua, deram alarme e se espalharam.

Poucos metros distante do Banco estava Humberto esperando ônibus com a pasta debaixo do braço. Foi cercado por populares, prêso e entregue à Polícia.

AUDITORIA MILITAR

Humberto Rocha, foi indiciado em IPM em Manaus e depois por solicitação da Auditoria Militar foi transferido para Belém. Já compareceu a duas audiências, quando foi interrogado no sumário de culpa.

Na sexta-feira última o assaltante do Banco voltou à presença do Conselho Permanente de Justiça do Exército, em continuação ao processo.

O CPJ expediu cartas precatórias à Manaus para audição das testemunhas arroladas, que serão ouvidas naquela cidade.

SANIDADE MENTAL

Humberto Rocha pode [illegible] exame de sanidade mental. Seu advogado requereu na Auditoria Militar [illegible] saúde em seu constituinte.

O CPJ do Exército encaminhou o pedido do advogado para o promotor Militar Demócrito Rendeiro de Noronha, que vai dar parecer. O IPM vai prosseguir possivelmente ainda esta semana com novas audiências.

Assalto de verdade com revólver de brinquedo

O revólver era de brinquedo mas teve efeito positivo no assalto de verdade à agência do Banco Português em Manaus, quando empunhando pelo indivíduo Humberto Rocha, que saiu com Cr$ 48.000,00, mas foi prêso porque, após o assalto, foi a pé esperar um ônibus na parada. Humberto Rocha agora está indiciado em IPM na Auditoria Militar enquadrarão na lei de segurança nacional. Foi transferido de Manaus para Belém e se encontra no presídio São José.

O IPM está tendo seu curso normal na Auditoria Militar, perante o Conselho Permanente de Justiça do Exército sob a presidência do tte. Cel Lucimar Ribeiro.

ASSALTO

Humberto, Cunha, o homem que teve êxito em assaltar com revólver de brinquedo uma agência bancária no centro da cidade de Manaus pelo seguinte.

É um homem pobre, sua família estava na miséria e ele também. Um filho morreu

de fome, dois estavam sem comer há vários dias e sua esposa doente passando privações porque não possuía dinheiro para se tratar.

Foi dentro dêsse esquema de miséria total que bolou o assalto. Sua miséria era tão grande que não tinha dinheiro para comprar um revólver de verdade. Um seu filho porém, que dias antes havia feito aniversário e recebido de presente de um amigo um revólver estava brincando com a "arma" na sua frente e isso lhe despertou as idéias.

O revólver, apesar de brinquedo tem tôdas as características de uma arma de verdade.

Foi empnhado o revólver que entrou na agência do Banco Português em Manaus, pronunciando as célebres palavras: "isso é um assalto,ninguém se mexa e todo mundo para o banheiro".

O primeiro a obedecer a ordem do assaltante foi o Guarda Bancário. Trancou os funcionários do Banco e alguns clientes no banheiro, apanhou uma pasta com Cr$ 48.000,00 e saiu. O assalto havia sido coroado de êxito.

PRISÃO

Depois do assalto, saiu do Banco. Todos esperavam que fugisse em um carro que estivesse parado na porta do Banco com o motor ligado. Isso porém não aconteceu. Humberto calmo e tranquilamente se dirigiu para a parada de Ônibus.

As pessoas que haviam ficado presas no banheiro conseguiram sair arrombando a porta. Correram para rua, deram alarme e se espalharam.

Poucos metros distante do Banco estava Humberto esperando ônibus com a pasta debaixo do braço. Foi cercado por populares, prêso e entregue à polícia.

AUDITORIA MILITAR

Humberto Rocha, foi indiciado em IPM em Manaus e depois por solicitação da Auditoria Militar foi transferido para Belém. Já compareceu a duas audiências, quando interrogado no sumário de culpa.

Na sexta feira ultima o assaltante de banco voltou à presença do Conselho Permanente de Justiça do Exército, em continuação ao processo

O CPJ expediu cartas precatórias à Manaus para a audição das testemunhas arroladas, que serão ouvidas naquela cidade

SANIDADE MENTAL

Humberto Rocha pode vir a ser submetido a um exame de sanidade mental. Seu advogado requereu na Auditoria Militar o acompanhamento da saúde de seu constituinte.

O CPJ do exército encaminhou o pedido do advogado para o promotor Militar Demócrito Rendeiro de Noronha, que vai dar parecer. O IPM vai prosseguir possivelmente ainda essa semana com novas audiências.

Legenda da foto: HUMBERTO ROCHA, assaltou o Banco Português em Manaus, usando um revólver de brinquedo. Levou Cr$ 48 mil e foi prêso na parada do ônibus, quando aguardava transporte para fugir.

Fonte: *Folha do Norte*, Belém do Pará, 23 de agosto de 1970.

No primeiro domingo de maio, Janete chegou com um bolo todo esfarelado para a festa do meu aniversário. Antes de começar a cantar os parabéns, ela contou como o bolo tinha se transformado naquela massa disforme.

– Não! O bolo não pode entrar – disse a mulher estúpida e mal-encarada que comandava a revista na portaria.

– Por que não?

– Tu não sabes que já pegamos até arma dentro de bolo? Por isso temos ordens expressas de não permitir a entrada.

– Tudo bem, ordem não se discute, mas gostaria de dar uma sugestão. Posso?

– Vamos lá – disse a mulher –, diz o que tu queres.

– A senhora mesmo pode fatiar o bolo aqui, na frente de todo mundo. Não encontrando nada ilegal, deixa-me passar para comemorar o aniversário de meu marido.

A grandona retirou-se por alguns minutos. Quando voltou, o bolo que Janete havia feito com tanto carinho estava desfeito. Mas ali estavam as velas; íamos acendê-las e cantar os parabéns mesmo assim.

– Eu te amo, esse é o primeiro e último aniversário que passas aqui dentro, juro!

Alguns internos foram se aproximando e, com suas famílias, engrossaram o coro de vozes cantando parabéns, participando da festa dos meus 24 anos, chamando a atenção de todo mundo, inclusive da polícia interna, que acudiu ao local para se inteirar do que estava acontecendo. Eu estava com Artionka no colo, ao lado de Janete, rodeado por pessoas alegres e sorridentes, vivendo um momento de descontração. Parecia irreal e surpreendente que, naquele ambiente, fosse possível ter alguns minutos de paz. Os homens de Tabacão ficaram acompanhando a festa, a distância. Depois de receber os cumprimentos tratei de recompor o bolo,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 157 14/05/2013 17:33:22

acendi as velas novamente e convidei os presentes para repetirmos os parabéns, dessa vez para Janete, que completaria 22 anos no domingo seguinte.

Quando acabamos de comer o bolo farinado com Ki-suco, Lica se afastou para passear com o bebê. Janete, preocupada com o visível declínio da minha saúde, tratou de me pressionar, dizendo que meu aspecto físico não permitia mais esconder a gravidade da minha doença, que eu precisava de tratamento urgente em condições adequadas. Tentei tranquilizá-la afirmando que eu estava bem e que no próximo domingo ela iria me encontrar em plena forma. Janete reagiu com impaciência.

– Não, João! Não dá mais pra dissimular, vamos! Me diz, o que tá acontecendo? Por favor, para de tentar esconder o óbvio.

– Tudo bem, estou realmente com alguns problemas. Faz algum tempo que venho sentindo dor de barriga, às vezes tenho febre alta e, outro dia, vi que minha urina estava muito escura. Vou quase todos os dias à enfermaria em busca dos remédios que Pedro me indica. Mas nunca tem nada, fico feliz quando consigo uma aspirina para aliviar as dores e a febre.

– Eu já sabia – disse Janete –, por isso me adiantei. Depois de muita enrolação, vem-hoje, vem-amanhã, volte-na-semana-que-vem, finalmente, na quinta-feira passada, consegui uma audiência com o juiz auditor do Tribunal da 8ª Região Militar. Fui recebida por um velhão gordo, de fala mansa, tão simpático que nem parecia um milico. Conversei um tempão com ele, pedi explicação sobre o processo, falei das precárias condições e da superlotação aqui do presídio, mas o tema principal foi mesmo tua saúde. Nesse ponto fui dramática, e muito clara, jogando a responsabilidade da tua saúde nos ombros dele. Insisti que mandasse um médico urgente aqui no presídio pra te examinar. Prometeu que ia atender ao meu pedido,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 158 14/05/2013 17:33:22

mas antes tinha que consultar os outros membros do tribunal. Fiquei de voltar na semana seguinte.

As palavras de Janete impressionaram tanto o juiz auditor que antes de completar uma semana de sua visita chamaram-me na enfermaria. Ao entrar, me deparei com o mesmo oficial médico que me atendera na 5ª Companhia de Guardas.

– Bom dia. Pelo seu aspecto, parece que você não vai lá muito bem – comentou. – Vamos, sente.

Durante meia hora disse o que vinha sentindo, respondi a inúmeras perguntas e passei por um cuidadoso exame físico. Ao final, o médico me receitou alguns medicamentos, pediu uma bateria de exames, entre outros uma chapa de raio x do tórax que deveria ser feita fora da penitenciária, em algum hospital público. O médico encerrou a conversa falando sobre a necessidade de fazer logo os exames e recomendou que eu me abstivesse de comer sal e gordura. Em breves palavras, arriscou um possível diagnóstico, que incluía infecção renal, hepatite e, dependendo do resultado da radiografia, tuberculose. Dispensou-me dizendo que encaminharia o relatório com suas observações clínicas ao juiz auditor, a quem iria sugerir que, após a realização dos exames, o paciente fosse submetido a uma junta médica para avaliar a possibilidade de internamento hospitalar.

Janete considerou muito importante o fato de o Tribunal Militar ter determinado o deslocamento do médico ao presídio, mas ela sabia que seria uma corrida de obstáculos, que não poderia errar o salto na hora em que eles se apresentassem. Realizar todos os exames solicitados parecia quase impossível, principalmente o raio x, que dependia de autorização do Tribunal. Foram três semanas incansáveis, em que Janete não largou do pé do juiz. Chegava cedo pela manhã e se plantava em sua porta; de lá só se afastava após ser

Florestas do meu exílio Final 3.indd 159 14/05/2013 17:33:22

recebida por ele. Foi assim que, a cada dia, conseguia dar um passo adiante, até concluir todos os exames. Sua última e decisiva batalha seria conseguir que o juiz marcasse o dia para a junta médica se deslocar ao presídio.

Enquanto Janete, do lado de fora, se desdobrava para me transferir para um hospital, minha saúde, mesmo com os remédios prescritos pelo oficial médico, piorava a cada dia. Certa noite, com dores insuportáveis, fui retirado às pressas da cela para a enfermaria, onde não havia ninguém para me acudir. Por isso, recorreram ao Pronto-Socorro Municipal, que felizmente mandou uma equipe para atender a emergência. O médico determinou a introdução de uma sonda em minha uretra, e ela esvaziou a bexiga, aliviando imediatamente a dor. Em função das crises cada dia mais agudas, todo mundo apostava que minha transferência para um hospital não demoraria a acontecer.

Nos últimos tempos, para financiar suas atividades políticas, as organizações armadas passaram a "desapropriar" alguns bancos. Somadas aos assaltos praticados por marginais, essas "desapropriações" tomaram uma grande dimensão, o que fez com que a ditadura reagisse enquadrando qualquer roubo a banco, com arma de verdade ou de mentira, como crime político. Hamilton Rocha jamais poderia ter imaginado que com seu singelo revólver da Estrela pudesse colocar em risco a segurança do Estado brasileiro. Considerado pela lei como preso político, fez amizade e se enturmou com os "subversivos", como éramos chamados, e participou ativamente nos intermináveis e frequentes embates políticos e ideológicos que movimentavam nossas discussões internas. Além de causar admiração por suas ideias políticas, deixava no ar certo mistério de que teria um engajamento

Florestas do meu exílio Final 3.indd 160 14/05/2013 17:33:22

mais radical. Ficamos amigos, passávamos horas conversando, encorajados pelas afinidades que nos uniam. Certo dia Hamilton resolveu me abordar, e puxou-me para um canto sossegado.

– Escuta, velho! Tenho uma dica preciosa pra te dar, queres ouvir?

– Depende! O que tens pra me falar?

– Acho que vai te interessar... É o seguinte: as chances de escapar do hospital em geral são boas, isso todo mundo sabe, o problema é saber exatamente pra onde ir depois. É disso que eu quero te falar, conheço uma rota mais que perfeita para uma situação como a tua...

– Alto lá! – interrompi bruscamente a conversa. – Sobre esse assunto não tem papo, não pretendo fugir.

– Estás brincando! Conta outra! – retrucou Hamilton. – Não vai me dizer que pretendes te acabar nesse inferno? Tenho certeza de que não é isso, mas também sei que tu não tens por que confiar em mim, né não?

– Não, não se trata de confiar ou não, a verdade é que, mesmo se quisesse, não tenho dinheiro nem apoio para uma aventura dessa.

– Tudo bem, vou fazer de conta que estás me falando a verdade, mas ainda assim acho que tu devias prestar atenção no que tenho para te dizer. Além do mais, tens uma tarefa assim tão urgente que não possas deixar pra mais tarde?

A pergunta me fez rir, respondi no mesmo tom:

– Tenho sim, vou passear daqui a pouco na praça Batista Campos com minha mulher e filha, queres vir?

Rimos descontraídos daquela conversa maluca. Mas logo Hamilton retomou o fio da meada:

– Pra sair de Belém, tu tens três alternativas: avião, carro ou barco. Concordas? Então, vamos por eliminação. Entrar em um avião, procurado pela polícia de todo o país, só fazendo cirurgia plástica e com documentos quentíssimos, o que me parece impossível.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 161 14/05/2013 17:33:22

De carro, só tem uma estrada, logo, uma única saída, que em poucos minutos pode ser bloqueada e fim de papo, vira um beco sem saída. Restou o quê? O barco. Lembra que Belém é uma ilha cercada de água e de rios que te levam na direção que escolheres. Mas devo te dizer que, mesmo parecendo o mais viável, não deixa de ser uma aventura perigosa, porque não afasta de vez o risco de cair nas mãos da repressão. Em todo caso é menos provável que isso aconteça, pelo emaranhado de rios e embarcações que sobem e baixam ao sabor da maré, transportando gente sem eira nem beira, a maioria sem qualquer documento de identidade, além da total falta de controle policial nas águas da região. É verdade que confundir-se com essa massa errante ajuda o fugitivo a passar despercebido, mas não se pode perder de vista outros riscos e ameaças, como os naufrágios, a comida ruim servida nessas embarcações, e principalmente a água suja que se bebe no trajeto, isso sem falar nos mosquitos que transmitem todo tipo de doenças. Não é um cruzeiro turístico, com certeza, mas compensa por ser o caminho que oferece maior chance de sucesso, até porque, caso sejas recapturado, tenho sérias dúvidas se escapas com vida. Por isso precisas me ouvir, na nossa condição, nunca se sabe o que pode acontecer no dia seguinte. De repente pinta a oportunidade, os "macacos" baixam a guarda, e aí? Vais desperdiçá-la? Duvido.

– Tu estás reafirmando o que sei de antemão – reagi. – Não! Impossível! Foge totalmente à nossa capacidade reunir apoios para encarar um negócio desses. De qualquer maneira, vou te ouvir até o fim. Se de muito não servir, pelo menos valeu a intenção, e mais, se estivermos presentes quando o futuro chegar, um dos dois ou os dois escreverão sobre esse nosso papo, combinado?

– Tudo bem! Não te aflijas com o que há de vir, cada coisa no seu tempo. Se vais seguir ou não no rastro da minha história é decisão pra mais adiante. Agora escuta, mesmo sem pretensão. Convém

Florestas do meu exílio Final 3.indd 162 14/05/2013 17:33:22

que prestes atenção, uma vez decidido pelo caminho das águas, precisas escolher o rumo a seguir pra cruzar uma fronteira amistosa. Rio Amazonas abaixo, sairás na costa Atlântica, daí em direção ao norte, vais enfrentar o mar para chegar a Caiena, na Guiana Francesa.

Lembrei que possivelmente seguiria por aí, caso tivesse dado certo a fuga pela claraboia da solitária da 5ª Companhia.

– Cresci ouvindo falar das façanhas dos contrabandistas que faziam essa rota. Mesmo tendo que navegar em mar aberto, não parecia ser um bicho de sete cabeças, pelo menos é o que me contavam – comentei.

– Não é bem assim. A viagem em pequenas embarcações, além de perigosa, é muito sofrida, são vários dias de turbulência em alto-mar, sem poder se alimentar, com água racionada, em péssimas condições de higiene. Mas não são apenas esses os obstáculos que te impedem de seguir por aí. Acho que no momento em que derem por tua falta, a polícia vai bloquear e passar um pente fino pelos rios que levam a Macapá ou mesmo a Caiena. Tanto quanto eu, vão deduzir que fostes te refugiar entre os teus, o que é normal, afinal a família é a retaguarda de qualquer foragido. Na hora do sufoco, é a ela que o desesperado recorre. Mas, vamos ao xis da questão, na verdade tenho um roteiro pronto com alguns personagens à tua disposição – prosseguiu. – Assim que escapares do hospital, precisas tomar um barco e deixar a cidade. Deves fazer a viagem pelo rio Amazonas, em etapas. Vais primeiro até Santarém, de onde saem diariamente várias embarcações, entras na primeira que estiver de partida para Manaus, daí segues, se possível no mesmo dia, pelo rio Madeira até Porto Velho. Para fazer esse percurso, se tudo encaixar direitinho, se conseguires desembarcar de uma e embarcar em outra, sem percalço, calculo que de vinte a vinte e cinco dias.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 163 14/05/2013 17:33:22

Dito isso, Hamilton tirou do bolso dois troços de papel, cuidadosamente dobrados, e os enfiou na minha mão...

– Toma! Entrega a tua mulher, pede a ela que costure essas duas cartas na barra de uma calça ou de uma saia, de tal forma que, mesmo que vocês caiam nas mãos da repressão, elas não possam ser encontradas. Caso isso aconteça, vão te triturar de porrada até que digas quem as escreveu e quem são os destinatários.

Na hora me veio a lembrança da tentativa frustrada de engolir os papéis que carregava na maleta quando fui preso. Não cometeria duas vezes o mesmo erro; devolvi as cartas, agradecendo a boa intenção de Hamilton, mas ele não se conformou.

– Porra, mano! Dois pedacinhos de nada! Foi pensando nos riscos de cair nas mãos da polícia que escrevi em papel de seda, dá pra esconder entre os dedos da mão. Além do mais, não se faz omelete sem quebrar os ovos. Guarda e, no domingo, entrega à tua mulher.

Em seguida passou a detalhar a viagem. Disse-me que eu deveria desembarcar duas horas antes de chegar a Porto Velho, num vilarejo de garimpeiros, onde encontraria uma senhora chamada Hortência, também conhecida como Gorda, a quem deveria entregar uma das cartas e lhe pedir ajuda para chegar a Guajará-Mirim.

– Tenho certeza de que ao ler o que escrevi vai perguntar por mim, diga-lhe que estou bem, que pretendo o mais breve possível ir visitá-la. Ela é muito querida no pedaço, conhece todo mundo, vai te colocar no caminhão de algum amigo e te mandar imediatamente ao teu destino, não tenho a menor dúvida.

Sem me dar tempo de acrescentar uma vírgula, continuou falando.

– Vamos então à outra carta? Essa vai te ser muito útil do outro lado da fronteira. Não percas tempo em Guajará-Mirim: ao descer do caminhão, trata de ir direto ao porto, toma uma catraia e atravessa o

Florestas do meu exílio Final 3.indd 164 14/05/2013 17:33:22

rio Mamoré, que separa a Bolívia do Brasil. Uma vez do outro lado, na cidadezinha de Guayaramerín, trata de localizar o único dentista daquele fim de mundo, chamado doutor Ramon. Entrega a ele tua segunda carta e boa sorte, daí pra frente é contigo. Mas olha! Essa é uma trilha de aventureiros de todo tipo. São retirantes nordestinos, hippies, garimpeiros, foragidos, prostitutas, gente sem rumo, vagando sem aconchego. Quase todos analfabetos, malvestidos, e como te disse, em geral, não carregam documento de identidade. Essa descrição é para que saibas como te disfarçar, pois vais precisar te transformar pra te misturar, entendestes? Tens que passar despercebido, nada de livros ou qualquer outro produto de consumo urbano, não esqueces que és um pobre retirante analfabeto, de preferência deves andar descalço, ou de sandálias de tiras, daquelas bem vagabundas. No mais, logo vais estar em um leito de hospital, oportunidades pra escapar não te faltarão. Mas, se estás mesmo decidido a retornar pra esse hospício, o sanitário é logo ali, vai lá e te desfaz dessa carga que te parece incômoda.

Enfiei as cartas no bolso, caminhei a passos lentos em direção à bateria de sanitários; cheguei até a porta de um deles e retrocedi. Na volta cruzei com Hamilton. Ele ria.

– Não olhes pra trás até chegar ao Chile socialista de Salvador Allende.

Janete chegou para a visita de domingo transbordando de felicidade. Na sexta-feira havia estado com o juiz, a transferência para o hospital estava autorizada e poderia ocorrer a qualquer momento, mas, por razões de segurança, ele não podia detalhar dia e hora. Ela havia perguntado qual seria o hospital e ele foi lacônico, disse apenas que o leito já estava reservado. Janete então passou a me descrever com detalhes a conversa com o meritíssimo.

– Dona Janete – disse-lhe o juiz –, estamos autorizando esse tratamento por razões humanitárias. De acordo com os médicos, o

Florestas do meu exílio Final 3.indd 165 14/05/2013 17:33:22

quadro geral de saúde de seu marido é grave e exige tratamento especializado, por isso decidimos pelo internamento em um hospital público. Também pesou para essa decisão a responsabilidade que a senhora assumiu conosco de que seu marido não vai cometer a loucura de tentar escapar. A senhora é a sua fiadora e vai responder por tudo que acontecer. Fique certa de que, em caso de fuga, a senhora irá na mesma hora para o lugar dele, aliás nem mesmo posso garantir sua vida, assim como também a de sua filha.

– Fique tranquilo, meritíssimo! João está muito doente, mal consegue se colocar de pé, agora imagine se vai ter forças para se meter numa aventura sem sentido, nem pensar! Não se preocupe, isso não vai acontecer, o senhor tem a minha palavra. Tudo o que quero é a recuperação de sua saúde.

– É bom mesmo que a senhora esteja falando com convicção e sinceridade, porque não existe a menor chance de ele escapar do hospital. Vamos vigiá-lo noite e dia, os homens da guarda vão atirar ao primeiro movimento suspeito. Sabe o que mais? Acho que vocês não deviam abusar da sorte. Digo isso porque ficar preso em Belém é muito diferente de ser preso em São Paulo ou no Rio. E a senhora e seu marido, por muito pouco, não foram parar lá. Esteve por aqui uma turma do DOI-CODI comandada pelo delegado Fleury querendo levá-los, mas enfrentaram resistência do comando militar, que não permitiu a transferência.

– É verdade, temos tido realmente muita sorte. Encontrar um ser humano de coração generoso como o senhor em meio a uma situação tão desfavorável. Eu lhe sou muito grata por tudo que está fazendo pelo meu marido.

– Não precisa me agradecer, espero apenas que a senhora e seu marido tomem juízo. Lembre, contra a força não há resistência, leve isso a sério e trate de convencê-lo a abandonar essas ideias alienígenas,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 166 14/05/2013 17:33:22

o mundo sempre foi assim, não é ele que vai mudar as coisas. Não leve a mal se me arvoro a lhe dar conselhos, é que tenho idade para ser seu avô, às vezes acho até estranho lhe tratar de senhora, sendo apenas uma menina. Claro que, na minha condição de magistrado, deveria me ater ao estrito cumprimento da lei (nada de outros sentimentos), mas ver você tão jovem, com uma linda criança no colo, com o marido preso e doente, mexe com meu sentimento cristão e paternal. Por isso lhe recomendo: muito cuidado com os dias que virão, eu só quero o seu bem, não se deixem levar pela irresponsabilidade da idade, não existe chance de escapar, por favor, que não me decepcione.

Surpreso após o relato dela, olhei nos olhos de Janete:

– Que promessas são essas? Quer dizer que, mesmo se tivermos chances, não vamos nem mesmo tentar?

Com um sorriso maroto, me respondeu:

– Calma, nêgo! Quando prometi, tomei o cuidado de cruzar os dedos; aquelas promessas não valem nada. A única que vale é a de que, para o ano, vamos comemorar teu aniversário distante daqui.

Rimos comemorando nossa cumplicidade. Antes de soar a campana anunciando o fim da visita, aproveitei para contar minha conversa com Hamilton sobre a possível rota de fuga. Entreguei as cartas recomendando que as guardasse em lugar seguro, de preferência na casa de alguém de inteira confiança.

O hospital

Passou segunda, terça, quarta – e nada, meu estado de saúde piorava, preocupando meus companheiros de cela, que esperavam com ansiedade minha transferência. Finalmente, na quinta-feira, a última do mês de maio, por volta das onze da manhã, o portão se abriu para deixar entrar uma viatura da Polícia Militar. No mes-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 167 14/05/2013 17:33:22

mo instante, Raimundo Tabacão entrou na cela 9, chegou junto da minha rede, mandou que eu me vestisse, recolhesse minha escova e meu tubo de pasta e o acompanhasse. Alguns minutos depois, algemado, sentado entre dois soldados, escoltado por um comboio de viaturas, ia eu, meio entorpecido, pelas ruas e avenidas de Belém.

A cidade parecia seguir seu caos de cada dia: escolares caminhando em algazarra pelas calçadas, ônibus lotados impregnando o ar de fumaça e odor de óleo queimado, gente impaciente buzinando sem cessar e atormentando o guarda de trânsito, castigado pelo sol de quase meio-dia. Deixei-me embalar pelo burburinho. Deu saudade daquela paisagem que desfilava diante dos meus olhos como se fosse um filme de ficção. Afinal, em breve, completaria nove meses fora do mundo, acorrentado a um pesadelo, enquanto a vida seguia seu curso normalmente.

Ao descer da viatura na porta do hospital, dei-me conta do exagero do aparato mobilizado para o meu traslado. Pelo menos vinte homens armados, alguns com metralhadoras, entraram pelos corredores da Santa Casa escoltando um sujeito de passos lentos, aspecto macilento, olhar perdido, com 1,77 metro de altura e 55 quilos. A tropa ruidosa invadiu o hospital quebrando a paz do ambiente, atraindo a atenção de todo mundo, provocando protesto de médicos e pacientes. Não demorou para que o diretor chegasse para colocar ordem na confusão. Pediu ao comandante da operação para se apresentar, em seguida mandou que ele retirasse seus homens do hospital. Não enfrentou resistência. Mesmo sendo um hospital civil, seu diretor era um militar, coronel médico do Exército. Depois de reduzido o contingente, o médico adiantou-se e todos o seguiram até a ala 2. Na entrada havia duas enfermarias isoladas, seguidas de um enorme salão com duas fileiras de leitos, dispostos lado a lado, lotado de pacientes. Eu fiquei na enfermaria isolada da direita.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 168 14/05/2013 17:33:22

Claro que o novo ambiente, mesmo sendo um quarto de hospital, parecia muito agradável – cama com lençóis limpos, pijama, banheiro com toalha, coisas que há tempo só me apareciam em sonho. Ganhei a companhia permanente de três escoltas da Polícia Militar, cada uma com um cabo e três soldados, que se revezavam a cada 24 horas; os soldados se alternavam a cada duas horas para me vigiar, ficavam em pé com uma metralhadora a tiracolo a dois metros da minha cama. O primeiro médico que veio me examinar reprovou:

– Assim não dá! Isso é um absurdo! Não consigo trabalhar com uma arma apontada para as minhas costas. E tem mais, o paciente não deve continuar submetido a tamanho constrangimento.

– Calma, doutor! Não precisa ficar com medo, minha arma não está apontada na sua direção, nem mesmo na direção do detento, o senhor tem que entender a minha situação, estou aqui cumprindo ordens.

O médico exigiu que o soldado chamasse seu superior e o cabo prontamente se apresentou. Os dois se entrincheiraram em argumentos inconciliáveis, um dizendo que ali estava um enfermo sob cuidados médicos que precisava de tratamento adequado para recuperar sua saúde, e o outro, de que se tratava de um preso da Justiça Militar, com rigorosas recomendações de não relaxar a vigilância. Diante do impasse, levaram a questão ao diretor.

– Ele é os dois, paciente e detento – sentenciou o diretor. – Portanto, um cuida da saúde e outro da segurança, mas para que um não atrapalhe o outro, daqui para a frente, quando o médico entrar no quarto, o soldado espera lá fora. Entendido?

Retornaram à enfermaria, o médico entrou e fechou a porta deixando o soldado do lado de fora e depois, rindo, puxou a cadeira, sentou-se na cabeceira da cama e perguntou.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 169 14/05/2013 17:33:22

– Escuta, meu xará! Lembras de mim? Sou eu, João Conceição! De Macapá, da Escola Normal!

– Claro, mano! Mesmo um pouco mareado, ao bater os olhos em ti, me lembrei na hora, fiquei na minha para que o soldado não desconfiasse da tua encenação. – Sorrindo, perguntei: – Por onde anda tua Julieta?

– Continuo apaixonado por ela. Já temos dois filhos lindos! Pois é, concluí medicina, faço especialização aqui na Santa Casa. Fica tranquilo, vou cuidar de ti, vou esticar ao máximo tua permanência. Vamos agir pra que os "homens" aliviem sua barra. Tudo bem?

Eu estudava na Escola Normal de Macapá quando conheci João Conceição. Ele, mesmo sem ser aluno ou professor, frequentava minha sala para fazer companhia a uma colega de turma, por quem era e, pelo que acabava de me dizer, continuava apaixonado. Para acompanhar sua amada, conseguia que alguns professores lhe permitissem assistir às aulas. O casal ficou conhecido como Romeu e Julieta. No final daquele mesmo ano, casaram-se e desapareceram. Agora, em um leito de hospital, sob a mira de uma arma, voltava a encontrá-lo – ele médico, pleno de ternura, falando com enorme carinho da mulher e de seus filhos. Sem se importar com os riscos, apresentava-se no primeiro momento para me ajudar. Aquela demonstração de solidariedade não só me comoveu como ficou gravada na minha memória.

Os primeiros dias foram de tratamento intensivo: exames, soros, injeções, sondas, doses pesadas de medicamentos, incluindo tranquilizantes, reconstituíram boa parte de minhas energias, deram-me um novo ânimo. Recuperei a iniciativa e comecei a apreciar minha nova hospedagem, bem mais agradável que o presídio. Ainda que tivesse de conviver com aquela atenta sentinela de metralhadora em punho, eu estava tranquilo e feliz com as visitas diárias de Janete.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 170 14/05/2013 17:33:23

De repente, passei a ser objeto de curiosidade e atenção de um batalhão de "especialistas": pelo menos era essa a impressão que dava aquela gente toda de branco que todas as manhãs marcava ponto na minha enfermaria, com estetoscópio pendurado no pescoço. Em grupos de três ou quatro, às vezes até mais, eles entravam para me examinar, deixando o soldado do lado de fora. Na verdade, eram estudantes da Faculdade de Medicina, que ficava em frente ao Hospital da Santa Casa, do outro lado da rua Generalíssimo Deodoro. Do que menos falavam era da minha doença – para isso havia médicos definidos –; o assunto era mesmo política. A bata branca funcionava como um salvo-conduto para que os grupos pudessem se revezar para visitar-me. A maioria vinha por mera curiosidade, afinal eu era um colega da mesma universidade preso pela ditadura. Queriam mais ouvir minhas ideias do que falar, mas de vez em quando as opiniões se dividiam. Havia os que consideravam a luta armada um grande equívoco, sem o menor sentido, incapaz até mesmo de incomodar a ditadura, cobrando sacrifícios pesados demais a quem fazia essa opção. Outros, mesmo com medo, aos sussurros, afirmavam que não havia alternativa, só a luta armada derrubaria a ditadura. Às vezes eu contava um pouco da história do sequestro que havíamos sofrido, do longo tempo incomunicável sem que ninguém da família soubesse de nosso paradeiro, de que poderiam simplesmente ter desaparecido conosco, como vinha ocorrendo com militantes presos no Rio e em São Paulo. Ouviam em silêncio, pareciam surpresos, a maioria não tinha a menor ideia do que estava acontecendo no Brasil comandado pelos militares. Aquela nuvem branca na minha enfermaria terminou chamando a atenção do coronel diretor, que interveio estragando a festa, limitando a entrada na enfermaria apenas aos médicos que cuidavam da minha saúde. Felizmente, não alterou minhas visitas diárias das duas às quatro da tarde, igual às dos demais pacientes.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 171 14/05/2013 17:33:23

O tempo, a convivência, as visitas de tanta gente de branco acabaram alterando o conceito que os soldados tinham a meu respeito. No quartel, seus superiores informavam que estavam vigiando um subversivo incendiário, traidor da pátria, capaz de requintadas crueldades para colocar o Brasil nos braços do comunismo internacional. Sem muita formação, não entendiam muito bem o significado daquele palavreado, mas chegavam convencidos de que eu era de fato um bandido feroz, nocivo à sociedade e de alta periculosidade. Mantinham-se distantes, falando comigo o estritamente necessário, mas aquela revoada de "doutores" abrandou os temores e desarmou os espíritos, diminuindo a distância que nos separava. Claro que a contribuição de João Conceição foi decisiva. Virava e mexia e lá estava ele, em atenciosas conversas com os soldados, colocando-se à disposição para ajudá-los no que fosse preciso: encaminhamento médico para eles ou familiares; exames, medicamentos e até atestado para tratamento de saúde.

Certa manhã, quase completando um mês de internação, quando o médico deixou o quarto após um exame de rotina, um soldado de plantão da escolta do cabo Pelaes, chamado Prego, se aproximou de mim com sua metralhadora pendurada a tiracolo:

– Escuta aí, meu chapa! Que bronca feia é essa que tu te meteu? Fico ali, na porta, em pé durante duas horas, pensando: o cara não é traficante, não assaltou, não roubou nem matou ninguém, o que será que ele aprontou pra estar preso? É isso que quero saber, dá pra me responder?

– Bronca política – respondi em tom de sussurro.

– Ah! Sim, então é por isso que só vem gente bacana te visitar? Agora entendi, vocês queriam tomar o lugar dos "home" e se deram mal. É isso?

– Não! É bem mais do que isso. Na verdade, nós queremos é mudar essa sociedade, distribuir melhor a riqueza produzida pelos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 172 14/05/2013 17:33:23

trabalhadores, acabar com o analfabetismo, acabar com a miséria e a fome do nosso país. Claro que, pra fazer tudo isso, precisamos tirar os "home" da ditadura, implantar a democracia e o socialismo.

– Ah! Essa é boa! Eu nunca ouvi coisa mais tola! Isso é doidice, onde já se viu alguém se meter em uma bronca danada dessas, sem proveito próprio? Ora, conta outra, meu chapa!

Estava gostando dessa primeira conversa, mas decidi não ir mais longe; senti que havia quebrado o gelo com um dos soldados, que esse diálogo poderia avançar, e, como dispunha de muito tempo pela frente, convinha não se aproximar tanto para que um pudesse tolerar a presença do outro sem maiores conflitos.

Nilda, a enfermeira-chefe

Ela iniciava sua rotina muito cedo. Sorridente e brincalhona, encostava-se na cabeceira da cama de cada doente, onde ficava um tempão. Revisava a execução das prescrições médicas, a coleta de material para exames, avaliava o quadro geral dos pacientes e, sobretudo, conversava muito com todos eles. Dona de um estoque inesgotável de piadas, algumas picantes, divertia-se em contá-las em voz alta, fazendo rir até mesmo os doentes mais graves da enfermaria. Às seis em ponto, entrava em minha enfermaria e me encontrava dormindo pesadamente sob efeito dos tranquilizantes da noite anterior. Para não me molestar, deixava a avaliação para mais tarde. Amanhecia a meu lado, a cada manhã, meio sonolento, um soldado com sua metralhadora a tiracolo. Certa manhã, no entanto, acordei com um arranjo de flores na mesa da cabeceira. Debaixo do vaso, um cartão com uma dedicatória carinhosa de Nilda.

Ampliou-se a rede de assistência à saúde aos componentes da minha escolta, que contava com a participação decisiva de João

Florestas do meu exílio Final 3.indd 173 14/05/2013 17:33:23

Conceição. Janete articulou o apoio do famoso cardiologista da cidade dr. Almir,* apoio logístico importante da ALN que conheci um pouco antes de ser preso, ele fornecia medicamentos para Pedro cuidar da saúde dos camponeses da comunidade rural de Ponta Grossa, ao mesmo tempo que os recrutava para o futuro exército guerrilheiro que se instalaria não tão distante dali. Além de atuar assumindo os casos de sua especialidade, o dr. Almir recrutou um amigo oftalmologista para completar o atendimento aos soldados da escolta.

Alegria de uns, sofrimento de outros, naquele dia de junho, por volta das seis da tarde, os rojões começaram a estourar em homenagem a São João. A cada minuto, ouvia-se o pipoco vindo das festas que aconteciam nos arredores do hospital. A zoada infernizava a vida dos pacientes, que clamavam no deserto, pois não havia como parar o foguetório. Nessa mesma hora, a enfermeira Nilda chegou ao quarto me oferecendo uma xícara de mingau de milho com canela. Assim que ela entrou, o soldado aproveitou e saiu para fumar na parte externa do pavilhão. Ela então se aproximou do meu leito, dando início a uma conversa inusitada:

– Hoje não vou falar sobre a tua doença. Está indo tudo tão bem que em breve tu terás alta. Antes que isso aconteça, preciso conversar sobre outros assuntos contigo.

Sem deixar que prosseguisse, a interrompi:

– Você acha mesmo que eu já recuperei inteiramente minha saúde?

– Quase, mas não gostaria de falar sobre isso. Vamos esperar os últimos exames. Neste momento, preciso que alguém me ouça, quero falar de mim, dos meus sentimentos, nem sempre correspon-

* Trata-se de Almir Gabriel, futuro prefeito de Belém, senador e governador do Pará.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 174 14/05/2013 17:33:23

didos. Eu gostaria mesmo é de te levar para bem longe daqui, onde ninguém pudesse te achar, para conversarmos com calma e...

O soldado abriu a porta. Interrompendo sem concluir a frase, Nilda se retirou. Quer dizer que meus dias por ali estavam contados? De tão angustiado diante da iminência da alta, esqueci completamente a conversa inacabada da enfermeira Nilda. Como? Não é possível! Voltar para aquele inferno!

Absorto em maus presságios, me assustei quando a porta se abriu. Era o cabo Pelaes, acompanhado do substituto do soldado Prego, que, graças a um atestado médico do oftalmologista, acabara de ganhar trinta dias de licença para tratamento de saúde. O esquema de favores, organizado por João Conceição e reforçado por Janete, andava de vento em popa. No entanto, uma questão moral martelava nossas consciências: para abrir uma vereda rumo à liberdade, seria correto corromper meus carcereiros? Debatemos a questão e chegamos à conclusão de que sim: naquele caso, os fins justificavam plenamente os meios.

Nem bem o cabo virou as costas, o recém-chegado soldado Álvaro encostou a metralhadora num canto, puxou uma cadeira e se sentou na minha cabeceira. Sem rodeios, foi dizendo que todo mundo no quartel sabia que eu estava envolvido numa grande encrenca política, mas ele sabia que eu não estava só; havia gente graúda por trás, e ele estava ali para me ajudar. Com ele, a questão era toma lá dá cá. Em seguida, me pediu 20 mil cruzeiros para começar a agir.

– Olhe – disse-me ele, apontando para a metralhadora, desprezada no canto –, estás vendo aquela máquina ali? Pois é, ela vai subir a partir de amanhã, vai ficar guardada no nosso alojamento lá em cima, que achas? Outra coisa: vais poder ficar à vontade com tuas visitas, nem mesmo seus nomes serão anotados. Nós vamos continuar

Florestas do meu exílio Final 3.indd 175 14/05/2013 17:33:23

aqui na porta, mas pelo lado de fora. Isso tudo por 20 mil cruzeiros! Tá muito barato! Não tá?

Claro que a proposta era muitíssimo interessante. O fato de se livrar da presença incômoda daquela metralhadora, somado à possibilidade, depois de tanto tempo, de poder ter algumas horas de privacidade não tinha preço. Fora isso, ficaria bem mais fácil planejar e organizar a fuga, que a essa altura já tinha virado uma ideia fixa. Mas como conseguir os 20 mil cruzeiros?

Depois daquela conversa, tinha motivos de sobra para varar a noite sonhando acordado com um horizonte sem grades e muros. Às oito em ponto, como de costume, a enfermeira me entregou os dez miligramas de Valium e um copo d'água. Com habilidade, deixei escorregar o comprimido para debaixo da língua, depois virei o copo bebendo toda a água. Cuspi tudo no vaso do banheiro assim que a moça de branco se retirou, restando na boca apenas o gosto amargo. Voltei para a cama, onde permaneci quieto, fazendo de conta que dormia pesadamente; foi assim que, pela primeira vez, consegui escapar do nocaute fulminante do tranquilizante. Além de me permitirem pensar na liberdade e sonhar com a vida futura ao lado de Janete e de Artionka, que crescia na minha ausência, as noites insones que se seguiram foram úteis para observar o movimento noturno do hospital, e principalmente para inteirar-me das atividades de meus carcereiros. Observei que, alguns minutos depois que a enfermeira me fazia ingerir o tranquilizante, o soldado de plantão, imaginando que eu dormia como nos dias anteriores, desaparecia nos corredores do hospital.

No dia seguinte, na hora da visita, Janete se assustou ao me encontrar dormindo. Aproximou-se silenciosamente, tal qual uma sombra, imaginando uma recaída. Ao se inclinar para me beijar, eu a agarrei, puxando-a para a cama, onde permanecemos alguns instan-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 176 14/05/2013 17:33:23

tes trocando carícias. Janete lembrou que a porta não tinha tranca; a qualquer momento alguém poderia entrar sem bater. De bem com a vida, descontraído e sem ninguém por perto, contei-lhe a conversa que tivera com o soldado Álvaro.

– Seria ótimo – disse Janete –, mas como conseguir tanto dinheiro? Nosso grupo de apoio é reduzido. E tem mais: na hora em que eu disser a quantia, vão deduzir que estamos tramando a fuga, e duvido que alguém vá se dispor a encarar uma barra tão pesada. Além do que, o risco de cairmos presos é grande e, uma vez na prisão, da tortura ninguém escapa, daí o receio: sabem que, se formos apanhados e dermos com a língua nos dentes, quem nos ajudar vai terminar nos fazendo companhia. Depois, para nossa própria segurança, esse assunto deve ficar restrito a pouquíssimas pessoas.

Balancei a cabeça concordando, sabia que nossas dificuldades financeiras eram enormes, e as alternativas, poucas. Mas estávamos certos de que valia a pena tentar. Depois de analisarmos nome por nome dos parentes e amigos que nos ajudavam, chegamos à conclusão de que poderíamos confiar no professor Hélio.

Eu o havia conhecido nas assembleias estudantis da Faculdade de Engenharia, onde se destacava por seus discursos inflamados contra a privatização da educação. Liderou a turma da engenharia nas primeiras manifestações de rua contra a ditadura, mas depois de formado decidiu abandonar a militância política e com mais dois sócios abriu o primeiro cursinho pré-vestibular da cidade, onde Janete se matriculou na tentativa de retomar seus estudos. Ela encontrava com ele quase diariamente, e vez ou outra ele a chamava de lado para saber notícias minhas.

Na visita do dia seguinte, Janete chegou ansiosa para me relatar sua conversa com Hélio. Disse-me que a princípio ele ficara pensativo, com pé atrás, mas suas dúvidas foram se dissipando à medida que ela explicava como andava minha relação com os homens

Florestas do meu exílio Final 3.indd 177 14/05/2013 17:33:23

da escolta. Achou acertada a ideia de a família sumir da cidade na mesma noite em que eu escapasse do hospital e acabou concordando em apoiar nosso projeto, comprometendo-se a guardar o mais absoluto segredo, e garantiu que lhe entregaria o dinheiro necessário em dois dias.

O soldado Álvaro, ao recebê-lo, me disse que dividiria com os componentes das três equipes, respeitando a hierarquia; os cabos receberiam um pouco mais que os soldados. A partir daí, a relação com meus carcereiros teve uma guinada de 180 graus. Álvaro foi o divisor de águas: não só cumpriu o que prometeu, mas tratou de me aproximar dos componentes das outras escoltas, claro, reservando para si e seus companheiros, comandados pelo cabo Pelaes, a mais completa cumplicidade. A relação de amizade se estreitou de tal maneira que um belo dia ele não se conteve:

– Escuta aí, meu chapa! Deixa eu te confessar um segredo... A nossa turma tem trocado umas ideias sobre essa tua situação e tá todo mundo na maior disposição, até mesmo o cabo topa cair fora junto contigo. É isso mesmo! Não te assustes, conheço o mundo da malandragem como ninguém! Posso te ajudar, confia em mim, mano! Tá na hora de a gente se mandar! Cair no mundo! Sumiiiirrr! Vamos bater na porta do Fidel Castro lá em Cuba, ou, quem sabe, na Rússia, onde vivem os comunistas. Depois que eu te conheci, desapareceu aquele medo danado que eu tinha de comunista. Não tem erro, ninguém vai nos achar.

– Olha... nem quero ouvir falar nesse assunto! – disse-lhe asperamente. – Confio na justiça, logo, logo, vão me soltar, por isso, vamos mudar de assunto. Obrigada pela força, mas pode tirar essa ideia maluca da cabeça.

Eu não estava disposto a abrir o flanco trocando confidências desse nível com um soldado de minha escolta. Como saber se Álvaro

Florestas do meu exílio Final 3.indd 178 14/05/2013 17:33:23

estava sendo sincero, ou se simplesmente cumpria, com habilidade, determinações de seus superiores para detectar, antecipadamente, uma possível tentativa de fuga? Por outro lado, quanto mais gente se envolvesse, maior seria a estrutura de apoio para realizar a empreitada.

Depois de um mês e meio de permanência no hospital, as relações com meus carcereiros não poderiam ser melhores. À tarde, no final do horário de visitas, eu subia para o alojamento dos soldados, no segundo andar do prédio da administração, não tão distante do meu quarto. Ia jogar cartas, dominó ou simplesmente emprestar meus ouvidos às histórias contadas por eles, quando perseguiam nomes famosos do submundo para colocá-los atrás das grades. Nos primeiros dias, os soldados se davam o trabalho de me acompanhar nas idas e vindas ao alojamento. Depois de alguns dias, ficavam entretidos no jogo enquanto eu fazia o percurso sozinho. Diante desse relaxamento, fui definindo com Janete o roteiro da fuga.

Com o pensamento nas nuvens, não percebi a porta se abrir, e fui chamado à realidade com um beijo de Janete, que me entregou uma rosa vermelha colhida no jardim de Ana e Catarina, amigas da Faculdade de Filosofia que desempenhariam um papel muito importante nos dias vindouros. Janete percebeu o vaso com flores sobre a minha mesa e perguntou com ironia:

– Que alma gentil é essa que cuida com tanto carinho da tua cabeceira?

– A enfermeira Nilda.

Janete fez uma pausa, para em seguida perguntar:

– E esses biscoitos, também foi ela?

– Sim, também.

– Será que ela trata assim todo mundo? Duvido! – respondeu, demonstrando irritação. – Basta dar uma espiada no corredor, não se vê um único vaso com flores na cabeceira de outro paciente.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 179 14/05/2013 17:33:23

– É verdade, ela tem um comportamento meio estranho comigo. Na semana passada, ela veio me fazer uma visita fora de hora, começou me assustando, dizendo que eu já estava bem de saúde, que logo ia ter alta, depois enveredou por uma conversa meio sem nexo. Mas nêga, esquece isso, tudo que acontecer por aqui tu vais ser a primeira a saber. Agora vamos cuidar do nosso futuro, sinto que estamos em contagem regressiva. Minha permanência aqui, mesmo com a cumplicidade dos médicos, não deve durar mais que três semanas, precisamos agilizar os planos – prossegui. – Depois de quebrar a cabeça pensando sobre as opções de fuga, cheguei à conclusão de que a rota mais segura para sair do Brasil é a de Hamilton Rocha. Por isso, precisamos levantar informações sobre barcos com destino a Santarém, de preferência os que levam passageiros clandestinos, pois só exigem o pagamento das passagens. Lembrei da nossa companheira Leopoldina, da filosofia. Ela faz essa viagem pelo menos duas vezes por ano para passar férias com a família, é a pessoa certa para descobrir isso. Procure por ela.

Depois da atuação do soldado Álvaro, escapar do hospital se tornara uma operação de menor risco, mas ainda assim persistiam algumas inseguranças. A primeira seria uma mudança de última hora na composição da escolta, o que ocorria quando alguém conseguia licença de saúde. Seu substituto levava algum tempo para se ajustar ao comportamento dos demais. A segunda preocupação era a de ter, por alguma razão, que correr na hora em que estivesse deixando o hospital: mesmo me exercitando no banheiro, não confiava na minha forma física. Além disso, como atravessar o corredor do hospital cruzando com médicos e enfermeiros, passar pela movimentada portaria e ganhar a rua sem ser reconhecido? De pijama não iria longe; precisava de outra roupa.

Entre dez e onze da noite seria a hora ideal para deixar o hospital. Como vinha ocorrendo nos últimos dias, o soldado de

Florestas do meu exílio Final 3.indd 180 14/05/2013 17:33:23

plantão, imaginando que eu já estivesse dormindo, abandonaria seu posto para retornar na alta madrugada. Esse intervalo seria crucial: quanto mais tempo levassem para constatar meu desaparecimento, maiores seriam as chances de zarpar de Belém com Janete e Artionka em segurança. Sabia que a repressão seria violenta, que desencadeariam uma caçada feroz, começando por prender a escolta de plantão desse dia. Por essa razão, em reconhecimento à colaboração do soldado Álvaro e de sua equipe, decidimos não fugir em seu plantão. Fechariam ruas e avenidas para tentar nos descobrir, vasculhariam a cidade de ponta a ponta; seria fundamental amanhecer o dia fora do cerco. Pedi a Janete que localizasse um barco com previsão de saída na maré da noite, depois das onze horas. Assim teria tempo de sair do hospital, parar em alguma casa amiga para trocar de roupa, depois seguir para o porto e, uma vez no barco, curtir os primeiros momentos de liberdade quando as luzes da cidade desaparecessem no horizonte. Conversando comigo, Janete lembrou as palavras do juiz auditor: "Se seu marido tentar fugir e for apanhado, nós não nos responsabilizaremos pela vida dele, convença-o de que não tem a menor chance de escapar. Além do mais, não hesitaremos em colocá-la na prisão no lugar dele".

– Só em pensar nisso me dá calafrios. Agora que tá chegando perto da hora, fico agoniada com a ideia de que alguma coisa dê errado. Mas ao mesmo tempo tento me acalmar pensando que, organizando tudo direitinho, vai dar certo, falou com ênfase Janete, fazendo esforço para se convencer. Nas últimas semanas me impus uma disciplina quase militar: no final da tarde, saio pra passear, vou a pé empurrando o carrinho de Artionka até a praça Batista Campos e ficamos por ali, vendo os pombos em revoada disputando as pipocas jogadas pelas crianças, nos divertimos com os brinquedos do parquinho infantil. Quando cai a noite, às vezes sigo adiante, ando três ou quatro quadras

Florestas do meu exílio Final 3.indd 181 14/05/2013 17:33:23

e tomo um dos ônibus que sobem a São Jerônimo, desço nas imediações da casa de Catarina e Ana Tancredi, caminho mais dois ou três quarteirões, e depois de me assegurar de que não estou sendo seguida, entro na casa delas. São pessoas realmente fantásticas, mandaram te dizer que a gente pode contar com elas pro que der e vier.

Catarina e sua colega de faculdade, Elcy Lacerda, minha amiga do tempo de Macapá, inventaram de fazer uma pesquisa sobre comportamento e convenceram um dos filhos do diretor do presídio, amigo de Elcy, a lhes conseguir permissão para entrevistar alguns presidiários. Foi assim que, sem esperar, numa daquelas intermináveis manhãs de tédio, virei objeto de estudo. Fui chamado à diretoria para ser entrevistado. Nos entreolhamos como se estivéssemos nos encontrando pela primeira vez. Em seguida, fomos conduzidos a uma sala apertada, contígua ao gabinete do diretor. Quando a porta se fechou, eu coloquei o indicador na boca, pedindo silêncio, dando a entender que havia gente com os ouvidos atentos, colados na parede, para ouvir a conversa.

– Doutoras – comecei falando –, fui chamado aqui sem saber o porquê, alguém pode me explicar?

Enquanto Catarina explicava os objetivos da tal pesquisa, eu escrevi um bilhete no caderno de Elcy: "Continuem falando, mas me respondam por escrito que história é essa". "Nada, nós que inventamos para poder vir te ver e matar a saudade", escreveu Elcy. "Isso é loucura! Se descobrem que essa pesquisa é fajuta, e que somos amigos, vocês podem terminar presas, é melhor irem embora, vou me recusar a responder às perguntas e pôr fim nessa maluquice." Fingindo contrariedade com minha recusa, as "pesquisadoras" foram ao diretor, que insistiu para que elas entrevistassem outro detento. Fingindo-se assustadas, apenas agradeceram a acolhida e foram embora.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 182 14/05/2013 17:33:23

Depois da visita, Janete deixou o hospital cheia de tarefas urgentes. Precisava localizar Leopoldina para pedir-lhe o levantamento dos barcos; encontrar com o dr. Almir; e passar no cursinho para falar com o professor Hélio. Seriam conversas muito reservadas, inicialmente para agradecer a contribuição em dinheiro que vinham dando nos últimos meses. Em seguida, revelaria a eles a decisão de fugir do hospital, pedindo-lhes o mais completo silêncio. Por último, diria aos dois que contava exclusivamente com suas participações para levar adiante a empreitada.

Uma questão em particular lhe corroía o sentimento materno: como alimentar e preservar a saúde de seu bebê durante a viagem? Janete teria de prever suas necessidades para no mínimo um mês. Sabia de antemão que não seria um passeio; provavelmente enfrentaria carências e dificuldades de toda ordem. Pensando em todos os detalhes, ficava passando e repassando a lista de coisas imprescindíveis. Tratou de reunir uma cesta completa de provisões, com água mineral, alimentos e remédios, contando com a ajuda preciosa dos amigos de confiança Elson e Jalva.

Virei amigo de Elson em Belo Horizonte, quando troquei a pacata e pequena Macapá por uma grande capital, iniciando o ano de 1967 com essa mudança radical na minha vida. Nascido no começo da Segunda Guerra, no seringal Nova Olinda, às margens do rio Iaco, no estado do Acre. O pai de Elson, Francisco Martins, para escapar da seca, deixou o sertão nordestino embrenhando-se na floresta acreana, onde recomeçou a vida fazendo o que sempre fizera: trabalhando na agricultura, produzindo alimentos para abastecer o seringal. Acabou se dando bem, virou dono do negócio, mas, de acordo com Elson, a glória foi passageira. Quando a borracha de cultivo da Malásia ganhou o mundo, os coronéis de barranco da Amazônia, mergulhados no atraso, perderam o trem da história. Sem saber como encarar a

Florestas do meu exílio Final 3.indd 183 14/05/2013 17:33:23

concorrência e os novos tempos, faliram e bateram em retirada, deixando os negócios nas mãos dos antigos empregados. A condição de patrão durou pouco, a crise apertou e seu Francisco e dona Joana arribaram novamente, deixando tudo para trás. Com Elson adolescente e uma penca de filhos, instalaram-se inicialmente em Rio Branco. Mais tarde, desceram o rio Amazonas até a foz, indo morar na minha cidade, Macapá. Para quem, como eu, nasceu e cresceu íntimo da floresta e do rio, na placidez da província, o lusco-fusco da metrópole com suas tensões político-sociais e seu dinamismo cultural exigiam um guia para desbravar aquele mundo novo; Elson cumpriu à risca esse papel. Levou-me para a casa onde morava com mais doze estudantes universitários, dividiu comigo o mesmo quarto e me introduziu no grupo de leitura que, por ser mais velho, vivido e letrado, orientava.

O novo ambiente teve grande influência na minha formação. Quando criança, adorava as revistas em quadrinhos, que me ajudaram a aprender a ler. Mais tarde fui atraído pelos livros. Ao ser apresentado à literatura política, me senti envolvido, e passei a me dedicar com afinco à leitura. Fiquei escandalizado pela revelação de Basil Davidson, um inglês especialista em história da África, de que a Inglaterra havia feito a Revolução Industrial do século XVIII com o dinheiro que acumulara no tráfico de escravos africanos para a América. Li alguns textos sobre a Guerra do Vietnã que me fizeram compreender o papel dos norte-americanos no mundo. Até então, influenciado pela mídia, pensava que eles eram os bonzinhos, que lutavam na Ásia em defesa da liberdade e da democracia. Minhas novas leituras escancararam a realidade e me permitiram entender que os que eu imaginava heróis não passavam de invasores de um país pobre, que mal acabara de se libertar do jugo colonial francês. Para quem tinha acesso a apenas um lado da informação, essas descobertas fertilizaram minha consciência política, me incentivando a uma tomada de posição.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 184 14/05/2013 17:33:23

Elson era de fato especial. Enquanto todos na república universitária idolatravam os Beatles, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Vandré e Chico Buarque, ele ouvia Beethoven, Mozart, Bach e Vivaldi. No começo ninguém entendia, parecia pedantismo intelectual, mas o tempo demonstrou o contrário. Como era o dono da eletrola, de nada adiantava protestar. Primeiro, todos os ouvidos se rendiam aos clássicos, só depois vinham os populares – foi assim que ele terminou educando a moçada para os acordes da música instrumental europeia. Por que esse gosto musical tão diferente? Era o que todos se perguntavam. Um dia ele se dispôs a explicar: seu Francisco, quando assumiu o negócio do seringal em plena decadência, teve que se submeter às engrenagens de dominação existentes. Era obrigado a trocar pélas de borracha por vitrolas RCA Victor movidas a corda, acompanhadas de pilhas de discos de 78 rotações dos grandes compositores da música clássica, sem que as tivesse encomendado. Seu Francisco bem que não se importaria de passar adiante aquele estranho produto da modernidade industrial, mas quem se interessaria por aquilo naqueles confins? Os seringueiros não queriam ouvir falar do tal aparelho, muito menos das músicas que saíam dele. Os discos encalhados ficavam esquecidos num canto escuro do barracão. Isso até serem descobertos pelo quase adolescente Elson, que passou a ouvi-los e logo ganhou uma paixão por aquele som diferente que o acompanharia pela vida afora. Elson fez opções radicais em sua vida estudantil: era apaixonado por artes plásticas e jornalismo, mas terminou concluindo o curso de química industrial*. Com o diploma

* No futuro, Elson Martins da Silveira abandonaria a química para se dedicar ao jornalismo. Nos anos 1970, mudou-se para o Acre, onde fundou o jornal *Varadouro*, trincheira em defesa de Chico Mendes e de suas ideias de preservação dos seringueiros e da floresta. Chico Mendes foi assassinado na véspera do Natal de 1988. Elson, sob ameaça, continuou lutando e teve papel decisivo na criação da primeira reserva extrativista na Amazônia.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 185 14/05/2013 17:33:23

de engenheiro no bolso, no começo de 1969 retornou à casa dos pais em Macapá atrás de emprego. Ficou o tempo suficiente para conhecer uma bela morena nascida em Catolé do Rocha, na Paraíba, de nome Jalva, paixão fulminante que resultou em casamento. Sem nada conseguir que pudesse mantê-los financeiramente, transferiram-se para Belém, onde ele conseguiu emprego em uma fábrica de laticínios.

No meio da tarde, retornando de uma visita ao hospital, Janete entrou em casa por uma porta e saiu pela outra, levando Lica, que continuava morando com ela, para juntas passearem com Artionka na praça Batista Campos. Esperaram anoitecer. Depois do entra e sai de três ônibus, convencidas de que não estavam sendo seguidas pelos homens do SNI, seguiram para a casa das irmãs Tancredi.

Os pais de Ana e Catarina se conheceram e se casaram na Itália. Pouco depois do nascimento do primogênito e antes de estourar a Segunda Guerra na Europa, migraram para o Brasil, deixando-o com os avós – era uma tradição entre as famílias italianas que os avós se encarregassem da criação do primeiro filho. No Brasil, não sei explicar por que, foram se enfiar nos cafundós da Amazônia, no distante município de Juriti, no estado do Pará. Ali, o casal italiano completou a prole com mais quatro rebentos. Zezinho, o que ficou para trás, finalmente, aos 20 e poucos anos, atravessou o Atlântico e veio se juntar à família, que a essas alturas já morava em Belém, onde todos estudavam. Falava um português arrastado, mas entendia a situação e ajudava no que podia para dissimular as visitas de Janete. Os Tancredi moravam em uma casa geminada e, com receio de os vizinhos ouvirem o que falavam – já que, como legítimos descendentes de italianos, não economizavam decibéis nas conversas –, punham o volume da TV a toda altura. Nessa visita preparatória, o caráter da conversa era mais sigiloso ainda, pois elas combinavam os passos futuros: Janete iria amiudar suas visitas, trazendo aos poucos, dentro

Florestas do meu exílio Final 3.indd 186 14/05/2013 17:33:23

do carrinho de Artionka para não despertar suspeita, os suprimentos necessários para a viagem.

A visita do juiz auditor

Certo dia, por volta das dez da manhã, o cabo Da Silva entrou espavorido na enfermaria acompanhado de dois soldados, um deles com a metralhadora a tiracolo.

– Puta que pariu! O juiz militar tá chegando aí pra fazer inspeção. A sorte é que enxergamos o caboco antes de ele entrar. Olha a cagada, se ele descobre que relaxamos desse jeito a gente ia daqui direto pra cadeia, com certeza. Rápido! Vambora arrumar essa bagunça, o homem tá chegando.

Assim, o soldado que já estava com a metralhadora em punho retornou à posição ostensiva dentro da enfermaria, enquanto os outros foram se juntar no alojamento para aguardar os acontecimentos. Eu, por minha vez, retomei o papel de preso doente, enfiando-me sob os lençóis, virando para o outro lado, fingindo dormir.

Por duas vezes, os homens das Forças Armadas realizaram inspeções de surpresa, mas os soldados da Polícia Militar, escolados e bem informados, jamais se deixaram pilhar cometendo qualquer deslize. Naquele dia, no entanto, por pouco não foram apanhados dispersos e distantes de seus postos. Jamais haviam sonhado com uma investida sorrateira do próprio juiz auditor. A sorte é que um soldado da escolta, que fumava debruçado na janela do alojamento no segundo andar, viu o carro preto com placa de bronze da Justiça entrando no estacionamento privativo da administração.

Ouvi o bom-dia do juiz e permaneci quieto, encolhido na cama. Ele então tocou suavemente no meu ombro, repetindo o bom-dia. Dessa vez retirei o lençol que cobria minha cabeça e fui me voltan-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 187 14/05/2013 17:33:23

do devagarzinho em sua direção. Ao deparar-me com aquele senhor gordo e calvo, de paletó e gravata, me olhando de cima a baixo, permaneci em silêncio, mergulhado na mais profunda apatia, como se estivesse alheio ao que estava acontecendo no mundo.

– Sou o juiz auditor do Tribunal Militar da 8ª Região – apressou-se em se apresentar. – Estou aqui por algumas razões, primeiro para lhe fazer uma visita e tomar conhecimento do seu estado de saúde; depois, para ter uma conversa com o diretor do hospital e obter uma previsão do seu retorno ao presídio e, por último, verificar as condições de segurança.

Dito isso, perguntou-me como estava me sentindo. Demorei um tempão para balbuciar, em tom de desânimo, algumas palavras dando a entender que estava melhor. Nossa conversa evoluiu pouco: depois de ouvir sussurros monossilábicos, ele se despediu me desejando pronto restabelecimento, e foi ter com o diretor do hospital. Notícias desse encontro me chegaram através do meu fiel escudeiro João Conceição, que acompanhou o momento decisivo, em que o médico responsável pelo meu caso, contrariando a vontade do juiz, que queria meu retorno imediato ao presídio, apresentou um relatório clínico propondo mais trinta dias de internamento. O magistrado disse que de maneira nenhuma renovaria minha permanência por tanto tempo, e, depois de idas e vindas, estabeleceu não mais que dez dias para que eu retornasse à penitenciária. João Conceição, alegre e sorridente, relatou-me com riqueza de detalhes a tensa reunião que decidiu meu destino e concluiu afirmando que eu permaneceria no mínimo mais duas semanas no hospital.

No dia seguinte, já ninguém se lembrava da visita do juiz. A rotina descontraída foi restabelecida. O soldado Álvaro, pela manhã, depois da visita do médico, entrou no quarto e puxou conversa comigo:

Florestas do meu exílio Final 3.indd 188 14/05/2013 17:33:23

– Escuta lá, meu chapa! Essa é boa! Fui procurado pela enfermeira-chefe Nilda, sabe o que ela quer? Quer uma coisa simples que a gente pode fazer numa boa!

– Então diga lá que coisa simples é essa – disse-lhe eu.

– É o seguinte: ela me disse que daria uma grana pra gente te levar na casa dela.

– O quê? – reagi com espanto.

– Hum! Quer dizer que tu ainda não te deste conta da situação? De onde vêm essas flores, frutas e biscoitos que nunca faltam na tua cabeceira? Tu tás pensando que é por conta do hospital? Abre o olho! Todas as manhãs, além das coisinhas que deixa na tua mesa, ela te beija, e não é aquele beijinho de bom dia não! É na boca mesmo! Não me digas que tu não sentes nada?

– Claro que não, como vou me dar conta, se durmo pesado, entupido de Valium? Mas vamos fazer o seguinte: eu te pago o mesmo que ela ofereceu, só que em vez de vocês me levarem pra casa dela, vocês me levam na minha, fechado?

– Da minha parte dá no mesmo, só que antes de bater o martelo vamos nos certificar se tua casa não tá sendo vigiada pelos arapongas do SNI. Amanhã de madrugada, vou sapear o teu pedaço. Se a barra tiver limpa, em nossa próxima escala vamos fazer esse passeio noturno contigo. Não esquece de pedir pra tua mulher uma roupa bacana, dessas que a gente usa pra ir na missa do domingo; de pijama é que não vais poder sair daqui, concordas? Se tudo correr bem saímos daqui meia-noite e voltamos quatro, quatro e meia.

No começo da tarde daquela terça-feira, Janete entrou sorridente no quarto, com um cravo branco preso em seus cabelos negros sedosos. Estava tão encantadora, que deixei de lado meu tema prioritário para recitar um poema para ela. Ficamos um tempo abraçados, em silêncio, um instante de ternura sucedido por

Florestas do meu exílio Final 3.indd 189 14/05/2013 17:33:23

um balanço tenso da realidade. Janete não tinha vindo me visitar no dia anterior para correr atrás dos contatos. Sem esconder seus temores em relação ao perigo que corria, mostrava-se satisfeita com os avanços do nosso projeto. Falou-me com entusiasmo das irmãs Tancredi. Estava tudo combinado: seriam as únicas pessoas a ter contato conosco no "dia D", e o traslado até o porto seria realizado no Fusca de Ana. Elson e Jalva, que a princípio se mostraram receosos diante do risco que correríamos, ficaram mais confiantes depois que Janete lhes explicou nosso plano de fuga, e acreditaram que tudo daria certo. Até se entusiasmaram em nos encontrar quando estivéssemos em lugar seguro. Janete lhes entregou a lista de produtos que considerava essenciais para a viagem e lhes pediu para acondicionar tudo em um saco de estopa, como convinha à nossa condição de retirantes, como na letra do baião de Luiz Gonzaga: "A malota era um saco e o cadeado era um nó". Falou-me que havia localizado nossa amiga Leopoldina, que se dispôs a levantar sem demora as informações de que precisávamos. Finalmente me lembrou que no dia seguinte teria uma nova conversa com Hélio e o dr. Almir. Contei a ela que havia conhecido o velho gordo de quem ela tanto falara e de sua obstinação em querer me devolver imediatamente ao presídio.

– João Conceição garante que vai esticar minha permanência por mais duas semanas, mas, por via das dúvidas, acho melhor definirmos o dia de nossa partida. Que tal no começo da semana que vem?

– De minha parte, tudo bem, é tempo suficiente para concluir os preparativos.

– Tenho mais uma coisa pra te contar. Ontem, o soldado Álvaro veio me consultar sobre uma proposta da enfermeira Nilda.

Janete ouviu a história em silêncio; seu olhar de reprovação refletia seus sentimentos, mas, quando lhe disse que havia aceitado a

Florestas do meu exílio Final 3.indd 190 14/05/2013 17:33:23

proposta com a condição de que me levassem em casa, abriu um belo sorriso e se descontraiu.

Visita na madrugada

No dia seguinte, às seis da tarde, entrou de serviço a equipe do cabo Pelaes. O soldado Álvaro sentou ao meu lado e foi direto ao assunto:

– Tá a maior limpeza! Não tem ninguém perto da casa da tua mulher, os homens relaxaram mesmo. Podes te preparar que hoje tu vais dormir em casa. Por falar nisso, tua mulher trouxe a beca para o passeio?

– Sim, está ali, pendurada no armário.

Álvaro levantou e deu uma olhada:

– Hum! Tá bacana, vestido dessa maneira, duvido que alguém te reconheça e... se reconhecer, tô nem aí! Não devo satisfação a ninguém aqui, o importante é não marcar bobeira na hora da volta. O cabo e eu, fardados e armados, vamos te conduzir pelo corredor do hospital até a saída sem dar as horas a ninguém. Uma vez na rua, tomamos o primeiro táxi que passar, tu e o cabo vão sentar atrás, eu vou na frente, do lado do motorista. Vou cantar o endereço e mandar tocar pra lá. Tu ficas calado, nada de conversa com o cabo, deixa que eu bato papo com o motora.

Na hora combinada, vesti minha roupa de domingo, deixei a enfermaria ladeado pelo cabo e pelo soldado. Não havia viva alma no corredor, reinava o mais absoluto silêncio e, na portaria, duas pessoas roncavam esparramadas nos sofás. Ao botar o nariz na rua, fui recebido por uma lufada de vento quente que, além de revirar as folhas amareladas das mangueiras caídas no asfalto, encheram meu peito de liberdade. Na noite sem lua, com a cidade deserta e na penumbra,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 191 14/05/2013 17:33:23

com apenas um ou outro ponto de luz rompendo as trevas, parecíamos três sombras furtivas caminhando sem rumo. Andamos para evitar tomar táxi no ponto do hospital, e assim fomos nos distanciando. Algumas quadras depois, apareceu um Fusca. Álvaro fez sinal.

– Leva pro Jurunas – disse ele.

O motorista pisou fundo no acelerador, fazendo cantar os pneus.

– O que é isso, rapaz! – reagiu o soldado. – Vais tirar o pai da forca?

– Desculpa, seu guarda, falha minha, não leve a mal!

Sem trânsito, em dez minutos o carro estacionou na entrada da vila, dali seguimos a pé. Eu caminhava inseguro, como se estivesse escolhendo o chão para pisar. O fato é que não conhecia a casa, era minha primeira visita, mas havia dito aos soldados que morava ali há um tempão. Fui contando as casas à esquerda, a minha era a nona. Quando vi a luz da sala acessa, relaxei. Era Janete esperando na soleira da porta, como combinado.

Enquanto o cabo se esticava numa rede e o soldado se acomodava no único sofá da sala, passei direto para o quarto onde dormia minha filha. Depois de tanto tempo, podia desfrutar de alguns momentos de "vida normal", como se fosse um pai de família voltando para casa depois de uma longa jornada de trabalho. Por um lapso, pude conviver intensamente com Janete e Artionka, que dormia serenamente, como se a vida fosse uma eterna repetição desses momentos. Esquecemos da hora em volta do berço velando e contemplando o sono de nossa doce criatura. Depois nos deitamos, ficamos abraçados curtindo cada segundo de felicidade na tentativa de compensar a longa ausência um do outro.

Esse momento de encanto foi interrompido por pancadas na parede; o cabo avisava que o tempo havia esgotado. Janete insistiu para que esperassem o café, mas não houve caso: o soldado Álvaro tinha se

Florestas do meu exílio Final 3.indd 192 14/05/2013 17:33:23

adiantado e já estava com o táxi esperando na entrada da vila. Janete chamou o soldado de lado, e depois de lhe agradecer pelo que estava fazendo entregou-lhe o valor acertado mais o do táxi. Entrei no quarto e dei uma olhada de despedida em Artionka, que continuava a sono solto. Beijei Janete e retomei o caminho de volta.

A cidade permanecia morta, apenas um ou outro guarda noturno vagava pelas ruas. Enquanto o táxi deslizava pelas ruas desertas, eu relembrava, em estado de graça, os momentos vividos na minha casa. De repente, o sonho virou pesadelo: estava passando ao lado do pavoroso e silencioso casarão para onde, a qualquer momento, poderia ser trazido de volta. Olhar o presídio São José pelo lado de fora foi chocante. Meu estômago embrulhou, por pouco não pedi para parar o carro. Não! Qualquer coisa, menos voltar ao manicômio. "Nunca mais!", pensei.

Descemos na portaria do hospital, subimos as escadas, entramos e nos deparamos com algumas pessoas chorando. Eram parentes de um enfermo que acabara de falecer. Seguimos direto pelo corredor até a enfermaria, onde me deixaram, sem qualquer contratempo.

Vesti o pijama e me meti na cama. Aquela visita inacreditável serviu para incendiar de vez o desejo de liberdade, e também para estreitar, ainda mais, a relação de cumplicidade com meus carcereiros.

A semana voou. Na visita da segunda-feira, véspera do "dia D", Janete chegou com a informação que havia recebido de Leopoldina: várias embarcações desatracavam diariamente dos portos existentes na orla do rio Guamá, na Cidade Velha, com destinos diferentes. Para Santarém a escolha era variada, com muitas opções de barcos de linha e clandestinos. De Santarém para Manaus era parecido, não faltava embarcação deixando o porto. Poderiam desembarcar de uma e imediatamente tomar outra, seguindo adiante. No entanto, em que pesem às facilidades encontradas, eu teria que permanecer no hospital

Florestas do meu exílio Final 3.indd 193 14/05/2013 17:33:23

por mais um dia: é que o barco escolhido por Leopoldina só largaria na maré da noite de quarta, e ainda assim dependia de confirmação. Janete tinha ainda algumas pendências; faltava colocar Leopoldina em contato com Catarina, que precisava aprender o caminho do porto e também localizar com rapidez, entre tantas embarcações ali ancoradas, a que nos levaria rio acima. As duas se conheciam da filosofia, mas não sabiam que estavam juntas na operação. Janete se despediu dizendo que talvez não pudesse vir no dia seguinte, mas que não me preocupasse, pois estaria tratando dos preparativos da viagem.

Na quarta-feira, Janete entrou na enfermaria visivelmente tensa, empurrando o carrinho de Artionka com uma das mãos. Com a outra, tentava arrumar os cabelos em desalinho; ventava forte, anunciando a chuva da tarde. Seu nervosismo saltava aos olhos, e nem precisei ouvi-la para saber que estava tudo confirmado. Com muita cautela, Janete foi me repassando os componentes do disfarce: sapato branco, óculos de grau, brilhantina, estetoscópio, bata e calça branca.

– Aí está – disse ela –, foi o Bira, tem sido um companheirão! – Bira era estudante de Medicina e namorado de Lica. – Ele mandou te dizer que comprou as roupas de acordo com minhas orientações, e espera que tenha acertado. Quanto ao estetoscópio, disse: "Faça bom uso dele e depois jogue na primeira lixeira que encontrar na rua". Ele está torcendo muito por nós.

Janete fez uma recapitulação detalhada do que havia feito até aquele momento. Parecia que tudo corria como havíamos planejado, menos uma coisa: o dinheiro. Ela havia arrecadado o correspondente a 1.200 dólares, quantia razoável para a viagem, mas teve que deixar a metade nas mãos dos soldados. O que sobrou parecia insuficiente.

– Paciência! Nem tudo pode ser perfeito! – Rindo, concluí: – Haveremos de nos arranjar.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 194 14/05/2013 17:33:23

Depois de receber a informação de que Catarina e seu Fusca estariam me esperando às onze em ponto, na esquina da rua D. Romualdo de Seixas com Diogo Moia, lembrei-me da possibilidade de ser descoberto no momento da saída.

– Se isso acontecer, o que achas que devemos fazer? – disse Janete.

– Independentemente do que vier a acontecer, às onze em ponto estejam no ponto. Esperem cinco minutos e deem uma primeira volta na quadra, subindo a Generalíssimo, passando bem devagar pela frente do hospital. Refaçam pelo menos três vezes esse circuito voltando ao mesmo lugar. De minha parte, se algo der errado, vou correr em direção ao ponto. Quem sabe, na hora do sufoco, não encontre vocês pelo caminho? Daí a importância das voltas no quarteirão. Por último, caso eu não consiga escapar, não duvide: tome esse barco, siga em frente, vá com nossa filha para o Chile.

Janete, que ouvia em silêncio, reagiu dizendo que não havia nada a temer e que estava segura de que tudo daria certo. Depois, ela se despediu com um beijo, dizendo que logo mais estaríamos juntos na casa das Tancredi e que nunca mais voltaríamos a nos separar. No final da visita, acertamos nossos relógios.

Quarta-feira, 21 de julho de 1971

Às oito da noite, a enfermeira me entregou o copo d'água e o comprimido de Valium. Apenas repeti o que vinha fazendo nos últimos dias: esperei ela virar as costas, saí correndo para cuspir o remédio no vaso sanitário, depois voltei para a cama, onde permaneci quieto até as dez, consumindo o tempo com a imaginação. Levantei suando frio, fui até a porta, olhei para um lado e para o outro; o soldado do plantão já havia desaparecido. Tampouco vi movimento de atendentes e enfermeiras, afinal estávamos em um

Florestas do meu exílio Final 3.indd 195 14/05/2013 17:33:23

hospital público. Restavam apenas os doentes que, vez por outra, quebravam o silêncio da noite com seus gemidos.

Diante do espelho, minha imagem refletia tensão e medo. Minha mão tremia tanto que o simples e corriqueiro ato de me barbear, naquele momento, tornou-se um enorme sacrifício. Cada vez que o barbeador resvalava surgia um filete de sangue no meu rosto, e foi assim até o último fio do bigode. Em seguida, apliquei uma leve camada de brilhantina nos cabelos, coloquei os óculos e fiquei me encarando no espelho. Mesmo com a visão um pouco distorcida pelas lentes de grau, dei-me conta de que já não era o mesmo. Sorri confiante. Vesti a calça branca, que ficou frouxa na cintura, coloquei o cinto e afivelei no último furo, vesti a bata branca por cima encobrindo o franzido da calça, pendurei o estetoscópio no pescoço, recoloquei os óculos, voltei a me olhar no espelho. "Perfeito! Até Janete vai ter dificuldade em me reconhecer", pensei.

Mas o teste final aconteceria a poucos metros dali, no corredor principal. Fui saudado por uma enfermeira sorridente: "Boa noite, doutor". Apanhado de surpresa, não devolvi a saudação. Mas rápido aprendi a lição, e daí em diante passei a cumprimentar todo mundo que cruzava meu caminho. Na recepção, alguns funcionários se ocupavam de registrar o fluxo de pessoas; cumprimentei-os e segui em frente. Desci as escadas com o ar triunfante de um semideus – que era como os doentes viam os homens de branco, atribuindo-lhes poderes capazes de ressuscitar Lázaro. Sentados, batendo papo em um banco do jardim, a poucos metros do portão principal, estavam dois soldados da minha escolta. Nem mesmo levantaram a vista à passagem de mais um doutor e seguiram conversando tranquilamente.

Finalmente cruzei o portão. Retirei os óculos que me atrapalhavam a visão. Atravessei a avenida Generalíssimo Deodoro e contornei a Faculdade de Medicina, seguindo pela D. Romualdo. Meu

Florestas do meu exílio Final 3.indd 196 14/05/2013 17:33:23

passo apertado conjugava pressa e prazer. Respirava fundo, como se acabasse de emergir de um afogamento. Deliciava-me com o vento morno, encharcado de umidade da noite quente de Belém. Avistei o Fusca parado na esquina com Catarina ao volante e Janete a seu lado. Meu coração disparou. Ameaçou saltar do peito. Entrei no banco de trás explodindo de excitação. Saudei as duas.

– Boa noite, companheiras!

– Menino! Eu não acredito! És tu mesmo? – exclamou Catarina, com seu jeitão italiano de ser, impressionada com o meu visual.

Sim, senhora. Sou eu mesmo: médico especialista em dores do corpo e da alma.

– Se não tivesse convivido com vocês por um tempo, dificilmente acreditaria nessa história – comentou don José, interrompendo meu longo relato e pedindo que Janete contasse o que tinha feito depois de sair do hospital, até o reencontro comigo no carro de Catarina.

– Eu sabia que não podia mudar a rotina e simplesmente desaparecer – relatou Janete. – Por isso, ao deixar o hospital às quatro da tarde, mesmo já tendo tirado tudo que precisava para a viagem, voltei em minha casa. Eu morava a três quadras do presídio, em uma vila de casas geminadas, num beco sem saída, onde todo mundo sabia da vida de todo mundo. Falava-se que o vizinho da segunda casa à direita da entrada da vila, que havia ali se instalado logo depois de mim, seria um agente de informação da repressão com a missão de monitorar meus passos. Com o coração aos saltos, fui desempenhando minhas últimas tarefas domésticas antes de abandonar a casa: banho no bebê, roupinha limpa e mamadeira. Depois, foi minha vez de me preparar para o passeio diário do final da tarde. Fiz tudo exatamente como nos dias anteriores: deixei o rádio ligado e a janela aberta. Bati na porta da vizinha da frente para pedir que desse uma olhada na casa enquanto eu passeava com Artionka.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 197 14/05/2013 17:33:23

Em seguida, saí empurrando o carrinho em direção à praça Batista Campos. Nesse dia, fui especialmente cautelosa. Em vez de um, tomei três ônibus, rodei um tempão para me certificar de que não estava sendo seguida. Só depois de muitas voltas entrei na casa das irmãs Tancredi, onde fiquei organizando nossas coisas para a viagem até a hora de sairmos para o ponto de encontro com João.

Quando ele entrou no carro, eu estava calma. Ao longo dos últimos dias havia esgotado toda a adrenalina existente no meu organismo. Demos algumas voltas conversando tranquilamente, até que Catarina estacionou em sua garagem, descemos e entramos por uma porta independente que dava para um cômodo isolado do restante da casa, onde encontramos Ana Tancredi cuidando de Artionka. Em poucos minutos, João passou de médico a mendigo, com uma desbotada camisa de brim América combinando com uma surrada calça de caroá cheia de remendos, sandálias de tiras e um chapéu de palha, completando a metamorfose. Quanto a mim, tive que trocar minha costumeira calça jeans por um vestido estampado de chita. E também Artionka teve suas bochechas rosadas tisnadas por uma maquiagem de pó de carvão. Daquele momento em diante, João passaria a se chamar Zé, eu, Maria, e nossa bebê de apenas 9 meses ganharia o nome de guerra de Carminha.

Dentro de uma maleta amarrada com uma corda de sisal, mais uma caixa de embalagem de sabão e um saco de estopa, guardamos o que precisávamos para a viagem, o suficiente para entupir o porta-malas e o chiqueirinho do Fusca. A caixa de sabão, onde colocamos a água mineral, terminou indo junto comigo, João e Artionka no banco de trás. Na frente, foi Nicola, o caçula dos Tancredi, ao volante; a seu lado, Catarina, indicando o caminho. Chegamos ao porto em cima da hora, identificamos o barco de nome *São Sebastião do Monte*, que já estava de motor ligado, nos apresentamos ao dono e

Florestas do meu exílio Final 3.indd 198 14/05/2013 17:33:23

pagamos a passagem. Ele nos mostrou o lugar para atar nossas redes, uma ao lado da outra. Já estávamos deitados quando um grupo de soldados do Exército surgiu no convés da embarcação.

Entrei em pânico. Agarrei-me desesperada em João.

"Fique calma, não é conosco, tenho certeza! Faz pouco mais de uma hora que escapei do hospital, só vão se dar conta de minha ausência às seis da manhã, quando a enfermeira Nilda for me levar flores. Fique tranquila", confortou-me. Ele tinha razão. O porto estava congestionado, o barco em que eles tinham acabado de chegar não conseguia encostar, por isso estavam passando por dentro da nossa embarcação para chegar à terra. Depois do susto, o *São Sebastião* desatracou e passou a singrar bem devagar as águas calmas do Guamá.

De Belém a Guajará-Mirim

Antes de clarear, já estávamos de pé, encostados ao parapeito lateral da embarcação, aguardando com ansiedade o novo dia despontar na amplidão do horizonte. Em câmera lenta, uma gigantesca bola de fogo veio surgindo por trás do verde intenso da floresta, banhando de luz o alvorecer da liberdade. O sol, que crescera no horizonte, parecia tão próximo que dava a sensação de que poderíamos entrar nele na próxima curva do rio. O barco deslizava sem muita pressa, prenúncio de uma longa viagem.

– Enquanto Janete cuidava de trocar e alimentar Artionka, eu tratei de observar a embarcação e seus navegantes – o que me tomou poucos minutos. Não havia muito espaço a percorrer, don José. O barco era pequeno, aguentava de dez a doze toneladas e estava sobrecarregado, com o porão entulhado de mercadorias sem nota fiscal. O peso era tanto que, quando batia uma onda mais forte, a água invadia o convés, assustando os passageiros. Além da carga

Florestas do meu exílio Final 3.indd 199 14/05/2013 17:33:23

excessiva, havia mais doze pessoas: quatro homens, três mulheres, duas crianças e três tripulantes que se desdobravam para dar conta de todas as tarefas de navegação.

Um deles era Lico, jovem ainda, porém muito responsável; cuidava da popa à proa. Quando não estava na cozinha, era encontrado agarrado ao timão ou substituindo o maquinista. Parecia carregar aquele barco nas costas com prazer e bom humor. Entre uma tarefa e outra, parava alguns minutos para fazer festa e brincar com Artionka, que se divertia rindo das encenações que ele aprontava.

Mas, por mais que se esforçasse, Lico não conseguia convencer como cozinheiro, como ficou claro logo no primeiro almoço, quando, mesmo com o estômago reclamando de fome, a comida voltou quase intacta. Lico serviu um feijão duro, mergulhado num caldo ralo com gosto de percevejo, acompanhado de uma papa de arroz gelatinosa, um desastre! Para retribuir a atenção de Lico com nossa filha, e também em solidariedade aos demais, Janete reuniu as mulheres, que passaram então a se ocupar da cozinha. Com os mesmos ingredientes – feijão, arroz, carne em conserva e farinha de mandioca –, conseguiram, para a felicidade geral, dar um salto na qualidade da comida.

Nos barcos de passageiros que fazem normalmente essa linha, a viagem duraria no máximo três dias. No entanto, o *São Sebastião* era realmente especial. Fez sua primeira parada na cidade de Breves e, daí em diante, foi pingando de porto em porto, em dezenas de pequenos vilarejos situados nas margens do rio Amazonas, nos quais, aos poucos, ia desovando suas mercadorias. Eu, particularmente, não me incomodava com a lentidão da viagem. Mas, no final do quinto dia, foi-se a última garrafa de água mineral de Artionka. Passamos a coar e a ferver a água, mas seu organismo não resistiu: teve diarreia seguida de febre e vômito. Os medicamentos que tínhamos não

Florestas do meu exílio Final 3.indd 200 14/05/2013 17:33:23

surtiam efeito, e no máximo conseguíamos baixar a febre com analgésicos. A criança definhava diante de nossos olhos, levando-nos ao desespero; precisávamos urgente de um pediatra. Daí em diante, o dono do barco não teve mais sossego. A cada instante íamos até ele para saber quanto tempo faltava para chegar a Santarém. As últimas vinte e quatro horas insones foram mais longas que os seis dias que havíamos navegado.

Os demais passageiros, impacientes com a demora, engrossaram a pressão para que o barco seguisse direto. O homem resistiu, alegando que tinha compromisso com as pessoas que aguardavam suas encomendas e que também teria prejuízo caso tivesse de ir a Santarém e depois retornar para fazer as entregas. Os passageiros se exaltaram. O casal Júlio e Francisca, cujo filho de 3 anos apresentava os mesmos sintomas de Artionka, iniciou com o dono do barco uma acalorada discussão, que logo descambou para um bate-boca feroz. Não se atracaram graças à intervenção de Lico, de um lado, que conseguiu segurar o proprietário, e da nossa, de outro, que tratamos de acalmar a fúria de Júlio evitando o confronto. O que menos queríamos era a presença da polícia na chegada a Santarém. Aos poucos, a tensão foi baixando, todos voltaram a conversar com serenidade, até que, para alívio geral, o proprietário cedeu, comprometendo-se a atracar sua embarcação somente no cais de Santarém. Depois desse episódio e diante da doença compartilhada pelos filhos, acabamos estreitando relações e nos tornando amigos de Júlio e Francisca.

Quando a cidade despontou no horizonte, provocou euforia entre os passageiros, que logo passaram a se movimentar para reunir e organizar seus pertences para o desembarque. Eu não partilhava dessa alegria. Estava tenso e preocupado, pensando no médico para atender minha filha e vivendo o dilema do fugitivo. Se fôssemos a um pronto-socorro ou a qualquer outro local público, nos seriam

Florestas do meu exílio Final 3.indd 201 14/05/2013 17:33:23

exigidos documentos, ou até poderíamos encontrar cartazes de "procura-se" com minha fotografia nas paredes, recurso utilizado pelo regime militar na caça de seus adversários políticos. Ao longo dos dias de viagem, tratei de melhorar meu disfarce. Além das roupas e do chapéu que me acresciam no mínimo dez anos, tive meus cabelos cortados e oxigenados por Janete, e ficava horas flanando no toldo do barco, debaixo de um sol escaldante. Os demais passageiros não entendiam a extravagância, mas aos poucos fui me tornando quase irreconhecível. Ainda assim não valia a pena arriscar. O melhor seria recorrer a um consultório particular, onde certamente não exigiriam mais que o pagamento. Mais adiante eu confirmaria que minha preocupação com a aparência não era à toa.

Estava eu observando a cidade se aproximar enredado em um novelo de dúvidas quando Júlio me abordou. Tocando levemente meu ombro, perguntou-me se eu tinha onde ficar em Santarém. Nas conversas inevitáveis ao longo daqueles dias de ócio obrigatório, eu havia comentado com ele que, depois de ter ouvido falar da Zona Franca de Manaus, havia decidido juntar os trapos e correr atrás da sorte; não perderia tempo em Santarém, e ficaria somente o necessário para sair de uma embarcação e entrar em outra. Eu queria chegar logo para recomeçar a vida. Mas, por causa da saúde, meus planos haviam mudado. Disse-lhe que procuraria uma pensão para me alojar com a família. Fui então surpreendido com o convite de Júlio para que ficássemos em sua casa.

A princípio, relutei. A casa dele era humilde, mas estava à nossa disposição pelo tempo que durasse o tratamento de nossa filha, insistiu ele, e, agradecidos, aceitamos o convite. Júlio vivia com a família numa casa sobre palafita na periferia de Santarém. Eram realmente pobres, mas muito solidários e generosos, e dividiram conosco o pouco de que dispunham. Arriamos nossas tra-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 202 14/05/2013 17:33:23

lhas e partimos em busca de atendimento para Artionka. Pagando um pouco mais, conseguimos uma consulta de emergência com um pediatra que, após examiná-la, não teve dúvidas e diagnosticou infecção intestinal, prescrevendo um antibiótico e mais três outros medicamentos.

Quatro dias depois, com a saúde de nosso bebê restabelecida, nos despedimos da família de Júlio e retomamos a viagem.

Diferentemente do primeiro trecho, chegamos a Manaus no amanhecer do terceiro dia, sem qualquer incidente. No entanto, as despesas extras com pagamento de consulta, remédios e alimentação durante a estadia em Santarém abalaram seriamente nossas finanças, obrigando-nos a fazer uma única refeição diária para economizar cada centavo.

Em Manaus, a sorte nos sorriu. Ao desembarcar do *São Sebastião*, encontramos um barco já esquentando o motor para partir. Não havia tempo a perder e saí correndo para completar as provisões essenciais para mais uma longa jornada. Comprei tudo ali mesmo, nos ambulantes da beira do cais, mas não encontrei o leite recomendado pelo médico. Deixei as compras no barco, retornei à procura de uma farmácia e, em frente ao mercado de peixe, tomei o maior susto: "PROCURA-SE", estampava um cartaz com duas fotos minhas, uma de frente e outra de perfil, com uma descrição e informações a meu respeito. Anos depois tive acesso a um recorte da *Folha do Norte*, jornal de grande circulação na região, com uma notícia cujo texto se parecia com o cartaz que encontrei naquele dia:

> A Polícia Federal está procurando e solicita a colaboração de todos em localizar perigoso subversivo que está condenado e em local incerto e não sabido.
>
> Trata-se do paraense João Alberto Rodrigues Capiberibe, que dirigia um "aparelho" na Amazônia, que foi destroçado pelas Forças Armadas

Florestas do meu exílio Final 3.indd 203 14/05/2013 17:33:23

FOLHA DO NORTE ——— 31/7/71 ——— 9a. Pág.

Perigoso subversivo caçado pelos federais

A Polícia Federal está procurando e solicita colaboração de todos em localizar perigoso subversivo que está condenado e em local incerto e não sabido.

Trata-se do paraense João Alberto Rodrigues Capiberibe, que dirigia um "aparelho" na Amazônia, que foi destroçado pelas Forças Armadas em colaboração com os federais. Diversos de seus companheiros estão presos faltando ainda "Capi", como é conhecido.

Os últimos informes em poder das autoridades, dizem que "Capi" teria sido visto navegando em um veleiro rumo a Macapá ou Mazagão para alcançar qualquer local do T.F. do Amapá.

Ao que se sabe não chegou naquele território e as buscas continuam. Quem dele souber o paradeiro queira dar ciência as autoridades policiais, quer da Federal ou Estadual, que possuem ordem para prendê-lo. "Capi" é perigoso e num requinte de perversidade no "Campo de treinamento" ao longo da BR chegou a fuzilar uma criança de 13 anos (menina) afim de jogar a culpa nas Forças Armadas e nos "Federais".

Queria inimizar o povo do local com as autoridades, entretanto nada conseguiu. Fazia parte do grupo liderado por "Vitor" com curso de treinamento em Cuba. E especializado em guerrilhas, capturado pelas Forças Federais no Pará e pelos federais quando pretendia embarcar no Terminal Rodoviário em Belém, em meados de 1970.



"Capi" (em 3 paises) é procurado pelos federais

Florestas do meu exílio Final 3.indd 204 14/05/2013 17:33:23

> em colaboração com os federais. Diversos de seus companheiros estão presos, faltando ainda "Capi", como é conhecido.
> Os últimos informes em poder das autoridades dizem que "Capi" teria sido visto navegando em um veleiro rumo a Macapá ou Mazagão para alcançar qualquer local do Território Federal do Amapá.
> Ao que se sabe, não chegou naquele território e as buscas continuam. Quem dele souber o paradeiro queira dar ciência às autoridades, quer federal ou estadual, que possuem ordem para prendê-lo. "Capi" é perigoso e num requinte de perversidade no "campo de treinamento" ao longo da BR chegou a fuzilar uma criança de 13 anos (menina) a fim de jogar a culpa nas Forças Armadas e nos "federais".
> Queria inimizar o povo do local com as autoridades, entretanto nada conseguiu. Fazia parte do grupo liderado por "Victor", com curso de treinamento em Cuba. Especializado em guerrilhas, foi capturado pelas Forças Federais no Pará, quando pretendia embarcar no Terminal Rodoviário em Belém, em meados de 1970.

O cartaz concluía fornecendo vários endereços e números de telefones para que as pessoas pudessem denunciar. Para mim, o que acabara de ler nada mais era que a justificativa para minha execução caso fosse capturado. Mas ao olhar atentamente as fotos, concluí: pode ser qualquer um, menos eu, e relaxei: não havia hipótese de ser reconhecido. Segui em frente, comprei o que precisava e retornei ao barco. Poucos minutos depois, voltamos a navegar sobre o leito principal do rio Amazonas, em busca da foz de um de seus afluentes da margem direita: o rio Madeira.

O nome do barco era pomposo: *Real Príncipe da Beira*. Com destino a Porto Velho, transportava cargas e passageiros. Tinha pouco mais que o dobro do tamanho do *São Sebastião* e também estava excessivamente carregado. Enquanto navegava no irrequieto Amazonas, o barco sacolejava sobre as ondas, provocando desassossego; já no Madeira, com águas mais tranquilas, deslizava suavemente, tor-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 205 14/05/2013 17:33:24

nando a viagem bem mais agradável. Além disso, ao pagar as passagens, o encarregado comentou comigo que estava sobrando espaço no convés, pois mesmo cobrando a metade do preço dos barcos de linha poucos passageiros haviam embarcado. Nosso bebê era a única criança a bordo, então nos deram o privilégio de nos instalarmos próximo à parede da cabine de comando, ponto mais distante do barulho do motor.

No nosso primeiro dia subindo o Madeira em direção a Porto Velho, fomos presenteados com um sol deslumbrante, que antes de desaparecer preguiçosamente na linha verde do horizonte deu-nos um inesquecível espetáculo de luz e cores. Sentados na proa da embarcação com Artionka no colo, acompanhávamos o entardecer nos deleitando com o cenário exuberante e infindável do espelho d'água do leito do rio que, ladeado por duas linhas de árvores enormes, serpenteava a perder de vista. Eu e Janete trocávamos impressões sobre o que víamos naquele momento em que navegávamos em direção oposta à foz do rio Amazonas. As margens do Madeira emergiam de uma longa temporada de inundação. A cada ano, de janeiro a maio, a terra desaparece, restando nada mais que água e floresta na paisagem. Mas já estávamos no começo de agosto e as águas do rio avançavam céleres para o mar, a estiagem já se fazia presente, o rio começava a emagrecer, suas margens desaguadas revelavam o solo, que sustenta a mais rica biodiversidade do planeta. Já na foz tudo é muito diferente. Essa água toda que tínhamos visto até aquele momento e mais a que vem da cordilheira dos Andes, por onde, se tudo corresse bem, deveríamos passar em algum momento, vai se avolumando sem parar até invadir o Atlântico, adoçando e tingindo suas águas de marrom – mas não impunemente: o mar, em cumplicidade com a lua, obriga o rio a encher e vazar duas vezes ao dia de acordo com seus horários, e também regula a vida ribeirinha que se movimenta no ritmo das marés.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 206 14/05/2013 17:33:24

Correm muitas histórias e lendas sobre a impetuosidade do rio quando se aproxima do mar. Certa vez me contaram que a Ilha Croa do rio Pedreira havia andado quinze quilômetros rio abaixo, desde sua formação. No começo duvidei da história, mas depois que me disseram como isso acontece, acreditei. O fenômeno se explica pelo vaivém das marés, cada uma com doze horas de duração, cinco enchendo e sete vazando. A ilha nasce e cresce no leito do rio Amazonas pela ação da erosão, que na vazante retira material da parte da frente para depositar na parte de trás da ilha. As duas horas a mais que o rio leva para secar determinam o avanço da ilha em direção ao mar.

Janete se lembrou do susto que levou com a pororoca, outro fenômeno exclusivo do baixo curso do rio, quando o Amazonas invade o Atlântico, provocando um choque de gigantes. Sem pedir licença, o rio vai penetrando no mar, que contra-ataca empurrando suas águas rio acima. Desse choque entre águas tingidas de cores diferentes nasce um enfezado e barulhento desfile de ondas fortíssimas que arrastam o que encontram pela frente, causando pânico aos navegantes.

Aos 7 anos, com os pais Lourival e Alzira mais seis irmãos e irmãs, Janete deixou para sempre sua cidade natal, Amapá, localizada em um teso em meio a um manguezal da costa atlântica, no hemisfério norte, a meio caminho da Guiana Francesa. Eles se mudaram para Macapá, capital do recém-criado Território Federal do Amapá. A viagem foi decidida pelos delírios utópicos de sua mãe, e tudo começou quando ela ouviu falar de um mito chamado "universidade", onde filho de pobre, com vento soprando a favor, podia até mesmo chegar a ser doutor. Embarcou todo mundo, da mais velha com 11 anos ao mais novo, ainda no peito, juntando a tralha dos anos vividos na modorrenta cidade pantaneira e partindo para enfrentar o longo estirão em mar aberto. Após alguns dias sem terra à vista, a linha verde da mata do boqueirão do Amazonas foi surgindo

Florestas do meu exílio Final 3.indd 207 14/05/2013 17:33:24

sem pressa no horizonte. Todos comemoravam – até os mareados já estavam de pé, como se a aventura estivesse concluída –, quando o comandante avisou que poderiam ser surpreendidos pela pororoca. Janete, tantos anos depois, relembra a cena em que sua mãe, aflita em meio à tormenta, rezava abraçada aos filhos implorando a proteção de Deus. Suas preces foram ouvidas. O comandante, com extrema habilidade, posicionou sua embarcação para o confronto e conseguiu vencê-lo, livrando-os do perigo.

Além de nós e dos três marinheiros encarregados de tanger o *Real Príncipe da Beira* rio acima, havia mais cinco passageiros a bordo, duas mulheres e três homens, todos estrangeiros e jovens. Observando seus jeans surrados, as mochilas estofadas e as longas melenas, pareciam membros de uma mesma tribo, ou gente que, no mínimo, havia comprado suas indumentárias na mesma loja. Richard e Karl eram alemães, encontraram-se em São Paulo e daí em diante passaram a viajar juntos. Pretendiam cruzar as Américas do Sul e Central de carona até os Estados Unidos, para em seguida retornar à Alemanha. As meninas canadenses, Cindy e Barbara, amigas de longa data, estavam concluindo a graduação na Universidade de Toronto, de onde saíram para percorrer a América do Sul. Paul, americano, viajava sozinho. Na tentativa de se comunicar, fazia uma salada de palavras, misturando inglês, português e espanhol, num idioma que só ele entendia. Mas era com seu violão, no entanto, que conseguia o que não lhe era possível com as palavras: estabelecia uma linguagem capaz de juntar todo mundo e até os tripulantes se uniam ao grupo para ouvir suas canções na língua incompreensível.

Não demorou para que estivéssemos integrados àquele grupo de jovens de cultura e idiomas diferentes. Mesmo esbarrando na dificuldade de comunicação, ainda assim passávamos horas conversando. Quase sempre, depois de bater cabeça sem nos entender, recor-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 208 14/05/2013 17:33:25

ríamos à loiríssima Cindy, que falava um português compreensível. Ela se esforçava em traduzir o que dizíamos e, quando empacava, recorria ao dicionário, ora de inglês, ora de castelhano, ora de alemão. Apesar da verdadeira Babel, foi possível conhecer um pouco de cada um.

O americano estava metido em uma enorme encrenca política. Militante da não violência, vivia em uma comunidade hippie no entorno de Los Angeles, costa oeste dos Estados Unidos, quando foi convocado para servir no Exército. Por princípio, não tolerava a ideia de combater na Guerra do Vietnã, além de considerar uma covardia a agressão militar dos Estados Unidos ao povo vietnamita. Por isso, não se apresentou e fugiu do seu país. Seu discurso me surpreendeu e me identifiquei com seus problemas. Cindy, penalizada, tratou de ajudá-lo informando que em seu país o serviço militar era voluntário, e que ele, como americano, podia atravessar a fronteira sem que lhe exigissem visto de entrada ou até mesmo passaporte. Disse ainda que tinha certeza do que estava falando, pois um americano, seu colega de turma, na Universidade de Toronto, havia fugido dos Estados Unidos para escapar do serviço militar e vivia tranquilo, sem risco de ser deportado.

Depois da revelação de Paul, foi a vez de Richard falar dos acontecimentos que marcaram sua vida, num inglês arrastado com forte sotaque alemão, traduzido por Cindy. Ao entrar na universidade, decidira se engajar na luta contra a Guerra do Vietnã e a energia nuclear, e também passara a defender os pobres do Terceiro Mundo, a ecologia e a liberdade. Ativista, não perdia uma só manifestação de rua, até que acabou preso em um protesto contra a visita do xá da Pérsia à República Federal da Alemanha. No mesmo dia de sua prisão, 2 de junho de 1967, outra tragédia aconteceu em frente à Ópera de Berlim: a polícia assassinou com um tiro à queima-roupa o estudante Benno

Florestas do meu exílio Final 3.indd 209 14/05/2013 17:33:25

Ohnesorg. Sua morte foi o estopim da rebelião estudantil, com ocupação das universidades e barricadas nas ruas de Berlim. O confronto direto entre os estudantes e a polícia se prolongou até o ano seguinte, alastrando-se com fúria inusitada. No dia 11 de abril, o líder mais radical do movimento, Rudi Dutschke, sofreu uma tentativa de assassinato. Em maio de 1968, a rebelião estudantil se espalhou por toda a Europa. Na França, o movimento acabou arrastando os trabalhadores a uma paralisação total do país. As cabeças do movimento estavam crentes de que, do mesmo jeito que haviam tomado as universidades, iriam tomar o poder, mas os governos reagiram duramente, abafando a rebelião. Assim, a vida retomou seu curso normal.

As histórias contadas por Richard pareciam em muitos aspectos com as de que havíamos participado nos últimos anos. No Brasil, porém, depois das ocupações das universidades e das batalhas entre estudantes e polícia nas ruas, a vida não se normalizou; a ditadura civil-militar radicalizou, prendendo, torturando e assassinando estudantes. Também, enquanto na Alemanha as necessidades básicas como alimentação, saúde, educação, trabalho, moradia e lazer tornaram-se acessíveis a todos, no Brasil continuaram sendo privilégio da minoria. Eu e Janete participávamos ativamente da conversa, mas em nenhum momento falávamos de nossa implicação pessoal.

Artionka se transformou em uma atração à parte ao longo da viagem. Cercada de atenção, ia de mão em mão, e lhe sobrava colo. Janete, tão jovem quanto as meninas canadenses, não demorou a se enturmar. Viraram amigas e cúmplices a ponto de trocar confidências, principalmente com Cindy, que, além da facilidade da língua, estava sempre por perto ajudando nos cuidados com a bebê. No quarto dia de viagem, depois de pedir segredo, Janete contou a ela, em detalhes, sobre nossa militância e suas consequências até aquele momento, no qual buscávamos chegar ao Chile para recomeçar a

Florestas do meu exílio Final 3.indd 210 14/05/2013 17:33:25

vida. Cindy ouviu com atenção, prometeu que não revelaria nada a ninguém e disse que estava disposta a ajudar no que fosse possível.

À medida que a viagem avançava, o rio se afunilava. Nas primeiras horas da manhã e no final da tarde, nos deslumbrávamos com revoadas coloridas de araras e papagaios atravessando de uma margem a outra. Juntos na proa, nos divertíamos disputando para ver quem conseguia contar mais aves nos bandos que cruzavam o céu. Na manhã do sexto dia, o comandante se aproximou do grupo para avisar que dentro de três horas estaríamos atracando no porto Garimpo, última parada antes da cidade de Porto Velho, nosso ponto final.

– Quem diria, hein! Não é que estamos quase conseguindo? – comentei, enquanto ajudava Janete a reunir seus pertences dentro da maleta. Não via a hora de cruzar a fronteira para me livrar de vez do perigo. Para isso, contávamos com os contatos de Hamilton Rocha. Pedi a Janete que me entregasse as cartas.

– Estão aqui – disse-me ela, e foi descosturando a barra da perna direita de uma calça, de onde retirou a primeira carta. Em seguida, fez o mesmo com a perna esquerda. Li a destinada à Hortência, e seu conteúdo parecia desconexo. Começava evocando a Bíblia: "Em ti confiam os que conhecem o teu nome; porque tu, Senhor, não abandonas aqueles que te buscam". Finalizava rogando por sua saúde, pedindo sua orientação e bênção. Em nenhum momento fez referência aos portadores.

Em busca de Hortência

O barco atracou em um trapiche de madeira e, entre beijos e abraços, nos dividimos: Janete, Artionka e eu descemos ali com Cindy e Barbara, os demais seguiram até Porto Velho. Era um porto

Florestas do meu exílio Final 3.indd 211 14/05/2013 17:33:25

de garimpo com meia dúzia de barracos de pau a pique com cobertura de palha. Em um deles havia mesas e cadeiras dando a entender que poderia ser um restaurante, e para lá me dirigi em busca da destinatária da carta que trazia no bolso. Havia um homem tomando conta do negócio, a quem perguntei onde poderia encontrar dona Hortência.

– Na estrada.

– Como assim? Que estrada? – indaguei-lhe.

– Tá vendo aquele caminho? – e com o dedo em riste apontou na direção. – Pois é, siga adiante que você vai encontrá-la. Não tem erro, é só seguir no rumo do nariz...

– Tudo bem, amigo! Essa estrada é a que vai até Guajará-Mirim?

– Sim – respondeu secamente o homem do balcão.

– Uma última pergunta: quanto tempo vamos levar pra chegar lá?

– Andando bem, de seis a oito horas.[

Nos embrenhamos por uma vereda aberta na densa floresta de árvores enormes. O peso da bagagem, o calor e os mosquitos transformaram a caminhada numa via-crúcis. As paradas frequentes determinaram um ritmo tão lento que, não fosse a ajuda de uns garimpeiros que encontramos pelo caminho, passaríamos a noite na mata. Já caminhávamos na penumbra quando, finalmente, avistamos a clareira do acampamento na beira da estrada. Chegamos famintos e estafados. Sorte que trazíamos o talismã de Hamilton Rocha, que imediatamente coloquei nas mãos da gorda Hortência. Depois da leitura atenta, ela abriu um sorriso farto e nos abraçou.

– Então? Como está ele? – quis saber.

– A senhora já sabe onde ele está?

– Sim, sim, eu sei, mas não vai ficar lá por muito tempo, disso tenho certeza, ele é muito inteligente.

– É seu filho? – perguntou Janete.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 212 14/05/2013 17:33:25

– Não, minha filha, esse menino surgiu da mata se arrastando, com duas balas no corpo, quase morto. Tratei dele, curei suas feridas com a ajuda de Deus, e ele saltou pra dentro da vida, ressuscitou. Ficou comigo um pouco mais de dois anos, metido nessas brenhas, sem pôr o nariz do lado de fora, nem pra ir a Porto Velho. Eu vivo sem ninguém nesse mundo cruel, como vocês podem ver – e apontou para meia centena de barracos enfileirados às margens da estrada. – Existe vida mais miserável que essa? Garimpo, meus filhos! É terra sem lei, manda quem pode, obedece quem tem juízo. Ele me recompensou ajudando nos negócios, fazia de tudo, cozinhava, lavava as louças, servia as mesas e me protegia como se eu fosse sua mãe. Além do que, me ensinou a ler e escrever. Ah! Que felicidade! Foi um tempo maravilhoso, era o filho que não tive, mas de repente decidiu partir e tudo voltou como era antes na minha vida: só tristeza. Agora vocês chegam trazendo essa cartinha dizendo que está bem de saúde, e ele me pede que eu ajude e oriente vocês. Fiquem tranquilos. Farei isso com enorme prazer. Agora, venham! Vamos pra cozinha esquentar alguma coisa pra comer.

Nos fundos de seu quintal ficava o banheiro, um cubículo sem cobertura, fechado apenas nas laterais por sacos de lona. Primeiro demos banho em Artionka, que estava agoniada com o calor sufocante e molhada de suor do meu corpo e do de Janete.

Depois do banho improvisado, sentamo-nos todos em volta da mesa e Hortência nos disse que nada cobraria pela comida. Poderíamos descansar aquela noite em seu barraco para no dia seguinte continuar a viagem.

– Às seis da manhã passa o primeiro caminhão, um pau-de-arara. É o que temos. E mais, a passagem é cobrada em ouro, até Guajará-Mirim não sai por menos de dois gramas.

Cocei a cabeça, desanimado.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 213 14/05/2013 17:33:25

– Isso é uma fortuna! O que temos só dá pra pagar uma passagem.

– Não se preocupe – disse Cindy –, eu e Barbara podemos completar o que faltar.

Mais tranquilo, passei a relatar a façanha de Hamilton Rocha com o revólver de brinquedo e o *frisson* que causou no dia de sua chegada à penitenciária.

Janete interrompeu para perguntar a Hortência se ela sabia como ele teria levado os tiros e por onde teria andado antes de chegar se arrastando a seu barraco.

– Pois olhe, minha filha, isso é um mistério, o menino nunca tocou nesse assunto, não tenho e ninguém tem a menor ideia do que aconteceu pra ele chegar por aqui todo estropiado, salvando-se por verdadeiro milagre. Agora, deixe eu dizer uma coisa pra vocês, tratem de armar suas redes e descansar da caminhada de hoje, porque amanhã o dia vai ser longo. Viajar nessa estrada, isso lá é estrada?, não passa de um caminho aberto na mata, é uma tormenta. Daqui até Guajará-Mirim deve dar uns trezentos e poucos quilômetros, vocês vão passar no mínimo dez horas sacolejando de um lado pro outro na carroceria desse caminhão. Estou preocupada com a criança, vou falar com o motorista, que é meu amigo, pra conseguir um lugar na cabine. Rezem para dar certo.

No dia seguinte, ainda escuro, fomos despertados pelo aroma do café se misturando ao cheiro bom vindo da mata. Levantamos apressados, arrumamos nossos pertences e em poucos minutos estávamos prontos. Hortência nos chamou para a mesa e nos serviu um café fumegando, acompanhado de macaxeira cozida. Em seguida me convidou para acompanhá-la até a cozinha.

– Tratem de se separar das "galegas" – cochichou ao meu ouvido. – Sabe como é, mesmo sem muito controle, é fronteira, né?

Florestas do meu exílio Final 3.indd 214 14/05/2013 17:33:25

De repente, a Federal aparece por lá, e a primeira coisa que fazem é correr em cima dos estrangeiros e exigir documentos. Se vocês estiverem por perto, correm o risco de ter que apresentar os seus também. Pelo que entendi, isso é coisa rara no bolso de vocês, parecido com o outro que passou por aqui, cujo nome verdadeiro só Deus sabe. Outra coisa importante: não atravessem a fronteira levando bagagem, pode chamar atenção, deixem com alguém ou peçam pras "galegas" atravessarem pra vocês.

Imediatamente chamei Janete e as meninas canadenses para uma conversa.

– Escutem! Vocês estão viajando juntas, são colegas de universidade, amigas a não poder mais. Cindy deve ter confidenciado à Barbara o que Janete lhe contou, certo? Se estiverem prontas a nos ajudar, como você disse, agora é a hora...

– Basta dizer o que temos de fazer!

– Vou já lhe dizer, mas antes me responda: esta é a rota original que vocês traçaram?

– Sim, com uma pequena alteração: íamos até Porto Velho, onde descansaríamos um ou dois dias, depois tomaríamos algum transporte, com certeza por esta mesma estrada para alcançar Guajará-Mirim, de lá para o lado boliviano. Depois, de avião, seguiríamos para La Paz.

– E por que mudaram de ideia?

– Primeiro, porque descer lá ou aqui daria no mesmo: chegaríamos a Guajará-Mirim. Segundo, tanto eu quanto Barbara ficamos impressionadas com a aventura de vocês; ativismo político, prisão, tortura e fuga. Depois, as cartas escritas por um assaltante de brincadeira destinadas a pessoas cujas existências nos parecia ficção literária. Nos perguntávamos: como pode alguém correr atrás de uma história tão inverossímil? Duvidávamos que a gorda Hortência

Florestas do meu exílio Final 3.indd 215 14/05/2013 17:33:25

pudesse existir, assim como o doutor Ramon, que ainda está por aparecer. Resumindo, achávamos que tudo não passava de invenção e fantasia. Por isso, e por Janete e Artionka, personagens reais desse enredo, decidimos acompanhá-los e ajudar no que for necessário. Agora, me diga o que devemos fazer.

– Hortência me deu duas orientações importantes. A primeira é que ao descer do caminhão devemos seguir para lados opostos, isso quer dizer que não podemos aparecer juntos. Segundo ela, estrangeiros podem atrair polícia. Como vocês têm documentos, não teriam problemas, mas se isso acontecer conosco, nos prendem pra averiguação e estamos perdidos. A segunda orientação, tão importante quanto a primeira: não devemos atravessar a fronteira com qualquer tipo de volume, portanto vou lhes pedir que, ao subir no caminhão, passem a se ocupar de nossas bagagem e que atravessem com elas para o lado boliviano.

Barbara não havia entendido nada, mas logo Cindy lhe explicaria com calma toda a nossa conversa.

– Agora só resta torcer pra que tudo dê certo e que possamos nos ver do outro lado do rio.

A distância, começamos a ouvir o ronco do motor do caminhão quebrando o silêncio da mata. Devagar, veio se aproximando até encostar em frente ao barraco de Hortência. O motorista desceu, passou direto para a cozinha, onde Hortência lhe serviu café com macaxeira. Depois, ela conversou com ele alguns minutos, enquanto seu ajudante recolhia o dinheiro dos passageiros. O caminhão já chegou superlotado e com mais os ali embarcados virou uma lata de sardinhas sem tampa. Era de se imaginar que, a partir de então, não subiria mais ninguém até o final da viagem. Ledo engano: um pouco mais adiante, outra leva entrou no caminhão, fazendo daquela viagem o vestíbulo do inferno. Sorte que Hortência conseguiu operar o

Florestas do meu exílio Final 3.indd 216 14/05/2013 17:33:25

milagre e livrou Janete e Artionka daquele pesadelo, fazendo as duas viajarem na cabine do motorista.

Dr. Ramon

Faltando pouco menos de uma hora para chegar a Guajará-Mirim, o impacto de uma freada brusca precipitou os passageiros uns sobre os outros. Era uma árvore que tombara recentemente no leito da estrada. Felizmente, o motorista conseguira parar a tempo, evitando maiores danos. Restaram o susto, alguns machucados e uma hora perdida para cortá-la a machado. No final da tarde, quando o sol ameaçava se esconder por trás do verde intenso da floresta, avistamos a cidade (um pequeno vilarejo, na realidade), perdido na beira do rio Mamoré, ostentando uma vistosa igreja católica.

Mal esperei o caminhão estacionar. Livre das bagagens, saltei da carroceria e abri a porta da cabine para ajudar Janete e Artionka a descerem. Agradecemos ao motorista e nos pusemos a caminho da beira do rio, onde havia algumas catraias, e embarcamos na que estava de saída. O rio estreito, três minutos depois já em solo boliviano, olhei para trás e me deparei com uma placa pregada em um tronco de árvore, com o ditame: BRASIL: AME-O OU DEIXE-O. Deixávamos nosso país não por falta de amor, mas porque queríamos simplesmente viver em paz. Comemoramos aquele momento dançando com Artionka no colo. A dança sem música chamou a atenção de um pequeno grupo de mototaxistas, que faziam ponto ali por perto, que sem entender a maluquice, riam discretamente. Esperando as canadenses, puxei conversa com eles, perguntando se conheciam o dr. Ramon.

– *Por supuesto*! – disse um deles. – Aqui não existe ninguém que não tenha passado por suas mãos, a não ser que jamais tenha tido uma dor de dentes.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 217 14/05/2013 17:33:25

– Não é só aqui – disse um segundo –, também do lado de lá. Aliás, da nascente até a foz do Mamoré não existe outro.

– Pra dizer a verdade – comentou um terceiro –, trata-se do primeiro e único dentista de toda essa região.

"Além de existir, o homem ainda é famoso", pensei. Queria era ver a cara de nossas amigas ao saber que era real mais um personagem supostamente ficcional do assaltante de brincadeira.

– E carro? Existe algum na cidade?

O que parecia o mais velho do grupo respondeu:

– Carro até que existe, o problema é que por aqui esqueceram de inventar as estradas. Na cidade, as ruas são essas que você está vendo, não mais de quatro. Em poucos minutos a gente leva nossos raros passageiros a seus destinos. Carro aqui dá pra contar nos dedos de uma única mão, apenas dois, sendo que um é do dr. Ramon, que faz sempre o mesmo percurso, do sítio onde mora ao consultório onde trabalha, ida e volta, duas vezes ao dia.

Depois de lhes dizer que estava vindo de longe para tratar uma dor de dentes, perguntei se o consultório ficava longe dali.

– Ah! Que pena, perdemos a corrida – disse um deles. – É logo ali – apontou com o indicador –, tá vendo as pessoas sentadas no pátio daquela casa no alto do barranco? Pois é lá.

Eu já estava preocupado com a demora das meninas e só relaxei quando as vislumbrei do outro lado do rio, entrando na catraia para atravessar. Fui encontrá-las para recuperar nossa bagagem, a essa altura reduzida à velha maleta e um saco branco de embalagem de açúcar, presenteado pela gorda e generosa Hortência. Perguntei a Cindy por que haviam demorado. Disse-me que, após descer do caminhão para esperar que fizéssemos a travessia, dirigiram-se a um quiosque em busca de alguma coisa para beber, quando foram abordadas por dois policiais. Apresentaram seus passaportes; um deles passou a exami-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 218 14/05/2013 17:33:25

ná-los, folha por folha, enquanto o outro fazia perguntas que elas fingiam não entender. Quando lhes devolveram os documentos, o inquiridor virou galanteador, desdobrando-se em gentilezas, e convidou insistentemente as duas para jantar e pernoitar na cidade. Em resposta, viraram as costas e trataram de atravessar o rio.

– Olha só do que escapamos! – disse eu. – Ainda bem que seguimos os conselhos de Hortência. E veja, Cindy, estamos bem perto de conhecer o último personagem de Hamilton Rocha. Você está vendo aquela casa ali no alto do barranco? É lá a clínica do dr. Ramon.

Depois de quase doze horas de viagem, nossa aparência não era das melhores. Ainda assim a atendente nos recebeu com a maior naturalidade, e, falando uma mistura de português com castelhano, nos pediu para sentar e perguntou quem seria o primeiro a ser atendido. Levantei-me e fui ao seu encontro.

– Desculpe, moça! Na verdade, nós estamos aqui para entregar essa carta ao dr. Ramon. Vem de parte de um amigo dele chamado Hamilton Rocha.

Ela estendeu a mão me pedindo a carta.

– Desculpe, não posso – disse-lhe eu –, tenho que entregar a carta diretamente ao dr. Ramon. Por favor, vá até ele e diga que estamos aqui com essa encomenda, que precisamos vê-lo.

A atendente concordou, mas pediu que aguardássemos a saída do paciente que estava sendo atendido.

Sentado em seu banquinho de dentista, girando de um lado ao outro, o dr. Ramon leu e releu a carta enigmática que acabara de receber, e depois de um longo silêncio falou consigo mesmo:

– É... eu cheguei a pensar que nunca mais ouviria falar dele, jovem inteligente e corajoso.

Sem mais comentários sobre Hamilton, disse simplesmente que nos ajudaria no que fosse possível, mas que precisaria saber qual

Florestas do meu exílio Final 3.indd 219 14/05/2013 17:33:25

era nossa verdadeira situação. Perguntou-nos se tínhamos algum dinheiro, documentos, e também onde queríamos chegar. Mas não esperou eu abrir a boca para me dizer que falaríamos disso mais tarde. Depois de atender seus clientes, nos levaria a seu sítio, onde nos hospedaria por alguns dias. Na passagem pela recepção, puxei Cindy e Barbara para conversar do lado de fora do consultório.

– Escutem, meninas, chegou a hora de dizermos adeus, mas não sem antes lhes dizer que o dr. Ramon existe! – e contei como havia sido a conversa. – O inacreditável dessa história é que seguimos à risca o roteiro, conhecemos e convivemos com seus personagens, mas do autor, pouco ou quase nada sabemos; afinal, quem é Hamilton Rocha? Sei o que sabia antes: que assaltou um banco com revólver de brinquedo e que um dia chegou varado de balas no barraco de Hortência.

Prometendo que se reencontrariam no futuro, Janete e Cindy se despediram com lágrimas nos olhos.

Guardei a bagagem no porta-malas do carro do dr. Ramon e partimos. A estrada era tão estreita que mal dava passagem para sua caminhonete Rural Willis. Sacolejando pelo caminho, fui relatando o que havíamos passado nos últimos tempos, tratando de dar destaque à contribuição de Hamilton Rocha na esperança de saber alguma coisa do seu passado. A tentativa não prosperou; definitivamente, o homem era de poucas palavras. Concluí dizendo que nosso objetivo era chegar ao Chile, mas que não tínhamos documentos, menos ainda dinheiro. Ele permaneceu mudo por uma eternidade, até que se decidiu.

– É, meus jovens companheiros, a ditadura brasileira está cada dia mais feroz. Há algumas semanas ajudei uma senhora aflita, acompanhada de um casal de filhos. A mais velha e seu marido haviam sido presos na tentativa de sequestrar um avião no Rio de Janeiro, e, como vocês, passaram por aqui com destino ao Chile. Espero que a essa altura

Florestas do meu exílio Final 3.indd 220 14/05/2013 17:33:25

estejam em lugar seguro e que ela tenha conseguido reunir a outra parte da família que fugiu pela Argentina. Quanto a vocês, vamos ver o que é possível fazer. A partir de amanhã, tratarei com meus amigos do Serviço de Estrangeiros sobre os documentos, espero que me deem uma solução. Depois vamos pensar no destino de vocês, Cochabamba ou La Paz? Veremos mais na frente. O importante agora é se preservar, nada nos assegura que a polícia brasileira perdeu completamente o rastro de vocês. Se forem descobertos, correm o risco de sofrerem uma violência – um sequestro, por exemplo –, e isso pode acontecer independente da vontade das nossas autoridades, por isso melhor não facilitar. É importante que fiquem o máximo possível dentro de casa e limitem suas andanças pelo quintal do sítio. Anotem, por favor, seus dados.

Dr. Ramon estava regiamente instalado em uma ampla e confortável casa de campo. Na varanda, além dos armadores de redes, pendiam samambaias entrelaçadas a vasos de bromélias e crisântemos. Na entrada principal, um gramado bem cuidado, cercado por jardineiras repletas de rosas e cravos multicoloridos; um canteiro de azaleias completava o cenário de boas-vindas. No que ele chamava de quintal, havia uma horta verdejante e um pomar com uma grande variedade de frutas, que ele, sem ter para quem vender, colhia para seu consumo. As sobras, ele as distribuía na clínica para quem as fosse buscar.

Uma pena que nem tudo eram flores no éden tropical do camarada dr. Ramon. Demo-nos conta de seus espinhos quando uma das empregadas da casa nos levou ao nosso alojamento. Era inacreditável que num casarão daqueles não tivesse um quarto sobrando, e menos ainda que um homem capaz de gestos tão solidários negasse um local mais adequado para instalar um casal com uma criança de colo. Fomos parar num barraco usado como depósito de utensílios e produtos agrícolas, sem o mínimo conforto. As refeições nos eram servidas na mesa da cozinha.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 221 14/05/2013 17:33:25

Dr. Ramon, beirando os 50 anos, vivia solitário no seu pequeno mundo encantado. Sua esposa e filhos muito cedo haviam trocado o povoado esquecido no meio da floresta amazônica Guayaramerín pela capital La Paz, no cume da cordilheira dos Andes. Nos primeiros tempos, retornavam nas férias; depois, nem isso. Ficaram de vez por lá. Mesmo sozinho, ele preservava velhos hábitos: sentava-se na cabeceira da mesa como se estivesse na companhia da mulher e dos cinco filhos. Essas histórias nos foram contadas pelos empregados da casa, com os quais, já no segundo dia, eu e Janete convivíamos como se fôssemos velhos amigos. Através deles, soubemos que o dr. Ramon era um alto dirigente do Partido Comunista Maoísta e também a maior autoridade do governo do general Torres na região.

A temporada no sítio foi vivida em grande expectativa. Diariamente aguardávamos ansiosos o retorno do dr. Ramon, na esperança de que chegasse com as passagens nas mãos, anunciando o dia da partida. Mas ele entrava e saía sem dar as horas, deixando-nos sem informação, mergulhados no medo de sermos sequestrados pela polícia brasileira. Ainda assim, tentávamos aproveitar aquele distanciamento do mundo para passear com Artionka, relembrar com emoção nossas aventuras passadas e tentar desenhar o futuro.

No terceiro dia, recebemos um presente maravilhoso: a permissão de usar a biblioteca e ouvir música na sala de estar do casarão. Entre tangos de Gardel e boleros de Lucho Gatica, encontramos um disco do revolucionário cubano Carlos Puebla. Ouvimos uma, duas, dez, cem vezes a mesma faixa: "*Hasta siempre comandante Che Guevara*". Não demorou e aprendemos o refrão:

Aqui se queda la clara,
La entrañable transparencia.
De tu querida presencia
Comandante Che Guevara.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 222 14/05/2013 17:33:25

Em poucos minutos, entusiasmados, fazíamos coro acompanhando a música inteira, e para entender a letra recorremos ao dicionário castelhano-português que encontramos na biblioteca. Esse prazeroso exercício nos ajudou a dominar as primeiras palavras em castelhano, o que nos seria muito útil mais adiante.

20 de agosto de 1971. Às 7h30 da manhã, como de costume, o dr. Ramon saiu para trabalhar. No dia seguinte, eu completaria um mês em liberdade e uma semana encalhado na fronteira, com o perigo rondando. Tudo levava a crer que teríamos mais um longo dia de espera, mas duas horas depois ouvimos barulho de carro na estrada: era ele voltando. Estacionou na garagem e gritou para que eu fosse encontrá-lo na biblioteca. Ele nem devolveu meu bom-dia:

– Finalmente, tudo resolvido! Mas me aguarde um momento.

Pude perceber que ele estava nervoso. Em pouco tempo voltou, trazendo uma maleta. Dentro dela, roupas de criança, um paletó branco, possivelmente de sua colação de grau em odontologia ou quem sabe do seu casamento, e um casaco de lã de sua mulher.

– Tenho essas roupas, você acha que pode lhes ser útil? Convém se apresentar bem para tomar o avião. Além do que, nessa época, em Cochabamba faz frio.

Em seguida, abriu sua pasta, retirou um papel e o estendeu em minha direção.

– Este documento oficial, expedido pelo Serviço de Estrangeiros do Departamento de Beni, os autoriza a circular em seu território por um prazo de trinta dias. Os dados pessoais são os que vocês me forneceram, apenas lhes atribuímos a existência de um passaporte brasileiro, com número e data de expedição. Para justificar a emissão desse documento, como você pode constatar, tivemos de inventar um naufrágio, ocorrido no rio Beni, onde vocês perderam tudo, inclusive seus passaportes. Não é um documento consisten-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 223 14/05/2013 17:33:25

te, mas resolve o problema que se apresenta neste momento, que é colocá-los dentro de um avião com destino a Cochabamba. Uma vez lá, com um pouco de sorte, talvez vocês até consigam junto ao consulado brasileiro transformar as informações que constam neste documento em passaportes reais. Almocem, arrumem suas coisas e me aguardem, eu os levarei ao aeroporto às três da tarde, o avião decola às quatro. Aqui estão as passagens e o dinheiro do táxi. Vá direto à Universidade de San Simon, procure os dirigentes do centro acadêmico e peça apoio para continuar a viagem até o Chile.

Saindo apressado, entrou no carro e sumiu na estrada. Retornei ao depósito onde estávamos hospedados, carregando a maleta e anunciando com festa a grande novidade. Mostrei a Janete as passagens, os documentos; na metade da leitura ela franziu o cenho. Ao final, contrariada, me questionou:

– Escuta, João! Pelo que está escrito aqui, isso só vale no Departamento do Beni, como então vamos pra Cochabamba?

Eu, feliz com a possibilidade de trocarmos a fronteira por um lugar mais seguro, só pensava em sumir dali o mais depressa possível.

– Calma, nêga, nem se preocupe, vamos apresentar este documento aqui no aeroporto pra poder embarcar e é isso que importa agora. É um voo doméstico, na chegada a Cochabamba não vão exigir documentos. De qualquer modo, é um papel oficial com selo e carimbo, e tem essa história bem pensada do naufrágio, que nos permite alegar que estamos indo ao nosso consulado em Cochabamba em busca dos passaportes. Olhe só, as roupas que ganhamos do dr. Ramon! – Abri a mala e mostrei-lhe. – É possível que tenham saído de um museu, mas na hora do frio tenho certeza de que vão quebrar o galho, não é mesmo?

Janete, mais tranquila, experimentou o casaco de lã e virou-se para mim.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 224 14/05/2013 17:33:25

– Tá linda, nêga. Uma princesa, te juro!

Janete se lembrou do disco do Carlos Puebla e interrompeu os abraços.

– O disco vai conosco ou não vai? Já o ouvimos tantas vezes que tenho a sensação de que nos pertence. Depois acho que o dr. Ramon até nos agradeceria se o levássemos, afinal os maoístas não se bicam com Fidel, e da primeira vez que tiramos da capa cheirava a novo, sem um único arranhão, o que significa que o dr. Ramon jamais ouviu uma única de suas canções.

– Tudo bem! Vamos pedir a ele para levar o disco como lembrança dos dias que passamos aqui.

Dr. Ramon consentiu de pronto, com ar de satisfação.

Sentado ao lado do dr. Ramon a caminho do aeroporto, voltei a tocar no assunto Hamilton Rocha. Contei-lhe do assalto com revólver de brinquedo, da grande expectativa de sua chegada ao presídio, da amizade que nos unia e da última conversa que tivemos quando detalhou o roteiro e me entregou as cartas. Falei que tínhamos seguido suas orientações e chegado até ali com sucesso. Concluí perguntando onde ele o havia conhecido. Seguiu-se um tenso minuto de silêncio. Lacônico, ele não acrescentou grande coisa, apenas que o conhecera havia quatro anos em Santa Cruz de La Sierra, que estivera alguns dias em Guayaramerín, que depois ganhou rumo desconhecido.

No olho do furacão

O despachante da companhia Lloyd Aéreo Boliviano pegou nossas passagens, conferiu com sua lista e pediu os documentos, que passou a ler atentamente. De repente, levantou a cabeça e olhou por cima dos óculos. Na sua frente estavam os sobreviventes do naufrágio. "Que história, hein!", comentou admirado, ao nos entregar os

Florestas do meu exílio Final 3.indd 225 14/05/2013 17:33:25

cartões de embarque. Eu e Janete, alegres e descontraídos, não escondíamos o estado de felicidade provocado pela partida. No entanto, o dr. Ramon se mantinha calado, com o semblante carregado de preocupação, como se algo muito grave estivesse acontecendo sem que ele pudesse nos revelar. Permaneceu assim até que nos chamaram para o embarque e nos despedimos agradecendo a solidariedade e o apoio que ele tinha nos dispensado desde o momento em que lhe entregamos a carta de Hamilton Rocha.

Depois que o DC-3 da Lloyd ganhou altitude, Janete respirou fundo.

– E agora? O que nos espera em Cochabamba? De uma coisa tenho certeza: nada será pior do que tudo que já passamos.

– Tens razão – complementei –, dentro desse avião me sinto seguro por saber que estamos cada vez mais distantes. Por falar nisso, em Manaus, na hora em que fui comprar o leite, lembra?, pois não é que dei de cara com um cartaz de "procura-se" com foto minha e tudo?

– Por que só agora estás me contando?

– Porque agora, longe do perigo, posso falar sem receio de aumentar tua carga de preocupação.

O voo foi tranquilo, navegamos em céu de brigadeiro; chegamos a Cochabamba junto com o pôr do sol. Descemos do avião com a temperatura na casa dos 18 graus, e uma lufada de vento frio me fez lembrar com gratidão do dr. Ramon: suas roupas, mesmo sem nenhum compromisso com a estética, estavam sendo extremamente úteis. Recolhemos nossa mala e saímos sem ser molestados, tomamos um táxi e pedimos que nos levasse para La Universidad. O motorista, sem pressa, enveredou pelas amplas ruas e avenidas de Cochabamba, cidade plana, construída numa depressão da cordilheira oriental, a 2.560 metros de altitude. Eram tão poucos os carros em circulação e o trânsito fluía tão fácil que não demoramos a ouvir o motorista anunciar:

Florestas do meu exílio Final 3.indd 226 14/05/2013 17:33:25

– Chegamos, tudo isso aí que estamos vendo – apontou na direção de uma enorme área murada – já é a universidade. Posso saber onde querem descer?

– *Delante de la rectoria* – arrisquei em um castelhano retorcido; ele entendeu, pois, no final do muro, dobrou à direita, e um quarteirão depois estacionou no portão de entrada de um prédio antigo, em frente a uma praça. Paguei com a cédula que me havia sido dada pelo dr. Ramon e recebi duas moedas de troco. Parados em frente ao portão do campus, com uma criança no colo e uma mala, vestidos como nos anos 1950, não demoramos a atrair a atenção dos estudantes.

– *Hola, señor! Usted quiere ayuda?* – disse uma simpática jovem.

– Sim, queremos nos encontrar com o presidente do Diretório Acadêmico.

– *Brasileños?*

– Sim – respondi.

– *Oigan, muchachos! La pareja con la niñita es brasileña, quiere hablar con nuestro presidente*.

Foi como se tivessem mexido com um enxame de abelhas. Fomos cercados por um grupo de estudantes cheios de curiosidade fazendo perguntas que entendíamos pela metade e que respondíamos em português. Em meio à confusão, a jovem que iniciou a conversa nos convidou a entrar. A poucos passos dali, num pequeno chalé, próximo à reitoria, estava o Diretório Acadêmico. Na companhia do grupo que nos acolheu no portão, ficamos aguardando os dirigentes estudantis, que não tardaram a chegar. Eu e Janete nos apresentamos como estudantes perseguidos pela ditadura brasileira, relatamos o que havíamos vivido nos últimos tempos e pedimos ajuda para chegar ao Chile. A notícia se espalhou rapidamente, de tal forma que Rodrigo, presidente do diretório, vendo

Florestas do meu exílio Final 3.indd 227 14/05/2013 17:33:25

que a aglomeração só fazia crescer na sala apertada do diretório, sugeriu que todos fôssemos ao restaurante, onde havia espaço e poderíamos comer alguma coisa.

Depois do jantar, numa plenária improvisada, eu e Janete, tendo como tradutor um estudante brasileiro da universidade, falamos de nossa trajetória pessoal e dos acontecimentos políticos em nosso país. Quando a palavra foi aberta aos estudantes, os temas de maior interesse foram a tortura, nossa fuga e o papel do Brasil como gendarme da América Latina. Por unanimidade, os estudantes condenaram os crimes da ditadura brasileira e repudiaram as pretensões imperialistas e intervencionistas do Brasil. De nossa parte, mesmo estando desinformados sobre a conjuntura política boliviana, percebemos nas primeiras falas dos estudantes que o país estava mergulhado em uma profunda crise política e que havíamos aterrissado no olho do furacão. O tom dos discursos era inflamado, e eram concluídos invariavelmente com as palavras de ordem: "*Los fascistas no pasarán! Viva la democracia!*". O confronto parecia ser iminente. O líder Rodrigo, percebendo nossa dificuldade em entender a dimensão da crise e vendo que os discursos não esclareciam o que estava acontecendo, decidiu intervir. Iniciou se solidarizando conosco, dizendo que, mesmo diante dos momentos dramáticos que estavam vivendo, não deixariam de nos estender as mãos e nos ajudar a chegar ao Chile. Prosseguiu admitindo com muita franqueza que o governo do general Juan José Torres estava cercado, que o levante militar iniciado no dia anterior em Santa Cruz de la Sierra já se alastrara por todo o país e que o governo poderia cair a qualquer momento. Depois de informar que as autoridades de Cochabamba haviam aderido covardemente ao golpe, declarou que somente uma rebelião popular poderia conter o avanço golpista, elevando o tom do seu discurso:

Florestas do meu exílio Final 3.indd 228 14/05/2013 17:33:25

– Aqui vamos fazer o que o povo em La Paz está fazendo! Resistir! Isso mesmo, companheiros! Resistir de arma na mão à escalada da ditadura! Vamos à luta!

O restaurante lotado quase veio abaixo. Com o punho esquerdo cerrado golpeando o ar, todos gritavam "*No pasarán! No, no, no pasarán!*", e em seguida "*Muerte a los golpistas!*".

– Companheiros! – Rodrigo prosseguia no mesmo tom – Daqui não arredaremos pé! As armas estão chegando; aqueles que estiverem dispostos a combater pela democracia levantem a mão.

Diante desse apelo, não ficou uma única mão arriada. Rodrigo encerrou seu discurso com o grito de guerra: "*Patria o muerte, venceremos!*".

Saímos dessa reunião sem entender direito tamanha intransigência em defesa de um governo presidido por um militar. Era surpreendente.

As referências que eu e Janete tínhamos da Bolívia vinham da leitura de *Veias abertas da América Latina*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, e do diário de Che Guevara, que havíamos lido de um único fôlego. De cultura, sociedade, economia ou de política boliviana, pouco ou quase nada sabíamos, nosso interesse nessa "viagem" se limitava a usar o país como passagem com destino ao Chile socialista de Salvador Allende. Mas agora, diante daquele enorme pedregulho que acabara de aparecer no meio do nosso caminho, forçosamente teríamos de conhecer melhor onde estávamos pisando.

Ao final da reunião, retornamos à sede do diretório, onde seguimos conversando. André, o estudante brasileiro que ajudou na tradução, permaneceu conosco, participando da conversa, ajudando-nos com informações, e claro, fazendo a ponte com nossos interlocutores. Quanto mais íamos compreendendo a conjuntura política do país, mais assustados ficávamos. Cheio de interrogações depois de

Florestas do meu exílio Final 3.indd 229 14/05/2013 17:33:25

dizer a Rodrigo que no Brasil as informações sobre a Bolívia eram escassas (e lhe pedir desculpas por isso), manifestei minha surpresa em saber que os estudantes estavam dispostos a pegar em armas na defesa de um governo comandado por um general, e mais: como podia ser democrático um governo que chegara ao poder pela força das armas? Para nós, brasileiros, essas eram questões difíceis de entender.

– *Bueno!* Tens razão, companheiro! Não é fácil conceber a existência de um governo de esquerda na América Latina liderado por um general. Este aqui talvez seja o primeiro caso. Veja, nossa história é marcada pela instabilidade política, chegando a ponto de termos vivido, em outubro do ano passado, vários golpes de Estado; uma situação inusitada de divisão no seio do Exército, em que seis generais chegaram a reivindicar a presidência do país em um único dia. Foi essa conjuntura surrealista que fez do general nacionalista Juan José Torres, no dia 8 de outubro do ano passado, presidente do país. Apoiado por uma greve geral decretada pela COB, a Central Operária Boliviana, ele fez recuar os militares reacionários ligados ao general Rogelio Miranda e ao coronel Hugo Banzer, os mesmos que agora tentam novamente chegar ao poder. A COB, que foi decisiva para o triunfo de Torres, após a greve geral, organizou um comando político e passou a negociar sua participação no governo. O general não aceitou, mas a Central, sentindo-se artífice do processo, decidiu constituir-se em um órgão próprio e independente do governo – uma espécie de parlamento operário popular –, chamado de Assembleia Popular ou Comuna de La Paz. Isso provocou a ira da direita militar, que tentou o golpe em janeiro deste ano, mas o governo, com forte apoio popular, esmagou a rebelião. Depois dessa tentativa frustrada, o governou passou a viver acossado por duas forças radicais e antagônicas, de um lado os militares golpistas, de outro a Assembleia Popular. Fortemen-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 230 14/05/2013 17:33:25

te apoiado e pressionado pelas organizações dos trabalhadores, o governo do general Torres promove reformas de grande interesse social, comportando-se concretamente como um governo de esquerda. Por isso, neste momento, o povo em La Paz luta de armas na mão em sua defesa. O mesmo vai acontecer aqui. Esta noite vamos receber armas, por isso amanhã cedo trataremos de evacuar vocês. Por hoje, não há problemas, vamos alojá-los aqui mesmo, já providenciamos alguns colchonetes e mantas.

A conversa ainda se prolongou e os últimos estudantes se retiraram quase à meia-noite.

Em silêncio, mergulhado em meus pensamentos, tratei de transformar a sala do diretório em quarto de dormir, afastando as cadeiras e espalhando os colchonetes. Artionka, que dormia no colo de Janete, foi transferida para a cama improvisada e, vestida com as roupinhas que ganhou do dr. Ramon e envolta em uma das mantas que nos deram os estudantes, dormia tranquila, protegida do frio. Depois que acomodamos o bebê, ficamos olhando um para o outro sem saber por onde começar aquela conversa sobre um tema que já imaginávamos superado.

– Que loucura! E agora? Nem mesmo sabemos onde estamos, menos ainda o que vai acontecer amanhã.

– Calma! Eu também estou preocupada, mas confio nos companheiros, saberão como nos tirar daqui e nos levar a um lugar seguro.

– É, pode ser, mas essa situação inesperada me deixa angustiado, pensávamos ter escapado da perseguição, de repente voltamos ao começo.

– Não temos nem mesmo como especular, só nos resta esperar o dia amanhecer e seja o que Deus quiser – concluiu Janete.

Depois de uma noite maldormida, por volta das seis da manhã me levantei e me aproximei da janela. O sol parecia longe de mostrar

Florestas do meu exílio Final 3.indd 231 14/05/2013 17:33:25

a cara, mas, mesmo havendo uma névoa espessa dificultando a visão, pude observar sombras humanas que se moviam, possivelmente com armas no ombro, pelo lado de fora do portão principal da universidade. Lembrei-me dos discursos do restaurante: teriam chegado as armas? Estariam os estudantes em guarda para defender o campus? Com essas imagens na cabeça, para fugir do frio, voltei a me enfiar debaixo do cobertor e adormeci. Algum tempo depois, fui acordado pelo barulho ensurdecedor de um helicóptero, seguido de rajadas de metralhadora. Levantei-me atordoado e corri para a janela. As sombras de homens armados agora estavam bem visíveis; eram soldados do Exército. A universidade estava cercada. Enquanto o helicóptero fazia disparos de advertência, um alto-falante bradava um ultimato.

– Atenção! Saiam todos de mãos para cima! Atenção! Saiam todos de mãos para cima! Vocês têm meia hora para abandonar o campus.

Eu e Janete tratamos de vestir uma roupa por cima da outra, o que podíamos levar sem nos atrapalhar a retirada. Fizemos uma trouxa com as fraldas e as roupinhas de Artionka e decidimos tentar romper o cerco. Por onde? Não fazíamos a menor ideia. Entreabri uma banda da porta e pela fresta tentei ver o que se passava do lado de fora. Além dos soldados que continuavam no mesmo lugar, nenhum movimento na área. Fechei a porta. Combinei com Janete que sairíamos correndo no rumo do restaurante na esperança de encontrar alguém pelo caminho que nos ajudasse a encontrar uma saída.

Manhã de sol na Praça da Intendência

Estávamos prontos para abandonar o local quando de repente a porta se abriu.

– *Calma! Calma! Compañeros! Yo soy Benito, el peluquero de los estudiantes, estoy aquí para ayudar, vengan conmigo.*

Florestas do meu exílio Final 3.indd 232 14/05/2013 17:33:25

Não duvidamos; saímos em desabalada carreira seguindo os passos de Benito. Enquanto isso, o helicóptero fazia rasante e disparava para dentro do campus. Os alto-falantes insistiam no ultimato, fazendo contagem regressiva. Depois de correr mais de trezentos metros e com as forças no limite, encontramos uma saída, no outro extremo da reitoria. Por trás de um prédio alto, havia uma brecha no muro que dava para o quintal de um vizinho, onde um grupo de estudantes disputava a vez para passar para o outro lado. Benito chegou atropelando a fila aos gritos.

– *Son los brasileños! Son los brasileños!*

Foi a senha para que uma clareira se abrisse no meio do aglomerado e nos deixassem passar. Entramos na casa pelos fundos. Fomos recebidos por seus proprietários, um casal de idosos que, além de permitir o uso de sua residência para aqueles fins, participava ativamente da operação, organizando a saída pela porta da frente. Para não chamar a atenção do helicóptero, eles liberavam um casal de tempo em tempo. A fila estava grande, mas, ao sermos reconhecidos como o "casal de brasileiros com o bebê", nos deram prioridade para sair.

Por volta das oito da manhã daquele fatídico sábado, 21 de agosto, um mês depois de fugir do hospital, ganhamos a rua com a roupa do corpo e uma única orientação: caminhar na direção oposta ao cerco dos militares. O vento frio da manhã penetrava facilmente pelo tecido de linho branco do paletó de formatura do dr. Ramon, mas encontrava resistência nas demais roupas que vestíamos. Com Artionka no colo, andamos um tempão na mesma direção, até que as ruas foram se estreitando, ficando cada vez mais movimentadas com o comércio, que funcionava normalmente, e a gente que ia e vinha como se nada estivesse acontecendo. A vida parecia seguir seu curso normal.

Finalmente chegamos a uma praça muito bonita, com alamedas arborizadas, jardins bem cuidados e um chafariz que atraía uma revo-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 233 14/05/2013 17:33:25

ada de pombos e algumas crianças. Completando a paisagem, gente mais velha jogava cartas, batia papo ou simplesmente se aquecia ao sol. Em seu entorno, construções antigas, de dois a três andares, pareciam abrigar o centro político-administrativo da província, suposição confirmada em seguida quando li na fachada do prédio mais alto: INTENDÊNCIA DE COCHABAMBA. O movimento de militares fortemente armados era intenso. O trânsito impedido por caminhões de transporte de tropas do Exército e veículos com metralhadoras de grosso calibre em frente à Intendência me fez lembrar as palavras de Rodrigo sobre as autoridades provinciais que haviam aderido ao golpe, o que explicava aquele clima de normalidade. Como parecia tudo tão tranquilo, achamos mais prudente ficar por ali mesmo, acompanhando o movimento. Sentamo-nos em um banco da praça, e, para disfarçar o nervosismo, ficamos brincando com Artionka, que alguns minutos depois começou a chorar. Janete abriu a trouxa em busca da mamadeira e do leite.

– A mamadeira não veio, e agora? O que vamos fazer? – disse ela, com lágrimas nos olhos.

– Vamos pedir, vamos bater de porta em porta até conseguir uma mamadeira e leite para nossa filha.

Uma senhora de meia-idade gentilmente nos abriu a primeira das portas, mas não conseguia entender o que falávamos. Chamou uma de suas filhas, que por coincidência havia passado férias no Brasil. Explicamos que havíamos perdido tudo que trazíamos num assalto, e que estávamos ali pedindo ajuda. Não demorou e a senhora chegou com uma lata de leite nas mãos e nos convidou para entrar, enquanto sua filha ia à casa de uma amiga da família, que tinha filhos pequenos, para tentar conseguir a mamadeira. Para nossa felicidade, além do que havíamos pedido, a senhora, ao levar Janete à cozinha para preparar o leite, deu-lhe um casaquinho de lã de bebê que guar-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 234 14/05/2013 17:33:25

dava de lembrança de uma de suas filhas. A menina chegou com a mamadeira. Artionka tomou o leite quentinho e retornamos à praça.

Por volta do meio-dia me lembrei das duas moedas que haviam sobrado do táxi que nos deixara na reitoria. Atravessei a rua, andei meia quadra e encontrei um vendedor de rua com vários balaios de diferentes pães. Entreguei-lhe as moedas; o homem me devolveu cinco pãezinhos. Voltando todo contente para compartilhá-los com Janete, de longe a vi conversando com um homem. Ao me aproximar, não pude acreditar. Era Benito. Ele havia passado a manhã toda rodando a cidade, tentando nos localizar. Estava a ponto de desistir quando, ao passar pela praça, a caminho da parada do ônibus, avistou Janete com Artionka no colo.

– Inacreditável! – comentou don José. – Quer dizer que Benito foi a mão de Deus que se estendeu na hora da tormenta? Quem diria que um homem tão humilde seria capaz de um gesto tão grandioso! Quer dizer que foi dessa forma que vocês terminaram vindo parar aqui?

– Veja o que esse homem foi capaz de fazer! – complementei. – O que ganhava dos estudantes, cortando seus cabelos, mal dava para as despesas diárias de sua família. Com o golpe, ficou sem trabalho e sem renda, e mesmo assim não hesitou em nos convidar a acompanhá-lo.

– Da praça fomos para a parada do ônibus, don José. Ele pagou nossas passagens e nos levou direto para sua casa, onde dividiu conosco sua extrema pobreza.

– Na única cama que possuía, dormiam a noite inteira suas duas crianças e Artionka; já os casais se revezavam por turno, metade da noite dormíamos nós, e a outra metade, ele e a esposa. Nos primeiros dias em sua casa, comíamos pão com chá sem açúcar, até que Benito conseguiu restabelecer contato com seus amigos da

Florestas do meu exílio Final 3.indd 235 14/05/2013 17:33:25

universidade, que passaram a nos ajudar com roupas e alimentos. Por seu intermédio, conhecemos o advogado José Quentin, o dentista Hernandez, Júlio Brito e outros militantes que, vez por outra, vinham aqui conversar conosco. Lembro como se fosse hoje, don José, daquela manhã em que vim comprar pão em seu quiosque: fiz o pedido em quéchua, como Benito havia me ensinado, mas devo ter dito algo tão estranho que o senhor riu, sem entender, e perguntou-me o que queria. Então caprichei na pronúncia, repeti uma, duas, três vezes e nada. Dei-me conta de que meu quéchua estava longe de ser compreensível e, na quarta vez, falei em castelhano. Foi então que o senhor me perguntou se eu era brasileiro, e passamos a conversar sobre o Brasil. Depois veio o jantar, seguido do convite para nos hospedar em sua casa. Conclusão: quase três meses depois daquele dia, hoje estamos nos despedindo muito agradecidos por tudo o que o senhor fez por nós. Naquele dia, ao retornar com o pão, Benito me perguntou por que eu tinha demorado tanto. Contei-lhe de nossa conversa e do convite. E ele, contente: "don José é um homem muito generoso, tenho certeza de que vai lhes ajudar".

Os primeiros raios de sol chegaram junto com o choro de Artionka, que se mexia no berço, devolvendo-nos à realidade. Era preciso colocar um ponto final naquela conversa com don José. Alguns fregueses, como era de costume, batiam à porta do quiosque à procura de pão. Don José se levantou e se aproximou de nós:

– Meus filhos! Nessa hora, a única coisa que posso lhes afirmar é que Deus estará sempre com sua mão estendida, guiando-os e protegendo-os para que nada de mau possa lhes acontecer. Vou aguardar com grande ansiedade notícias suas. Quando estiverem em segurança, não deixem de me escrever, usem minha caixa postal, do mesmo jeito que fizeram para entrar em contato com seus familiares no Brasil.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 236 14/05/2013 17:33:25

Don José fez referência ao esquema que usamos para escapar à censura imposta aos correios pelos agentes da ditadura, que interceptavam nossa correspondência, impedindo que fizéssemos contato com a família. A primeira carta que enviamos dando conta de onde estávamos e para a qual obtivemos resposta foi remetida em nome do pastor Otoniel Alencar, líder da Assembleia de Deus em Macapá, que a fez chegar às mãos de minha mãe. A ideia partiu de don José, subscrito como remetente no verso do envelope. Mas a estratégia foi logo descoberta; várias cartas jamais chegaram às mãos de seus destinatários.

A sexta-feira transcorreu num clima de enorme expectativa. Don José, muito atencioso, tratava de ajudar na organização da viagem e compôs uma cesta especial de provisões para Artionka, com biscoitos, balas e chocolates, que entregou a Janete. A mim, entregou um maço de *soles* peruanos e me advertiu que era dinheiro de pouco valor. Talvez economizando desse para nos alimentar de quatro a cinco dias em solo peruano. Por último, me deu alguns *pesos* bolivianos para pagar as passagens de La Paz a Desaguadero.

No finalzinho da tarde, já escurecendo, chegou o amigo peruano de don José. Parecia apressado. Em vez de mala, agora carregávamos nossos pertences em um saco de viagem, rapidamente colocado no porta-malas do carro dele. Depois dos abraços de despedida, com o carro já ligado, don José pediu que aguardássemos um minutinho, saiu correndo e retornou com um livro na mão.

– É pra você, João. É o livro do ditador Mariano Melgarejo. Pra você entender a tragédia política do povo boliviano. Adeus, que Deus os acompanhe.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 237 14/05/2013 17:33:25

Florestas do meu exílio Final 3.indd 238 14/05/2013 17:33:25

4
De volta à estrada

Florestas do meu exílio Final 3.indd 239 14/05/2013 17:33:25

Florestas do meu exílio Final 3.indd 240 14/05/2013 17:33:25

Barreiras no meio do caminho

Hernán, o amigo peruano de don José, dirigia em silêncio, acendendo um cigarro atrás do outro. Em determinado momento, perguntou se eu conhecia as façanhas de Melgarejo. – Eu não tinha a menor ideia – disse.

– Pois saiba que foi o mais cruel entre os tiranos que infernizaram a vida desse pobre país. Desde a independência, em 1825, aos dias de hoje, a Bolívia já teve mais de cem presidentes, e o louco Melgarejo foi o pior. Conta-se que o embaixador dos Estados Unidos, em uma de suas visitas ao ditador, deu-lhe de presente um rifle calibre 44, de repetição. Melgarejo carregou a arma e dirigiu-se a uma das janelas do palácio, de onde testou a pontaria na primeira pessoa que avistou na rua. Também aprontou com o representante da rainha da Inglaterra. O ditador lhe ofereceu uma taça de *chicha*; o diplomata

Florestas do meu exílio Final 3.indd 241 14/05/2013 17:33:25

polidamente agradeceu, dizendo que preferia chocolate. Melgarejo, ofendido com a recusa, obrigou-o a beber uma bacia de chocolate, depois o fez passear em um burro, montado ao contrário, pelas ruas de La Paz. Essas e outras loucuras que causaram danos irreparáveis ao povo boliviano estão no livro que você ganhou de presente.

Vinte minutos depois, Hernán parou diante de um galpão e buzinou. A porta se abriu, ele entrou e estacionou ao lado de um caminhão de mudança.

– Vamos, apressem-se! Só estava aguardando vocês.

A carga composta de guarda-roupas, armários de cozinha, sofás, estantes, geladeiras e caixas de madeira estava milimetricamente organizada dentro do caminhão, deixando livre apenas uma estreita passagem, que nos permitiu entrar pelos fundos e chegar até perto da cabine, onde havia um espaço livre com um colchão no chão. Depois que entramos, o motorista empurrou um guarda-roupa, fechando a entrada. Era como se estivéssemos dentro de uma caverna. O esconderijo não poderia ser melhor; me senti tão seguro que cheguei a comentar com Janete que, para nos descobrir ali, só se Artionka chorasse em alguma barreira do Exército.

– Nem pensar! Ela é o nosso anjo da guarda.

Nosso motorista parecia ser um homem simples, de poucas palavras, mas conhecia com precisão a rota e sabia os riscos que corria. Antes de cada barreira, parava seu caminhão, descia para avisar e nos consultar se estava tudo bem, se não queríamos descer, e sobretudo para se certificar se o bebê dormia tranquilo. Nas barreiras do Exército, a rotina era a mesma: de arma em punho, cercavam o caminhão, mandavam descer o motorista, em seguida examinavam seus documentos, revistavam inicialmente a cabine e depois a carroceria. Nas duas primeiras paradas, a tensão foi grande, e a revista, minuciosa e demorada. Mandaram abrir a porta do baú; um soldado entrou com

Florestas do meu exílio Final 3.indd 242 14/05/2013 17:33:25

uma lanterna na mão, avançou pelo estreito corredor até o guarda-roupa que funcionava como porta do esconderijo. Mas retrocedera daquele ponto, dando a revista por encerrada.

Após dez horas de solavancos sem que pudéssemos dar um cochilo, o caminhão finalmente estacionou e desligou o motor. O motorista subiu no baú e afastou o guarda-roupa, nos liberando para o desembarque. Estávamos dentro de uma garagem. Depois de irmos ao banheiro para nos recompor e trocar a fralda de Artionka, nos despedimos do nosso guia naquela perigosa excursão e partimos na direção que ele nos indicou para tomar o ônibus e prosseguir a viagem.

A cidade amanhecia naquela manhã de sábado coberta por uma bruma espessa. Uma ou outra pessoa, coberta dos pés à cabeça, arriscava encarar o frio nas ruas desertas de La Paz. Nos primeiros passos com Artionka no colo, senti um enorme cansaço, seguido de dor de cabeça e falta de ar. Comentei com Janete que estava me sentindo mal. Ela não pensou duas vezes para diagnosticar:

– Ih! É o *soroche* de novo, o mal da altitude – uma repetição do que havia me acontecido quando da nossa primeira estadia em La Paz.

Felizmente, Janete, mesmo asmática, nada sentiu. Sem ter o que fazer, segui adiante. O frio doía nos ossos. Por sorte, o ônibus estava na parada aguardando os passageiros. Entramos e fomos sentar no fundo, na última fileira. Mal subimos no veículo, o motorista fechou a porta e arrancou. O motor produziu um ruído surdo e prolongado, fazendo o caixote sobre rodas trepidar inteiro, ameaçando desabar; com dificuldade ele foi se arrastando, deixando manchas de fumaça negra no ar, subindo, subindo, serpenteando a montanha. A cidade na penumbra da aurora foi desaparecendo no fundo daquela cuia gigantesca. Nas alturas, numa planura a perder de vista, surgiu outra cidade, El Alto, e o ônibus passou por dentro dela até ganhar a estrada.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 243 14/05/2013 17:33:25

A estrada se estendia pelo topo da cordilheira dos Andes, ao longo de um vale fértil, imprensado entre montanhas. Nos campos ladeando a estrada, viam-se camponeses rasgando a terra com arados puxados pela força de seus braços. Quase não se viam casas; de tempos em tempos, o ônibus parava e alguém descia ou subia em plena paisagem deserta. Depois de Tiahuanaco, a lotação do ônibus diminuiu, restando somente sete pessoas: os brasileiros, dois civis e três militares da Guarda Nacional. Pela maneira como estávamos vestidos, se não abríssemos a boca, eu e Janete passaríamos facilmente por bolivianos. Mas nos descuidamos e, mesmo falando baixo, os soldados perceberam que éramos estrangeiros.

O choro de Artionka

Quando o ônibus esvaziou em Tiahuanaco, passei a achar estranho que em dia de feira o movimento estivesse tão reduzido: mesmo sendo uma região de extrema pobreza, os vendedores ambulantes vindos de outras regiões não deixariam de estar ali. O ônibus foi se aproximando do local descrito por don José, olhei pela janela e vi o casarão de pedra, a ponte sobre o rio e o lago, mas não havia viva alma circulando por ali. De feira, nem sinal.

Ao descer do ônibus, vi os soldados se dirigindo à guarita da cabeceira da ponte por onde deveríamos passar. Mesmo sabendo que alguma coisa tinha dado errado, não havia como retroceder. Seguimos em frente. Oito soldados, quatro de cada lado, tomavam conta da cabeceira da ponte. Com suas armas encostadas em algumas pedras, pareciam desatentos, mas antes de colocarmos os pés na ponte fomos interceptados e levados à guarita, onde um graduado, sentado atrás de uma mesa tosca, pronunciou a fatídica frase:

– *Los papeles, señor!*

Florestas do meu exílio Final 3.indd 244 14/05/2013 17:33:25

Saquei o documento do Serviço de Estrangeiros de Beni. Lá pela metade da leitura, o que parecia ser o chefe franziu a testa e fechou a cara. Ao final, levantou a vista e sentenciou:

– Este documento não serve para nada, está vencido há mais de dois meses. Além disso, permitia a permanência de vocês apenas no Departamento de Beni, na fronteira com o Brasil e, no entanto, vocês estão no outro extremo do país.

– Tem toda razão! – interrompi o militar. – Mas como o senhor pode constatar, perdemos tudo no naufrágio: dinheiro, roupas e documentos. Graças a Deus, tivemos a felicidade de escapar com vida e encontrar uma alma generosa em Guayaramerín que nos abrigou e alimentou até recebermos dinheiro da família, quando então compramos as passagens e viemos direto a La Paz. No mesmo dia, procuramos a embaixada brasileira para tirar novos passaportes, mas como os trâmites demoram cinco dias, decidimos aproveitar o tempo visitando o lago Titicaca e Tiahuanaco, e é por isso que estamos aqui.

– O que não entendo mesmo é como conseguiram chegar até aqui com este documento...

– Se o senhor me permite, capitão, eu posso explicar – disse Janete.

– Pois não, senhora, mas antes devo lhe dizer que sou sargento, sargento Arancibia.

– Veja, sargento, eu e meu marido estamos concluindo o curso de Antropologia no final deste ano. Para receber nossos diplomas devemos apresentar uma pesquisa sobre um tema específico, e escolhemos vir ao seu país estudar os Quéchuas e os Aymaras. Como o senhor já pôde perceber, não tivemos muita sorte no começo da viagem, mas creio que agora, com a sua ajuda, as coisas vão entrar nos eixos. Quanto a chegar até aqui, devo lhe dizer que não tivemos o

Florestas do meu exílio Final 3.indd 245 14/05/2013 17:33:25

menor problema, tomamos o avião em Guayaramerín e descemos no aeroporto de El Alto, tomamos um táxi e fomos para o hotel, depois à Embaixada do Brasil e, como já explicou meu marido, sem ter o que fazer, decidimos vir até aqui. Tenho certeza de que o senhor está compreendendo nossa situação, vamos atravessar apenas para alimentar nosso bebê, comer alguma coisa, e retornar em seguida, não vai passar de meia hora, eu juro!

– Por falar em hotel, senhora, onde estão hospedados em La Paz?

– Estamos no Hotel Calacoto.

– Nunca ouvi falar deste hotel, onde fica?

– Na *calle* Bustamante, 300, no bairro de Calacoto.

O sargento não se convenceu com nossa história, mas não perguntou mais nada; limitou-se a comentar que achava muito estranha a maneira como estávamos vestidos. Depois, ficou de pé e disse:

– Como os senhores mesmo reconhecem, foi um erro sair do hotel sem passaportes, por isso eu não vou lhes permitir atravessar essa ponte nem por um minuto. Aguardem aqui. Quando nosso veículo retornar de uma missão, irá levá-los de volta a La Paz, onde os senhores poderão explicar essa história na Delegacia de Investigações Criminais. De minha parte está encerrada a conversa, agora podem sair.

Arrasados, fomos aguardar no pátio externo com vista para o lago. Ficamos alguns minutos em silêncio, num banco corrido, sem encosto. O sol se refletia tão intensamente na lâmina de água do Titicaca que parecia brotar de suas profundezas. Contemplando aquela paisagem deslumbrante, me pus a cantar.

"Manhã, tão bonita manhã, na vida uma nova canção..."

Mas não fui além dos dois primeiros versos. Voltei-me para Janete, gesticulando e apontando o horizonte.

– Olha lá, eu nunca vi o céu tão diáfano e tão próximo da terra. Veja! Se caminharmos pelo seu rastro chegaremos à porta do céu.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 246 14/05/2013 17:33:25

– Não estou entendendo nada – disse Janete –, só sei que daqui a pouco seremos devolvidos a La Paz e de lá para o Brasil, e no Brasil tu sabes o que nos espera! E ficas aí, batendo o queixo de frio, cantando e contemplando a natureza...

– Vamos cantar! É isso mesmo, vamos lá, faz de conta que não estamos nem aí, precisamos demonstrar que estamos felizes. Como é mesmo a música do Tri, vamos, puxa aí..

De repente é aquela corrente pra frente,
parece que todo o Brasil deu a mão!
Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração
Todos juntos, vamos, pra frente, Brasil, Brasil.
Salve a seleção!
Todos juntos, vamos, pra frente, Brasil, Brasil!
Salve a seleção! Gol!

Quando paramos de cantar, os soldados estavam rindo; um deles gritou: "*Brasil tricampeón del mundo!*". Os que estavam perto da gente puxaram conversa, perguntando por Pelé e Garrincha, por quem tinham uma enorme admiração. Ficaram falando de futebol até que Artionka começou a chorar, não sem razão, pois já passava das dez da manhã e o choro era, indiscutivelmente, de fome. Tentando acalmá-la, Janete se afastou cantarolando em direção à ponte. Eu a segui e ficamos mimando-a de todo jeito, sem nada conseguir: a pequena chorava cada vez mais alto. No meio daquela agonia, pedi a Janete que aguentasse por ali, que não recorresse aos alimentos que trazíamos em nosso saco de viagem, pois precisávamos sustentar a mentira que havíamos acabado de contar ao sargento na tentativa de atravessar a fronteira. Em meio à confusão armada pela choradeira do bebê, sem que os soldados percebessem nossa intenção, fomos nos aproximando cada vez mais da cabeceira da ponte. Foi então que surgiu nossa primeira chance de arriscar a travessia: estávamos a poucos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 247 14/05/2013 17:33:25

metros do meio da ponte: uma arrancada de surpresa deixaria os soldados atônitos, e até que empunhassem suas armas já estaríamos em território peruano. Com o plano engatilhado, fomos abordados por um soldado que nos mandou retornar à guarita para falar com o chefe do Serviço de Estrangeiros, que acabara de chegar.

O homem de meia-idade, alto e magro, nos tratou com inesperada cordialidade, lamentou o que estava acontecendo, mas ressaltou que o sargento tinha razão. Depois de nos ouvir calmamente, convidou-nos a entrar na sala do sargento. A conversa se desenrolou acompanhada de perto pelo choro estridente de Artionka. Não havia no mundo quem a fizesse se calar. Os brados contínuos aos poucos foram criando nos homens da guarita um sentimento misto de pena e irritação. Daquele lado da fronteira não havia leite, portanto não havia solução para acalmar o bebê. O impasse terminou levando o homem do Serviço de Estrangeiros a apresentar uma alternativa.

– Sargento... Estamos diante de uma situação delicada. É verdade que, legalmente, não podemos permitir que o casal atravesse para o país vizinho. No entanto, temos uma criança desesperada chorando com fome e aqui não temos como alimentá-la. De minha parte, enquanto aguardamos o veículo para levá-los a La Paz, não vejo razão para não lhes permitir uma ida rápida ao restaurante do outro lado.

O sargento, que ouvia em silêncio, temperou a garganta e mexeu-se na cadeira:

– Talvez tenha razão, maltratar uma criança pela imprudência dos pais é uma desumanidade. Na verdade, não me cabe tomar sozinho essa decisão, mas já que o senhor está de acordo, podemos fazer o seguinte: como a permanência deles lá vai ser muito curta, não vão precisar levar a bagagem.

– Isso mesmo – concordou o Chefe do Serviço de Estrangeiros.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 248 14/05/2013 17:33:25

Dirigindo-se a mim, pediu que trouxesse o saco de viagem para guardar na sala do sargento e em seguida avisou aos soldados que nos abrissem passagem. Não podíamos acreditar no que estava acontecendo. Graças a Artionka, conseguimos atravessar a fronteira. Fomos direto ao restaurante, que estava movimentado, atendendo passageiros de um ônibus vindo de La Paz com destino a Lima, via Puno. Também ocupavam mesas alguns militares, tanto peruanos como bolivianos. Enquanto Artionka mamava com sofreguidão uma mamadeira de leite quentinho, eu e Janete comíamos pão com chá e discutíamos o que fazer para seguir adiante.

Sem uma ideia conclusiva, vimos um jovem soldado peruano entrar no restaurante. Ao passar próximo a nossa mesa, eu o convidei a nos fazer companhia. Ele reagiu com espanto, mas Janete insistiu e ele, meio desconfiado, acabou aceitando. Pela primeira vez, depois de muitos meses, nos apresentamos pelos nossos verdadeiros nomes, e passamos a relatar àquele estranho o que tínhamos vivido até aquele momento. O soldado acompanhava tudo com incredulidade, até que decidiu interferir e perguntar por que estávamos lhe contando aquela história e o que pretendíamos com aquele gesto. Janete lhe respondeu que estávamos com medo dos bolivianos, que havíamos cruzado a fronteira com permissão apenas para alimentar nosso bebê e retornar, e já estávamos ali há mais de uma hora. A essa altura, desconfiados de nossa demora, deviam ter revistado nossa bagagem e constatado que havíamos mentido, que tínhamos alimentos e que o choro de fome do bebê havia sido usado como álibi para atravessar a fronteira. Nosso receio era que, pelo fato de estarmos tão perto, viessem e nos levassem de volta.

– Ah, não! Isto é impossível de acontecer, aqui estamos em território peruano, da metade da ponte em diante, mandamos nós – disse o soldado visivelmente contrariado.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 249 14/05/2013 17:33:26

– Ótimo saber disso, mas gostaríamos de seguir adiante. Você nos colocaria dentro do próximo ônibus para Puno? – eu lhe perguntei.

– Não! Como vou fazer isso se vocês não têm documentos? O que lhes posso dizer é que nosso comandante é um homem muito correto; há duas semanas deu proteção a um patrício de vocês, que também estava fugindo dos bolivianos, e o mandou para Puno. Se quiserem, eu mesmo os levo até ele.

Não pensamos duas vezes. O comandante nos acolheu com simpatia e, depois de ouvir nossa história e o pedido de asilo de trânsito para o Chile, determinou que fossem tomadas as providências legais, ou seja, uma declaração de identidade sob juramento e a formalização do pedido de passagem pelo território peruano. Em seguida, passou um rádio a Lima comunicando nossa apresentação em seu posto fronteiriço, solicitando autorização para que nós pudéssemos continuar a viagem até Puno, onde aguardaríamos a decisão do asilo de trânsito. Finalmente anunciou que a partir daquele momento estávamos sob a proteção da bandeira peruana.

A estadia em Desaguadero, apenas com a roupa do corpo, pareceu-nos uma eternidade. Fomos alojados em um quarto sem calefação, e o frio, mesmo na metade da primavera, ainda era intenso. Os *soles* com que don José nos havia presenteado se esgotaram no quarto dia e, sem dinheiro, passamos a depender da ajuda pessoal do comandante e dos soldados para poder comer. Uma semana depois, chegou a autorização, e o comandante conseguiu nos enfiar, sem custo, em um ônibus lotado, em que viajamos em pé e escoltados por um soldado, com destino a Puno.

Na delegacia de Polícia de Investigações Criminais, nos submeteram a um longo interrogatório sobre nossas atividades políticas e tivemos que fazer novas declarações de identidade. Fomos então levados a uma sala ampla, com móveis confortáveis, onde nos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 250 14/05/2013 17:33:26

serviram suco com biscoitos e nos mandaram esperar. Duas horas depois, entrou um homem de estatura mediana, elegantemente vestido, ao estilo do amigo peruano de don José, que com um sorriso franco se apresentou:

– Sou o delegado González. Estou aqui para lhes dar as boas-vindas à pátria peruana e lhes dizer que vossas solicitações de asilo de passagem já foram encaminhadas a Lima. Esses trâmites podem demorar de três a quatro semanas. Enquanto isso, a senhora e o bebê poderão se alojar em algum lugar fora daqui. O senhor, no entanto, deverá permanecer conosco.

– Quer dizer que eu estou preso?

– Não! De maneira nenhuma, o senhor vai ficar hospedado em um dos alojamentos destinados aos delegados.

Insisti querendo saber se poderia sair à rua sempre que desejasse. O delegado tergiversou e, por fim, acabou admitindo que sair da delegacia não era possível, o que nos causou uma enorme surpresa e nos deixou preocupados. O que afinal estava acontecendo? Que tipo de asilo de passagem era aquele? Mas, antes que pudéssemos esclarecer melhor a situação, o delegado nos informou que havia duas pessoas aguardando para falar conosco.

Eu tinha grande dificuldade em entender a situação política peruana. Para chegar ao poder, os meios usados pelo general Alvarado não foram tão diferentes do que já ocorrera no Brasil e na Bolívia. Liderando um golpe militar, destituiu um presidente civil eleito pelo voto popular, Belaunde Terry, declarando-se presidente. No entanto, seu governo promovia reformas radicais na sociedade peruana, nacionalizando riquezas minerais e realizando a reforma agrária. No campo político, abria espaço para participação de setores de esquerda, coisa rara na região.Tudo isso me dava a impressão que o país respirava ares revolucionários.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 251 14/05/2013 17:33:26

Mais tarde ficaríamos sabendo que Puno, depois do sangrento golpe que derrocara Torres, virou ponto de acolhida de exilados políticos bolivianos. Alguns partidos haviam se organizado para acolhê-los, e, nessa função de anfitriã de refugiados, a cidade havia testemunhado algumas histórias fantásticas, como a do avião DC-47 que aterrissou na região trazendo dezesseis fugitivos após espetacular fuga da prisão militar de Alto Madidi, localizada em plena selva amazônica boliviana, onde só se pode entrar ou sair de avião. Dez entre os quase cem confinados conseguiram se organizar, contando com a participação de seis militares sublevados, um cabo e cinco soldados, e renderam a guarnição composta de trinta homens tomando conta do campo de prisioneiros. Quando o avião que trazia rancho e soldados para a troca de guarda desceu, foi cercado e dominado. Os amotinados subiram a bordo e forçaram o comandante a decolar. Queriam ir para o Chile, mas a aeronave não tinha combustível suficiente: restou-lhes cruzar a fronteira peruana em busca de um lugar para aterrissar. Quando já não havia esperança, o comandante avistou uma pista de pouso abandonada nos arredores de Puno. Os motores do avião já estavam parados e não havia mais combustível, mas ainda assim, com habilidade, o piloto seguiu planando até que o avião tocou a cabeceira da pista. Depois de uma sequência de impactos violentos que levou embora uma das asas, finalmente o avião estacionou. Vários saíram feridos, mas todos escaparam com vida. Depois de receber cuidados médicos em Puno, os fugitivos seguiram para o Chile, onde foram recebidos como heróis.

As duas visitas anunciadas entraram na sala da delegacia: Juan Miguel, representante da Alianza Popular Revolucionaria Americana, e Carlos Echeverria, do Partido Comunista Maoísta do Peru. Depois de atualizados sobre nossa história e sobre a condição em

Florestas do meu exílio Final 3.indd 252 14/05/2013 17:33:26

que estávamos sendo recebidos pelo governo peruano, passamos a conversar sobre a conjuntura política latino-americana. Tínhamos algumas ideias convergentes, reconhecíamos as brutais desigualdades sociais e a falta de democracia no continente, e eles também consideravam inaceitáveis as imposições do imperialismo americano. Mas, em relação às estratégias de luta, íamos por caminhos diferentes.

Eu estava fortemente influenciado pela revolução cubana, em que um punhado de combatentes liderados por Fidel Castro ocupara e demarcara território nas montanhas de Sierra Maestra, conquistara os camponeses e os trabalhadores urbanos e, por fim, fizera triunfar o novo governo. O maoísta Juan Miguel seguia fielmente as teses chinesas da guerra popular, prolongada sob a direção de um exército de base camponesa. Já Echeverria defendia as transformações sociais nos marcos da legalidade burguesa. Como não era assunto para se esgotar em um primeiro encontro, voltamos à realidade do momento e os dois se comprometeram em mobilizar seus militantes e simpatizantes para arrecadar roupas e encontrar com urgência alguém que pudesse, de imediato, alojar Janete e Artionka. Por último, seus partidos iriam pedir explicações às autoridades de Lima a respeito da minha estranha situação de hóspede confinado, exigindo que me colocassem em liberdade.

Antes que partissem, eu pedi que levassem Janete a um médico com urgência, se possível ainda naquela mesma tarde. Algumas horas mais tarde, Carlos, do partido maoísta, estava de volta. Entrou na sala acompanhado por um casal, German, professor de economia na universidade, e Tereza, historiadora. Estavam ali para nos oferecer hospedagem. Depois de preencher uma papelada com seus dados pessoais e assinar um termo se responsabilizando pela integridade física de Janete e Artionka, deixaram a delegacia. Juan Miguel foi bater pouco depois na porta da casa de German com uma sacola

Florestas do meu exílio Final 3.indd 253 14/05/2013 17:33:26

de roupas e com a notícia de que o médico viria examinar Janete em algumas horas.

Janete estava ávida por um banho e por se livrar das roupas que usava havia uma semana, mas primeiro tratou de Artionka, cujas roupinhas, conseguidas também pelos soldados de Desaguadero, precisavam de uma boa lavagem. Depois dos banhos, quando Janete se preparava para experimentar uma das peças da sacola de Juan Miguel, Tereza bateu à porta trazendo um vestido e o ofereceu à sua hóspede. Alguns minutos depois, Janete entrou na sala completamente diferente: mesmo que ainda aparentasse cansaço, havia removido pelo menos uns dez anos. O médico chegou pouco depois. No dia seguinte, Janete foi me visitar na delegacia e ficou admirada ao me encontrar renovado, barbeado e de roupas limpas, mas a minha surpresa não foi menor ao vê-la radiante nos seus 22 anos, com Artionka no colo. Ansioso, perguntei-lhe como havia sido a consulta com o médico. Com um sorriso no rosto, me disse que a probabilidade de Artionka ganhar um irmãozinho ou irmãzinha era de cem por cento.

A notícia me deixou confuso, sem saber o que dizer. Bateu-me uma enorme insegurança com o futuro imediato; mais que nunca, precisávamos chegar a um lugar seguro e definitivo onde pudéssemos nos instalar. Mas não só estávamos empacados como eu estava preso. Janete quebrou o silêncio com uma injeção de ânimo:

– Vamos! Isso logo vai ser resolvido, em poucos dias estaremos no Chile cuidando de nossas vidas.

A energia de Janete era tanta que terminou por me contagiar. Fez com que eu saísse de um estado de cautela pessimista a um otimismo pouco realista, querendo discutir o nome do futuro bebê. Ela tratou de encurtar a conversa, lembrando que ainda faltavam os exames para confirmar a gravidez. Seus pensamentos positivos não

Florestas do meu exílio Final 3.indd 254 14/05/2013 17:33:26

tardaram a se converter em realidade, e três dias depois fui liberado e me juntei a ela e Artionka na casa de German.

Diferentemente do que vivemos em Cochabamba, depois de termos participado de um debate promovido pelo diretório da Universidade do Peru sobre conjuntura política brasileira, fomos homenageados com uma festa, onde dançamos até de madrugada. Os dias seguintes foram tranquilos e relaxantes, confirmando as expectativas de Janete. Mas nosso desejo era seguir adiante. Estávamos na metade do mês de dezembro, o ano de 1971 estava quase expirando e ainda tínhamos muito chão pela frente. As previsões do delegado González se provaram certeiras: três semanas depois, recebemos a tão esperada decisão de Lima nos concedendo asilo de passagem para o Chile.

Estavam todos na rodoviária para as despedidas: Juan Miguel, Carlos Echeverria, German, Tereza e um grupo de estudantes. De cada um deles guardaríamos gratas lembranças daqueles dias em Puno. Quando o ônibus começou a se movimentar, entoaram em coro:

> Arriba los pobres del mundo
> En pie los esclavos sin pan
> Alcemos todos al grito:
> Viva la Internacional.

Cantando na praça

A cidade de Puno, a 3.800 metros de altitude, localizada na margem do lago Titicaca, com sua gente querida e hospitaleira, foi ficando para trás. Nosso ônibus iniciava a longa descida em direção à planície. A paisagem montanhosa era encantadora, mas por causa do frio, das precárias condições da estrada e do ônibus, prevaleciam o desconforto e o medo. A tensão era permanente, pois

Florestas do meu exílio Final 3.indd 255 14/05/2013 17:33:26

a via de mão dupla era tão estreita que a cada vez que cruzávamos com outro veículo tínhamos a impressão de que eles iam colidir; acrescentem-se as curvas e os abismos que surgiam a cada momento. Foram doze horas de desassossego até o dia amanhecer, quando relaxamos ao ver Tacna surgir no horizonte.

Fomos recebidos na porta do ônibus por dois agentes da Polícia de Investigações Criminais, que nos levaram para um albergue municipal onde nos hospedaram enquanto providenciavam as passagens para Arica. Perguntei quanto tempo teríamos que esperar. "Não mais que três dias", um deles respondeu. Sem dinheiro e sem contato na cidade, não contávamos com uma espera tão prolongada.

O albergue era desconfortável – mas nada que pudesse tirar o bom humor de quem estava a um passo de conseguir um país para viver em paz. Lá, encontramos três refugiados bolivianos com quem logo nos entrosamos: Angel, o mais jovem, era estudante de história da Universidade de San Andrés e tinha participado diretamente dos enfrentamentos que ocorreram em 21 e 22 de agosto em La Paz. Pablo e Bernardo apresentavam-se como mineiros e sindicalistas. Ao contrário de Angel, que tinha uma necessidade compulsiva de falar sobre a resistência nas ruas de La Paz, os dois eram retraídos e, nas rodas de bate-papo, acompanhavam atentamente as conversas, mas pouco interferiam. Angel dizia:

– Andamos perto da insurreição generalizada e da conquista do poder popular! Lembro que, no 21 de agosto, depois do meio-dia, a Assembleia Popular convocou o povo para se concentrar na Plaza del Estadio a fim de receber armamentos e munição. Rapidamente, cerca de cinco mil pessoas se acotovelavam no local, reclamando aos gritos as armas prometidas para conquistar, pela primeira vez, o poder para o povo, e não apenas para defender o regime do general Torres. Algumas armas antigas apareceram,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 256 14/05/2013 17:33:26

mas não havia munição suficiente; cada combatente recebeu apenas cinco balas. Deu-se uma batalha memorável nas colinas da montanha Laikakota, os combatentes populares lançaram-se heroicamente sobre o regimento Castrillo, entrincheirado em uma posição acima da sua, aos gritos de "vitória ou morte!". Os combatentes capturaram e desarmaram os soldados que ocupavam a colina, e esse ato de bravura nos encheu de entusiasmo. Imaginávamos que aquela vitória nos levaria ao triunfo final. Ledo engano: na verdade, nos levou ao massacre de centenas de trabalhadores e de trabalhadoras nas ruas de La Paz e à derrota. Isso aconteceu por falta de condução política, pois os que se diziam líderes desapareceram deixando o povo na mão.

– Parece sina! – comentei. – Na América Latina, as insurreições populares terminam quase sempre com enorme sacrifício de seus protagonistas. Fora a bem-sucedida Revolução Cubana, e a tentativa pela via democrática de Salvador Allende no Chile, as demais acabaram em tragédia. Será que devemos debitar tudo na conta dos gringos? Ou aceitar uma parcela de culpa pela incompetência da própria esquerda? Acho que deveríamos pensar seriamente na segunda hipótese. Veja, Angel, chegamos a Cochabamba, fugindo da ditadura brasileira, no dia em que começou o golpe. Fomos atrás de ajuda na Universidade de San Simon, onde passamos a noite, e fomos testemunhas dessas improvisações. Os dirigentes, em discursos inflamados, conclamavam à resistência e afirmavam que as armas estavam chegando, mas, no dia seguinte, estávamos cercados pelo Exército, passamos o maior sufoco, escapamos por sorte.

A situação dos bolivianos era, aparentemente, pior do que a nossa. Penalizados, eu e Janete, decidimos compartilhar com eles o pouco de que dispúnhamos, de tal forma que ao final do segundo dia não nos restava um único centavo. Dormíamos com fome. Artionka

Florestas do meu exílio Final 3.indd 257 14/05/2013 17:33:26

estava a salvo da penúria graças a uma completa cesta de alimentos que Tereza lhe regalara na saída de Puno.

No dia seguinte, após tomarmos um chá sem açúcar, saímos a passear pela cidade e encontramos a Praça de Armas repleta de gente de todas as idades curtindo uma bela manhã de sol. Lá pelas tantas, com a fome apertando, lembrei-me do "Comedor de gilete", composição de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes. Afastei-me de Janete e, feito maluco, soltei a voz, cantando desafinado:

Eu um dia cansado que tava da fome que eu tinha
Eu não tinha nada
Que fome que eu tinha.
Que seca danada no meu Ceará

– Para com isso! – falou Janete meio envergonhada. – Está chamando a atenção de todo mundo!

– Mas é isso mesmo que eu quero! – disse, e continuei:

Eu peguei e juntei
Um restinho de coisas que eu tinha:
Duas calças velhas e uma violinha
E num pau-de-arara
Toquei para cá
E de noite eu ficava na praia de Copacabana
Zanzando na praia de Copacabana
Dançando o xaxado pras moças olhá
Virgem Santa!
Que a fome era tanta
Que nem voz eu tinha
Meu deus quanta moça
Que fome que eu tinha

Surpreendentemente, consegui atrair uma numerosa plateia que, sem entender nada, me acompanhou até o final, depois aplaudiu. Sem perda de tempo, improvisei uma sacola com um lenço de

Florestas do meu exílio Final 3.indd 258 14/05/2013 17:33:26

cabeça de Janete e saí recolhendo as moedas. Animado com o resultado – o suficiente para comprar empanadas e refrigerantes no quiosque da praça –, decidimos retornar levando algumas aos bolivianos. Encontramos apenas Angel no albergue, que se divertiu ao saber como aquelas empanadas haviam sido adquiridas, principalmente depois que lhe traduzi a letra da música.

Enquanto comia, Angel nos informou que os homens da PIC haviam deixado as passagens, que o ônibus sairia no dia seguinte, às oito em ponto, e que não haveria transporte até a rodoviária. Não era problema; a rodoviária não era tão longe dali, e o que realmente importava era saber que estávamos a um passo de chegar ao Chile. Aquela notícia reacendia as expectativas de uma nova vida. Janete queria voltar a estudar. Sabia que não seria fácil dar conta de uma faculdade sem ninguém da família por perto para ajudá-la, mas era o que queria, e achava que eu também deveria retomar meu curso de Economia. Minha preocupação era com a sobrevivência da família. Alguém teria que trabalhar, mas Janete não pensava assim, estava confiante de que no Chile socialista de Salvador Allende, tal qual na Cuba de Fidel Castro, todos os jovens que desejassem teriam chances de estudar.

A felicidade era tanta que, sem nos darmos conta, entramos no ônibus cantarolando, atraindo a atenção dos demais passageiros. Não era para menos: muito em breve estaríamos em território chileno, berço do poeta Pablo Neruda. Eu pensava em Hamilton Rocha. Como estaria ele naquele inferno chamado São José? E Pedro? E Camorim? De uma coisa eu estava certo: eles não faziam ideia do que tínhamos vivido até aquele momento, e menos ainda de que estivéssemos chegando na meca do socialismo democrático. Ah! Um dia reencontrarei Hamilton para lhe dizer: "Valeu, companheiro! Deu tudo certo, mas agora me diga: como é mesmo seu verdadeiro nome?".

Florestas do meu exílio Final 3.indd 259 14/05/2013 17:33:26

O ônibus parou. Fomos todos convidados a descer com documentos em mãos. Era o posto fronteiriço de migração do Peru. Havia gente dos quatro cantos do mundo dentro do ônibus, mas a burocracia foi ágil: apenas o carimbo de saída e, meia hora depois, todos estavam liberados, as portas se fecharam e a viagem prosseguiu. Dez minutos mais tarde, nova parada. Dessa vez era o controle de documentos e a alfândega chilena. Descemos todos rapidamente, as bagagens foram revistadas, os documentos checados e carimbados. Quando o ônibus fechou a porta, Angel gritou que parasse; faltavam dois passageiros. O motorista fez ouvido de mercador e seguiu acelerando para retornar à estrada. Inconformado, Angel foi ao seu encontro saber dos companheiros e retornou com ar desolado a seu assento. Perguntei-lhe o que havia acontecido.

– Tu não vais acreditar, aqueles filhos da mãe aprontaram uma grande cagada. Eles, que se diziam sem dinheiro, na verdade tinham dólares e nos enganaram. Mas não conseguiram ir muito longe, trocaram uma pequena fortuna em pesos chilenos ontem em uma casa de câmbio de Tacna. Hoje cedo, a polícia estava no encalço deles. Os dólares eram falsos e alguém acionou a polícia chilena, que os prendeu agora, aqui na fronteira.

– É triste e decepcionante, mas poderia ser pior – disse eu –, imagina se eles tivessem confiado em mim ou em ti para fazer a troca? Certamente o teríamos feito sem nada desconfiar, e agora estaríamos no lugar deles, encrencados, tentando explicar à polícia a origem dos dólares.

No Chile do presidente Allende

O ônibus avançava pela planície do deserto junto ao sopé da cordilheira dos Andes. Algum tempo depois, avistamos as águas

Florestas do meu exílio Final 3.indd 260 14/05/2013 17:33:26

verdes e infindas do oceano Pacífico: estávamos chegando a Arica, cidade no extremo norte de um país que é uma tira estreita e comprida no mapa da América do Sul e cuja outra ponta fica a mais de quatro mil quilômetros. Na rodoviária, depois de recepcionados por dois agentes da polícia civil chilena, seguimos para a delegacia, onde mais uma vez declaramos nossas identidades e prestamos informações. Dessa vez, no entanto, fomos recebidos com cordialidade, sem ameaças ou desconfianças em relação ao que falávamos. Tratava-se apenas de elaborar um documento provisório de permanência no país, válido até que pudéssemos nos apresentar, em Santiago, ao Serviço de Imigração do Ministério do Interior para formalizar o pedido de asilo político. Em meia hora estávamos livres para sair em busca de apoio para continuar a viagem até Santiago.

Antes de arredar o pé da delegacia, fomos apresentados ao casal argentino Carlos e Guadalupe. Os dois eram professores da Universidade do Chile, em Arica, e membros do Comitê Latino-Americano de Solidariedade, e tinham sido avisados pelo Serviço de Imigração da chegada de novos refugiados. Depois de uma rápida conversa, saímos todos com endereço certo. Angel foi encaminhado para uma casa de estudantes, e nós seguimos com os professores para seu apartamento. No caminho, enquanto Guadalupe nos mostrava as belezas da cidade construída no século XVI em pleno deserto, entre a cordilheira e o Pacífico, Carlos fazia questão de nos situar em relação à conjuntura política do Chile.

Salvador Allende, na quarta tentativa, havia sido eleito presidente pelo voto popular em setembro de 1970. Como não tinha obtido maioria absoluta, precisou de confirmação do Congresso, cuja tradição era ratificar a vontade popular. Mas, no caso de Allende, houve resistência do Congresso, que tentou impedir sua posse. Superada a crise, Allende assumiu a presidência no final de outubro e deu início ao

Florestas do meu exílio Final 3.indd 261 14/05/2013 17:33:26

processo de mudanças, compromisso seu com o povo durante a campanha eleitoral. Em seu primeiro ato, Allende nacionalizou a maior riqueza do país, o cobre, de cuja exportação o país dependia para o ingresso dos dólares que movimentavam sua economia. A partir daí, os preços internacionais deste produto despencaram, numa clara manobra da política americana para criar obstáculos ao governo socialista. Com menos dólares entrando, os produtos com componentes importados começaram a escassear. Internamente, banqueiros, comerciantes, donos de indústrias e os grandes proprietários rurais fizeram coro com o capital externo e juntaram-se em um grande boicote econômico, gerando desabastecimento e enormes filas para aquisição de produtos de consumo de primeira necessidade. Dizia-se que os chilenos faziam fila até para comprar empanadas. Com isso, a classe média foi à loucura e, cooptada pela direita, passou a participar ativamente dos "panelaços".

Allende foi persistente: depois de três derrotas sucessivas, conseguiu juntar vários partidos: Partido Radical, Partido Socialista, Partido Comunista, o Movimento de Ação Popular Unitário, o Partido de Esquerda Radical e a Ação Popular Independente. Com essa coalizão eleitoral de centro-esquerda, formada em 1969 e denominada Unidade Popular (UP), Allende foi consagrado nas urnas. Este amplo arco de alianças, por si só, já era um grande complicador para a governabilidade, mas, em se tratando de um governo de esquerda, havia também a atuação paralela de outros movimentos que não faziam parte da UP, como o radical Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), que pressionava por uma distribuição mais rápida e profunda das riquezas do país. De outro lado, estava a poderosa direita, representada pelo Partido da Democracia Cristã, ao qual pertencia o ex-presidente Eduardo Frei, a quem Allende sucedeu; e o Partido Nacional, composto por uma fusão entre liberais e conservadores e que, assim como a UP, tinha seus radicais, agrupados na organização paramilitar ultradireitista denomi-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 262 14/05/2013 17:33:26

nada Patria y Libertad, e seus aliados decisivos, como a grande mídia e o poderio econômico e bélico dos Estados Unidos. Esse amplo conjunto de forças dedicava-se, por meios legais e ilegais, a dificultar a vida do governo, e, por extensão, do povo chileno que o apoiava.

– Parece que a via democrática para o socialismo não é tão pacífica assim – comentei, após ouvir o relato de Carlos.

– Que nada – disse Guadalupe –, meu marido está dourando a pílula, a realidade é bem mais amarga do que parece. Estes *momios hijos de puta* não dão trégua. Às seis da tarde começam a bater panelas querendo dizer que estão passando fome. A direita chilena tem inspiração nazista, como na Argentina. São alemães que, depois da derrota de Hitler, cheios de dinheiro sujo, conseguiram escapar para a América do Sul e se instalar principalmente na Argentina e no sul do Chile. Contam com apoio total e irrestrito dos *gringos de mierda* do norte para impedir qualquer avanço na América Latina.

Guadalupe ou Lupe, como era carinhosamente chamada por Carlos, não tinha papas na língua. O casal morava no oitavo andar de um prédio de classe média em um bairro nobre de Arica. Eles e alguns poucos gatos pingados do prédio defendiam ardorosamente a UP e resistiam bravamente às investidas da vizinhança opositora. Como Lupe havia dito, o movimento direitista estava bem cronometrado. Às seis da tarde em ponto, de norte a sul do país, os moradores dos bairros ricos se juntavam em frente às suas casas ou nas sacadas de seus apartamentos batendo panelas e frigideiras numa barulheira infernal. No nosso primeiro dia de panelaço, Lupe foi à loucura: reagiu colocando o hino da UP no toca-discos, escalando o volume a toda altura. Pendurou uma enorme bandeira do Partido Socialista na janela e trocou gritos e palavrões com alguns vizinhos. Depois da barafunda, que durou pouco mais de trinta minutos, a vida retornou à normalidade. Os vizinhos voltaram a se cumprimentar na maior cordialidade,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 263 14/05/2013 17:33:26

como pude observar logo depois ao descer o elevador com Lupe para ir à rodoviária comprar as passagens para Santiago. Comentei com ela sobre a brusca mudança de humor.

– Há poucos minutos, os ânimos estavam tão exaltados que cheguei a pensar que estivesse começando a guerra civil, e de repente a calmaria. Como isso se explica? – indaguei curioso.

– Fácil, meu caro! A burguesia chilena é falsa, sabe como ninguém dissimular suas emoções. Te recebem com um sorriso mostrando os dentes, mas, no fundo, gostariam mesmo é de te morder. Na política, então...! São covardes, vivem batendo nas portas dos quartéis, insuflando os milicos a fazer o jogo sujo deles. Mas, felizmente, o Chile é diferente do Brasil e da Argentina. Aqui a democracia é forte e as Forças Armadas são legalistas, obedecem à Constituição e à lei.

A conversa com Lupe a caminho da rodoviária foi proveitosa, mas não amenizou a frustração de nossa ida até lá: a três dias do Natal, estava tudo lotado; mesmo para os ônibus extras, a espera seria de no mínimo uma semana. Inconformado, pedi a ela que recorresse aos gerentes das empresas. Nas duas primeiras, foi recebida gentilmente, mas saiu de mãos abanando. Na terceira e última tentativa, o gerente lhe ofereceu uma alternativa: caso a fiscalização liberasse, poderiam transportar o casal com a criança em pé em um ônibus extra que sairia dentro de dois dias. Lupe ligou imediatamente para um amigo, que acionou um agente de imigração. Em pouco mais de trinta minutos, seu amigo lhe retornou dizendo para comprar as passagens, pois no dia seguinte o gerente receberia a excepcional autorização.

No caminho de volta, Lupe fez uma rápida parada diante de uma loja de móveis. Disse-me que precisava resolver um assunto e que eu a esperasse no carro. Em poucos minutos, voltou e seguimos para seu apartamento. Entrei anunciando que, graças ao empenho e ao prestígio de Lupe, passaríamos o Natal em Santiago. Viajaríamos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 264 14/05/2013 17:33:26

dentro de dois dias. Janete comemorou. Porém, quando Lupe informou que viajaríamos em pé, Carlos recuou.

– Isso é uma loucura! Quarenta horas em pé! Isso é proibido!

– Está tudo resolvido – contestei –, salvo se Janete disser o contrário.

Mas Janete confirmou com entusiasmo:

– Vamos para Santiago!

E Lupe completou:

– Então está tudo resolvido. A permissão para a viagem em pé está garantida, mas isso não vai acontecer: no caminho, parei na loja de móveis e mandei fazer dois banquinhos para o casal. Para *la guagüita*, tenho um colchonete. Portanto, não há mais o que discutir, vamos aproveitar esses dois dias para passear e nos divertir. Amanhã vou levá-los para conhecer Azapa e Lluta, lindos vales que abastecem a cidade de alimentos, depois vamos olhar a cidade de cima, e, por último, vou levá-los para pelo menos banharem os pés nas águas frias do Pacífico. Que acham?

Sem esperar resposta, nos arrastou para a cozinha, abriu uma garrafa de vinho e começou a preparar o jantar com nossa ajuda.

O dia seguinte passou voando, com Lupe tentando mostrar tudo que Arica podia nos oferecer. À noite, alguns amigos se reuniram para um jantar de despedida. No começo, a conjuntura política ficou de lado e a conversa girou em torno da nova música chilena, de Violeta e Ángel Parra, Víctor Jara, Inti-Illimani, Quilapayún etc. Não foram esquecidos os cubanos Silvio Rodrigues, Pablo Milanés e Soledad Bravo. Eu e Janete acrescentamos nossos ídolos: Chico Buarque, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Caetano Veloso e o mais recente, Carlos Puebla, e fizemos questão de relatar em que circunstâncias tínhamos conhecido sua música. Lá pelas tantas, Carlos colocou um tango e aumentou o volume.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 265 14/05/2013 17:33:26

– Agora, vou lhes mostrar como se *baila el tango argentino*! Tomou a mão de Lupe, que calçava uma sandália de salto tão alto como eu jamais vira, e se dirigiu ao centro da sala. Tomando-a pela cintura, os corpos colados, deixando apenas seus rostos afastados alguns centímetros, com o olhar fixo um no outro e sua perna direita entre as dela, Carlos a conduziu volteando pela sala. Os passos eram largos, com pequenas pausas e, mesmo sendo Lupe uma mulher alta, de pernas enormes, braços longos e um corpo cheio, ela parecia flutuar embalada pelos acordes do *bandoneon*. O final foi apoteótico, com ela deitada sobre a coxa esquerda de Carlos, seus cabelos roçando o chão. Todo mundo aplaudiu com entusiasmo. Eu, que adorava dançar, fiquei encantado com a apresentação. Logo após o tango, os chilenos apresentaram sua dança nacional, a *cueca*, nome que, à primeira vista, soa esquisito para um brasileiro. A dança evolui em círculo com dama e cavalheiro dançando soltos, levando um lenço na mão direita. É uma simulação de assédio amoroso, em que o homem dança em volta da mulher, tentando se aproximar, e ela recua, evitando-o. Por último, para não ficarmos de fora das apresentações culturais, mostramos um pouco do samba brasileiro. No final da festa, como não poderia deixar de ser em um Chile polarizado, em coro cantaram o hino da Unidade Popular:

Venceremos, venceremos,
Mil cadenas habrá que romper,
Venceremos, venceremos,
La miseria (el fascismo) sabremos vencer

Cinco meses e um dia depois de ter abandonado o leito da Santa Casa para embarcar no *São Sebastião do Monte* com destino a Santiago do Chile, eu, Janete e Artionka estávamos a um passo de iniciar a última etapa de uma longa jornada. Depois de ter deixado para trás Belém e ter passado por Santarém, Manaus, Porto Velho, Guayaramerín, Cochabamba, La Paz, Desaguadero, Puno e Tacna, agora estávamos nos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 266 14/05/2013 17:33:26

despedindo das pessoas generosas que nos acolheram em Arica. Nossos anfitriões Carlos e Lupe reuniram um grupo de amigos para nos acompanhar até a rodoviária. Enquanto abraçávamos cada um, Lupe conversava com o motorista, a quem, depois de muitas recomendações, apresentou a autorização e entregou os dois banquinhos. Aguardamos que todos tomassem seus assentos para entrar no ônibus e nos alojar no corredor, o que chamou a atenção dos demais passageiros. O motorista se apressou em explicar que se tratava de uma emergência, e que estava autorizado a nos transportar daquela maneira.

O ônibus era novo e confortável para quem viajava sentado, e avançava pela superfície plana do deserto de Atacama sem grandes solavancos. Pouco depois da partida, as luzes internas do ônibus se apagaram, restando somente alguns pontos de luz indireta. Com as cortinas fechadas, o ambiente mergulhou na penumbra. Eu e Janete, sentados nos banquinhos de Lupe, revezávamos com Artionka no colo. Ficamos um tempão conversando animadamente, relembrando nossa trajetória, até que, sem poder dormir como os outros e para não incomodá-los, nos calamos. O silêncio liberou meu pensamento para vagar livre num tempo distante.

Enfim, Santiago

Por volta das três da manhã, fui trazido à realidade com alguém me tocando o ombro e sussurrando:

– Senhor, senhor, vamos trocar de lugar? Venha com sua esposa e a criança descansar um pouco.

Aceitamos prontamente a ajuda do casal que viajava duas poltronas atrás de nós, e minutos depois, abatidos pelo cansaço, dormimos com Artionka deitada transversalmente em nossas pernas. Quando os primeiros raios de sol timidamente ameaça-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 267 14/05/2013 17:33:26

vam o horizonte, o ônibus fez sua primeira parada para abastecer. A maioria dos passageiros não se animou a descer nem mesmo para esticar as pernas. Só vim a entender o porquê quando pus o nariz para o lado de fora. Sabia, de literatura, que no deserto de Atacama as variações térmicas eram extremas; noites com temperatura abaixo de zero se alternavam com dias acima dos 40 graus. Naquela manhã, ao descer em busca de água quente para o leite de Artionka, pude confirmar o que lera nos livros. Quase congelei com um frio tão terrível.

Lá íamos nós, engolindo estrada a não ter fim, deslizando pelo monótono deserto. No começo, as horas insistiam em não passar, mas, à medida que as pessoas se aproximavam umas das outras, a ampulheta do tempo acelerava e a viagem ficava mais animada. Nossa comunidade provisória, formada por gente dos quatro cantos do mundo, passou a se entender numa surpreendente polifonia de vozes. O jovem casal que havia oferecido seus lugares na noite anterior eram Felipe e Carmem. Estudavam na Universidade de Chile, em Arica, e por acaso eram alunos do professor Carlos, por quem nutriam um carinho muito especial. Disseram-nos que no dia anterior, em uma solenidade de despedida na universidade, ele teria falado de nossas andanças pelo mundo até chegar a Arica e que estávamos hospedados em seu apartamento. O casal, ao nos ver na rodoviária na companhia do professor e de sua esposa, deduziu de quem se tratava e, por isso, resolveu nos ajudar.

Numa manhã ensolarada, na véspera de Natal do ano da graça de 1971, depois de duas noites e um dia atravessando o deserto, concluímos a longa travessia iniciada lá atrás, na foz do rio Amazonas, na confluência com o oceano Atlântico.

O ônibus foi penetrando nas artérias de Santiago e nos enchendo de alegria e emoção.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 268 14/05/2013 17:33:26

5
No Chile de Allende

Florestas do meu exílio Final 3.indd 269 14/05/2013 17:33:26

Florestas do meu exílio Final 3.indd 270 14/05/2013 17:33:26

Um presente de Natal

Em Santiago, nos primeiros dias, fomos regiamente instalados pelo governo em um charmoso chalé de três andares do início do século XIX, cujos herdeiros em decadência haviam transformado em pensão. O endereço nobre, na ampla avenida Libertador General Bernardo O'Higgins, entre a estação Mapocho e o Palácio de La Moneda, garantia a procura pelos hóspedes. Cansados da longa viagem, depois de alimentar e fazer dormir Artionka, foi a nossa vez de desmaiar na cama. Por volta das quatro da tarde, acordei com alguém batendo à porta e nos chamando, dizendo que tínhamos uma visita. O homem insistiu. Na terceira vez, levantei e, sem abrir a porta, respondi que já estava indo. Avisei Janete que ia atender alguém na portaria, vesti-me de mansinho para não acordar Artionka e saí.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 271 14/05/2013 17:33:26

Quando vi quem me aguardava, dei um grito comemorando o inesperado.

– Leonardo! Eu achava que tu estavas morto, companheiro!

– Pois eu pensava o mesmo de ti! Não é possível! Tu aqui! São e salvo!

Em seguida, cruzando o dedo indicador sobre os lábios, Leonardo pediu silêncio. Quando me aproximei para abraçá-lo, com ar misterioso e a voz sussurrante, disse: – Meu nome é Adauto, nunca mais repita meu verdadeiro nome na frente de ninguém.

– Tudo bem, companheiro Adauto! Agora dê cá um abraço que eu estou muito contente de te encontrar vivo e com saúde.

Quando ele perguntou por Janete e Artionka, eu o convidei para fazermos uma surpresa no quarto, onde poderíamos conversar sem fantasmas por perto. Bati na porta, Janete veio atender, eu pedi a ela que se vestisse, pois tínhamos visita. Em dois minutos, ainda meio sonolenta, abriu a porta e levou um tremendo susto ao dar de cara com Leonardo. Comemoramos tanto que Artionka despertou chorando.

Nossa relação de amizade com Leonardo Gazel era antiga. Havíamos convivido com ele boa parte da nossa adolescência; fomos colegas de turma no Colégio Amapaense, jogando basquete no mesmo time e frequentando juntos os bailes dos clubes sociais de Macapá, na primeira metade dos anos 1960. Foi Janete que o levou a frequentar as aulas de formação política do velho comunista Francisco das Chagas, o Chaguinha, figura doce e comovente que de dia trabalhava empurrando um carrinho de mão e vendendo plantas pelas ruas de Macapá e à noite ministrava curso de Economia Política aos jovens que frequentavam sua humilde casa repleta de livros. Este homem sofreu perseguição implacável: sua primeira prisão aconteceu no final dos anos 1930, no Estado Novo da ditadura de Getúlio Vargas; com a redemocratização de 1946, foi candidato a deputado constituinte

Florestas do meu exílio Final 3.indd 272 14/05/2013 17:33:26

pelo Pará, mas não se elegeu. Depois de um curto verão democrático, em abril de 1964, Chaguinha viu o Brasil mergulhar em novo pesadelo: os militares, apoiados pela direita civil e a CIA, fecharam o Congresso e derrubaram o governo constitucional de João Goulart. Daí em diante, Chaguinha perdeu a conta das prisões arbitrárias que lhe foram impostas até aqueles dias, mas nunca se deixou abater. Pelo contrário, causou enormes desgastes às autoridades que o perseguiam. A comunidade não conseguia entender como e por que esse homem idoso e frágil, com seu carrinho de mão e suas plantas, podia ameaçar a segurança do país. A escolinha de formação política de Chaguinha fazia e continuava fazendo a cabeça de muita gente, como a dos irmãos Metom e Mario Jucá, de Eugênio, Caiá, Lúcio, Bacuri, Janete, Leonardo e Aldoni. Desse grupo, além de Janete, dois haviam se engajado na ALN: Aldoni, recrutado por ela, e Leonardo, por mim.

Deixamos o quarto em busca do que comer no refeitório da pensão e para tentar reencontrar o elo perdido da história de Leonardo. No momento de nossas prisões, ele estava em São Domingos do Capim, região de conflito agrário no sul do Pará. Na sua ausência, a polícia teria invadido seu apartamento em Belém, segundo nos contou. Ao retornar duas semanas depois sem saber de nada, primeiro passou na casa da namorada, a duas quadras. O pai dela, que ignorava sua militância, inconformado por ter tido a casa invadida pela polícia, não permitiu que Leonardo entrasse. Aos gritos, mandou que sumisse de sua porta sob pena de mandar prendê-lo. Sem olhar para trás, Leonardo tratou de tomar outro rumo e foi direto se esconder na casa de Deoclides, amigo de infância que estudava em Belém. Ficou alguns dias zanzando de um lado para o outro, tentando restabelecer contato com o que sobrara da direção e da militância da ALN. Ao se inteirar da extensão do estrago – vários companheiros presos e o restante disperso –, deu-se conta de que nada podia fazer, e partiu para o Rio de Janeiro para reatar com a orga-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 273 14/05/2013 17:33:26

nização. Depois de uma longa espera, conseguiu finalmente contatar Bibico, que havia fugido de Belém, deixando para trás o assalto desastroso à fábrica de sorvete e uma tragédia: sua ama de leite pisara em uma mina caseira que ele havia enterrado no quintal de casa. Leonardo o informou sobre as quedas da ALN no Pará, e Bibico, por sua vez, fez chegar essa notícia à Direção Nacional. Ficou no Rio de Janeiro fazendo parte do "grupo de fogo" comandado por Bibico, com quem participou de várias ações armadas. Meses depois, viu o cerco da repressão se fechar, com inúmeras quedas de dirigentes no Rio e em São Paulo. Na iminência de ser preso, isolado e sem ter a quem recorrer, procurou sua tia Julieta no Rio, que mobilizou a família para escondê-lo até reunir os recursos necessários para colocá-lo em segurança na fronteira com a Argentina, de onde em seguida ele alcançou o Chile. Uma vez em Santiago, procurou Lavínia Borges, filha de Julieta Teixeira Borges, que havia escapado um ano antes com o marido Teodoro Buarque de Holanda, o Téo. Ficou hospedado no apartamento da prima nos primeiros meses, depois entrou em contato com a direção da ALN. Recebeu novos documentos com o nome "Adauto" e decidiu permanecer clandestino fazendo treinamento militar e retornar ao Brasil dentro de seis meses. A verdade era que, sem perder o entusiasmo, ele já estava há meses esperando que o treinamento acontecesse. De repente, no meio da conversa, ele se virou para mim:

– Que tal fazermos isso juntos?

– O quê? Voltar ao Brasil? Depois de tudo que passamos! Voltar para ser assassinado nas mãos dos torturadores? Do jeito que as coisas estão por lá, isso se chama suicídio.

– Tá desbundando, mano? Abandonando as fileiras da revolução?

– Não! Nada disso, precisamos aceitar que a conjuntura não nos favorece. Você acha que armados de estilingues podemos enfrentar os tanques dos milicos? E tem mais, o povão tá orgulhoso com o Brasil

Florestas do meu exílio Final 3.indd 274 14/05/2013 17:33:26

tricampeão do mundo e feliz com o tal PIB que cresce a 10% ao ano. É por isso que essa conversa não me anima. Não descarto definitivamente a possibilidade de voltar, mas para isso preciso ouvir argumentos sólidos que me convençam a tomar uma decisão desse porte. Ainda assim, não vejo razão para falar da volta se nem bem chegamos.

Um silêncio constrangedor pairou no ar por alguns segundos, mas logo se desfez quando lhe perguntei como havia tomado conhecimento de nossas presenças em Santiago e do endereço da pensão. Respondeu que fora informado pelo companheiro Otávio, coordenador da ALN no Chile, que por sua vez recebera um comunicado de um funcionário do Ministério do Interior chileno. Depois dessa resposta, percebi que Leonardo ou Adauto não estava ali apenas em nome de nossa velha amizade: representava a direção da ALN e vinha nos dar as boas-vindas e nos orientar sobre os primeiros passos no país. Naquele momento, eu estava pouco me importando com a conjuntura política, seja do Chile ou do Brasil; queria mais era saber como conseguir trabalho e sobreviver naquele oásis democrático na América Latina. Mas, antes de responder minhas questões de ordem prática, Leonardo informou que, por questão de segurança, teríamos que ficar em quarentena até que se checasse como eu havia fugido da prisão.

– Isto significa o quê?

– Isso significa que vocês estão suspensos da vida orgânica, que vão ficar afastados da atividade militante, sem contato com a organização por um período de seis meses.

– Seis meses de quarentena?

Aquilo me pareceu um exagero, mas tinha de aceitar; tratava-se de uma questão de segurança. Além do mais, não seria nada mau naquele momento nos distanciar dos problemas brasileiros, porque assim poderíamos embarcar de corpo e alma no país em que acabávamos de chegar. Seria um tempo necessário para compreender melhor

Florestas do meu exílio Final 3.indd 275 14/05/2013 17:33:26

seus embates políticos, conhecer um pouco de sua economia e mergulhar em sua cultura. E, mais do que nunca, precisávamos cuidar um pouco da vida pessoal, já que nosso segundo filho chegava e a responsabilidade crescia. Enfim, aquele intervalo vinha em boa hora.

Depois de tratarmos de mais alguns assuntos da vida cotidiana, retornamos ao "elo perdido". Janete perguntou a Leonardo se ele tinha notícias dos companheiros de militância que tinham permanecido no Brasil.

– Sim, infelizmente sim! O Babá tá no São José. Sacanagem mandar o cara para o presídio, pura intolerância, mas esperar o que da ditadura? Há mais de um ano ele estava afastado da militância, com sua vida pessoal organizada, trabalhando no Banco da Amazônia, em Santarém. Foi preso em pleno expediente, diante de seus estarrecidos colegas de trabalho, e trasladado algemado em avião de carreira para Belém.

– Um absurdo! – disse Janete. – Vão acusá-lo de quê? Conheço-o melhor que ninguém, fui eu que o recrutei para a ALN. Babá, como o chamávamos, esteve alguns meses em Marabá fazendo alfabetização e proselitismo entre os camponeses da região, mas logo desistiu e foi cuidar de sua vida. Já sei! Vão acusá-lo de ter sonhado em derrubar a ditadura alfabetizando os camponeses? Num país onde sonhar é crime, como pretendem que eu volte para lá? Nem pensar! Não contem comigo, pelo menos enquanto durar a tirania – concluiu.

– Lembram do Tito Guimarães? Foi preso em Belém e transferido para Minas Gerais – informou Leonardo.

– Claro!

Na minha primeira viagem ao Rio para encontrar com Marighella, retornei por Belo Horizonte pra falar com ele e com o Elson. Minha intenção era recrutá-los para a ALN. Pensei que ia ser demorado, que levaria um tempão para convencê-los de que a opção pela luta armada seria nossa única alternativa para mudar o país. Mas que

Florestas do meu exílio Final 3.indd 276 14/05/2013 17:33:26

nada, os dois nem sequer colocaram uma vírgula no meu discurso, toparam no ato. No dia seguinte tomamos um ônibus com destino a Belém e de lá os dois seguiriam para a região do Bico do Papagaio com a missão de levantar informação para a instalação da base guerrilheira. Diante das fragilidades de nosso projeto, o entusiasmo inicial foi esfriando até que ambos se desligaram da ALN. Elson retornou a Macapá. Já a situação de Tito era mais complicada, pesavam em suas costas oito anos de prisão, sentença imposta pelo Tribunal Militar de Minas Gerais, que o considerou culpado por ter queimado uma bandeira americana em uma manifestação estudantil em frente ao consulado dos EUA em Belo Horizonte. Sem ter para onde ir, decidiu acompanhar Elson, que o escondeu em casas de amigos em Macapá. Alguns meses depois, com a intenção de seguir para São Paulo, retornou a Belém e foi se alojar na Casa do Estudante do Amapá. Lá, delatado por um dos moradores, acabou preso.

Leonardo, de repente, voltou ao momento presente. Do Chile, além dos vinhos, pouco sabia; estava por ali de passagem, e seu grande interesse era se preparar militarmente para o mais cedo possível retornar ao Brasil. No entanto, reconhecia a necessidade que tínhamos de organizar nossas vidas. Pensando nisso, a direção da ALN nos havia recomendado ao companheiro Ferreira, presidente da Caixinha, uma associação que apoiava os refugiados brasileiros no Chile. Depois de nos entregar o endereço, recomendou que nos apresentássemos depois do Natal. Ao ouvir as últimas palavras de Leonardo, lembrei que estávamos na véspera do Natal e que em poucas horas teríamos a Missa do Galo.

– É verdade! – disse Janete. Com Artionka nos braços, se levantou da mesa que ocupávamos no refeitório, caminhou até a sacada da frente da pensão e nos chamou. – Venham aqui comigo! Quero mostrar o presente dos nossos sonhos – e, fazendo gestos na

Florestas do meu exílio Final 3.indd 277 14/05/2013 17:33:26

direção da avenida Bernardo O'Higgins: – Aqui está nosso lindo e desejado presente de Natal: Santiago do Chile!

Ela tinha razão; era Natal e estávamos em liberdade. Já passavam das oito da noite quando saímos à rua, e olimpicamente o sol continuava pendurado no céu, impedindo a noite de chegar.

– Puxa! O dia por aqui parece não querer terminar nunca – comentei, antes de reclamar que meus olhos ardiam.

– Vai te acostumando – disse-me Leonardo. Depois me mandou olhar para o horizonte e perguntou como eu via a cidade.

– Como uma cuia – respondi-lhe.

– É isso mesmo, as bordas são as montanhas que cercam Santiago por todos os lados, limitam a circulação do vento e bloqueiam a dispersão do ar contaminado. Se estás achando ruim agora, devo te prevenir que no inverno é muito pior; a fuligem é visível no ar e a poluição é sufocante. Os dias são longos no verão, o que significa que ainda temos muito sol pela frente. Dá pra fazer um longo passeio pela cidade que o Bom Velhinho lhes deu de presente de Natal.

O sufoco

No dia seguinte fomos à Caixinha encontrar o companheiro Ferreira. Ele conhecia os caminhos que levavam à inserção na sociedade e também entendia dos dramas, mistérios e paranoias dos recém-chegados do *front.*

Foi uma longa e estimulante conversa. Na questão de encontrar trabalho – no meu caso, sem qualificação profissional –, as dificuldades não seriam pequenas. Ferreira sugeriu que voltássemos a estudar, exatamente o que Janete queria ouvir. Para completar nossa felicidade, acenou com a possibilidade de nos incluir num projeto de bolsa que estava em negociação com o Conselho Mundial das Igrejas Protestantes.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 278 14/05/2013 17:33:26

Daquele dia em diante, na nossa escala de valores revolucionários, Ferreira foi alçado ao pódio junto com Che, Fidel, Allende e Marighella.

Antes da virada de ano, tivemos que deixar a pensão da Bernardo O'Higgins. Pelas mãos de Ferreira, fomos levados para a casa de uma companheira que nos acolheu com enorme carinho. Alegre e extrovertida aos 50 anos, a carioca Nazaré Rocha esbanjava vitalidade. Sem pertencer a partido de esquerda ou grupo guerrilheiro, ela apoiou integralmente a luta contra a ditadura. No Brasil, sua empresa imobiliária ajudava a alocar casas e apartamentos para servir de "aparelhos" aos militantes clandestinos das mais diversas organizações, e também contribuía com dinheiro para a causa. Ela terminou caindo nas mãos da repressão e mais tarde integrou a lista dos setenta presos políticos trocados pelo embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, sequestrado em dezembro de 1970 pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Depois de um ano em Santiago, ainda que desfrutando de uma situação financeira confortável, Nazaré não passava um só dia sem lamentar a separação do seu Rio de Janeiro. Morria de saudades dos amigos que haviam ficado para trás e sonhava todas as noites com a volta. Ocupamos um quarto de sua casa com gramado e jardim no bairro de Las Rejas e, também, um pedaço do seu generoso coração.

Um pouco antes da mudança, vivemos uma experiência inusitada e assustadora. Distraídos no quarto da pensão, enquanto Janete brincava na cama com Artionka, e eu, sentado em uma cadeira, as observava, a cama e a cadeira começaram a tremer. Levantamo-nos assustados e Janete tomou Artionka nos braços. Em seguida, sentimos um abalo mais forte e a cama começou a balançar como se fora uma rede. Um candelabro de vidro pendurado no teto tilintava, ameaçando se desprender, e tudo parecia solto no ar. Para não cair, nos abraçamos, protegendo Artionka com nossos corpos. De

Florestas do meu exílio Final 3.indd 279 14/05/2013 17:33:26

repente, cessou a instabilidade. Aproveitamos para deixar o quarto e ganhar a escada, mas antes de colocar o pé no primeiro degrau o velho chalé deu um estalo e estremeceu por inteiro, dessa vez com mais força. Apavorados, recuamos e nos agarramos em uma coluna no topo da escada. Quando o chalé parou de tremer, descemos correndo pela escada e encontramos os demais hóspedes assustados se apressando em abandonar o prédio. Na portaria, encontramos don Pepe, o dono da pensão, que, do alto de sua longa experiência com terremotos, tratou de acalmar a todos.

– Já passou, não há mais perigo! Calma! Peço a todos que tenham calma! Não desçam para a rua. Este terremoto foi fraco, em julho tivemos um realmente forte e a pensão não se abalou, fiquem tranquilos. Peço desculpas, poderia tê-los avisado antes, pois ontem à noite ouvi os cães ladrarem e uivarem com insistência, e quando eles se comportam dessa maneira é prenúncio de tremor de terra.

Nos dias que se seguiram, em todas as rodas só se falava em terremoto; as discussões comparando a intensidade e a quantidade de tremores que em várias épocas sacudiram o Chile eram acaloradas. Morar naquele país, percebemos depois, significava aceitar que a terra, a qualquer momento, poderia fazer malabarismos sob nossos pés.

Nazaré decidiu comemorar em uma única festa nossa chegada e a virada do ano de 1971. Como conhecia meio mundo, precisava organizar uma lista de convidados, e o que parecia ser um prazeroso exercício de relacionar pessoas queridas, dadas as divisões da esquerda brasileira no exílio, transformou-se num intrincado quebra-cabeça. A colônia era composta por vários grupos que não se bicavam. Os "independentes", por exemplo, eram pessoas que, apesar de ter exercido militância em algum momento de suas vidas ou chegado ao Chile como exilados políticos, optaram por assumir suas verdadeiras identidades e passaram a circular em todos os meios sem qualquer restrição. Eram considerados

Florestas do meu exílio Final 3.indd 280 14/05/2013 17:33:26

desbundados por um segundo grupo, aqui denominado de "militantes na ativa", composto de gente que, apesar de ter entrado legalmente no país, por decisão de suas organizações, assumiu identidade falsa e passou a viver na clandestinidade, caso de Leonardo/Adauto. Por último, havia "os inconvenientes", gente que aparecia sem ser convidada nos lugares mais inesperados; destes, pouco ou quase nada se sabia. Na dúvida, uma parte deles ia parar no rol de um subgrupo abundante, o dos "agentes da ditadura" infiltrados entre os exilados.

A Caixinha era o epicentro dos acontecimentos que envolviam os exilados, e seus levantamentos apontavam para a existência de pelo menos cinco mil brasileiros vivendo no Chile, sobretudo em Santiago. Mesmo havendo restrições por razão de segurança, os componentes dos diversos grupos e organizações políticas acabavam se encontrando na Caixinha, gerando, assim, uma corrente de informações, e claro, de fofocas, que circulavam amplamente na colônia. Como era muita gente e tantas as divergências, Nazaré, depois de fazer e refazer sua lista de convidados com base em critérios políticos, acabou por se irritar, decidindo convidar os mais chegados. A festa era dela, seus convidados eram seus convidados e ponto: quem não gostasse que se retirasse. A festa foi maravilhosa. Encontramos muita gente simpática, cada um com uma história diferente para contar. Depois da meia-noite, estimulados pelo excelente vinho chileno, cantamos e dançamos até altas horas num carnaval improvisado.

Retornamos em várias oportunidades à Caixinha para conversar com Ferreira. Em meados de janeiro, ele nos confirmou que havíamos sido contemplados com uma bolsa de estudos com recursos do Conselho Mundial das Igrejas Protestantes. Não era muito dinheiro, mas com um pouco de sacrifício e nos livrando do aluguel daria para nos manter. Felizes da vida, dali mesmo nos dirigimos à reitoria da Universidade do Chile, em Santiago, onde recebemos a informação

Florestas do meu exílio Final 3.indd 281 14/05/2013 17:33:26

de que podíamos, sem apresentar histórico escolar, nos matricular em qualquer curso existente na sede universitária da província.

Que carreira seguir?, eis a questão. De minha parte, já havia descartado retomar o curso de Economia. Janete, que se preparava para o vestibular de Ciências Sociais em Belém, estava agora em dúvida. Também ficamos sabendo que a Universidade do Chile em Talca, cidade localizada a trezentos quilômetros ao sul de Santiago, oferecia curso de Engenharia Agrícola, com a exigência de que os candidatos passassem seis meses trabalhando numa fazenda de propriedade privada ou num assentamento de reforma agrária. Viver no campo seria mais um sonho ao alcance de nossas mãos. Cessaram nossas dúvidas, e eu e Janete decidimos pelo mesmo curso.

Com dois objetivos definidos – fazer nossas matrículas naquele curso e conseguir um lugar para morar –, no final de janeiro fiz minha primeira viagem a Talca. O trem deixou para trás a periferia de Santiago e enveredou por um vale extenso e cultivado, espremido a oeste pela cordilheira da costa, formada por um cortinado montanhoso que esconde as águas verdes do Pacífico, e a leste pela portentosa cordilheira dos Andes, com seus picos eternamente cobertos de gelo, que aparta o Chile da Argentina. Foram quase três horas mergulhado numa inédita e fascinante paisagem, até que o trem parou na estação de Talca, cidade com pouco menos de cem mil habitantes, rica e orgulhosa capital da província de mesmo nome.

Na reitoria da Universidade do Chile, depois de apresentar documentos provisórios de permanência no país na condição de exilados políticos, não tive a menor dificuldade em efetuar minha matrícula e a de Janete. Em seguida, recebi o calendário de atividades letivas, que exigia nossa presença a partir do dia 1º de fevereiro. O tempo era curto; no mesmo dia passei a percorrer a cidade para pesquisar apartamento ou casa para alugar.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 282 14/05/2013 17:33:26

Ofertas não faltavam, principalmente nos contatos por telefone: ao perceber pelo sotaque que se tratava de um estrangeiro, os locatários logo se interessavam em propor negócio com a esperança de receber o pagamento em dólares. Não era para menos: com a queda no preço do cobre no mercado internacional, esse tipo de moeda andava escassa e o câmbio paralelo disparara. A diferença era estonteante. O aluguel de uma boa casa que custasse 2 mil pesos chilenos sairia por mil dólares no câmbio oficial e menos de cem dólares no paralelo. De fato, éramos estrangeiros, porém estrangeiros sem dólares e sem perspectiva de receber qualquer ajuda. Havia, porém, uma forte campanha chauvinista desencadeada pela direita, e essa condição de estrangeiros às vezes atrapalhava a busca. Foi só no terceiro dia, já quase desistindo, que deparei com duas possibilidades, uma de curto e outra de médio prazo. A primeira vinha de uma família que dispunha de um quartinho nos fundos, com café, almoço e jantar incluídos por um preço que se ajustava ao nosso orçamento. A segunda surgiu a partir de um encaminhamento da universidade, que levei em mãos à prefeitura da cidade, solicitando que nos ajudassem a encontrar alojamento. Depois de preencher um longo questionário, o Departamento de Assistência Social acenou com uma alternativa que me pareceu interessante: estavam dispostos a me ceder uma meia-água pré-fabricada de dezoito metros quadrados se eu conseguisse um terreno onde instalá-la. Prometi que voltaria assim que pudesse atender à exigência. Retornei a Santiago exultante com as conquistas.

Réveillon na casa de Nazaré

Na festa de final de ano na casa de Nazaré Rocha, conhecemos Mara, de quem nos tornamos amigos, e que nos apresentou

Florestas do meu exílio Final 3.indd 283 14/05/2013 17:33:26

Leta e Washington, casal de meia-idade ao qual todos faziam reverência e davam muita atenção. Eu fiquei admirado e curioso em conhecer sua dura experiência do exílio no meio de tantos jovens. Combinamos que lhes faríamos uma visita.

Mara bem que merecia um capítulo à parte nesta história. Nordestina de família tradicional, estudara em colégio de freira no Recife. Seus pais a haviam educado nos rígidos princípios da fé católica. Boa moça, estava se preparando para um bom casamento e uma vida recatada quando um acontecimento inesperado mudou o eixo de sua vida. Em sua casa, desde muito cedo, todos se engajavam em algum movimento religioso da Igreja. Sua mãe era Filha de Maria; seu pai, Mariano, e ela militava na Juventude Estudantil Católica (JEC). Mais tarde, entrou no movimento dos Focolares, uma organização que ia além da Igreja Católica, envolvia outras religiões. Entusiasmada com as ideias humanitárias de solidariedade difundidas pelo movimento, integrou-se de corpo e alma às suas atividades, acreditando que estava ajudando a construir um mundo melhor.

Certo dia, um dos coordenadores a chamou para conversar. Disse que, para recompensar sua dedicação, ela havia sido escolhida para ser abençoada pelo papa e aprofundar sua fé na sede da organização em Roma. Aos 20 anos, católica fervorosa, a notícia chegou a ela como um milagre.

No Vaticano, foi recebida e abençoada pelo papa. Participou de vários eventos religiosos, até que um dia foi chamada para uma reunião confidencial com a irmã do papa Pio XII e um cardeal caolho da Cúria Romana, cujo olhar lhe metia medo. Os dois ofereceram a Mara um passeio a Varsóvia, capital da Polônia, onde ficaria uma semana fazendo turismo religioso, conhecendo as belíssimas igrejas espalhadas pela cidade. Entusiasmada, ela concordou. Foi aí que o cardeal passou a falar das perseguições à Igreja Católica sob o regi-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 284 14/05/2013 17:33:26

me comunista polonês, em que padres e freiras eram impedidos de exercer suas atividades religiosas. Disse a ela saber que várias prisões haviam ocorrido nos últimos dias, mas que as informações chegavam desencontradas e que precisava esclarecer o que de fato estava acontecendo. Para tanto, pediu a Mara que fizesse um pequeno favor: ela seria procurada por um padre em Varsóvia que lhe entregaria um relatório sobre a situação da Igreja na Polônia, acompanhado de uma listagem de religiosos encarcerados.

Poucos dias depois daquela conversa, uma senhora muito simpática lhe entregou as passagens, dinheiro para a viagem e uma maleta de couro linda, com três divisórias internas, toda forrada em cetim. Disse que era um presente do cardeal. Deu a ela um papel com o endereço do hotel onde deveria se hospedar e a preveniu de que seria procurada pelo padre Armindo. Depois de descrevê-lo, concluiu dizendo que ela poderia contar com ele no que precisasse. Na manhã seguinte, Mara tomou o avião com destino a Varsóvia. Nem bem acabara de se hospedar, recebeu a visita do padre, que lhe falou maravilhas da cidade, principalmente de suas igrejas, que visitariam nos dias seguintes.

A semana passou voando. Mara estava adorando o passeio, a companhia e as histórias de padre Armindo, que, incansável, a guiava nas visitas pela cidade. Na véspera de sua partida, depois de muitas recomendações, ele entregou a ela um pacote lacrado contendo documentos a serem entregues no Vaticano. Sozinha em seu quarto, olhando aquele pacote volumoso, Mara se lembrou do favor que o cardeal lhe pediu. Ela imaginara receber um envelope com um relatório, não um embrulho enorme e pesado daquele. Desconfiada, ela decidiu abrir o pacote. Em vez de listas com nomes e relatórios, Mara se deparou com plantas arquitetônicas e mapas diversos, possivelmente de indústrias de produtos químicos e armas. Levou o maior

Florestas do meu exílio Final 3.indd 285 14/05/2013 17:33:26

susto com a descoberta, mas foi se acalmando e entendendo o que estava acontecendo: simplesmente estava sendo usada para transportar informações sigilosas de interesse do Vaticano e de seus aliados na guerra contra o comunismo na Polônia. Também se deu conta do risco que corria caso fosse apanhada com aquela papelada nas mãos – com certeza seria acusada de espionagem e condenada a apodrecer na prisão.

O medo inicial foi cedendo lugar à indignação. Sem titubear, transformou tudo em papel picado e saiu distribuindo nas lixeiras próximas onde estava hospedada. Arrasada, no dia seguinte tomou um trem para Paris e de lá um avião para o Brasil. Ao chegar em casa, não teve coragem de falar a seus pais, muito menos de restabelecer contato com alguém do movimento. Depois de um mês enclausurada, decidiu abandonar tudo e se mudar para Salvador, na Bahia, onde se casou e começou sua militância contra a ditadura. Tempos depois, várias pessoas próximas a ela foram presas e ela passou a viver na clandestinidade. Finalmente, na iminência de ser presa, seguiu o caminho de tantos outros e trocou o Brasil pelo Chile.

Na volta a Santiago, encontrei Mara na Caixinha, conforme tínhamos combinado na festa de Nazaré. Fomos visitar Leta e Washington em Macul. O casal, de pouco mais de 50 anos e sem falar castelhano, sobrevivia do artesanato. Ele fabricava bolsas e sandálias em couro cru, enquanto ela, utilizando-se da técnica do batique, reproduzia belíssimas estampas em bolsas, cangas e lenços de cabeça. A oficina de trabalho ocupava a sala e o pátio da casa onde moravam com seus três filhos. Uma boa parte das peças produzidas era vendida em um quiosque gerenciado por Nazaré, localizado em plena avenida Bernardo O'Higgins, na calçada mais movimentada da cidade. O lugar também servia de ponto de encontro de brasileiros que zanzavam pelo centro. Leta parou sua atividade, foi à cozinha e

Florestas do meu exílio Final 3.indd 286 14/05/2013 17:33:26

em poucos minutos retornou com uma cafeteira fumegando, espalhando um perfume delicioso pela sala.

– É do Brasil – disse. – Nesse aspecto, não posso me queixar da sorte, uma vez por outra alguém se lembra de mim e me manda de São Paulo essas preciosidades.

Depois do café, as histórias fluíram. Leta nos contou que, em julho de 1970, sua filha Jesse, o genro Colombo e mais dois amigos, os irmãos Fernando e Eiraldo, tentaram sequestrar um avião no aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro. Deu tudo errado, foram todos presos e levados para o comando da Aeronáutica. Eiraldo, ferido na ação, não resistiu às torturas e morreu poucas horas depois. Sua filha, o genro e o amigo Fernando, depois de cruelmente torturados, foram mandados para a penitenciária, onde se encontravam até então. A partir daí, mesmo sem qualquer participação no evento, a família se dispersou e passou a viver escondida na casa de amigos, até que conseguiu deixar o Brasil – Washington, pela Argentina, com o filho mais velho, e Leta, pela Bolívia, com os outros dois. Ao ouvir referência à Bolívia, lembrei-me do que me havia contado o dr. Ramon sobre a ajuda prestada a uma brasileira e seus dois filhos. Só podia ser ela.

– Você entrou por onde na Bolívia?

– Por Guayaramerín – respondeu.

– Você conheceu o dr. Ramon?

– Sim, foi uma bênção encontrá-lo, nos ajudou muito.

– Puxa! Como esse mundo é pequeno! Ele também nos ajudou. Batemos em sua porta sem eira nem beira, apresentados por uma carta de um ex-companheiro de prisão que o conhecia. É inacreditável! Passamos pelo mesmo lugar e fomos ajudados pela mesma pessoa!

Leta e os filhos, no entanto, não estavam na lista dos procurados, e dispunham de documentos legais que lhes permitiram che-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 287 14/05/2013 17:33:26

gar de avião a Porto Velho, depois atravessar a fronteira boliviana por Guayaramerín, e seguir, sem maiores problemas, até o Chile. Enquanto Leta contava os dramas vividos pela família, Washington continuava em silêncio, no seu labor com as bolsas. Em dado momento, interveio para dizer que tinha o coração partido: um lado, sofrido, ofegava sentindo a aflição da filha na prisão; o outro, terno e descontraído, no Chile, ao lado da esposa e dos filhos.

– Tem dias – disse ele – que me sinto como se estivesse morto, mas, quando recebo as cartas semanais de Jesse, me dou conta de que apenas parti para um lugar distante, que a vida continua fazendo sentido quando a gente luta pelo que acredita. Jamais pensei ou cogitei um futuro incerto para os meus filhos, sempre trabalhei duro para permitir que estudassem e entendessem a vida com absoluta independência e liberdade. Mas, de repente, eles se viram em conflito com a boçalidade e a arrogância de governantes que lhes negavam direitos mínimos e responderam com rebeldia. Jesse Jane caiu primeiro. Por enquanto, conseguimos preservar os outros. Até quando? Essa é a questão. Se um dia desses algum deles decidir retornar ao Brasil para retomar a luta, que não é apenas de sua irmã, mas de todo o povo brasileiro, não serei eu a impedir. Quem nasceu e cresceu sob o signo do livre-arbítrio não pode viver contido. De Jesse ou de qualquer um de seus irmãos eu não poderia esperar outra atitude.

Ele pediu que Leta fosse buscar as cartas da filha.

– Acho que vendo o que ela escreve vocês vão entender o que eu não consigo transmitir com palavras.

Leta retornou com um maço de cartas, cuidadosamente envolvidas em um lenço de cabeça em que ela havia estampado uma pomba branca com um ramo de oliveira no bico, voando num céu azul.

– Vejam essa aqui, a primeira que recebemos – disse Washington.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 288 14/05/2013 17:33:26

Em seguida, nos repassou a carta. Quase não havia o que ler nas cinco folhas de papel de seda escrita por Jesse Jane: a censura da penitenciária havia borrado a carta por inteiro, deixando frases soltas, sem sentido.

– Pois então – retomou Washington –, é o que vocês estão vendo. Mas o que eles não sabem é que as poucas palavras que nos restam servem para acreditar que um dia este pesadelo vai ter fim. Para falar a verdade, estou cada dia mais otimista, porque, nos últimos tempos, as coisas estão melhorando. As últimas cartas têm chegado borradas só pela metade.

Depois da longa conversa acompanhada por três rodadas de café do Brasil, saímos emocionados, entendendo melhor por que a residência daquele casal era tão especial – um ponto de encontro de exilados, sempre cheio de brasileiros que os cercavam de atenção e que também buscavam diálogo e aconchego.

Talca

No começo de fevereiro, tomamos o trem para Talca e fomos morar no quartinho dos fundos da casa de don Victor e dona Ivete, na rua Dois Oriente. Família grande, oito filhos, três homens e cinco mulheres, todos solteiros, a mais velha beirando os 40 anos, enquanto o menor não chegara aos 10. Viviam todos debaixo do mesmo teto; a matriarca os comandava como um general à frente de seu exército. Definia tudo e era obedecida sem contestações; já don Victor parecia não se importar com nada à sua volta, sentia-se satisfeito com o que fizera no passado. Mestre de obras, aplicara os conhecimentos na construção de sua casa, que foi crescendo à medida que os filhos foram chegando. Quando faltou terreno, a solução foi transformar a área de serviço em mais um quarto. Com a renda

Florestas do meu exílio Final 3.indd 289 14/05/2013 17:33:27

da aposentadoria e apenas um filho trabalhando, o dinheiro não chegava para alimentar tantas bocas, e o jeito foi deslocar os dois filhos que ocupavam o quartinho dos fundos para poderem alugá-lo.

As aulas começaram na data prevista, com um curso intensivo de cinco semanas sobre reforma agrária e propriedade da terra no Chile. Ao final, fomos instados a escolher onde fazer o estágio, se numa propriedade privada ou num assentamento de reforma agrária. Optamos pela segunda alternativa e fomos estagiar em El Esfuerzo, localizado na Comuna de San Rafael, trinta quilômetros ao norte de Talca, na margem da estrada Pan-americana, próximo à estação de trem de Camarico.

Nos primeiros dias de março, diariamente, às seis da manhã, tomávamos um ônibus que nos deixava na porta do assentamento. Dali, subíamos na carreta de um trator direto para as áreas de cultivo e criação, onde andávamos de um lado a outro para acompanhar a atividade produtiva dos camponeses. A propriedade tinha cerca de 3.700 hectares de terra, fora desapropriada e transformada em assentamento no final do governo da Democracia Cristã do presidente Eduardo Frei. Mais tarde, no governo Allende, as 35 famílias camponesas, organizadas em cooperativa, na condição de proprietárias, passaram a ter acesso fácil ao crédito agrícola. Alguns, por gratidão, pertenciam ou simpatizavam com o Partido da Democracia Cristã; outros poucos, por apego ao ex-patrão, acompanhavam o Partido Nacional, mas não assumiam abertamente que eram de direita, dizendo-se independentes ou apolíticos. A maioria era formada por socialistas, comunistas, radicais e allendistas.

Depois de um mês no assentamento, os laços de amizade foram se estabelecendo. Conhecemos Osvaldo e sua esposa Lídia, de quem nos tornamos amigos. Ele tinha função importante na cooperativa do assentamento e no sindicato de trabalhadores rurais do Distrito

Florestas do meu exílio Final 3.indd 290 14/05/2013 17:33:27

de San Rafael. Ela cuidava da manutenção da casa, fundamental na sustentação da atividade produtiva no campo, e suas tarefas eram incessantes, impondo-lhe uma longa jornada.

Antes do amanhecer, lá estava ela preparando o pão. Deitava farinha de trigo sobre a mesa, formando uma pirâmide, depois abria um furo no centro, colocava água, esperava alguns minutos para que se infiltrasse, em seguida enfiava suas mãos camponesas marcadas pelas asperezas da vida – e tome bater a massa. Aos poucos ia adicionando os outros ingredientes: o sal, a gordura (vegetal ou animal), e por último o fermento. Uma vez concluída esta fase, a massa era depositada em um recipiente para descansar e esperar que a levedura exercesse a tarefa de expandi-la. Enquanto isso, Lídia saía em busca de lenha no bosque que ficava nos arredores do assentamento. Era a fonte de energia mais barata para assar o pão, e recolhê-la roubava no mínimo uma hora de seu precioso tempo. Por fim, com os gravetos coletados, fazia uma fogueira dentro de um tambor metálico de uns cinquenta centímetros de altura, com uma abertura lateral, por cima colocava uma chapa de ferro e sobre ela espalhava os pedaços de massa fermentada que em pouco tempo começavam a assar e se transformavam em pão fresquinho. Lídia era uma brava mulher; ocupava-se de todas as atividades da casa, do marido, dos quatro filhos e ainda ajudava Osvaldo a cuidar da horta familiar, de onde retiravam uma parte considerável do que consumiam. Janete se tornou amiga inseparável de Lídia e dela recebeu informações valiosas sobre a vida e o comportamento das mulheres camponesas. Na descrição de seus afazeres domésticos, quando disse que cuidava do marido, Lídia explicou:

– Durante os dez anos em que estou casada com Osvaldo, nem um só dia deixei de lhe servir o prato de comida na mesa, é minha obrigação.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 291 14/05/2013 17:33:27

Assim pensavam e agiam as incríveis camponesas chilenas. Janete disse a Lídia que sua mãe, no interior do Amapá, também carregava a casa e a família nas costas, mas que esses costumes estavam mudando. Que ela, por exemplo, compartilhava comigo todas as atividades da casa, desde lavar a roupa até fazer a comida. Lídia não conseguia imaginar Osvaldo cozinhando ou varrendo a casa: parecia algo tão incrível que chegou a duvidar de que fosse verdade. Só acreditou quando, tempos depois, me encontrou em casa lavando as fraldas de Artionka.

As terras eram de uso coletivo. Para sua exploração, os cooperados mantiveram a divisão do trabalho nos moldes do sistema patronal. Havia um capataz e vários chefes de setor que estabeleciam metas e cobravam resultados, com a diferença que os ocupantes desses postos-chave eram tão donos como os demais, o que gerava conflitos, desobediência e tentativas de depor a autoridade. Com o tempo e o apoio técnico do governo, os mecanismos de gestão foram sendo ajustados. Ainda assim as dificuldades eram enormes. Não havia pessoal qualificado para tocar com eficiência os diversos ramos de atividades e tiveram que trazer gente de fora. Entre outros, contrataram um contador, que lhes deu muita dor de cabeça. Os 3.700 hectares da fazenda eram integralmente aproveitados; 150 eram cobertos a cada ano por milho, trigo, arroz e girassol. O vinhedo ocupava vinte hectares. Uma parte grande da área era ocupada por pastagens que alimentavam um rebanho de oitocentas cabeças de gado de corte da raça Hereford. Contavam também com duzentos hectares de floresta de eucalipto. Por último, de suas pocilgas saíam cerca de dez mil porcos todos os anos. Pelos números, se observa a complexidade do negócio que tinham que administrar. Além da trabalheira diária para tocar todas essas atividades coletivas, concentradas principalmente nos meses de verão, cada família tinha direito a um hectare para plantio individual, o que eles chamavam de horta caseira.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 292 14/05/2013 17:33:27

Depois de certo tempo de convivência, passei a contar com a confiança dos membros da direção da cooperativa, o que me encorajou a lhes manifestar minha vontade de morar com minha família no assentamento. Foram unânimes em dizer que não viam o menor problema. A dificuldade seria a falta de alojamento. Foi então que lhes falei da casa pré-fabricada prometida pela prefeitura e que me seria entregue mediante apresentação de um documento dando conta da existência de um terreno onde pudesse ser armada. Comprometeram-se a apresentar na assembleia geral, que aconteceria dali a poucos dias, uma solicitação de cessão de um pedaço de chão para armar minha meia-água.

Duas semanas depois, comecei a cavar os buracos para fincar as primeiras estacas que nos levariam a concretizar o sonho, longamente acalentado, de viver no campo. O terreno era enorme, cinco mil metros quadrados para um barraco de apenas dezoito metros. Delimitado por cercas vivas de *sauces llorones*, nossa futura morada ficaria a poucos metros do armazém de grãos, do moinho de cereais, da casa de Osvaldo e do portão de saída para a estrada Pan-americana. Ao fundo, o terreno acabava na beira de um córrego. Do outro lado, numa casa confortável, morava o problemático contador do assentamento, don Hugo. O córrego, na realidade um canal de irrigação, responsável pelo exuberante desempenho da agricultura da região, recolhia a água de precipitação das chuvas e do degelo da cordilheira dos Andes, e no verão irrigava generosamente os campos cultivados.

Até aqui

No final da semana em que comecei a levantar nosso barraco, Leonardo apareceu de surpresa na casa de don Victor dirigindo um carro emprestado, de braços dados com Miriam, sua namo-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 293 14/05/2013 17:33:27

radinha chilena. Parecia de bem com a vida. Depois dos abraços, tratei de me afastar com ele, perguntei-lhe brincando se Miriam namorava Leonardo ou Adauto. "Os dois em um", respondeu rindo; mas ela não sabia da existência de Adauto. Em seguida eu quis saber dos planos futuros e como andavam os treinamentos militares.

– Estou preocupado, até agora nada, não há nem mesmo previsão de quando vamos começar – disse ele.

Aproveitei para convidá-lo a ficar uns dias conosco. Precisava de sua ajuda, sozinho estava muito difícil tocar a montagem da meia-água no assentamento. Depois de consultar Miriam, que brincava alegremente com Artionka, ele decidiu ficar.

No dia seguinte, muito cedo, aproveitando o carro, fomos todos para o assentamento, inclusive Artionka, que Lídia insistia tanto em conhecer. Eu e Leonardo fomos diretamente para a obra, que passou a andar a todo vapor. Depois de cavados os buracos, plantamos as estacas, pregamos as vigas e começamos a subir as paredes. Leonardo sustentava o painel de madeira na vertical enquanto eu cravava os pregos na sua base para mantê-lo em pé até a atracação da cobertura.

O trabalho fluía com rapidez – até que uma lufada de vento forte pôs abaixo uma das paredes, que caiu por cima de mim. Ao removê-la, Leonardo me encontrou desmaiado. Apavorado, saiu gritando por socorro. Imediatamente, Janete, que estava na casa de Osvaldo, tomou conhecimento, esqueceu a barriga de gêmeos no sexto mês e saiu correndo, imaginando o pior. Quando chegaram ao local, eu estava acordado, meio zonzo, perguntando o que tinha acontecido.

Fui levado ao pronto-socorro em Talca, onde fiz alguns exames e fiquei sob observação. No final do dia, o médico me liberou dizendo que não havia sequelas. Eu estava bem, tudo não passara de um tremendo susto. No dia seguinte, voltamos ao trabalho com enorme

Florestas do meu exílio Final 3.indd 294 14/05/2013 17:33:27

disposição e, uma semana depois, sem Leonardo e Miriam, que haviam retornado a Santiago, finalmente deixamos o quartinho dos fundos da casa de don Víctor para morar em nosso próprio espaço e assim começar uma bela e emocionante experiência humana de viver o transe revolucionário do campesinato chileno.

Gêmeos?

Em meados de fevereiro, depois de ter ido ao médico e ter recebido resultados de uma bateria de exames, incluindo uma radiografia, Janete chegou em casa fazendo suspense.

– João, adivinha: menino ou menina?

– Como vou saber?

– Vamos! Arrisque um palpite.

Fiquei pensando, sem conseguir dizer nada.

– Vamos, homem! Escolha à vontade, que seu desejo será satisfeito.

Janete se aproximou cheia de dengo e sussurrou alguma coisa quase inaudível ao meu ouvido.

– Gêmeos? É isso mesmo?

– Sim! Vou ter gêmeos! E mais: o médico acha que pode ser um menino e uma menina! – festejou ela.

Apanhado de surpresa, comentei preocupado:

– Puxa! O que dizer nesta hora? Sei que é um acontecimento maravilhoso, mas não posso negar que também me assusta, três crianças é muita responsabilidade... – Janete me abraçou.

– Agora que somos livres, podemos até voar. Depois de tudo que passamos, não há o que temer.

Do verão e de seus dias iluminados, longos e quentes, a essa altura só restara a saudade. Estávamos em pleno outono e eu não acei-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 295 14/05/2013 17:33:27

tava ficar sem plantar nos meus quase cinco mil metros quadrados de terra fértil. Foi assim que, alegando necessidade de iniciar-me nos tratos das culturas de ciclo curto por exigência da universidade, convenci Osvaldo a me ensinar a manejar o arado puxado a cavalo, o que me permitiu preparar o solo para receber as sementes e mudas, tal qual faziam as famílias camponesas do assentamento. Mesmo tendo sido alertado dos riscos de que nada colheria, insisti, pois não podia esperar pelo próximo verão para ver a vida brotar do ventre da mãe Terra. Com a área bem arejada e adubada, semeei e repiquei cebola, pepino, alface, tomate, cenoura, repolho e batata. As manhãs seguintes foram de grande expectativa: ao acordar, me debruçava na janela para acompanhar os primeiros sinais de vida brotando do campo cultivado pelas minhas mãos.

Não podíamos pretender mais do que a vida estava nos oferecendo naquele momento. Estávamos felizes, havíamos recuperado nossas identidades, voltáramos a nos chamar pelos nossos nomes de registro, e já não havia o que temer. Estávamos vivendo em uma casinha cercada de *sauces llorones* e álamos, mergulhados em um universo social diferente e fascinante. Além de não precisarmos sair do assentamento para cumprir o programa de estágio exigido pela universidade, nos sobrava tempo para cuidar da casa e da horta. O termômetro em queda livre nos mostrava que ficara para trás a estação em que a vida pulsa com vigor. Os dias cada vez mais sombrios e a paisagem do campo mudando de tonalidade, com as copas das árvores se enchendo de folhas coloridas que se desprendiam dos galhos, anunciavam que o inverno, com suas temperaturas rigorosas, estava à porta. Isso nos preocupava, pois não tínhamos roupas adequadas para enfrentá-lo. Mas esse seria um inverno diferente e decisivo para nós. A vida nos sorria com a expectativa da chegada de Camilo e Luciana.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 296 14/05/2013 17:33:27

Diferentemente do que aconteceu com Artionka, escolhemos seus nomes antecipadamente, com paz e tranquilidade. A legislação chilena exige o registro de nomes duplos seguido do sobrenome do pai e por último da mãe, o que nos deu a chance de homenagear nossos ídolos políticos da época. Assim, ao nascer, o menino recebeu o nome de Carlos Camilo, em homenagem a Carlos Marighella, o líder da ALN, e Camilo Cienfuegos, herói da revolução cubana. A menina se chamaria Camila Luciana, Camila para lembrar o padre guerrilheiro colombiano Camilo Torres. O segundo nome tiramos de uma linda canção, com versos encantadores, chamada "Cantiga por Luciana":

> Nasceu na paz de um beija-flor
> Em verso, em voz de amor, já desponta aos olhos da manhã
> Pedaço de uma vida que abriu-se em flor

No final de abril, Leonardo voltou a aparecer no assentamento, desta vez sem Miriam. Lembrou-se de que não tínhamos roupas de inverno. A Caixinha havia recebido da Dinamarca uma doação de agasalhos de lã que logo seriam distribuídos entre os exilados. As roupas eram usadas, mas de boa qualidade, e como a demanda era grande, Leonardo apressou-se em vir nos avisar. No dia seguinte, tomamos um trem na estação de Camarico com destino a Santiago, onde fomos recebidos de braços abertos por Nazaré, que uma vez mais se dispôs a nos ajudar. Levou-nos à Caixinha para receber roupas de frio. Nos dias que se seguiram, acompanhou Janete ao médico para que ela fizesse os últimos exames do pré-natal. Ficamos sabendo que os bebês estavam com data marcada para nascer, de acordo com a previsão do ginecologista: não passaria do dia 20 de maio. Contrariando a vontade de Nazaré, que queria que permanecêssemos em Santiago, Janete decidiu retornar à tranquilidade do campo, onde contava com a experiência de Lídia, que lhe dispensava o maior cuidado.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 297 14/05/2013 17:33:27

Uma vez por mês, eu ia a Santiago receber na Caixinha o dinheiro da bolsa. Nessas oportunidades, me inteirava dos acontecimentos políticos do Brasil, quase sempre muito negativos. Usando indiscriminadamente a tortura, o regime militar estava conseguindo liquidar os últimos focos de resistência, fossem eles armados ou pacíficos. Falava-se de muitas prisões e assassinatos, principalmente no eixo Rio-São Paulo. Uma notícia que provocou grande comoção foi o assassinato do capitão Carlos Lamarca, ocorrido no final de 1971. Lamarca, com alguns soldados, abandonara as fileiras do Exército, levando dezenas de fuzis do quartel de Quitaúna, em São Paulo, e se juntara às organizações armadas que lutavam contra a ditadura. Sua atitude e as inúmeras ações que levou a cabo, desde que havia se engajado na luta revolucionária, transformaram-no em herói para a esquerda e em inimigo público número um para a direita. Caçado sem trégua, foi localizado no sertão da Bahia, muito doente e desarmado. Preso pelo coronel Cerqueira, que o perseguia dia e noite, Lamarca foi executado a sangue-frio – tal qual sucedera a Che na Bolívia.

Nos encontros na Caixinha também se debatia intensamente a conjuntura política do país que nos acolhia, e que todos acompanhavam com maior interesse. O processo visivelmente polarizado levou a esquerda brasileira no exílio a assumir posições e engajamento coincidentes com as posições divididas dos partidos e organizações da esquerda chilena, na qual todos militavam. Allende, o timoneiro, se mantinha irredutível na crença de que era possível a construção do socialismo pelo voto, respeitando os limites da democracia liberal, ideia que passou a ser chamada de "via chilena ao socialismo", ponto de controvérsias e dissidências que incendiavam as discussões no seio da esquerda. No entanto, a direita, com forte apoio externo, principalmente dos EUA e das ditaduras sul-americanas, pregava abertamente a sedição, tentando por todos os meios

Florestas do meu exílio Final 3.indd 298 14/05/2013 17:33:27

desestabilizar o governo, acusando-o de cometer ilegalidades e de promover a divisão da família chilena. Movia intensa campanha anticomunista com a intenção de incentivar os democratas cristãos do ex-presidente Eduardo Frei a engrossarem a romaria às portas dos quartéis, clamando por uma intervenção militar. Mesmo vendo a direita confabular abertamente, a crença de Allende no processo democrático e na neutralidade de suas Forças Armadas era inabalável. Ninguém da Unidade Popular admitia a possibilidade de golpe militar, contestando qualquer insinuação nesse sentido.

Essa fé inabalável dos chilenos em suas instituições democráticas mais nos assustava que intrigava. Afinal, gato escaldado tem medo de água fria. Ora, campanhas semelhantes haviam surtido efeito no Brasil e levado ao golpe de 1964, origem da ditadura civil-militar.

Numa dessas conversas na Caixinha, lembrei-me da visita do embaixador dos Estados Unidos, Lincoln Gordon, à minha longínqua e esquecida Macapá, cidade que, na época, começo dos anos 1960, tinha pouco mais de trinta mil habitantes e, como se pode imaginar, nunca recebera visita tão ilustre. Naquele dia, a cidade simplesmente parou: as aulas foram suspensas, os estudantes levados ao aeroporto para receber o embaixador com mensagens de boas-vindas, na mão esquerda a bandeira dos Estados Unidos e na direita a do Brasil. Uma semana antes, na Escola Normal de Macapá, onde eu estudava, os dias haviam sido dedicados a aprender a cantar "Deus salve a América" para a recepção do embaixador. A movimentação era extraordinária, parecia que o próprio presidente dos Estados Unidos estava chegando ao centro do mundo. O avião particular que trazia o embaixador aterrissou antes das nove da manhã. Depois da acolhida no aeroporto, seguiu direto para o Cine Teatro Territorial, único auditório da cidade, onde proferiu palestra sobre o perigo que o Brasil corria de se transformar em um terrível país comunista, em que o Estado seria

Florestas do meu exílio Final 3.indd 299 14/05/2013 17:33:27

dono de tudo e de todos, e não haveria mais direito à propriedade e nem mesmo poderíamos dispor de nossas próprias casas. Os pais perderiam o poder sobre os filhos, as religiões seriam proibidas, as igrejas, perseguidas e fechadas. No final da manhã, depois de despejar essas ameaças sobre a cabeça de uma população isolada, ele retornou a seu avião e partiu, certamente para fazer a mesma coisa em alguma outra cidade brasileira. O que estava acontecendo no Chile parecia ser uma repetição do que havíamos vivido no Brasil, mas com uma diferença: o povo chileno, mais politizado, não se deixava levar com tanta facilidade, entrincheirando-se em amplas mobilizações populares em defesa de seu governo e suas conquistas políticas e sociais. Contrariada, a direita respondia de forma radical, promovendo assassinatos, sabotando instalações e, principalmente, articulando o boicote econômico, desabastecendo seletivamente as cidades. A cada semana, a sabotagem sumia com um produto do mercado, e as filas para o pão, para o açúcar, para o café, para o leite viraram rotina, transformando a vida de todos num inferno.

As "primaveras" de maio

Desafiar o tempo não é uma atitude sensata para quem quer produzir no campo. Tomei consciência disso ao testemunhar, no começo do inverno, minha plantação de milho murchar, sem me dar o prazer de colher uma única espiga. Mesmo sabendo que há um tempo de semear e outro de colher, dei-me por satisfeito de ter visto a vida vicejar do seio da terra. Eu tinha aprendido a lição, e com certeza conseguiria colher no ano seguinte. No entanto, esse mesmo inverno de fôlego curto para as plantas fez brotar duas sementes preciosas.

Acordei na hora de sempre, sem a presença do sol no horizonte para espantar o frio matinal. Sentei-me na cama, espreguicei e liguei

Florestas do meu exílio Final 3.indd 300 14/05/2013 17:33:27

o rádio de pilha para saber as horas. Quando ameacei me levantar, fui retido por Janete.

– Hoje não!

– Por quê?

– Não te faças de esquecido, acorda de uma vez e pensa um pouco.

Fiquei tentando entender, mas não me veio nada à cabeça.

– Estás lembrado de um certo dia, de um bolo esfarelado, e de uma promessa que cochichei no teu ouvido? Pois então, isso aconteceu há um ano. Hoje é 6 de maio e estamos livres, isso mesmo, livres! Parabéns pelo teu aniversário e por nossa liberdade. Esse dia é nosso, por isso tu não vais a lugar nenhum. Vem, deita-te a meu lado, vamos comemorar juntos: eu, tu, Artionka, que ainda dorme em seu berço, e os gêmeos que estão acordados dentro do meu ventre.

Passamos o dia relembrando a festa de comemoração de nossos aniversários no presídio São José exatamente um ano antes. Ficamos saboreando as aventuras vividas até aquela manhã fria em nossa meia-água fincada em um pedaço de chão de um Chile em ebulição.

O mês de maio avançou apressadamente. No dia 20, tomamos o trem de volta a Santiago. Nazaré acompanhou Janete ao posto de saúde do bairro e, depois dos exames, o médico preparou o encaminhamento à maternidade do hospital José Joaquim Aguirre, mas recomendou que ela aguardasse em casa até que entrasse em trabalho de parto. Dois dias depois, numa rara manhã de sol luminoso de outono, os gêmeos começaram a se agitar no ventre de Janete, dando sinais de que estavam prontos a saltar para dentro da vida, mas as contrações iniciais foram interrompidas e só voltaram no final da tarde, quando então deixei Artionka aos cuidados de Nazaré e levei Janete para a maternidade. Transbordando de ansiedade, me plantei na porta da enfermaria, abordando as enfermeiras em busca de in-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 301 14/05/2013 17:33:27

formação. Apressadas, elas não me davam a menor atenção. A noite foi consumida em tensão e espera, sem que nossos bebês chegassem. Finalmente, depois de uma eternidade, na primeira hora de luz do dia, um médico veio falar comigo. Explicou-me que a dilatação do colo do útero de Janete não era suficiente para que os bebês nascessem normalmente, e que fariam uma intervenção cesariana.

Pouco depois dessa informação, findou a longa espera. Naquele 23 de maio, às nove da manhã, nasciam Camilo e Luciana, ele com dois quilos e quatrocentos gramas e ela com dois quilos, quatrocentos e cinquenta gramas. No dia seguinte, Leonardo apareceu no hospital acompanhado de uma moça muito bonita. Era sua prima Lavínia, estudante de medicina, que trazia um enorme pacote debaixo do braço: duas dúzias de fraldas distribuídas igualmente entre as cores azul e rosa. Ela e seu marido, Teodoro, também estudante, depois de escaparem milagrosamente da repressão no Rio de Janeiro e cruzarem algumas fronteiras, haviam desembarcado no Chile de Allende, porto seguro para os perseguidos políticos que erravam cegos pelo continente. Moravam em Santiago há quase um ano e naquele momento recebiam a visita de Julieta, que ao tomar conhecimento de nossa saga amazônica e andina mandara dois presentes: uma cédula de vinte dólares e um moisés duplo, que levaria depois à casa de Nazaré quando Janete deixasse a maternidade. Desse modo, poderia conhecer a família toda.

Esses dólares operaram milagres. Trocados no paralelo, renderam um montão de pesos. Esse câmbio maluco devia-se, em parte, à queda do preço do cobre, mas sobretudo à campanha da direita que aterrorizava a classe média e a burguesia chilena dizendo que o governo Allende, tal qual fizera Fidel em Cuba, tomaria suas propriedades. Apavorados, os abastados dispunham-se a pagar qualquer preço por um punhado de dólares. Com esses pesos, pude comprar, novos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 302 14/05/2013 17:33:27

de fábrica, uma máquina de lavar roupas e uma estufa a querosene. Ainda sobrou o suficiente para adquirir uma cesta de alimentos para uma semana.

Dez dias depois do nascimento de Camilo e Luciana, retornamos ao assentamento. Com Janete ainda se recuperando da cirurgia, fiquei com as tarefas mais duras da casa, como cozinhar, limpar e lavar roupa. Agora, com três bebês em casa, tendo que remover diariamente o cocô de cerca de quarenta fraldas, depois lavá-las, secá-las e passá-las, só mesmo com uma máquina para dar conta da trabalheira. Mas, enquanto não chegava a máquina que havia comprado em Santiago, o jeito era madrugar na beira do tanque para dar conta das tarefas diárias e continuar cumprindo o estágio exigido pela universidade.

Inverno manso e tranquilo aquele, comentavam os camponeses, diferentemente do ano anterior, em que, ao amanhecer, em vez de gotas de orvalho sobre os telhados, o que se viam eram pedrinhas de gelo coladas nas folhas de zinco, reluzindo ao sol. Mesmo experimentando temperaturas tão baixas e lavando fraldas com água gelada, sentia-me vivendo uma doce primavera, tal era o clima de alegria e felicidade que me cercava. A convivência com Janete e as crianças era tão intensa e absorvente que eu mal percebia o tempo passar. Quando abri os olhos, a primavera havia se instalado de fato, com o sol despejando energia sobre a terra, que se enchia de flores com seus ventres abertos para a reprodução. Nos dias ensolarados, a vida começava mais cedo. Eu aprendera a lição, dessa vez não olharia para trás: era chegado o tempo de afofar, alimentar e fecundar a terra. Fiz tudo de acordo com o figurino da natureza, plantei no tempo certo e, nos primeiros dias de novembro, pude, com emoção, colher alfaces e rabanetes produzidos com o suor do meu rosto.

O nosso primeiro ano vivendo no Chile campesino estava chegando ao fim. Eu havia concluído com sucesso o estágio probatório

Florestas do meu exílio Final 3.indd 303 14/05/2013 17:33:27

e frequentava normalmente as aulas do curso de Engenharia Agrícola na sede de Talca da Universidade do Chile. No entanto, Janete, com a chegada dos gêmeos, viu-se obrigada a suspender temporariamente sua matrícula. No plano político, não ficamos parados esperando que a ALN retomasse a discussão orgânica e, sem perda de tempo, nos aproximamos da militância do Partido Socialista na universidade, apoiando suas lutas. Afinal, como todos, vivíamos as tensões cotidianas dos embates políticos e ideológicos do processo chileno. Mais que isso, sentíamos na pele o drama provocado pelo boicote econômico que levou o país ao desabastecimento. Com três bebês mamando, nos vimos no maior sufoco quando, num ato de crueldade, simplesmente sumiram com os bicos de mamadeira do comércio.

A situação era absurda. As crianças recebiam um litro de leite diário, garantido pelo governo. A mamadeira era encontrada com facilidade, mas sem o bico era impossível alimentar os bebês. Quando só nos restava um bico para três mamadeiras e depois de ter revirado do avesso o comércio de Talca, parti para Santiago em busca de ajuda. Acionei a comunidade de exilados e não tardou para que alguém me colocasse em contato com o mercado paralelo. Fiquei chocado com a facilidade de adquirir o escasso produto – obviamente, pelo triplo do preço de mercado – e também com o fato de que, para a classe média e os ricos que batiam panelas protestando contra o desabastecimento, nada faltava.

O boicote criava situações inacreditáveis. O agrônomo da cooperativa da Comuna de San Rafael que morava no povoado de Camarico, a poucos metros do assentamento, era dono de uma rodada *citroneta*, carrinho de apenas dois cavalos de potência da Citroën, porém valente e prestativo. Na hora incerta da doença, era ele quem socorria. No entanto, porque lhes tinham roubado as velas, estava parado há mais de quatro meses. Outra situação fora de propósito

Florestas do meu exílio Final 3.indd 304 14/05/2013 17:33:27

acontecia com a pasta de dentes: na fabricação do tubo havia um componente importado, de maneira que, mesmo se a pasta fosse produzida no Chile, sem esse elemento não era possível fabricar a embalagem para distribuição.

Experimentar o cotidiano do boicote me causava muita irritação, mas ao mesmo tempo era didático. Mesmo vivendo em um cantinho isolado do interior do Chile, para muitas coisas eu ainda dependia do bom humor das multinacionais. Não deixava de ser assustador saber que elas poderiam a qualquer momento levar o país ao caos. Para tanto, bastava simplesmente sumir com as velas de ignição do mercado, já que, sem essa peça, a frota inteira de veículos a gasolina do país ficaria paralisada. No entanto, mesmo que ardessem de desejo de derrubar o governo de Salvador Allende, as multinacionais sabiam que este não era o caminho. Simplesmente estrangular a economia, como fizeram em Cuba, não era a melhor estratégia. O importante era fazê-la sangrar lentamente, criando o clima de instabilidade necessário para fortalecer e estimular seus aliados internos a reagirem para esmagar as forças populares no poder.

A greve dos caminhoneiros

No começo de outubro do nosso primeiro ano chileno, presenciamos uma situação impensável. Em vez dos trabalhadores, foram os patrões que entraram em greve. Começou com os donos de caminhões da província de Aysen cruzando os braços. Em poucas horas, sob o comando da Confederação Nacional de Donos de Caminhões (Coduca), a greve se espalhou pelo país inteiro, com prazo indeterminado e sem uma pauta clara de reivindicações. Mas, ainda assim, os patrões grevistas conquistaram ampla solidariedade e adesão dos mais variados setores. Logo os banqueiros brandiram

Florestas do meu exílio Final 3.indd 305 14/05/2013 17:33:27

sua indignação e aderiram à paralisação, no que foram seguidos pelos donos das indústrias, que fecharam suas fábricas. Embarcaram também os setores atacadista e varejista, as corporações médicas, as construtoras e mineradoras. Até mesmo os grandes produtores rurais, através de suas federações, se juntaram à greve geral patronal. Em poucos dias, uma boa parte do país estava paralisada: estradas bloqueadas por piquetes grevistas, atos de sabotagem e atentados terroristas. Em torno da greve se unificou a oposição externa e interna. Da ditadura brasileira chegaram aportes financeiros, garantindo o movimento sem grandes sacrifícios de seus protagonistas. Esse dinheiro, além de remunerar os caminhoneiros, também alimentava a máquina de divulgação e propaganda que estimulava a mobilização da oposição, dita democrática, para encurralar o governo e colocá-lo fora da lei, como queriam os golpistas.

Allende respondeu reformando seu gabinete e incluindo três militares em sua nova composição. Os partidos da Unidade Popular intensificaram a mobilização de suas bases no sentido de assumir a responsabilidade pelo funcionamento do país. De norte a sul, as federações de trabalhadores uniram-se e assumiram a direção das fábricas, dos bancos, das grandes propriedades rurais, do sistema de transporte, do comércio, pondo tudo para funcionar. O general Carlos Prats, que de comandante em chefe das Forças Armadas foi parar no Ministério do Interior, assumiu o comando da ação governista e tomou medidas duras para controlar a insurreição política que se alastrava feito rastilho de pólvora país afora.

Os camponeses do assentamento El Esfuerzo, simpatizantes e filiados dos partidos da Unidade Popular, compuseram uma brigada em defesa da regularização do transporte, assumindo a responsabilidade de um trecho de cinco quilômetros de estrada. Sua primeira ação foi se juntar às demais brigadas do município de San Rafa-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 306 14/05/2013 17:33:27

el para desfazer um piquete dos grevistas que obstruía a estrada a meio caminho de Molina, a poucos quilômetros do assentamento. Fiquei acompanhando de longe a batalha campal entre grevistas e seus apoiadores, de um lado, e os camponeses da região, de outro. Houve tiros e pauladas, saiu gente ferida dos dois lados, mas o piquete foi desfeito.

Da ação seguinte, eu e Janete participamos. Munidos de vassouras, todos nós do assentamento partimos para executar uma tarefa no mínimo insólita: varrer armadilhas do leito da estrada Pan-americana. A estrada de mais de cinco mil quilômetros de chão foi invadida por milhares de pessoas que, de vassoura em punho cantando "Venceremos", varriam os famigerados "*miguelitos*", formados por dois pregos de aço sem cabeça, entrelaçados de tal forma que suas extremidades afiadas caíam sempre de ponta pra cima quando jogados em superfície lisa, impedindo os caminhões de circular.

O clima de tensão e confronto político estabelecido a partir da greve dos caminhoneiros passou a nos preocupar. Ainda que os chilenos repetissem à exaustão que no Chile "*no pasa nada*" e que nunca haveria golpe, os níveis de confronto indicavam que o país estava a um passo da guerra civil. Em meados de novembro, felizmente, o novo gabinete liderado pelo general Prats conseguiu controlar a situação e a temperatura política começou a baixar. Alguns setores da direita também recuaram, principalmente os democratas cristãos que, vendo as eleições parlamentares marcadas para março de 1973 se aproximarem, decidiram transferir o confronto para as urnas. Jogavam com o desgaste do governo para lhe impor uma derrota fragorosa, ampliando sua maioria no Parlamento. Mas não foi bem assim que o fato se deu. A Unidade Popular, que em outubro de 1970, com Allende, havia obtido 36% dos votos, saltou para 44%, jogando uma ducha de água fria nas pretensões da Democracia Cristã. Os setores de direita, liderados pelo Partido Na-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 307 14/05/2013 17:33:27

cional, compreenderam que, pela via eleitoral e institucional, sem atropelar a democracia formal burguesa, seria impossível deter a marcha do país rumo ao socialismo. Foi aí que intensificaram o assédio aos quartéis para levar os militares à sublevação.

Chegamos ao Natal com a situação política mais calma, como que em recesso, e tivemos boas notícias do Brasil, vindas da família. Leonardo e Miriam vieram para ficar uma semana conosco, e o ambiente era favorável para nos entregarmos às comemorações de um ano de rara felicidade. Além de cultivar a terra com uma boa variedade de hortaliças, possuíamos uma criação de patos. Um deles, acompanhado do bom e abundante vinho produzido lá mesmo, compôs nossa mesa festiva daquele final de ano. Na véspera do Natal, houve um torneio de futebol que reuniu as equipes dos assentamentos da região. Eu e Leonardo fomos convocados para vestir a camisa do El Esfuerzo Futebol Clube. Ainda que não fôssemos craques, dada a fama do futebol brasileiro, a presença dos *brasileños* em campo servia para intimidar os adversários. Empurrado por esse capital simbólico, o El Esfuerzo F. C. acabou levando a melhor em todas as partidas que disputou e sagrou-se campeão; além do troféu, abocanhamos um garrafão de quinze litros de vinho e um boi. O entusiasmo com a vitória foi tamanho que as comemorações entraram pela noite e só pararam quando as mulheres pressionaram, lembrando da ceia natalina.

Nessa noite, fomos com as crianças, Leonardo e Miriam para a casa de Osvaldo e Lídia, que considerávamos como parte de nossa família. Mesmo sendo de pouca utilidade, pois ninguém sabia tocar, levei meu violão para animar a festa. Depois de alguns copos de vinho, ele se transformou em atabaque para acompanhar o coro desafinado dos que insistiam em soltar a voz.

A festa varou a noite e, quando os primeiros raios de sol surgiram no horizonte, os homens do grupo, eu, Leonardo, Osvaldo e

Florestas do meu exílio Final 3.indd 308 14/05/2013 17:33:27

mais alguns outros, lembrando a varrição dos "*miguelitos*", saímos pela estrada Pan-americana bêbados e abraçados, cantando o hino da Unidade Popular.

Morando com o perigo

Nos primeiros dias de janeiro, um engenheiro da Companhia de Eletricidade do Chile bateu em nossa porta. Janete o atendeu e foi informada de que havia um erro na localização de nossa casa. Ela havia sido montada embaixo de uma rede de alta tensão e, devido ao risco que isso causava, infelizmente teríamos que removê-la dali o mais breve possível. Em seguida, o engenheiro lhe entregou uma notificação dando prazo de um mês para removê-la. Ao chegar em casa, deparei com a triste notícia.

Eu, que pensava em não arredar pé dali tão cedo, tinha agora de correr atrás de outro terreno. Sabia que, por causa de nossa participação política no assentamento, e principalmente por ter denunciado o contador e seu grupo de roubarem os camponeses, dificilmente reuniria unanimidade necessária para obter outro terreno no assentamento. Além disso, o clima político nos afetara o ânimo para recomeçar tudo outra vez. Neste cenário, eu e Janete decidimos buscar uma alternativa.

Nossos dias em Puríssima

Estávamos com sorte. A universidade de Talca acabara de receber do governo uma fazenda desapropriada, cujos donos haviam se envolvido em sonegação fiscal e sabotagem. Atearam fogo em seus campos de trigo, inutilizaram máquinas e abandonaram um vinhedo que produzia uma das melhores uvas da região do Vale do Maule. A fazenda Puríssima ficava a doze quilômetros da cidade de Talca, no

Florestas do meu exílio Final 3.indd 309 14/05/2013 17:33:27

vale de San Clemente, na fralda da cordilheira dos Andes, a poucos quilômetros do Passo Nevado, estreita passagem no alto das montanhas que dá acesso, a pé ou a cavalo, à província de Mendoza, no lado argentino dos Andes.

O casarão do século XIX, que eventualmente hospedava o proprietário e sua família, estava abandonado, e a universidade o havia transformado em pensionato para estudantes; era enorme, composto de um átrio, seguido de um amplo salão de baile, sala de estar, jantar, copa, cozinha e um espaçoso escritório. Havia dois blocos paralelos que nasciam nas laterais da casa, abrigando doze quartos, dois deles luxuosos, os demais com banheiros bastante confortáveis. No entorno da casa patronal, existiam mais quatro ou cinco construções menores, onde viviam os funcionários mais graduados da fazenda, tudo protegido por uma cerca de três metros de altura. No vão entre os blocos paralelos estava a piscina, e ainda dentro da área murada havia um pequeno pomar e uma horta. Antes do final de janeiro, fomos morar em uma dessas habitações. A nova vida não era tão diferente daquela no assentamento El Esfuerzo, com exceção do serviço de transporte, que piorara bastante. A fazenda ficava num lugar ermo, onde os ônibus passavam apenas em dois horários durante o dia, dificultando o ir e vir à universidade. Às vezes, eu ficava horas na estrada à espera de carona. Mas a casa em si era muito melhor, o que de certa forma compensava nosso isolamento.

Em minhas viagens mensais a Santiago, eu nunca deixava de visitar Nazaré, mas por comodidade hospedava-me no centro, na casa de Téo e Lavínia ou de Sérgio Buarque* e Cristina, casal que eu tinha conhecido na Caixinha algum tempo depois do nascimento de Luciana e Camilo. Cristina estava grávida e se interessava em saber

* Ao que pese o sobrenome comum, Sérgio não era parente de Teodoro, sua família era de Pernambuco.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 310 14/05/2013 17:33:27

como fazíamos para dar conta de três crianças morando no campo e sem ninguém da família por perto. Dessas conversas na Caixinha surgiu o convite para que, nas minhas idas a Santiago, eu me hospedasse em seu apartamento.

No final de maio de 1973, o ânimo entre os brasileiros era de pessimismo em relação ao processo chileno. Ainda que tivesse triunfado sobre a greve patronal e nas eleições provinciais, a maioria considerava que o governo abrira concessões excessivas à oposição, enfraquecendo as organizações populares que haviam garantido aquelas vitórias. Um escândalo envolvendo multinacionais norte-americanas veio à tona, deixando claro que Allende estava cercado. Descobriu-se que a empresa pan-americana de telecomunicações ITT e as de mineração Anaconda e Kenecott, que antes da nacionalização do cobre controlavam sua exploração, eram financiadoras da conspiração. Elas abasteciam com dinheiro as greves patronais, os partidos políticos, a imprensa e os grupos fascistas que realizavam atos terroristas em todo o país. Em uma dessas viagens a Santiago, conversei longamente com Otávio, da ALN. Ele me disse que Leonardo havia retornado com urgência ao Brasil e me propôs fazer o mesmo, mas passando antes por Cuba, onde eu deixaria a família. Ouvi tudo em silêncio e não lhe dei resposta. Prometi pensar no assunto.

Ao chegar em casa, tratei de informar Janete sobre a gravíssima situação política. Relatei-lhe que circulava à boca pequena, entre os exilados, que o golpe não passaria do mês de junho, e que a convicção disso era tamanha que alguns já tinham deixado o Chile. Também a campanha xenofóbica promovida pela direita em relação aos refugiados latino-americanos surtira efeito, e eles passaram a ser xingados em locais públicos de classe média.

– E agora! O que vamos fazer? – perguntou-me Janete, preocupada.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 311 14/05/2013 17:33:27



Artionka segura foto de Janete com as crianças, tirada em 1973, em Puríssima, Chile. Foto: Luciana Capiberibe, 1993.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 312 14/05/2013 17:33:27

– Bem, não sei. Andei pensando dentro do trem. Caso o golpe aconteça, e se não encontrarmos outra saída, talvez possamos escapar pelo Passo Nevado em direção a Mendoza, na Argentina.

– Mas como, João? Com três bebês de colo? Isso é loucura! Não chegaríamos a lugar nenhum, congelaríamos nas alturas dos Andes.

Na verdade, não havia muito o que fazer. Ainda aguardávamos nossos vistos definitivos de permanência no país e não tínhamos dinheiro. Por isso, tratei de mudar de assunto falando da conversa e da proposta de Otávio.

– Adoraria viver em Cuba, mas não concordo com teu retorno ao Brasil. A direção da ALN no exterior parece estar desinformada do que está acontecendo em nosso país. Insistir em mandar militantes para lá é condená-los à morte, e quando esse militante é o meu marido, nem pensar! Prefiro morrer de frio tentando atravessar a cordilheira.

A carta

Os dias iam transcorrendo entre tensão e descontração. De um lado, a conjuntura política inquietante, de outro, o mês de maio, tempo de aniversários e festa na família – o meu, logo no começo, menos de uma semana depois o de Janete, e por último (e em dose dupla) o primeiro aninho de vida de Luciana e Camilo. Decidimos juntar tudo em uma única festa e convidamos nossos colegas da universidade para saborear um carneiro assado, que recebera de presente, com vinho tinto. Entre os convidados, estava Tano, colega de turma, que tomou o meu violão e soltou a voz cantando "Volver a los 17", canção de Violeta Parra, que Janete aprendeu nesse dia e nunca mais deixou de cantar:

Volver a los diecisiete después de vivir un siglo
Es como descifrar signos sin ser sabio competente
Volver a ser de repente tan frágil como un segundo

Florestas do meu exílio Final 3.indd 313 14/05/2013 17:33:27

Volver a sentir profundo como un niño frente a Dios
Eso es lo que siento yo en este instante fecundo

Em seguida, Tano nos apresentou outra belíssima composição de Violeta Parra, "Gracias a la vida", que virou hino sagrado e nova paixão de Janete:

Gracias a la vida, que me ha dado tanto
Me dio dos luceros que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco
Y en alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo

A festa foi até altas horas, com Tano cantando o repertório do que se chamava "La Nueva Canción Chilena", movimento musical enraizado no processo de transformações políticas que vivia o povo chileno. Violeta e seus filhos Ángel e Izabel eram seus expoentes máximos. Entre tantas belíssimas canções, Tano interpretou "A carta", de Violeta, com letra profética em relação a uma situação de injustiça e impotência que viveríamos mais adiante.

Me mandaron una carta,
por el correo temprano,
En esa carta me dicen,
que cayó preso mi hermano,
Y, sin lástima, con grillos,
por la calle lo arrastraron, sí.
(...)
Yo que me encuentro tan lejos,
esperando una noticia,
me viene a decir la carta,
que en mi patria no hay justicia

Os últimos dias de maio em Puríssima foram sombrios. Prevalecia o mau tempo (em todos os sentidos). Falava-se em guinada do

Florestas do meu exílio Final 3.indd 314 14/05/2013 17:33:27

governo à direita, em golpe de Estado, guerra civil etc. Somado ao inverno rigoroso, aos dias nublados e aos ventos gelados deslizando pelas encostas da cordilheira, fazia com que os sorrisos se tornassem cada vez mais escassos. Eu e Janete ansiávamos por notícias da família. Cada carta que recebíamos era motivo de alegria e festa: havia um ritual estabelecido para lê-las, mesmo os pequeninos, que ainda não entendiam bem esses acontecimentos, permaneciam sentados, ouvindo com atenção a leitura em voz alta feita por Janete.

Um dia, depois da universidade, passei nos correios para abrir minha caixa postal. Encontrei uma carta de minha irmã Conceição. Feliz da vida, fui tentar carona na beira da estrada na esperança de chegar mais cedo em casa para saber novidades da família. Entrei acenando com o envelope gordo na mão, comemorando: "carta do Brasil!". Corri para pegar os copos e o vinho, sentamos na cama junto com as crianças, e Janete começou a leitura:

Macapá, 18 de maio de 1973

Querido irmão João

Espero que ao receber esta carta estejas bem, assim como minha cunhada e meus sobrinhos, que devem estar lindos. Não imaginas como sinto saudades de vocês. Passo horas relembrando nossas vidas. Tantas coisas aconteceram e ainda estão acontecendo. Nossa mãe está bem, nossos irmãos também. Nossa mãe, como sempre, um exemplo de coragem e determinação. Sofre muito com o que aconteceu contigo, mas não perde a esperança de te encontrar um dia. Tu deves imaginar o que aquele coração sofre com tudo isto, mas, como diz ela, o grande juiz, nosso Deus, fará justiça e tu receberás a recompensa.

Mano querido, gostaria de te falar só de coisas boas, infelizmente não é possível. Não podes imaginar o que tem acontecido com nossa família. O José, que trabalhava na Rádio Difusora, foi colocado na rua por ser teu irmão. O João, o pobre do nosso irmão que só vive pra trabalhar pra susten-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 315 14/05/2013 17:33:27

tar sua família, foi preso junto com outras pessoas. Prenderam o Hermínio Gurgel, o Paul Le Rouge, o Jorge Padeiro, o Periquito, o Odilardo, o Isnard, o Fernando e outros.

Mano, sofremos muito com isto. Não sei como nossa mãe suportou. Já tinha sofrido com o teu caso e agora isso. Veja como tudo aconteceu: o João trabalhava para o interior numa serraria, vinha periodicamente aqui para trazer dinheiro para a família dele. Um dia, fui visitar a Bené, que tinha ganhado nenê. Quando saí do serviço, dei um pulo lá. Quando lá cheguei não imaginas com o que me deparei. A casa de nosso irmão estava rodeada por soldados do Exército, todos com metralhadoras. Tentei entrar, mas o tenente Josemir, não sei se lembras dele, o filho da professora Doroti, veio ao meu encontro e falou que eu não poderia entrar. Perguntei o que estava acontecendo e ele me respondeu que não era nada, que ficasse tranquila e que voltasse para casa. Assim o fiz e contei tudo para mamãe e para Raquel. Ficamos desesperadas, sem saber o que fazer. Quando foi a tarde, o João voltou do interior. Contei pra ele o que estava acontecendo, ele ficou indignado, falou que ia até a polícia pedir explicações. A mamãe não queria que ele fosse, mas ele respondeu que quem não deve não teme. Quando chegou lá, ficou preso. Levaram ele para a Fortaleza onde estavam os outros presos. Dias depois, eles foram removidos para Belém. Nosso irmão foi amarrado e encapuzado, apanhou, foi torturado.

Mano, se nós sofremos muito com tudo isso, agora imaginas a Bené, que estava com sete dias de parto. Os soldados entraram na casa dela, revistaram tudo, deixaram tudo desarrumado. Não sei como ela não morreu. Só Deus poderia dar tanta força para ela, porque Ele sabia da injustiça que estavam praticando. O pior é que não sabíamos por que ele tinha sido preso, nem ele mesmo sabia. Os soldados não falavam. Depois é que surgiram comentários. Primeiro, disseram que foi porque ele tinha um aparelho com o qual ele se comunicava contigo; depois, disseram que ele fazia parte de um tal "engasga, engasga" que aconteceu aqui em Macapá.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 316 14/05/2013 17:33:27

Deixa eu te explicar como era: alguém chamava a polícia e dizia que estavam estrangulando uma pessoa num bairro tal. A polícia ia lá, mas não encontrava o estrangulador. O certo, mano, é que lá em Belém o João passou as maiores humilhações junto com os outros presos e não encontraram absolutamente nada que provasse alguma coisa contra ele e os outros. Foi tudo uma grande farsa, uma grande mentira.

Mano querido, um dia vamos nos encontrar e te contaremos todos os detalhes dos nossos sofrimentos, com certeza Deus haverá de nos recompensar.

A mamãe te manda a bênção e nós mandamos abraços para todos. Um beijo de tua irmã que te ama muito.

Conceição.

O vinho azedou nos copos. Fiquei com as palavras de Violeta Parra martelando na cabeça.

Eu que me encontro tão longe,
Esperando uma notícia,
Me vem a dizer a carta
Que em minha pátria não há justiça

Um homem de palavra

Por pouco o golpe não aconteceu conforme os boatos. Depois do fracasso da greve patronal e dos resultados favoráveis à Unidade Popular nas eleições provinciais de março, a direita se tornou extremamente agressiva, disseminando a violência em todo o país. Assassinatos de dirigentes políticos e sindicais, atentados a bomba contra redes de alta tensão e sedes de partidos de esquerda viraram rotina, levando os militares golpistas a colocarem a cara de fora. Em 29 de junho, ocorreu um levante que ficaria conhecido como o *Tanquetazo*: o quartel de artilharia de Santiago colocou seus tan-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 317 14/05/2013 17:33:27

ques na rua e tentou cercar o Palácio de La Moneda, mas a reação foi imediata, tanto dentro das Forças Armadas como no meio popular, impedindo que o golpe fosse adiante – pelo menos naquele final de junho.

Três meses mais tarde, acordei de madrugada e liguei o rádio. A voz grave do locutor anunciava: "Cinco horas e quinze minutos. Rádio Portales falando de Santiago". Em seguida, música alegre e ritmada ao som de *charangos* e *zampoñas*. Arrumei alguns objetos pessoais na valise para passar dois dias fora de casa. Eu tomaria o micro-ônibus das sete, que me levaria à estação de Talca, onde embarcaria no trem das oito, repetindo o mesmo percurso da semana anterior, quando, atendendo à convocação da Unidade Popular, fui a Santiago. Lá vivi uma experiência emocionante e inesquecível: participei da gigantesca manifestação popular de 5 de setembro em apoio ao presidente Allende, que reuniu mais de um milhão de pessoas.

Estava me preparando para uma viagem extra, pois havia recebido um comunicado do Ministério do Interior informando que nossos documentos com visto permanente estavam prontos. Não era sem tempo, já que os provisórios estavam vencendo. Daí a pressa: com os documentos em mãos, caso desejássemos, poderíamos tirar passaportes chilenos para estrangeiros, o que nos permitiria viajar para outros países. Para quem tinha atravessado três fronteiras sem lenço e sem documento, receber um papel de identidade que nos permitisse circular sem constrangimentos era um passo importante.

Organizei minhas coisas em silêncio para não acordar Janete e as crianças, tomei uma xícara de café, peguei a valise, caminhei para desligar o rádio, mas antes que o fizesse a música foi interrompida. A emissora saiu do ar. Intrigado, movi o botão de sintonia para um

Florestas do meu exílio Final 3.indd 318 14/05/2013 17:33:27

lado e outro, localizei a Rádio Magallanes, e foi então que tomei conhecimento do que estava acontecendo. As Forças Armadas e os carabineiros estavam sublevados, aviões da Força Aérea atingiram as torres de transmissão das rádios Portales e Corporación, o Palácio de La Moneda estava cercado pela artilharia e sob intenso bombardeio da aviação. Haviam dado um ultimato ao presidente Allende para que renunciasse. O locutor, com a voz embargada, anunciou que em breve o presidente falaria à nação.

Fiquei petrificado diante do rádio. O pensamento vagava sem rumo. Se alguém me tivesse contado, não acreditaria; mas eu acabara de ouvir com meus próprios ouvidos. O golpe estava em marcha, não havia dúvidas. A partir daquele momento, começava a desaparecer, em meio à inusitada violência, a mais longa e estável democracia do continente e, com ela, a generosidade de um governo que recebia perseguidos políticos de todas as ditaduras sul-americanas.

Acordei Janete, disse-lhe que já não viajaria e lhe relatei o que acabara de ouvir. Ficamos ao pé do rádio, ouvindo as informações, até que por volta das nove da manhã, tendo como cortina sonora estampidos e gritos, com a voz serena e firme, entrou falando o presidente Allende:

> Neste momento passam os aviões. É possível que nos alvejem. Mas saibam que aqui estamos, pelo menos com nosso exemplo, pois neste país há homens que sabem cumprir com sua obrigação. Hei de fazê-lo pelo mandato do povo e pelo mandato consciente de um presidente que tem a dignidade do cargo entregue por seu povo em eleições livres e democráticas.
>
> Em nome dos mais sagrados interesses do povo, em nome da pátria, clamo a vocês para dizer-lhes que tenham fé. A história não se detém nem com a repressão nem com o crime. Esta é uma etapa que será superada. Este é um momento duro e difícil: é possível que nos esmaguem. Porém, o amanhã será do povo, será dos trabalhadores. A

Florestas do meu exílio Final 3.indd 319 14/05/2013 17:33:27

humanidade avança para a conquista de uma vida melhor. Pagarei com minha vida a defesa dos princípios que são caros a esta pátria. Cairá uma injúria sobre aqueles que romperam seus compromissos, faltando com sua palavra... rompendo a doutrina das Forças Armadas.

O povo deve ficar alerta e vigilante. Não deve deixar-se provocar, nem deve deixar-se massacrar, mas deve igualmente defender suas conquistas. Deve defender o direito de construir com seu esforço uma vida digna e melhor.

Certamente, esta será a última oportunidade em que poderei dirigir-me a vocês. A Força Aérea bombardeou as antenas da Rádio Magallanes. Minhas palavras não têm amargura, mas sim decepção. Que sejam elas um castigo moral para quem traiu seu juramento: soldados do Chile, comandantes em chefe titulares, o almirante Merino, que se autoproclamou comandante da Armada, mais o senhor Mendoza, general rasteiro que ainda ontem manifestara sua fidelidade e lealdade ao governo, e que também se autodenominou diretor-geral dos carabineiros. Diante disso, só me resta dizer aos trabalhadores: não vou renunciar!

Colocado num transe histórico, pagarei com minha vida a lealdade do povo. E lhes digo que tenham a certeza de que a semente que entregamos à consciência digna de milhares de chilenos não poderá ser ceifada em definitivo. Eles têm a força, poderão subjugar-nos. Porém, os processos sociais não se detêm nem com crimes nem com a força. A história é nossa e é feita pelo povo.

Trabalhadores de minha pátria: quero agradecer-lhes a lealdade que sempre tiveram, a confiança que depositaram num homem que foi apenas intérprete de grandes anseios de justiça, que empenhou sua palavra no respeito à constituição e à lei, e assim o fez. Neste momento definitivo, o último em que posso dirigir-me a vocês, quero que aproveitem a lição: o capital estrangeiro, o imperialismo, unidos à reação, criaram o clima para que as Forças Armadas rompessem sua tradição, que lhes fora ensinada pelo general Schneider e reafirmada pelo comandante Araya, vítima do mesmo setor social que hoje estará esperando, com mão alheia, reconquistar o poder para continuar defendendo suas mordomias e seus privilégios.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 320 14/05/2013 17:33:27

Dirijo-me a vocês, sobretudo à mulher modesta de nossa terra, à camponesa que acreditou em nós, à mãe que soube de nossa preocupação pelas crianças. Dirijo-me aos profissionais patriotas que continuaram trabalhando contra a sedição estimulada pelas associações de profissionais, associações classistas que também defenderam as vantagens de uma sociedade capitalista.

Dirijo-me à juventude, àqueles que cantaram e doaram sua alegria e seu espírito de luta. Dirijo-me ao homem do Chile, ao operário, ao camponês, ao intelectual, àqueles que serão perseguidos, pois em nosso país o fascismo já esteve presente várias vezes: nos atentados terroristas, explodindo pontes, cortando linhas ferroviárias, destruindo oleodutos e gasodutos, perante o silêncio daqueles que tinham a obrigação de tomar providências.

Eles estavam comprometidos. A história irá julgá-los.

Certamente, esta Rádio Magallanes será calada e o metal tranquilo de minha voz já não chegará até vocês. Isso não é importante. Vocês continuarão a ouvi-la. Ela estará sempre junto de vocês. Pelo menos minha lembrança será a de um homem digno que foi leal para com sua pátria.

O povo deve defender-se, mas não se sacrificar. O povo não pode deixar-se arrasar nem se deixar balear, mas tampouco pode humilhar-se.

Trabalhadores de minha pátria, tenho fé no Chile e em seu destino.

Outros homens hão de superar este momento cinza e amargo em que a traição pretende impor-se. Prossigam vocês, sabendo que, bem antes que o previsto, de novo se abrirão as grandes alamedas por onde passará o homem livre, para construir uma sociedade melhor.

Viva o Chile! Viva o povo! Viva os trabalhadores!

Estas são minhas últimas palavras e tenho a certeza de que meu sacrifício não será em vão. Tenho a certeza de que, pelo menos, será uma lição moral que castigará a deslealdade, a covardia e a traição."

Santiago do Chile, 11 de setembro de 1973.

Naquela manhã fria e cinzenta, chegou a confirmação de que tudo não passara de uma doce ilusão. Antes que o dia findasse, o sonho do socialismo democrático transformara-se em trágico pesadelo,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 321 14/05/2013 17:33:27

atormentando o povo chileno e ceifando a vida de seu principal protagonista. O Chile que havia feito o mundo sonhar com a utopia da sociedade igualitária e do homem novo já não existia.

Mesmo ainda muito jovens, eu e Janete não podíamos alegar falta de experiência em circunstâncias como aquela. Tínhamos experimentado a intolerância dos militares brasileiros, a fuga, o longo percurso pelo rio Amazonas, a passagem clandestina pela Bolívia, pelo Peru, e finalmente o reencontro com a serenidade vivida e agora perdida no Chile. Mais uma vez, teríamos que colocar o pé na estrada, abrir novos caminhos em busca de uma saída, agora mais complicada, pois a família se ampliara. Mas estávamos decididos, e ninguém, em nenhuma hipótese, ficaria para trás.

Depois de ouvirmos o último discurso de Allende, fomos bater na casa de don Juan Escamilla, líder do Conselho Comunitário do entorno da fazenda Puríssima. Ao abrir a porta, don Juan foi logo dizendo: "Eu também acabei de ouvir as dramáticas palavras do meu presidente! Mas isso não ficará sem resposta!". Em seguida, nos convidou a entrar. Don Juan, beirando os 50 anos, sem filiação partidária, mas ardoroso fã e defensor de Allende, parecia disposto a ir à luta. Todos haviam sido pegos de surpresa, sem saber o que fazer. Ele convocou uma reunião do Conselho para o final da tarde. Os estudantes foram mais ágeis: reuniram-se no meio da manhã e decidiram resistir. Precisavam de armas e criaram três comissões para sair arrecadando o que fosse possível entre os camponeses.

Antes do final da manhã, todas as emissoras de rádio e televisão já estavam nas mãos dos golpistas, que passaram a difundir comunicados oficiais da junta de governo, formada pelos comandantes do Exército, Marinha, Aeronáutica e dos carabineiros. Mesmo a Força Aérea tendo bombardeado o Palácio de La Moneda, os primeiros comunicados, repetidos à exaustão, afirmavam que

Florestas do meu exílio Final 3.indd 322 14/05/2013 17:33:27

Allende teria renunciado sem resistência e estava bem, que a situação estava calma e sob controle. Os militares decretaram o toque de recolher por 24 horas em Santiago; quem saísse às ruas seria preso e fuzilado.

Durante todo o dia, difundiram apelos exortando a população para que denunciasse os estrangeiros, a quem imputavam responsabilidade por atos de vandalismo contra a propriedade do povo chileno.

O funeral dos livros

No dia seguinte, a movimentação era grande em Puríssima. Antes do dia amanhecer, com ajuda de um colega, abri uma vala para enterrar meus livros, e recomendei aos demais que fizessem o mesmo. Mais tarde, estudantes e camponeses se reuniram no salão de baile da casa patronal, trocaram informações, apresentaram o que tinham conseguido e discutiram como se daria a resistência. Na realidade, o balanço era desanimador: duas cartucheiras de caça, três revólveres, sendo dois de calibre 22 e um 38, e nada mais. Não demoraram a concluir que, com aquelas armas, não iam a lugar nenhum. Era preciso despachar gente para fazer contato com o comando da resistência, que imaginavam estar se gestando em Talca, na direção dos partidos da Unidade Popular.

A reunião prosseguia, quando, por volta das dez, foi interrompida por alguém entrando espavorido no salão:

– Ouçam todos! Acho que um comboio do Exército está vindo para cá, não dá para ver direito, uma nuvem de poeira caminha nesta direção, são muitos carros, só podem ser eles!

Fez-se silêncio por alguns segundos. "Vamos dispersar", disse don Juan, não sem antes ordenar que atirassem as armas na vala de irrigação

Florestas do meu exílio Final 3.indd 323 14/05/2013 17:33:28

que passava entre o muro da casa patronal e a estrada. Em questão de segundos, todos desapareceram. Voltei para junto de Janete e das crianças. Minha casa era recuada, a mais distante do casarão, e dali fiquei espreitando pela janela entreaberta a movimentação da tropa que tomava posição. Alguns minutos mais tarde, vi uns soldados em cima do telhado da casa patronal, instalando uma metralhadora num tripé, e logo depois uma patrulha veio em direção à minha porta. Sentei-me com Janete e os três filhos em um almofadão na sala para esperar as "visitas".

A porta se abriu com um estrondo. Os homens entraram com as armas engatilhadas, aos gritos de "joguem-se no chão!". Não havia necessidade; nós já estávamos no chão. Ao se deparar com as crianças, os milicos baixaram as armas, mandaram que eu me levantasse e os acompanhasse. Colocaram estudantes e camponeses que haviam sido apanhados nas redondezas da fazenda nas bordas e dentro da piscina vazia. Um militar sem nenhuma identificação se aproximou para me interrogar e começou perguntando o que um estrangeiro fazia ali escondido. Respondi-lhe que não estava escondido, que morava ali, que estava legalmente vivendo e estudando no Chile, do mesmo modo que muitos chilenos viviam e estudavam no Brasil. Depois de me azucrinar a paciência com perguntas e provocações, o militar comunicou por rádio a seu comandante que tinha encontrado um casal de estrangeiros com três filhos e pediu instruções sobre o que fazer.

Três horas depois, o mesmo militar voltou a se aproximar. Entregou-me um papel com um ultimato que me dava 24 horas para deixar o país com minha família. Sem que eu nada dissesse, ameaçou: "Se amanhã eu voltar aqui e o encontrar, reze por sua alma!". Voltei cabisbaixo, mostrei o papel a Janete.

– Vamos sair daqui – disse ela –, trocamos tudo o que temos nesta casa por dois cavalos e vamos atravessar o Passo Nevado com destino à Argentina.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 324 14/05/2013 17:33:28

– Isso é uma loucura! – disse eu.

– Eu também pensava assim, mas agora acho que vale qualquer coisa, menos esperar que voltem aqui para nos matar.

Com este plano em mente, passamos o resto do dia tentando trocar nossos objetos pelos animais. Lá pela seis da tarde, meio desanimados por não termos conseguido realizar o negócio, ouvimos alguém insistentemente batendo na porta. Ficamos assustados, imaginando que os milicos tinham mudado de ideia e voltado mais cedo para nos matar, mas como as batidas eram suaves, resolvi atender.

Grata surpresa. Era o padre Henrique, pároco de Talca, meu professor de filosofia na universidade, em cujas aulas eu costumava dormir. Em algumas ocasiões em sala de aula, quando a discussão política esquentava, padre Henrique interferia condenando o xenofobismo dos alunos de direita que me discriminavam por não ser chileno. Desde as primeiras horas do golpe, a caça aos estrangeiros foi implacável, por isso a cúpula da Igreja Católica havia ordenado aos padres que abrissem as portas de suas igrejas e casas episcopais aos perseguidos. Padre Henrique sabia que eu vivia em Puríssima com esposa e filhos, imaginou que estivéssemos correndo risco e decidiu nos procurar. Nem bem entrou na casa, foi logo dizendo:

– Juntem o que puderem, eu vim buscá-los antes que seja tarde. Vamos! Tratem de se apressar, a qualquer momento pode mudar o comando militar da região de Talca e tenho certeza de que não esperarão o dia amanhecer para voltar aqui para prendê-los.

O padre tinha razão em pedir pressa. O atual comandante era um constitucionalista, profundamente insatisfeito com o golpe, por isso movimentava suas tropas apenas em busca de armas e munições; não queria mortes e prisões arbitrárias praticadas sob seu comando. Nada perguntamos. Só agradecemos e corremos para recolher rou-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 325 14/05/2013 17:33:28

pas, brinquedos, mamadeiras, alimentos para as crianças, o radinho de pilha e o violão. O resto, deixamos para trás.

Algumas horas depois de nossa chegada, por volta das onze da noite, a Casa Episcopal foi cercada por militares que exigiam que o bispo de Talca, don Carlos González, nos entregasse. Do quarto onde estávamos, percebemos um movimento intenso no corredor, mas dormimos sem saber o que estava acontecendo. No dia seguinte, fomos levados à presença do bispo, que nos relatou que ele e os padres da casa haviam passado a noite em claro, negociando com os militares para evitar a invasão da Casa Episcopal e que nos levassem presos. Recomendou que não nos aproximássemos das janelas, menos ainda que colocássemos nossos pés para fora da casa. Depois tratou de nos tranquilizar, dizendo que a situação já estava sob controle: a casa continuava cercada, mas já não corria risco de invasão, pois a Cúria de Santiago, que tinha contato com figuras poderosas do governo golpista, estava acompanhando os acontecimentos. Finalmente, concluiu dizendo que não sabia por quanto tempo ficaríamos ali, mas que só permitiria nossa saída com toda a segurança possível.

Um mês e meio depois, por volta das dez da manhã, dois veículos com bandeiras da ONU estacionaram no pátio da Casa Episcopal. Deles desceram o representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e um representante da Cruz Vermelha Internacional. Depois de uma longa conversa com o bispo, a comissão recebeu nossa família e um refugiado boliviano que tinha chegado à casa havia menos de dez dias. Apresentamos nossos documentos provisórios e fizemos um relato de nossa situação. Em seguida, preenchemos um formulário com nossos dados pessoais e batemos fotos. Não demorou para que recebêssemos os primeiros passaportes de nossas vidas – finalmente, depois de alguns anos, tí-

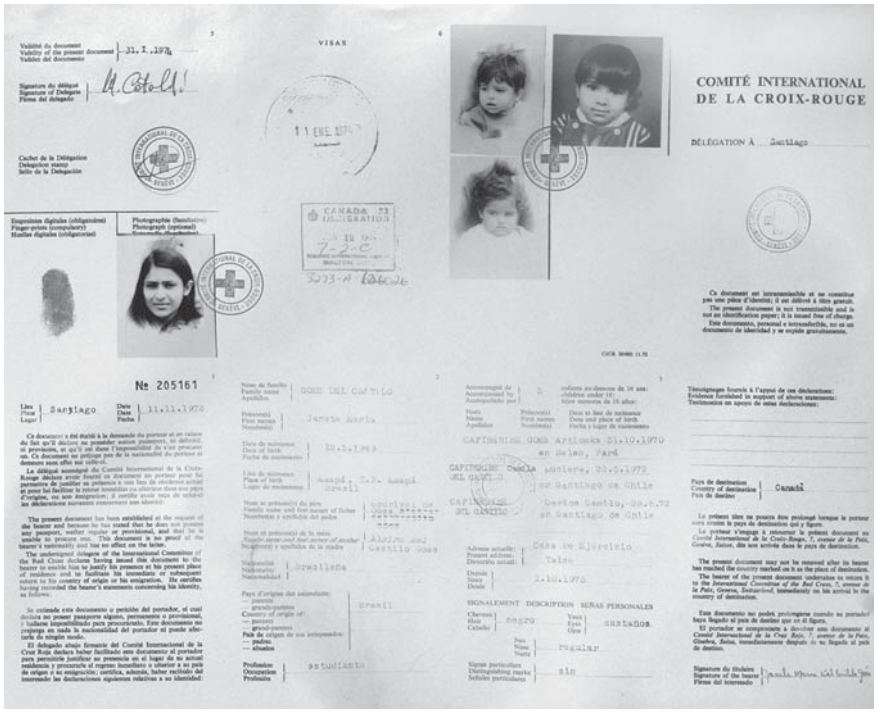
Florestas do meu exílio Final 3.indd 326 14/05/2013 17:33:28

nhamos em mão um documento oficial para nos identificar. É verdade que eram precários os passaportes expedidos pela Cruz Vermelha para os refugiados, mas naquele momento eles nos permitiam viajar nos veículos da ONU de Talca a Padre Hurtado, campo de refugiados das Nações Unidas que ficava na periferia de Santiago, e de lá para o país que nos acolhesse.

Na hora em que nos entregaram os documentos, disseram que viajaríamos assim que estivéssemos com nossas bagagens arrumadas; em trinta minutos estávamos prontos para a partida. As atividades da casa foram suspensas por instantes. O bispo, os padres, as irmãs e os empregados da casa, acostumados com a alegria de nossas crianças brincando nos corredores, vieram se despedir. Pedi ao padre Henrique que entregasse o violão e o radinho de pilha a Osvaldo e Lídia no assentamento El Esfuerzo, em San Rafael, e que transmitisse a eles que estávamos deixando aquelas lembranças na certeza de que um dia voltaríamos para visitá-los.

Tomamos a estrada rumo a Santiago. Os carros seguiam colados um atrás do outro, as bandeiras da ONU tremulando sobre o capô. Na saída de Talca, fomos parados pela primeira barreira do Exército. Um militar nos mandou descer, o representante da ONU se adiantou, se identificou e apresentou o salvo-conduto autorizando o trânsito das pessoas que ocupavam os dois veículos. Ainda assim, tivemos que entregar nossos documentos, e os carros foram revistados. Quarenta minutos de expectativa e tensão depois, veio o alívio: devolveram os documentos, baixaram a corrente que bloqueava a estrada e nos deixaram seguir. Nos trezentos quilômetros que percorremos, fomos submetidos ao mesmo procedimento em mais cinco barreiras, até que finalmente chegamos ao campo de refugiados das Nações Unidas no município de Padre Hurtado.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 327 14/05/2013 17:33:28



Os passaportes expedidos pela Cruz Vermelha Internacional para refugiados.

A longa espera em Padre Hurtado

A Casa de Exercício de Padre Hurtado, um amplo prédio de dois andares, construído em uma área extensa de propriedade da Igreja Católica, por suas características e dimensões, com dezenas de quartos, cozinha, refeitório, quadra esportiva, campo de futebol, piscina etc., parecia ter sido pensada para abrigar um seminário. Mas, depois de pronta, ganhou outras finalidades, como abrigar os grandes encontros do clero chileno. Com o golpe, a Igreja cedeu as instalações à Organização das Nações Unidas, que, sob sua bandeira, criou um território neutro e inviolável para proteger os estrangeiros perseguidos pelos militares chilenos. Quando lá chegamos,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 328 14/05/2013 17:33:28

encontramos o refúgio lotado. No entanto, de acordo com as regras internas, as famílias com crianças tinham prioridade, e foi assim que acabamos alojados em um quarto amplo e com banheiro no pavimento superior da ala direita da entrada principal. Ali nos instalamos em meados de outubro, aliviados por estarmos em segurança e desejando que algum país se decidisse logo a nos receber como exilados políticos.

A administração da casa estava inteiramente nas mãos de seus moradores, que organizaram o regimento interno e se dividiram em brigadas para se ocupar da manutenção diária do local. As atividades domésticas coletivas eram realizadas em revezamento e consistiam em cozinhar, lavar louça, fazer a limpeza geral, cuidar do lazer das crianças e, por fim, mediar conflitos internos – o que, aliás, dada a grande concentração de gente, costumava ocorrer com certa frequência. Havia também uma comissão de refugiados composta por representantes de cada nacionalidade. Essa comissão tinha a função principal de tratar diretamente com os responsáveis do ACNUR, encaminhando as questões de ordem logística e política. Compúnhamos uma comunidade transitória que se esforçava ao máximo em estabelecer uma convivência solidária capaz de minimizar as tensões permanentes que vivíamos. Os militares mantinham um cerco ostensivo além dos muros do casarão, de tal forma que poucos ousavam atravessar as fronteiras de Padre Hurtado, protegidas pela bandeira da ONU. Era comum ouvir disparos de fuzil sem que se soubesse de onde vinham. Naquele clima de intimidação, fomos surpreendidos com a coragem de nossos amigos, que, mesmo correndo riscos, vieram ao campo nos visitar. Em um domingo do começo de dezembro, Miriam apareceu acompanhada de sua mãe, de sua irmã Marcela, e dos nossos amigos Osvaldo e Lídia, que queriam de qualquer maneira se despedir de seus amigos *brasileños.*

Florestas do meu exílio Final 3.indd 329 14/05/2013 17:33:28

Trouxeram uma cesta com frutas e duas garrafas de vinho tinto da região do Maule. Conversamos a tarde toda; Miriam havia perdido contato com Leonardo, e achava que estivesse em Cuba se preparando para retornar ao Brasil. Osvaldo nos contou que havia recebido o violão e o radinho, e garantiu que iria guardá-los até que um dia voltássemos a nos encontrar. Além de batatas e milho, pelo visto havíamos também cultivado sólidas relações humanas em terras chilenas, que nos acompanhariam pela vida afora.

No dia 31 de outubro de 1973, Artionka completava seu terceiro aninho. Apesar de estarmos em um campo de refugiados, não deixamos a data passar em branco: juntamos a criançada do refúgio para festejar no espaço do saguão do piso inferior. Depois de muita brincadeira, as crianças cantaram os parabéns em português e em castelhano, sopraram as velinhas e comeram o bolo.

À noite, cansadas de tantos folguedos, nossas crianças dormiram cedo, e eu e Janete decidimos pegar nossa porção de comida na cozinha e comê-la no quarto, esticando a festa do dia com um jantar a dois. Arrumei a mesa, encostada no parapeito da janela, apaguei as luzes, e deixei que a lua cheia de primavera se encarregasse de iluminar o ambiente. Estávamos ali comendo e falando sobre os filhos, tentando decifrar os dias futuros na França, Canadá, Alemanha ou Nova Zelândia, países de nossa preferência para recomeçar a vida.

De repente, ouvimos disparos. Com o impacto surdo na parede e os estilhaços de madeira e cimento dentro de nossos pratos, nos jogamos no chão, onde ficamos até que cessassem os disparos. No dia seguinte, ao ver as marcas cravadas na parede, nos demos conta de que por pouco, muito pouco, escapamos das balas perdidas. Daquele dia até nossa partida, mantivemos distância prudente das janelas.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 330 14/05/2013 17:33:28

Entre tantos outros dramas que vivi no cotidiano de Padre Hurtado, destaco o dia em que a respeitável bandeira das Nações Unidas por pouco não se transformou em pano de chão. Tudo começou com a amizade insólita entre um refugiado uruguaio e um soldado do Exército chileno que integrava a patrulha que nos cercava. Não se sabe como e para que, o soldado entrou acompanhado do uruguaio até os fundos do quintal do campo. Lá, sozinho, o jovem soldado foi cercado e dominado por outros uruguaios, que lhe arrancaram o fuzil, o despiram e o mandaram embora completamente nu. O soldado tentou se cobrir com folhas e, morrendo de vergonha, se esgueirou rente ao muro até sair do campo e se juntar a seus companheiros de farda. Aquilo virou um pandemônio, a tropa foi reforçada no entorno, o que dava a entender que ocorreria uma invasão a qualquer momento. O clima ficou tenso, assustador; a presença do representante do ACNUR foi requerida com urgência e uma reunião geral foi convocada. A questão fundamental a ser decidida pela plenária de refugiados: entregar ou não os uruguaios provocadores às autoridades chilenas. Entre as diversas nacionalidades ali presentes, mais da metade era de brasileiros, que, mesmo contrariados com o comportamento dos uruguaios, decidiram, antecipadamente, se recusar a cumprir uma exigência desse tipo. Também ficou acertado que quem quer que fosse submetido a interrogatório pelos militares chilenos permaneceria calado. No meio da reunião, chegou o representante do ACNUR, visivelmente nervoso, dizendo que os militares estavam furiosos, ameaçando invadir o refúgio caso não lhes fossem entregues imediatamente os responsáveis por aquele ato de desonra. Antes de concluir sua fala, o representante foi chamado às pressas à recepção, pois se aproximava um oficial acompanhado por um grupo de soldados fortemente armados.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 331 14/05/2013 17:33:28

Com receio da invasão, Janete levou as crianças para o quarto e tratou de esconder nossos passaportes. Depois de envolvê-los em um plástico de embalagem de algodão, colocou-os embaixo de um disco elétrico, onde fazíamos café e esquentávamos água para o leite das crianças. A paranoia fazia sentido, pois houve casos em que estrangeiros abordados por patrulhas do Exército tiveram seus documentos confiscados. Sem documentos para apresentar na próxima patrulha, eram presos e mandados ao Estádio Nacional, onde a ditadura mantinha milhares de pessoas em cativeiro.

O representante do ACNUR se apresentou ao oficial, devolvendo-lhe a arma, o uniforme do soldado, pedindo-lhe desculpas.

– Não! Não quero saber de desculpas, quero os responsáveis por esse ultraje! – gritou furioso.

Seguiu-se uma longa conversa, no começo muito exaltada. Depois, os ânimos foram serenando e, finalmente, o militar aceitou os argumentos de que aquele território era das Nações Unidas – inviolável, portanto – e bateu em retirada com seus soldados. A temperatura interna voltou ao normal e todos respiraram aliviados.

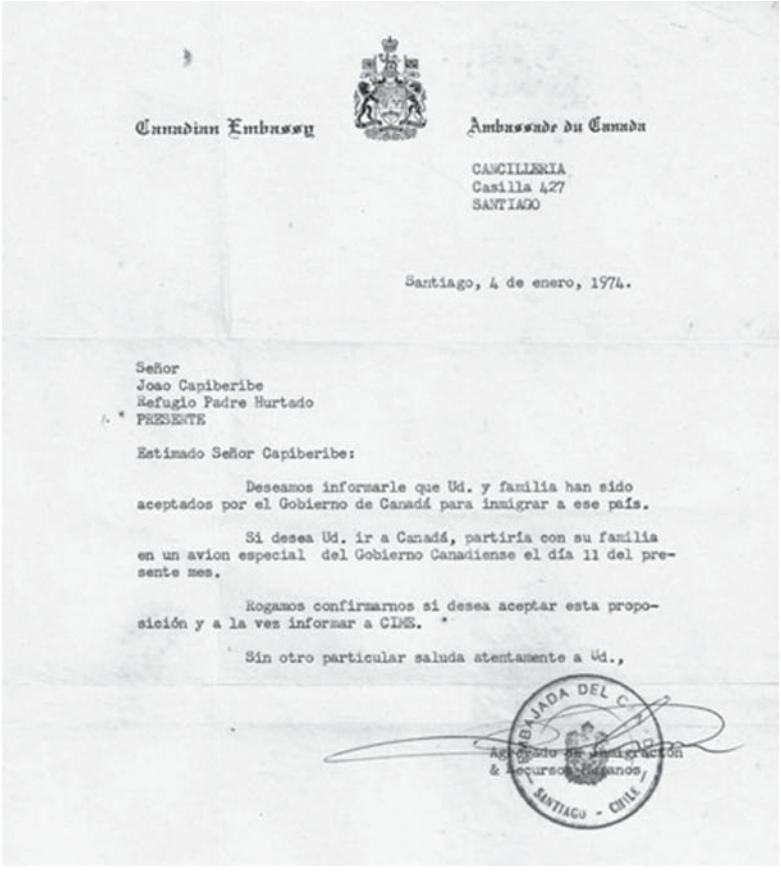
Eu e Janete nos consumíamos em expectativas. Mergulhados em crescente ansiedade, contávamos os dias de permanência no campo sem nada de concreto, a não ser acompanhar, com uma ponta de inveja, os que partiam para diferentes países. Mesmo com uma fila de espera longa, inicialmente postulamos ir para a França. Aguardamos pacientemente durante dois meses, sem resposta, e passamos a nos inscrever para qualquer país que se dispusesse a receber refugiados. Não nos importava para onde; queríamos o mais rápido possível deixar aquele lugar.

No começo de dezembro, fomos entrevistados por funcionários das embaixadas da Alemanha, Nova Zelândia e Canadá. Dois dias antes do Natal, recebemos o comunicado do ACNUR informando

Florestas do meu exílio Final 3.indd 332 14/05/2013 17:33:28

que tínhamos sido aceitos pelos três países e que podíamos escolher para onde ir. Após nos inteirarmos das condições oferecidas, não pensamos duas vezes: optamos pelo Canadá.

Como a legislação canadense não contemplava o estatuto de exilado político, nós seriamos legalmente recebidos como imigrantes. Estávamos comemorando a notícia com os amigos quando Janete se lembrou dos passaportes guardados debaixo do disco elétrico. Foi correndo buscá-los e voltou chorando desconsolada. Com o calor, a em-



Canadian Embassy — Ambassade du Canada

CANCILLERIA
Casilla 427
SANTIAGO

Santiago, 4 de enero, 1974.

Señor
Joao Capiberibe
Refugio Padre Hurtado
PRESENTE

Estimado Señor Capiberibe:

Deseamos informarle que Ud. y familia han sido aceptados por el Gobierno de Canadá para inmigrar a ese país.

Si desea Ud. ir a Canadá, partiría con su familia en un avion especial del Gobierno Canadiense el día 11 del presente mes.

Rogamos confirmarnos si desea aceptar esta proposición y a la vez informar a CIME.

Sin otro particular saluda atentamente a Ud.,

EMBAJADA DEL C... — Asesorado de Inmigración & Asuntos Consulares — SANTIAGO - CHILE

Documento da Embaixada do Canadá formalizando a imigração da família.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 333 14/05/2013 17:33:28

balagem de algodão derreteu e colou nos passaportes, transformando-os em um bolo compacto de papel e plástico. Tratei de acalmá-la, prometendo que daria um jeito, e, usando uma lâmina de barbear, me pus a retirar com cuidado o plástico colado. Após um dia inteiro naquele trabalho, os passaportes voltaram quase ao seu estado normal, restando apenas a logomarca da embalagem do algodão: uma cruz vermelha estampada na capa de um dos passaportes.

Quatro meses depois do golpe, exatamente no dia 11 de janeiro de 1974, às oito da noite, o avião da Força Aérea canadense decolou do aeroporto de Pudahuel em Santiago, levando a bordo 170 perseguidos políticos chilenos e nossa pequena família. Nas primeiras horas do dia seguinte, aterrissamos em Toronto. Quando


A taste of things to come: Sixty-five Chilean refugees settled for the weekend at the YMCA yesterday. The 48 adults and 17 children are part of a group of 170 refugees who came to Canada last week following the September military coup.

A chegada ao Canadá dos exilados vindos do Chile é noticiada pelo jornal *The Gazzette* em 13 de janeiro de 1974.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 334 14/05/2013 17:33:28

abriram as portas, o avião foi invadido por uma corrente de ar frio: o termômetro marcava 10 graus negativos. Ao olhar a paisagem, vi o mundo coberto de gelo e senti o frio congelando os ossos. Estávamos no Canadá, nosso país do futuro.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 335 14/05/2013 17:33:28

Florestas do meu exílio Final 3.indd 336 14/05/2013 17:33:28

6
Reencontros

Florestas do meu exílio Final 3.indd 337 14/05/2013 17:33:28

Florestas do meu exílio Final 3.indd 338 14/05/2013 17:33:29

O retorno

Em nossos primeiros meses de Canadá, moramos em Quebec, onde estudamos francês. Seis meses depois, nos transferimos para Saint Hyacinthe, onde ingressei no Instituto de Tecnologia. No final do ano, fomos morar em Montreal. No começo, enfrentamos algumas turbulências na adaptação, mas aos poucos superamos as dificuldades e nos acostumamos ao país. Quatro anos depois, Janete na metade do curso de Biologia, eu com o diploma de zootecnista na mão, decidimos alçar voo em direção às terras quentes do sul.

Na província francófona de Quebec decidimos abraçar a bandeira do separatismo. Hoje, parece absurdo, mas naquela época nem tanto. Por pura birra ideológica nos recusamos a aprender o inglês, o que nos faz muita falta. Os anos se foram, mas as lembranças carinho-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 339 14/05/2013 17:33:29

sas dos que conosco conviveram nesse período glacial permanecem. Vai meu abraço fraterno aos queridos: Iza Guerra e Ivan Labelle, aos irmãos Claude e Monique Lortie, a Denise Caron, Carol Beliveau, Gladys Garcia (*in memoriam*), Eva e Vicente Faleiros, Judith Marshall, Conceição e Bertrand Brillon, Betinho (*in memoriam*) e Maria Nakano, Martin Perrault, Flávio Antunes, Aurea e Pio Chaves, Carlos Gomes, Manoel Messias, João Baltar, Danielle e Marilda.

Contratados por uma ONG canadense, trocamos a vida tranquila de Montreal por Maputo, capital de Moçambique, país africano recém-libertado do jugo colonial português, onde trabalhamos com dedicação e entusiasmo até as vésperas do Natal de 1979.

Beneficiados pela Lei de Anistia, promulgada em agosto desse mesmo ano, retornamos com a família ao Brasil. Instalamo-nos, inicialmente, em Olinda, onde reencontrei Mara, a ex-religiosa. Trabalhamos numa ONG sob a liderança de Miguel Arraes, ex-governador daquele estado, que acabara de regressar depois de quinze anos de exílio. Dois anos mais tarde, voltamos a viver definitivamente em Macapá, onde eu e Janete retomamos a militância política.

Comandante Rubídio ou...?

Em setembro de 1988, ao chegar em casa para o almoço, minha vizinha do lado esquerdo me abordou para me dizer que, por volta das dez da manhã, atendeu um cidadão que insistentemente batia em minha porta. Ela disse a ele que a esta hora não havia ninguém em casa, que voltasse depois do meio-dia. Perguntei-lhe se ele havia deixado seu nome.

– Não, apenas disse que era um velho amigo, que estava de passagem e queria lhe dar um abraço.

À mesa, comentei com Janete sobre a conversa com a vizinha.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 340 14/05/2013 17:33:29

– Quem poderia ser? Alguém do lugar teria se identificado e deixado um número de telefone para contato.

O almoço já ia pela metade quando ouvimos alguém batendo. Levantei-me para atender. Ao abrir a porta, deparei com um homem que, a princípio, não reconheci. Com um sorriso largo me saudou com um boa-tarde e em seguida me perguntou:

– Deu tudo certo, companheiro?

Era Hamilton Rocha. Ele reaparecia em minha vida, dessa vez como piloto do navio mercante *Antônio Ferraz*, atracado no porto da cidade de Santana, a vinte quilômetros de Macapá. Abraçamo-nos como dois irmãos que se perderam e depois de muitos anos, ao dobrar uma esquina, dão de cara um com o outro. Ele abraçou Janete e eu o apresentei a meu filho Camilo, que sabia de suas histórias de me ouvir contar. Pena que não lhe foi possível rever Artionka, como tanto desejava, e conhecer Luciana: as duas haviam partido naquele ano para estudar em São Paulo. Hamilton sentou à mesa e se serviu como se fora alguém da casa que estivesse chegando atrasado para o almoço. Comemos pouco; não dávamos trégua ao silêncio. Falávamos ao mesmo tempo, tentando prestar contas de nossas andanças pelo mundo. Hamilton me perguntou se nós tínhamos encontrado a Gorda Hortência e o dr. Ramon.

– Sim! Seguimos a risca o que me disseste. Teus personagens eram incrivelmente reais, e foram decisivos para o sucesso do nosso projeto. Tudo aconteceu como previras, menos, claro, o golpe militar na Bolívia, que derrubou o general Torres na semana em que lá chegamos. Agora vou me calar, quero te ouvir, teus amigos da fronteira pouco acrescentaram a teu respeito.

– Nasci e cresci em Niterói – começou Hamilton. – Eu acabava de entrar na universidade, não tinha completado o primeiro semestre quando caiu nas minhas mãos o diário do Che. Não me contive,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 341 14/05/2013 17:33:29

decidi largar tudo para continuar sua luta na Bolívia. Atravessei o pantanal até Corumbá, de lá para Santa Cruz de la Sierra, onde conheci, e me entrosei, com um grupo de estudantes universitários do Partido Comunista Maoísta. Foi numa reunião com eles que conheci o dr. Ramon, membro do partido e um dos seus principais dirigentes, de quem me tornei admirador e amigo. Com ele tive a oportunidade de viajar pelo país, conhecer a realidade do povo boliviano e me iniciar nas teses revolucionárias de Mao Tse-tung. Passei dois meses no seu sítio em Guayaramerín, lendo e conversando com ele sobre estratégias de luta revolucionária na América Latina. Ao retornar a Santa Cruz, encontrei o grupo dividido: dos vinte e poucos, a metade havia decidido pegar em armas e partir imediatamente para a ação. Dispostos a travar o primeiro combate, resolveram atacar um posto policial, e eu os acompanhei. A operação foi bem-sucedida, conseguimos algumas armas e munição. Sem retaguarda na cidade, nos deslocamos em busca de refúgio na área rural, mas logo o Exército nos localizou. Perseguidos, nos embrenhamos na mata em direção à fronteira brasileira, mas no meio do caminho fomos alcançados. Na escaramuça, fui atingido e me desgarrei do grupo; fui encontrado perdido na floresta por uns garimpeiros que ajudaram a me colocar em lugar seguro. Já no Brasil, segui com as balas no corpo até encontrar o acampamento da Gorda, que cuidou de mim como um filho. Mais tarde, restabelecido, fui para Manaus, mas antes dei uma parada em Manicoré, onde, por uma bagatela, consegui um novo registro de nascimento que me permitiu, uma vez chegando a Manaus, tirar uma nova carteira de identidade. Foi assim que nasci de novo, dessa vez com o nome de Hamilton Rocha. Depois de alguns meses vivendo em Manaus, decidi "expropriar" um banco para obter dinheiro e organizar um grupo armado para combater a ditadura. As consequências disso vocês já conhecem. É verdade, o revólver que usei no

Florestas do meu exílio Final 3.indd 342 14/05/2013 17:33:29

assalto era da Estrela, de brinquedo. Preso em Manaus, enquadrado na Lei de Segurança Nacional, fui transferido para o São José, onde te encontrei. Depois da tua fuga, não fiquei lá muito tempo não, dois ou três meses, e consegui sair pela porta da frente. Dei sorte: naquela época, alguém de Niterói, conhecido de minha família, assumiu a presidência do Supremo Tribunal Federal (STF). Mas isso não é tudo, veja que feliz coincidência: minha ex-babá trabalhava há muitos anos na casa desse ministro. Minha mãe contratou um advogado que preparou e deu entrada em um *habeas corpus*, uma cópia foi parar nas mãos da babá. Um dia, ela se encheu de coragem, dizendo se tratar de um filho de leite muito querido e entregou o documento ao ministro, que não demorou a despachar, me colocando em liberdade. De Belém, retornei a Niterói, onde refiz minha documentação, com meu nome verdadeiro. Fiquei alguns meses com meus pais, depois tomei um navio para o Panamá, lá estudei marinha mercante e hoje sou o piloto do navio *Antônio Ferraz*, que está carregando manganês no porto de Santana, onde me informaram que tu és uma pessoa importante na cidade, tanto que não tive a menor dificuldade em bater na tua porta.

Hamilton fez uma pausa, respirou fundo.

– Tem mais uma coisa, quero que me prometam não comentar com ninguém. Hamilton Rocha está morto e sepultado há muitos anos. Meu verdadeiro nome é Rubídio, e hoje vocês são as únicas pessoas capazes de juntar meu passado ao presente; nem mesmo à minha mulher e aos meus filhos eu contei essa história.

Após essa longa conversa, saímos juntos para visitar seu navio atracado no porto de Santana. Depois do encontro, ele desapareceu sem deixar vestígios. Nunca mais ouvi falar dele. Espero que algum dia volte a fazer contato. E, é claro que Rubídio não é seu nome verdadeiro, pois prometi nunca revelar sua identidade.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 343 14/05/2013 17:33:29



A visita feita pelo autor, acompanhado de seu filho Camilo, ao navio *Antônio Ferraz*, pilotado por Hamilton Rocha. 1988.

No Chile com Osvaldo e Lídia

Em janeiro de 1993, vinte anos depois do golpe, com Pinochet fora do poder, eu e Janete, os filhos já adultos, decidimos retornar ao Chile para rever os amigos. Eu havia recém-concluído o mandato de prefeito de Macapá e Janete estava na metade de seu primeiro mandato de deputada no Parlamento Estadual.

Ficamos uns dias em Santiago. Depois, acompanhados de nossa amiga Miriam e de sua filha Marcela, tomamos o trem para Talca. Deixamos a bagagem no hotel, alugamos dois carros, e fomos imediatamente ao assentamento em Camarico, em busca de Lídia

Florestas do meu exílio Final 3.indd 344 14/05/2013 17:33:29

e Osvaldo. Sem encontrá-los no velho endereço, saímos indagando por eles aqui e ali, mas não conseguíamos informação. Para comprar refrigerante, paramos em uma venda na beira da estrada Pan-americana, em frente ao moinho de trigo do que um dia foi o assentamento El Esfuerzo. Enquanto pagava, perguntei à senhora que atendia no balcão se por acaso conhecia Osvaldo Arriagada e Lídia Aravena, que moravam naquela casa, e apontei na direção. "Não!", disse secamente a mulher. Mas um homenzinho meio bêbado, que regateava preço para comprar uma garrafa de vinho, chamou-me à parte, segredando:

– Esta mulher tem coração de pedra, é uma bruxa, ela sabe sim onde eles moram e não quer lhes dizer, mas eu também sei, espere um pouco, vou levá-los.

Ajudei o *borrachito* (como meus filhos passaram a chamar aquele simpático bebum) a pagar a garrafa de vinho, embarcamos nos carros e partimos. Quinze minutos depois de avançarmos por um caminho íngreme e tortuoso, encontramos a casa. Bati palmas. Osvaldo veio abrir a porta; inicialmente, me olhou com desconfiança. Quando ouviu minha voz, reconheceu-me e ficou atônito, coçando a cabeça com as duas mãos. As lágrimas rolaram em sua face, e Lídia, tomada pela emoção, sem conseguir falar, abraçou Janete demoradamente. Suas primeiras palavras foram "Artionka, Camilo e Luciana". Ela os envolveu com seus braços.

Os tempos eram outros para os camponeses chilenos, em especial para aquela família. A ditadura desfez a reforma agrária, rateando a terra em pequenas parcelas entre os assentados, excluindo os considerados agitadores e comunistas, entre os quais estava Osvaldo. Com um agravante: ele foi acusado de dar abrigo a um militante comunista estrangeiro e, por várias vezes, teve de comparecer à delegacia de polícia para prestar depoimento sobre nossa presença no

Florestas do meu exílio Final 3.indd 345 14/05/2013 17:33:29

assentamento. Perdeu o pedaço de terra de onde tirava o sustento de sua família, e por isso o encontramos morando de favor, num casebre sem água tratada e energia elétrica, de propriedade de um parente distante, que os tratava mal. Ainda assim, Lídia em poucos minutos recriou o clima de festa dos velhos tempos.



Autor com Osvaldo em Camarico, no verão de 1993. Foto: Luciana Capiberibe.

Num piscar de olhos, para comemorar o reencontro, apareceram pão e vinho sobre a mesa, e logo em seguida uma tigela de *chancho en piedra*, um delicioso antepasto da culinária chilena tradicional, feito com tomate, alho, salsinha e orégano. Osvaldo nos mostrou o violão sem cordas e o radinho de pilha, que há anos deixara de funcionar. Lídia nos trouxe fotos antigas de Janete com os filhos pequenos, da época em que moramos no assentamento. Nossos filhos Artionka, Luciana e Camilo acompanharam com sensibilidade e admiração as manifestações de carinho e afeto de uma relação de amizade capaz de desafiar o tempo. Na despedida, Janete chamou

Florestas do meu exílio Final 3.indd 346 14/05/2013 17:33:29

Lídia de lado, entregou-lhe alguns dólares e prometeu que lhe mandaria mais para ajudá-los a comprar um pedaço de terra.



O autor e Lídia, no verão de 1993. Foto: Luciana Capiberibe.

No dia seguinte, com a lembrança do emocionante reencontro com Osvaldo e Lídia, tomamos nossos carros e seguimos para a fazenda Puríssima. Além de Miriam e de sua filha Marcela, ganhamos a companhia de Érica, colega de turma da universidade dos velhos tempos de Talca. Além da vontade de encontrar as pessoas, nossa expectativa nessa visita ao passado era encontrar nossos livros enterrados no dia do golpe, há vinte anos. Estariam no mesmo lugar tanto tempo depois?

No entorno da fazenda estava tudo igual, a mesma paisagem plana dos campos de cultivo, separados por cercas vivas de álamos, estendendo-se até bater abruptamente nos pés das montanhas portentosas da cordilheira dos Andes. A estradinha poeirenta de terra batida, pela qual eu ia e vinha nos tempos de estudante, parecia congelada no tem-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 347 14/05/2013 17:33:29

po. Paramos em frente ao portão principal da casa patronal, cujo aspecto me pareceu meio decadente. Bati palmas repetidas vezes, até que alguém acorreu para nos atender. O caseiro nos informou que a fazenda tinha sido devolvida ao antigo proprietário, que morava em Santiago e raramente aparecia por lá. Em seguida, nos despachou dizendo que não estava autorizado a permitir a entrada de ninguém na fazenda. Tentei convencê-lo, argumentando ter vindo de longe para aquela visita, mas não teve jeito. Frustrados diante da impossibilidade de desenterrar os livros, partimos em busca das pessoas queridas de outros tempos. Entramos no ramal beirando o campo de futebol, em cujo entorno moravam várias famílias camponesas. Avistamos um jovem casal com uma criança de colo, paramos e lhes perguntamos se conheciam don Juan Escamilla. Para surpresa geral, a mulher respondeu que era seu avô e nos indicou o caminho de sua casa, onde fomos recebidos sob o olhar curioso da nova geração e por uma grande manifestação de alegria dos mais velhos.

A conversa foi longa. Don Juan, tal qual Osvaldo, havia sofrido perdas importantes. Primeiro, o emprego de encarregado geral; segundo, teve que desocupar a casa em que morava na sede da fazenda; por último, ficou sem nada de terra para cultivar sua horta caseira. Foram tempos de grandes dificuldades econômicas e, sobretudo, de muito medo da violência do governo Pinochet. Os filhos mais velhos se espalharam depois do golpe em busca de trabalho para garantir a sobrevivência da família. Don Juan, já velho e aposentado, continuava morando com *dueña* Alba bem perto da fazenda Puríssima, à qual dedicara seus melhores anos, e onde da noite para o dia se viu despojado de tudo que havia conquistado.

No vaivém de nossa conversa, comentei que tinha batido na porta da casa patronal na tentativa de entrar para desenterrar nossos livros. Com um sorriso no rosto, don Juan me disse:

Florestas do meu exílio Final 3.indd 348 14/05/2013 17:33:29



O autor e Don Juan Escamilla em Puríssima, no verão de 1993.
Foto: Luciana Capiberibe.

– Ainda bem que não te permitiram, seria trabalho perdido: eles já não se encontram lá. Você se lembra de *el guatón* López, que o ajudou a enterrar os livros? Pois voltou três meses depois e os desenterrou. À época, disse-me que, entre eles, havia um livro que ensinava como organizar a guerrilha urbana e que seria muito importante para a luta clandestina contra a ditadura de Pinochet.

No dia seguinte, retornamos para o almoço na casa de don Juan, que fez questão de reunir toda a família e brindar o encontro abrindo uma garrafa de vinho guardada dos bons tempos de Puríssima.

No verão do ano 2000, já cumprindo meu segundo mandato de governador do Amapá, com Janete em seu terceiro mandato de deputada estadual, voltamos ao Chile acompanhados por Camilo e sua esposa Claudia. Mais uma vez de surpresa, fomos abraçar Osvaldo e Lídia.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 349 14/05/2013 17:33:29

Dessa vez os encontramos felizes, vivendo em seu pedacinho de chão. Com a ajuda que lhes enviou Janete, eles conseguiram comprar um hectare de terra no ramal Los Aromos, na Comuna de San Rafael, pertinho de Camarico, onde com muito esforço conseguiram tornar realidade o sonho de construir uma casa para terminar de criar os filhos. Mesmo sendo o terreno acidentado e pedregoso, Osvaldo não deixava um centímetro sem cultivo no que restava de solo arável. Todo contente, a primeira coisa que nos mostrou foi sua horta verdejante com cebola, tomate, pepino, feijão, batata e milho. Ao ver aquilo, lembrei-me do verão de 27 anos atrás, quando plantei e colhi, pela primeira vez, os alimentos de que necessitava minha mesa. Depois, Osvaldo nos levou para visitar o vinhedo que antes pertencera aos camponeses e do qual, hoje, ele cuida como assalariado. Visitamos o local em que, com a ajuda de Leonardo, instalei a meia-água que me veio sobre a cabeça; notei que os cabos de alta tensão continuavam lá.

Enquanto passeávamos, nostálgicos, lembrando o passado, Lídia, antenada no presente, ocupava-se em organizar a casa para o jantar e preparar, segundo suas palavras, uma pequena recepção aos visitantes. Ao retornarmos, encontramos nossas bagagens já dentro dos quartos preparados para nos hospedar. À noite, a festa não foi tão pequena como Lídia tinha dado a entender. O jantar reuniu uma vintena de pessoas, entre parentes e amigos do casal. Osvaldo, atento, sabendo que nós exercíamos cargos políticos, fez questão de convidar o seu representante na Câmara Municipal de San Rafael. Depois do jantar, um dos filhos de Osvaldo no teclado, e outro cantando, passaram a animar a festar que se estendeu, com todos dançando, até altas horas. Sensibilizados e agradecidos com a recepção que nos foi oferecida, decidimos retribuir e convidamos Osvaldo e Lídia para nos visitar no Amapá.

Em julho desse mesmo ano lá recebemos, como hóspedes oficiais do governo, o casal de camponeses chilenos. Durante uma sema-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 350 14/05/2013 17:33:29

na, cumpriram uma intensa agenda de visitas pelo interior do estado e entraram em contato com extrativistas, pequenos agricultores e ribeirinhos da região. Nesse mesmo período, visitando projetos de desenvolvimento sustentável de nosso governo, estava a jornalista alemã Gaby Weber, que, ao tomar conhecimento da nossa história, depois de ouvir nós quatro, escreveu extensa matéria publicada na revista chilena *Punto Final* (n. 462, de 7 de janeiro de 2000). Nesta entrevista, Osvaldo e Lídia contam sua versão do reencontro comigo e Janete.

> **Osvaldo**: Um dia, quando acabava de chegar em casa, depois de trabalhar no vinhedo, alguém gritou: "Aqui tem uma visita para ti". Mas eu não estava esperando ninguém. De repente, estavam ali: João, Janete e os três filhos.
>
> **Lídia:** Chegaram de surpresa, ninguém esperava que um dia pudessem aparecer tão de repente. Estávamos vivendo um momento muito difícil, não tínhamos terra e Osvaldo estava desempregado. Foram trazidos por um amigo da aldeia que tomava todas. Ele testemunhou tudo, mas confessou que não podia contar a ninguém o que presenciara, seus vizinhos e amigos não lhe dariam crédito, achariam que estava delirando. Ficamos contentes em reencontrá-los, passamos um bom tempo conversando. Ao se despedir, Janete me deu umas notas verdes e disse: "Em algum momento esses dólares vão te servir". Dias depois, precisava de trigo para o pão e disse a Osvaldo: "Tenho aí umas notas que nunca vi, vejamos se posso trocá-las". Fui a Talca numa casa de câmbio e coloquei as notas no balcão. O caixa me devolveu um montão de pesos. Não podia acreditar, era uma fortuna! Paguei velhas dívidas, comprei um par de sapatos, carne e trigo, e ainda sobrou algo. Mais tarde, Janete enviou mais dinheiro. Com sua ajuda compramos um lote de terra e construímos uma casinha.

Desde aquela atribulada viagem, em que subimos o Amazonas, cruzamos os Andes e atravessamos o Atacama, nunca mais esquecemos o país cantado por Violeta Parra, e sempre que retornamos ao Chile, somos recebidos pelos amigos: Osvaldo Arriagada,

Florestas do meu exílio Final 3.indd 351 14/05/2013 17:33:29

Lídia Aravena, Miriam Díaz e suas filhas Marcela e Valentina, como também pelos meus contemporâneos da Universidade do Chile: Mirtes, Érica Guzmán e Mario Arancíbia. A todos agradeço pela solidariedade e carinho que nos dedicaram desde de sempre.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 352 14/05/2013 17:33:29

7
Aos que me acompanharam até aqui

Florestas do meu exílio Final 3.indd 353 14/05/2013 17:33:29

Florestas do meu exílio Final 3.indd 354 14/05/2013 17:33:29

Fazia tempo que ensaiava escrever essa história. Nas rodas de amigos, quando se falava dos anos de chumbo, alguém quase sempre pedia que falasse da minha experiência pessoal. De tanto insistirem, terminei considerando a hipótese de escrevê-la ou relatar para que alguém a escrevesse. Lembro-me de que em meados de 2009, Regina, chefe de gabinete de Janete na Câmara Federal, estava organizando uns documentos e, de repente, deparou-se com um recorte amarelado de jornal com a manchete: "PERIGOSO SUBVERSIVO CAÇADO PELOS FEDERAIS", com minha foto de frente e de perfil. Depois de ler o texto atentamente, voltou-se para mim perguntando: "O senhor pode me contar o que lhe aconteceu naquela época?". Respondi-lhe que sim, que estava decidido a responder a ela e a todos que me haviam feito a mesma pergunta, mas que o faria por escrito. Pedi-lhe um tempo.

A partir daí, ou seja, de julho de 2009 a setembro de 2011, tempo que levei para deitar essa história no papel, passei por mo-

Florestas do meu exílio Final 3.indd 355 14/05/2013 17:33:29

mentos de calmaria, entrecortados por verdadeiros *tsunamis* políticos sacolejando minha vida e a de pelo menos dois outros personagens desse enredo. Em 2010, pouco escrevi; cuidei da campanha eleitoral em que Janete, eu e Camilo fomos candidatos. Um desafio formidável, aparentemente com poucas chances de sucesso total. Mas, no abrir das urnas, Janete confirmou o que se esperava: pela terceira vez consecutiva, sagrou-se campeã de votos na disputa por uma vaga à Câmara Federal; quanto a mim, me elegi senador, e, para completar o pleno êxito da empreitada, Camilo, aos 38 anos, depois de cumprir com sucesso um mandato de deputado estadual, foi escolhido pelo voto popular para governar o Amapá pelos próximos quatro anos. Esses acontecimentos nos mostram que a vida nada mais é que uma sucessão de lutas, riscos e de uma ou outra vitória. Fiquei tão animado com os últimos acontecimentos que até pensei em esticar essa história, mas seria tão longo explicar a sequência de fatos políticos que levaram ao último resultado que decidi ficar por aqui mesmo.

Tratei de relatar os acontecimentos da época com a fidelidade permitida por minha memória. No entanto, devo admitir que em um ou outro momento me vi obrigado a pintar a realidade com cores mais amenas, tornando-a menos dolorosa. Sou como todo mundo: quando me distancio do perigo, tendo a desdenhar dele. Mas minha satisfação com a vida é tamanha que me permito fazer troça com páginas viradas pelo tempo. Também omiti ou troquei nomes de alguns protagonistas. Fiz isso para não personalizar situações pouco lisonjeiras, capazes de trazer para o presente as contradições e os conflitos do passado. Além dos meus registros de memória, fui socorrido, ajudado, incentivado por tanta gente que vou tentar, mesmo correndo o risco de cometer injustiças, não apenas citá-los, mas lhes atribuir a coautoria desse livro.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 356 14/05/2013 17:33:29

A todos, meu muito obrigado!

À Janete, minha companheira de vida e de luta, que aturou minha impaciência com resoluta tolerância. Esclareço: sou um ativista político, com uma agenda quase sempre muito apertada, correndo atrás do tempo para atender aos compromissos e, para encarar essa pedreira que é escrever, tive que varar as madrugadas, sentado horas a fio, recluso e solitário diante do computador, irritando-me quando as ideias patinavam e o texto empacava. Na manhã seguinte, a rotina de trabalho me atormentava, pois o que queria era continuar escrevendo para terminar logo. As pausas forçadas mexiam com o meu humor e, nos primeiros tempos, com o humor de Janete, por não entender meu recolhimento. Quando lhe falei que estava investindo minhas horas extras na elaboração desse relato, o clima mudou. Depois de ler os originais, ela entrou de cabeça me ajudando a relembrar acontecimentos, contando sua participação e indicando pessoas com as quais conversar, estimulando-me até o último parágrafo.

À Artionka, por sua dedicação do começo ao fim, responsável pelos arranjos iniciais deste livro, que eliminou superlativos e adjetivos supérfluos, e cortou os excessos, compactando e dando coesão ao texto. Claro que, uma vez por outra, quando eu tropeçava na concordância, era duramente chamado à atenção. Mas isso faz parte do aprendizado.

Também com ela conversei sobre a travessia que fizemos do Atlântico ao Pacífico, da nossa longa viagem pelas águas barrentas do rio Amazonas, da subida pela cordilheira dos Andes, cruzando a Bolívia e o Peru, até colocar os pés nas águas geladas do Pacífico, em Arica, e também especulando como seria cruzar os Andes com destino à Argentina depois do golpe no Chile, com ela, Camilo e Luciana em fraldas. Ainda bem que padre Henrique bateu em nossa porta nos

Florestas do meu exílio Final 3.indd 357 14/05/2013 17:33:29

desobrigando de enfrentar o Passo Nevado a cavalo. Aproveito o embalo para agradecer ao Ronaldo, marido da Artionka, pai do Antonio Brasileiro, que entre tantas outras sugestões preciosas recomendou a Artionka mandar os originais do livro à escritora Ana Miranda, o que foi feito. E o resultado? Trabalho em dobro, disso falo mais adiante.

À Luciana, que entrou na história depois que nasceu, quase no fim do livro, leu os primeiros capítulos e sentiu falta de minha origem ribeirinha, sugeriu que começasse falando da minha primeira travessia em canoa a vela em rio sem vento, do susto que levei ao conhecer o automóvel e a energia elétrica. Também a ela devo uma parte das fotografias que falam por si nessa história.

Ao Camilo, que ao revelar que eu estava escrevendo um livro me disse: "Quero ler, mas impresso". Assim o fiz, imprimi as 150 páginas que tinha escrito até aquele momento. Entre um discurso na tribuna da Assembleia Legislativa, onde era deputado, e uma audiência pública na Comissão de Direitos Humanos, ele foi lendo as folhas que lhe entreguei. Um dia, pedi sua opinião por telefone; recusou-se: "Vamos conversar". Num domingo em casa, ele puxou o assunto e me disse: "Gostei. Quero ver o final".

Com o desenrolar da história, a memória foi escasseando. Recorri aos amigos.

Liguei para o Elson Martins no Acre, que me tirou várias dúvidas.

Conversei um tempão com o Meton Jucá, que com graça e ironia relatou sua prisão dentro do banheiro de sua casa, depois conduzido, enrolado numa toalha diante do olhar perplexo de seus vizinhos. Seu irmão Mario me falou da Macapá daqueles tempos sombrios.

Lica, irmã de Janete, com sua memória inacreditável foi capaz de atualizar o passado lembrando de tudo que vivemos naquele período.

Minha irmã Conceição, 37 anos depois, conseguiu reproduzir com detalhes a carta em que relatava "a prisão de nosso irmão João".

Florestas do meu exílio Final 3.indd 358 14/05/2013 17:33:29

Também foi em sua casa que certo dia encontrei Ana Tancredi. Estava em Macapá a serviço da Universidade Federal do Pará, para participar de um seminário sobre educação na Universidade Federal do Amapá. Bem-humorada, lembrou da visita que me fez no presídio, junto com a saudosa amiga Elcy Lacerda. Sobre o dia da fuga, falou como se estivesse acontecendo naquele momento.

Não posso deixar de citar meus manos João, Raquel e Raimundinho, meu cunhado Orlando e meu sobrinho Aharon, que me socorreram revirando o baú do tempo em busca de usos e costumes da época.

Agradeço à Lavínia, que, do Rio de Janeiro, por telefone, passou-me informações valiosas sobre a vida dos exilados em Santiago. Sem esquecer o faca comprida Zé Duarte, que de Goiânia me falou sobre os financiadores da Caixinha.

E também ao Philippe Lamy, que completou as informações sobre nossa querida e saudosa Mara.

Ufa! É muita gente nesse mutirão.

Não poderia esquecer Marli Gazel, viúva de Leonardo, que muito me falou dele e da importância que minha história tinha em sua vida e na de seus filhos Yuri e Larissa.

Lembro também de Rosa Helena e Neuza Macêdo, que me franquearam, numa segunda-feira, a entrada no Instituto de Gemas e Joias da Amazônia, instalado no casarão da praça Amazônia, onde no passado funcionou o Presídio São José.

Pela primeira revisão agradeço ao querido amigo Nilson Moulin, escritor, tradutor, contemporâneo dos dias vividos em Padre Hurtado.

Tive o privilégio de contar com a orientação da escritora Ana Miranda, cujas críticas e sugestões me levaram a reescrever todo o texto, permitindo-me tornar essa história mais clara e compreensível

Florestas do meu exílio Final 3.indd 359 14/05/2013 17:33:29

ao leitor. Além de agradecer por mim, ouso antecipar os agradecimentos dos meus futuros leitores. Obrigado, Ana.

Fecho a relação de coautores desse livro agradecendo e destacando a intervenção decisiva de Maria Apparecida F. Marcondes, que, ao revisar o texto, conseguiu integrar os diferentes tempos da narrativa, tornando a história mais leve e compreensível.

Reafirmo a promessa que fiz há 23 anos, de não revelar a identidade de Hamilton Rocha. No entanto, vou me permitir, mesmo encobrindo seu rosto, mostrar uma foto de nossa visita ao navio *Antônio Ferraz,* que pilotava quando aportou em Santana.

Gostaria muitíssimo de reencontrá-lo. Espero que a essa altura da vida, já aposentado, cercado de netos, desista de manter a sete chaves os segredos de uma vida inteira; quem sabe se no dia do lançamento deste livro, no Rio de Janeiro ou em Niterói, ele apareça e, para nossa surpresa, decida revelar seu passado.

Obrigado, Camorim,

Há tempos, vinha tentando localizar meu companheiro Vanderli Camorim. Queria saber se poderia revelar sua verdadeira identidade nos episódios em que relato sua participação. Estava quase desistindo, quando meu irmão João me passou um número de telefone. Depois de algumas tentativas, consegui finalmente reatar contato. Daí em diante, passamos a relembrar acontecimentos e protagonistas do presídio São José. Lá pelas tantas, surgiu o nome de Hamilton Rocha, o do assalto de verdade com revólver de brinquedo, e foi então que, mesmo com o texto do livro quase a caminho da gráfica, decidi aguardar uma semana, e Camorim, vivendo em Belém, dedicou-se a pesquisar os acontecimentos de então. Depois de uma semana de garimpagem conseguiu mais do que procurávamos: além da matéria sobre Hamilton, localizou algumas preciosidades históricas, como por exemplo as manchetes dos jornais da época.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 360 14/05/2013 17:33:29

Os abaixo assinalados, meus contemporâneos, marcaram suas passagens pela vida correndo atrás de sonhos e utopias, lutaram por uma sociedade mais justa e humana, e sem perder a ternura mantiveram acesa a chama da revolução que um dia acontecerá. Vocês estão aqui, presentes; agora e sempre:

Carlos Marighella
Joaquim Câmara Ferreira (O Velho)
Nazaré Rocha
Marluza Correia Lima (Mara)
Elcy Rodrigues Lacerda
Aldoni da Fonseca Araujo (Babá)
Deoclides Miranda de Mont'Alverne (Deo)
Lucas Vale da Silva
Vital Pereira de Freitas
José e Aloiso Capiberibe

Florestas do meu exílio Final 3.indd 361 14/05/2013 17:33:29

Florestas do meu exílio Final 3.indd 362 14/05/2013 17:33:29

Os Capiberibe

João Alberto Rodrigues Capiberibe nasceu em Afuá, Ilha de Marajó, em 1947, filho de um condutor de bondes e uma tecelã. Cresceu numa floresta às margens do rio Xarapucu. A fim de matricular os filhos na escola, os pais se mudaram para um bairro na periferia de Macapá. Enquanto cursava o primário, João Capiberibe trabalhou como vendedor de jornal, loteria, e frutas, para apoiar a família. Aos dez anos ingressou num seminário de padres italianos, recebendo formação religiosa e humanista. Estudou em Macapá até os 18 anos de idade, militando na política estudantil. Em 1968, João Capiberibe iniciou em Itaúna-MG a Faculdade de Economia. Continuou, em 1969, o curso na Faculdade de Economia da UFPA em Belém, onde teve contato com a Ação Libertadora Nacional, ALN. Em seguida foi ao Rio de Janeiro encontrar-se com Carlos Marighella. Casou-se com Janete Capiberibe em 1969, no ano seguinte partiu para uma região de extrema pobreza entre Pará e Maranhão, a fim de

Florestas do meu exílio Final 3.indd 363 14/05/2013 17:33:29

organizar um grupo de guerrilha, mas o casal foi preso. Empreendeu fuga desde Belém, passando por Santarém, Manaus, Porto Velho, Guayaramirim, Cochabamba, Santiago, levando a família. Passou oito anos e meio no exílio, entre Bolívia, Peru, Chile, Canadá e Moçambique. No Canadá formou-se em zootecnia, e, em Moçambique, foi cooperante internacional e assessor do Ministério da Agricultura a partir de 1978. Retornou ao Brasil no final de 1979, após a Anistia. No Amapá, sofreu perseguições políticas e partiu para Pernambuco, onde se ligou a Miguel Arraes. Em seguida, transferiu-se para o Vale do Juruá, no Acre, a fim de organizar sociedades agrícolas locais. Em 1984, foi secretário do Desenvolvimento Agrário em Cruzeiro do Sul, Acre, e de 1985 a 1987, secretário de Agricultura do Amapá. Elegeu-se prefeito de Macapá em 1988, e governador do estado em 1994, cargo que exerceu por dois mandatos, criando um novo modelo de desenvolvimento para a Amazônia, unindo questões políticas, econômicas e ambientais; trabalhou no combate a projetos predadores, na modernização da gestão do estado, e descentralização da verba pública, que passou a ir diretamente para a comunidade a ser beneficiada. Eleito senador da República em 2002, sua luta mais importante foi a aprovação da Lei Complementar 131/2009, conhecida como Lei da Transparência, que obriga os entes públicos a divulgar em tempo real, suas receitas e despesas detalhadas, pela internet, o que permite o exercício do controle social desses gastos. Em processo movido pelo PMDB, após ter sido absolvido pelo TRE do Amapá, teve seu mandato cassado pelo TSE. Em 2010, foi reeleito senador pelo Amapá, sofrendo processo de impugnação. O STF determinou sua diplomação e João Capiberibe tomou posse do cargo em novembro de 2011, para exercício até 2019. Desde 1987 é membro do Partido Socialista Brasileiro, PSB.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 364 14/05/2013 17:33:29

Janete Maria Góes Capiberibe, nascida no município de Amapá em 1949, pelas mãos de uma parteira, filha de pai balconista e mãe trabalhadora doméstica, aos sete anos mudou-se com a família para Macapá. Em 1957, foram residir em Serra do Navio, AP, onde o pai trabalhou como cozinheiro na mineradora Icomi. Serra do Navio era uma cidade norte-americana encravada na floresta amazônica, e no ambiente da empresa a menina experimentou uma hierarquia social que separava classes em "primários", "intermediários" e "*staff*", que viviam em bairros separados e tinham direitos desiguais. Aos treze anos Janete foi estudar em Macapá, onde conheceu um comunista histórico, o estivador Chaguinha, que dava aulas de ideologia adversa ao regime militar recentemente instaurado no Brasil. Janete Capiberibe ingressou em 1969 no movimento estudantil e em ações de guerrilha ligadas à Ação Libertadora Nacional, ALN, em Belém e Imperatriz, MA, sendo presa em 1970, grávida, junto com o esposo João Capiberibe. Ajudou-o a escapar da prisão, e juntos fugiram, vivendo no exílio até 1979. Nesse período iniciou estudos de engenharia de execução agrícola na Universidade do Chile (1971); de ciências e saúde na CEGEP em Montréal (1975) e em Saint Hyachinte (1976), Canadá; e de medicina veterinária na UFPE (1981). No Canadá trabalhou na área de assistência social e como tradutora, entre 1975 e 1977; e em Moçambique, como professora de biologia, de 1978 a 1979. Filiou-se ao PSB em 1987. Foi vereadora de Macapá de 1989 a 1990, e deputada estadual do Amapá por três mandatos, de 1991 a 2002. Entre seus trabalhos mais significativos estão: criação da primeira lei de proteção e uso da biodiversidade; lutas pela instalação de creches; legalização da profissão de parteira; manejo florestal sustentável do açaí; federalização de crimes contra direitos humanos; criação de fábricas para beneficiamento do mel silvestre e de pequenas indústrias de farinha; apoio a mulheres que

Florestas do meu exílio Final 3.indd 365 14/05/2013 17:33:29

passaram a explorar produtos da floresta; defesa de interesses de índios, pescadores, seringueiros, castanheiros, provendo seu acesso a riquezas exploradas por companhias estrangeiras. Foi expositora do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá, na França, Bélgica e Alemanha, em 1996. É personagem do livro *Parindo um mundo novo*, sobre as parteiras da floresta amazônica (Ed. Cortez, São Paulo, 2001). Seu projeto Parteiras Tradicionais do Amapá recebeu prêmio da UNESCO. Janete Capiberibe integrou a CPI da Mortalidade Materna em 2001 na Assembleia Legislativa do Amapá; no ano seguinte assumiu a Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração do Amapá, deixando o cargo em 2002 para concorrer a Câmara Federal. Eleita deputada federal mais votada daquela eleição, assumiu e foi vice-líder do PSB na Câmara Federal de 2003 a 2004. Sofreu, com o senador João Capiberibe, os mesmos processos contra seus direitos políticos. Cassada em 2005, concorreu novamente no ano seguinte, obtendo votação consagradora, sendo proporcionalmente a deputada mais bem votada do país. Assumiu em 2007, foi presidente da Comissão da Amazônia, é autora da Lei 11.970/2009 que previne os acidentes por escalpelamento nas embarcações fluviais. Em 2010,foi eleita pela terceira vez como a mais votada, e cumpre mandato na Câmara Federal até 2014.

O casal tem três filhos. **Artionka Capiberibe** é antropóloga, com graduação e mestrado na Unicamp e doutorado no Museu Nacional/UFRJ. Atualmente, é professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Desde 1996, faz pesquisa entre os Palikur, população indígena localizada na fronteira Brasil/Guiana francesa. Publicou *Batismo de Fogo: Os Palikur e o Cristianismo* (Ed. Annablume, 2007). **Luciana Capiberibe** é bacharel em direito pela PUC de Campinas, especialista em Comunicação pela Concordia University

Florestas do meu exílio Final 3.indd 366 14/05/2013 17:33:30

de Montreal/Canadá. É blogueira, fotógrafa, poeta, coautora do livro *Amapeando* (Ed. Nankim, 1997). Foi editora do jornal *Folha do Amapá* (2003/2007). Coordenou seis campanhas políticas na área de comunicação. Atualmente trabalha como gestora de comunicação em Brasília. **Camilo Capiberibe** é bacharel em direito pela PUC de Campinas e mestrando em ciências políticas pela Universidade de Montréal, Canadá. Filiado ao PSB, foi secretário de Organização da Executiva Estadual do partido no Amapá. Em 2006, foi eleito deputado estadual por seu estado, e na Assembleia Legislativa, presidiu a Comissão de Direitos Humanos. Em 2010, foi eleito governador do Amapá, para mandato até 2014.

Florestas do meu exílio Final 3.indd 367 14/05/2013 17:33:30

Florestas do meu exílio Final 3.indd 368 14/05/2013 17:33:30